

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

FREDERICO PITANGA PINHEIRO

ESTÁ MUDANDO OU TÁ MUDADO?

A expressão do item *estar* no *continuum* fala/escrita

VITÓRIA

2024

FREDERICO PITANGA PINHEIRO

ESTÁ MUDANDO OU TÁ MUDADO?

A expressão do item *estar* no *continuum* fala/escrita

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Marta Pereira Scherre.

VITÓRIA

2024

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

P654e Pinheiro, Frederico Pitanga, 1984-
Está mudando ou tá mudado? : A expressão do item estar no continuum fala/escrita / Frederico Pitanga Pinheiro. - 2024. 238 f. : il.

Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre.
Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Item estar. 2. Redução. 3. Gramaticalização. 4. Sociofuncionalismo. 5. Fala. 6. Escrita. I. Scherre, Maria Marta Pereira. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

FREDERICO PITANGA PINHEIRO

ESTÁ MUDANDO OU TÁ MUDADO?

A expressão do item *estar* no *continuum* fala/escrita

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 9 de maio de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Marta Pereira Scherre
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora e Presidente da Comissão

Prof.^a Dr.^a Leila Maria Tesch
Universidade Federal do Espírito Santo
Examinadora Interna

Prof.^a Dr.^a Amanda Heiderich Marchon
Universidade Federal do Espírito Santo
Examinadora Interna

Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Examinadora Externa

Prof.^a Dr.^a Célia Regina dos Santos Lopes
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Examinadora Externa

Prof. Dr. Alessandro Rodrigues Meireles
Universidade Federal do Espírito Santo
Examinador Interno Suplente

Prof.^a Dr.^a Edair Maria Görski
Universidade Federal de Santa Catarina
Examinadora Externa Suplente



Ficha de aprovação - Frederico Pitanga Pinheiro

Data e Hora de Criação: 14/05/2024 às 09:27:59

Documentos que originaram esse envelope:

- Ficha de Aprovação - Frederico Pitanga Pinheiro..pdf (Arquivo PDF) - 1 página(s)



Hashs únicas referente à esse envelope de documentos

[SHA256]: a1c8d38c64a82a7f1904d0e641dfd23b8643b2ea6225aee79da50bfb2b3e9f5

[SHA512]: 76bde4db650582f76c888aef5e195002aa62c6a3637cfab970c4fa2192fe5fbc0d250d5e14b9529d9614f6eeda27e81aca7e2294aca1e4f53aeb543ec44bcd4

Lista de assinaturas solicitadas e associadas à esse envelope



ASSINADO - Amanda Heiderich Marchon (amandahch.lettras@gmail.com)

Data/Hora: 14/05/2024 - 11:02:18, IP: 177.97.127.141, Geolocalização: [-20.283392, -40.298086]
[SHA256]: 184aabaa3ee40c239f4aca2ecaf3800672ee2da3831b5afc4b31c43463989de4



ASSINADO - Célia Regina dos Santos Lopes (celiar.s.lopes@gmail.com)

Data/Hora: 14/05/2024 - 19:08:07, IP: 177.192.5.25, Geolocalização: [-22.890519, -43.293229]
[SHA256]: ba2d15aa93dbe8d46d4e19a30c1795249f20fc28d498465bad6998a64bfffde34



ASSINADO - Edair Maria Görski (edagorski@hotmail.com)

Data/Hora: 14/05/2024 - 10:00:25, IP: 189.4.74.94
[SHA256]: 41c89a49705c5a72775467f274b0d9b05e38abc95124a4043518cd490bed8b2



ASSINADO - Leila Maria Tesch (leilatesch@gmail.com)

Data/Hora: 15/05/2024 - 08:49:18, IP: 177.91.200.171, Geolocalização: [-20.411187, -40.760115]
[SHA256]: 9d2f24d943d8524353233926aa74e5ccac0b5600633cbdd481e86f4949553ec9



ASSINADO - Maria Marta Pereira Scherre (mscherre@gmail.com)

Data/Hora: 14/05/2024 - 11:24:51, IP: 177.157.103.66, Geolocalização: [-20.336605, -40.278213]
[SHA256]: a7d339d940a2818a63aaba0c32ce566af61180377d078bd4e534560995191574



ASSINADO - Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva (paiva@club-internet.fr)

Data/Hora: 14/05/2024 - 11:02:35, IP: 81.67.127.251, Geolocalização: [48.8827847, 2.3664591]
[SHA256]: 198b6f489ecc536571168c6ab8e1650bf207bd91331774a7fa37a30b7b0840bb

Histórico de eventos registrados neste envelope

15/05/2024 08:49:18 - Envelope finalizado por leilatesch@gmail.com, IP 177.91.200.171
15/05/2024 08:49:18 - Assinatura realizada por leilatesch@gmail.com, IP 177.91.200.171
15/05/2024 08:49:06 - Envelope visualizado por leilatesch@gmail.com, IP 177.91.200.171
14/05/2024 19:08:07 - Assinatura realizada por celiar.s.lopes@gmail.com, IP 177.192.5.25
14/05/2024 19:07:40 - Envelope visualizado por celiar.s.lopes@gmail.com, IP 177.192.5.25
14/05/2024 11:24:51 - Assinatura realizada por mscherre@gmail.com, IP 177.157.103.66
14/05/2024 11:02:35 - Assinatura realizada por paiva@club-internet.fr, IP 81.67.127.251
14/05/2024 11:02:18 - Assinatura realizada por amandahch.lettras@gmail.com, IP 177.97.127.141
14/05/2024 11:02:11 - Envelope visualizado por amandahch.lettras@gmail.com, IP 177.97.127.141
14/05/2024 10:00:25 - Assinatura realizada por edagorski@hotmail.com, IP 189.4.74.94
14/05/2024 09:33:58 - Envelope visualizado por mscherre@gmail.com, IP 177.157.103.66
14/05/2024 09:28:20 - Envelope registrado na Blockchain por vinicius.machado@ufes.br, IP 200.137.65.107
14/05/2024 09:28:20 - Envelope encaminhado para assinaturas por vinicius.machado@ufes.br, IP 200.137.65.107
14/05/2024 09:27:59 - Envelope criado por vinicius.machado@ufes.br, IP 200.137.65.107

Ao tempo que me foi dado,
Ao tempo que me resta.
Espero saber usá-lo e aproveitá-lo.

AGRADECIMENTOS

A todos os brasileiros e brasileiras que dedicam parte de sua vida à pesquisa científica e à educação pública, por manterem vivas e oxigenadas as instituições de ensino que permitiram a mim e a tantos outros chegar até esse momento. Em especial, agradeço aos pesquisadores e aos professores das ciências humanas, das ciências sociais aplicadas, das letras, das literaturas e das artes, que, a despeito de sua desvalorização, seguem firmes e fortes na realização de seu trabalho, sensibilizando ouvidos, abrindo olhos e arejando mentes para que interpretemos a sociedade e a vida como elas precisam ser interpretadas, sem disfarces, e para que assim empenhemos esforços com o objetivo de construir uma realidade melhor do que aquela que encontramos.

À Prof.^a Dr.^a Maria Marta Pereira Scherre, orientadora e amiga. Ao longo de aproximadamente sete anos, no mestrado e agora durante o doutoramento, tive a grande sorte de ser conduzido e generosamente acolhido por uma das maiores linguistas do país. Sempre penso que a Marta, com sólida e prestigiada carreira investigando fenômenos linguísticos à luz de postulados variacionistas, poderia se furtar de me receber como seu orientando, uma vez que cheguei em seus braços com algumas ideias um tanto quanto diferentes. Agradeço pelos seus ensinamentos, pelas trocas, pelas conversas amenas entre uma orientação e outra e pela paciência e gentileza na reta final desta caminhada, quando me faltaram forças e confiança em meu próprio trabalho. Oficialmente, de papel passado, nossa relação se encerrará logo mais. O privilégio, a honra e o prazer de dizer que você foi a minha orientadora, eu terei para o resto da minha vida.

À Prof.^a Dr.^a Leila Maria Tesch, minha primeira orientadora e quem guiou os meus passos iniciais na investigação do fenômeno linguístico que é objeto de estudo desta tese: a expressão do item *estar*. Não é nenhum clichê dizer que, *sem você, eu não estaria aqui*. Foi em uma conversa despreziosa no corredor do IC-III que nos questionamos o motivo de as pessoas falarem e escreverem formas reduzidas como *tá, tô e tão*. Daí em diante, ganhei corpo e identidade como pesquisador, então muito obrigado. Agradeço por me acolher nos estágios de docência e pela confiança em me incluir nos projetos do PortVix, o que me proporcionou uma série de formações diferentes. Especialmente, Leila, agradeço pelas várias conversas sobre as nossas vidas e pelas risadas na sala 306, no Onofre ou onde quer que fosse. Levarei tudo isso na memória e no coração.

À Prof.^a Dr.^a Lilian Coutinho Yacovenco, uma das minhas primeiras professoras na Universidade Federal do Espírito Santo e quem fez eu tomar gosto pela Linguística. O modo como Lilian pensa e discute língua, linguagem, sociedade e política, juntas ou separadas, sempre me encantou. Fui seu aluno, oficial ou extraoficialmente, sete ou oito vezes durante a minha vida acadêmica, ou seja, tempo suficiente para que perdesse as contas. Se em um surto de loucura (porque somente assim) ela retornasse da sua merecida e sonhada aposentadoria para ministrar uma última aula ou disciplina, eu estaria lá presente pela oitava ou nona vez, rindo das mesmas piadas e me fascinando com seus comentários elaborados e precisos, com a certeza de que aprenderia algo novo que me fascinaria. Agradeço imensamente pela acolhida no grupo PortVix ainda no início de minha graduação.

À Prof.^a Dr.^a Amanda Heiderich Marchon, que eu tive a sorte e o prazer de conhecer já no meio da minha jornada em busca pelo doutoramento. Quando voltamos ao modelo presencial de aulas na Universidade Federal do Espírito Santo, após um conturbado e tenebroso período da história da humanidade, eu e um grupo de colegas do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL) fomos amável e calorosamente recebidos pela Amanda para cursar a disciplina de Tópicos em Estudos Analítico-Descritivos – Funcionalismo e a abordagem construcional da gramática. Naquele ambiente amistoso e respeitoso, em que discutíamos textos, pensamentos variados e nossas pesquisas, lembrei-me da razão pela qual sempre gostei de estar no meio universitário. Muito obrigado por aceitar participar da qualificação e da banca responsável por avaliar a minha tese.

À Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva e à Prof.^a Dr.^a Célia Regina dos Santos Lopes, pesquisadoras e linguistas que eu tive a oportunidade de ler ao longo de minha formação e que muito me ensinaram com seus textos. É um privilégio poder contar com vocês na discussão final deste trabalho. Agradeço por aceitarem o convite para compor parte da banca avaliadora da minha tese.

À Prof.^a Dr.^a Edair Maria Görski, que, desde o mestrado, deu valiosas contribuições para que a presente pesquisa ganhasse o contorno que tem atualmente, ajudando-me a entender e a desbravar meu objeto de estudo. Obrigado pelas generosas observações durante a qualificação deste texto e por aceitar, mais uma vez, o convite para compor parte da banca avaliadora.

Às amigas Juliana Rangel Scardua e Carolina Amorin Zanellato, que acompanharam mais de perto a construção deste trabalho. Nos tornamos parceiros pela vontade que tínhamos

de prosseguir com as nossas vidas acadêmicas e, durante esse processo, construímos a nossa amizade, que é o que nos restará ao final de tudo. São incontáveis as vezes que recorreremos uns aos outros para pedir ajuda, para nos lamentar, para nos motivar e, principalmente, para fofocar (que atire a primeira pedra quem não tem o seu próprio grupo de fofoqueiros e triste é aquele que não tem um). Entre palavras de motivação e risadas, vocês foram essenciais ao longo da minha jornada no PPGEL. Por serem pesquisadoras muito esforçadas e competentes, eu sempre precisei me empenhar bastante para que pudesse estar ao lado das duas. Juliana foi a primeira a terminar essa maratona, estou cruzando a linha final agora e estaremos nós dois de braços abertos esperando a chegada da Carol (a mais desesperada desse trio). Amo vocês!

À companheira Samine de Almeida Benfica, com quem dividi uma orientadora e troquei muitas ideias no decorrer deste doutorado. Foram conversas durante o processo de seleção, antes e após a qualificação e nos momentos finais de escrita, relatando sucessos e angústias. Qualquer desafio é amenizado quando temos com quem compartilhar o que vivenciamos, então muito obrigado pelas conversas e áudios trocados no *WhatsApp*, quando só queríamos desabafar pelo que estávamos passando. Você tem um trabalho incrível e te desejo muito sucesso em sua defesa.

Ao PortVix – Grupo Capixaba de Estudos de Variação e Mudança Linguística, do qual tenho muito prazer e orgulho de fazer parte. Hoje, sob o comando da Leila, o grupo toma novos rumos e ares, mas mantém o mesmo objetivo: empreender e promover pesquisas de qualidade, sobretudo com foco no cenário do Espírito Santo. Os encontros e os eventos realizados pelo PortVix e as trocas e os debates com os seus demais membros são partes essenciais da minha formação.

À amiga Julia Frederica Effgen e à sua família, em especial aos seus pais, Dídimo Benedito Effgen e Cassia Maria Freitas de Oliveira Effgen. Lá atrás, em 2012, numa curta passagem pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, um Fred que ainda não se conhecia e não se entendia muito bem foi abraçado por todos vocês. Pelo que eu me lembro, em minha vida, são o primeiro grupo de amigos com o qual tive a absoluta liberdade de ser quem eu sou. De lá para cá, foram muitas humilhações e muitos copos de cerveja esvaziados, com várias últimas saideiras em uma mesma noite ou tarde. Especificamente com a Julia, por termos feito a escolha de nos dedicar plenamente à nossa formação – ela na Geografia, eu na Linguística –, compartilhei, em meio a conversas enquanto jogávamos *online*, muitas questões e dúvidas sobre onde essa nossa decisão nos levaria. Não sei exatamente aonde eu cheguei (ou aonde chegamos), mas o mais importante

talvez seja que as nossas escolhas muito similares estreitaram nossos laços... e que assim seja enquanto aguentarmos um ao outro.

Aos muitos e muitas Vivianes, Nathálias, Lígias, Drielis, Filippes, Vanessas, Iuriês, Júlias, Arthus, Danieis, Helenas, Brians, Tanners, Anandas, Frans, Fernandos, Marlinys, Tarsilas, Paulas, Ianas, Renatas e Anas com os quais tenho ou tive o prazer e o privilégio de compartilhar a vida cotidiana. Se é verdade aquele clichê de dizer que, quanto mais velho ficamos, temos cada vez menos amigos, fico imensamente feliz em poder comprovar o contrário. Hoje, aos 30, sou cercado de muito mais companheiros e companheiras do que há 10 ou 15 anos atrás, quando, envolto em alguns pensamentos confusos, acreditava que não merecia ter ou cativar tantos amigos assim. Estou rodeado de gente incrivelmente competente na área em que resolveu atuar: finanças, engenharia, estética, arquitetura, educação, recursos humanos, publicidade e muitas outras. Embora tenha seguido na carreira acadêmica para alcançar um desejo próprio, sempre pensei que, se conseguisse chegar ao final dessa caminhada, meus amigos e minhas amigas também me achariam tão incrível quanto eles são. Amo todos vocês! Obrigado por me aceitarem, por me acolherem e por me respeitarem.

Peço licença agora, porque isso talvez seja algo incomum, mas agradeço a um Fred lá de trás, que em 2013/2014 conheceu o mundo da pesquisa e quis embarcar nessa jornada, que foi deveras transformadora. Sei que esta seção de agradecimentos será como uma máquina do tempo. As letras que agora são escritas no presente, em algum momento se tornarão parte do passado e um Fred do futuro irá lê-las diversas vezes, procurando por refúgio, pois esse é um momento muito significativo em minha vida, então deixo aqui uma mensagem: espero que esteja tudo bem aí na frente, porque sei que os próximos dois anos serão um período de recalculas rotas e isso é sempre um pouco complicado. Você é bom em cuidar de si mesmo, mas, se sentir-se sufocado, peça ajuda, isso não é incomodo. Se abra mais com os seus amigos sobre os seus sentimentos, não guarde tudo para você. Ninguém é plenamente feliz sendo monarca de sua própria solidão. Espero que você tenha vivenciado muitas emoções que ainda não vivenciou: adote um gato, receba flores e diga sim quando seus amigos te chamarem para alguma viagem fora do país, mesmo que você não queira ir. Se suas escolhas nem ferem e não desrespeitam ninguém, não tenha vergonha delas, apenas lide com suas decisões. Lembre-se de continuar levando a vida como sempre levou: chegue ao final do dia sabendo e aprendendo algo que não sabia antes. Isso é uma maneira simples e justa de viver.

Por último, mas não menos importante, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão de bolsa que financiou grande parte desta pesquisa.

A quem chegou até aqui, peço desculpas, porque esses agradecimentos talvez pareçam mais um desabafo ou um diário. Nem sei se poderia usar esse espaço desse jeito. De qualquer forma, o que está feito *tá* feito!

Tudo quanto vive perpetuamente se torna outra coisa
(Bernado Soares, Livro dos Desassossegos, 1982)

RESUMO

No cenário do português brasileiro, seja na modalidade falada ou na modalidade escrita da língua, o item *estar* pode ser expresso sob a configuração de duas variantes: sem redução morfofonológica (*está, estou, estão, estava, estavam, estaria, estariam, estivesse, estivessem etc.*) e com redução morfofonológica (*tá, tô, tão, tava, tavam, taria, tariam, tivesse, tivessem etc.*). À luz do Sociofuncionalismo (CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016; GÖRSKI; TAVARES, 2013; TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKI, 2015), por meio da interface entre variação linguística e gramaticalização (GÖRSKI; TAVARES, 2017; NARO; BRAGA, 2000; POPLACK, 2011), a presente tese tem como objetivo basilar investigar a alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar* em um conjunto de 188 revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 (ZANELLATO, 2021) e comparar os resultados obtidos com o trabalho de Pinheiro (2019), que investigou esse mesmo fenômeno a partir de 46 entrevistas sociolinguísticas realizadas com informantes de Vitória/ES e que compõem parte do banco de dados do PortVix (TESCH; YACOVENCO, 2022; YACOVENCO, 2002; YACOVENCO *et al.*, 2012). As Análises processadas pelo programa computacional *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) sinalizam que, na comunidade de fala capixaba, a expressão do item *estar* é um caso de mudança quase concluído, uma vez que as variantes reduzidas são utilizadas em uma proporção semicategórica (96,9%). Já as histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, ao longo de cinco decênios, apresentam uma distribuição mais equilibrada, com os usos plenos (61,2%) se sobressaindo em relação aos usos reduzidos (38,8%). Contudo, vale destacar que a frequência das formas reduzidas aumentou gradativamente com o passar do tempo. Nos anos 1970, havia pouco mais do que 5% de redução, enquanto, nos anos 2010, as formas reduzidas já representam mais da metade dos usos do *estar* (56,4%). O exame estatístico multivariado sinaliza que, tanto na fala de Vitória/ES quanto na escrita das histórias em quadrinhos analisadas, as formas reduzidas do item *estar* são favorecidas por suas funções mais gramaticalizadas, ao passo que a função fonte e as funções menos gramaticalizadas inibem as reduções. Além disso, as estruturas singulares e o presente do indicativo, contextos menos marcados em relação às estruturas plurais e aos demais tempos, modos e formas nominais verbais, igualmente regulam de forma favorável as reduções. No que diz respeito às personagens das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, percebe-se uma clara divisão entre os eixos rural e urbano, com as figuras ligadas ao campo fortemente favorecendo as formas reduzidas, enquanto as

figuras que apresentam traços urbanos se comportam de maneira intermediária ou inibem as reduções. Entretanto, vale destacar que a oposição *urbano vs. rural* não se evidencia em usos reais de fala cotidiana. Ao confrontar a fala de Vitória, capital do Espírito Santo e uma cidade urbanizada, com a fala da zona rural de Santa Leopoldina, cidade do interior capixaba, constata-se que a proporção de redução do item *estar* nessas duas comunidades é muito aproximada: 96,9% e 99%, respectivamente. Isso leva à conclusão de que as formas reduzidas do *estar*, na escrita das revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, são utilizadas como mais um recurso para constituir a fala estigmatizada do Chico Bento e das demais personagens do núcleo rural. Por fim, no que concerne aos gêneros textuais entrevista sociolinguística e história em quadrinhos, parecem ser as suas concepções discursivas orais o fator que permite a manifestação reduzida do *estar*. Tal pensamento ganha mais força ao se observar que os gêneros textuais *e-mail* e telejornal, ambos de elaboração escrita, inibem as reduções do item *estar* (PINHEIRO, 2016). À vista desses resultados, ainda não é possível responder com plena certeza a pergunta que dá título à presente tese: afinal, a expressão do item *estar* está mudando ou (es)tá mudada? Embora haja na fala Vitória/ES e na fala de Santa Leopoldina/ES um claro contexto de mudança quase completada e, na escrita das revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica*, as formas reduzidas do *estar* tenham ganhado espaço considerável, mais contextos de uso das modalidades da língua precisam ser investigados para que se tenha um melhor panorama desse fenômeno variável.

Palavras-chave: Item *estar*; Redução; Sociofuncionalismo; Sociolinguística Variacionista; Funcionalismo Linguístico; Gramaticalização; Fala; Escrita; Gêneros Textuais.

ABSTRACT

In the Brazilian Portuguese scene, both in spoken and written modality, the item *estar* can be expressed under the configuration of two variants: without morphophonological reduction (*está, estou, estão, estava, estavam, estaria, estariam, estivesse, estivessem* etc.) and with morphophonological reduction (*tá, tô, tã, tava, tavam, taria, tariam, tivesse, tivessem* etc.). In the light of sociofunctionalism (CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016; GÖRSKI; TAVARES, 2013; TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKI, 2015), through the interface between linguistic variation and grammaticalization (GÖRSKI; TAVARES, 2017; NARO; BRAGA, 2000; POPLACK, 2011), this thesis aims, fundamentally, to investigate the alternation between the full and reduced forms of the item *estar* in a set of 188 Monica's Gang comic books from the 1970s, 1980s, 1990s, 2000s and 2010s (ZANELATO, 2021) and to compare the results obtained by Pinheiro (2019), which investigated this very phenomenon through 46 sociolinguistic interviews conducted with informants from Vitória/ES that make up part of the PortVix database (TESCH; YACOVENCO, 2022; YACOVENCO, 2002; YACOVENCO et al., 2012). The analyses processed by the GoldVarb X software (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) indicate that, in the capixaba speaking community, the expression of the item *estar* is an almost completed case of shift, considering that reduced variants are used in a semi categorical proportion (96,9%). The Monica's Gang comic books, on the other hand show, over the course of five decades, a more even distribution, with the full forms (61,2%) standing out when compared to reduced forms (38,8%). Nevertheless, it is worth noting that the frequency of the reduced forms has gradually increased over time. In the 1970s, there was a little over 5% of reduction, meanwhile, in the 2010s, the reduced forms already represented more than half of the *estar* uses (56,4%). The statistical multivariate analysis indicates that both in the speech of Vitória/ES and in the writing of the analyzed comic books, the reduced forms of the item *estar* are favored for their more grammaticalized functions, at the same time, the source function and the less grammaticalized functions inhibit the reductions. Moreover, the singular structures and the present indicative, less marked contexts when compared to plural structure and further tenses, moods and verbal nominal forms, equally regulate the reductions in a favorable way. Concerning the characters of Monica's Gang comic books, a clear division between the rural and urban axes is noted, with the figures connected with the rural context strongly favoring the reduced forms, while the figures that present urban traits behave in an

intermediate way or inhibit reductions. However, it is worth noting that the opposition urban vs. rural is not evidenced in real uses of the day-by-day speech. By comparing the speech of Vitória, the capital city of Espírito Santo and an urbanized environment, with the speech of the rural area of Santa Leopoldina, a city in the interior of the state, it is ascertained that the proportion of reduction of the *estar* item in these two communities is very alike: 96,9% and 99% respectively. This leads to the conclusion that reduced forms of *estar*, in the writing of Monica's Gang comic books, are used as one more resource to constitute the stigmatized speech of Chico Bento and other characters of the rural environment. Finally, in what concerns the textual genres sociolinguistic interviews and comic books, the factor that allows a reduced manifestation of *estar* seems to be their oral discursive conceptions. This line of thought gains more power when observing that the textual genres e-mail and newscast, both based on the writing, inhibit the reductions of the item *estar* (PINHEIRO, 2016). Based on these results, it is still not possible to answer with a complete certainty the title-bearing question of this thesis: after all, is the expression of the item *estar* changing, or has it already changed? Even though the speech of Vitória/ES and the speech of Santa Leopoldina/ES show a clear context of almost complete change and, in the Monica's Gang comic books the reduced *estar* forms have gained a considerable space, more contexts of use of the modes of language need to be investigated in order to obtain a better overview of this variable phenomenon.

Keywords: *Estar* item; Reduction, Sociofunctionalism; Variationist Sociolinguistics; Linguistic Functionalism; Grammaticalization; Speech; Writing; Textual Genres.

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1:** comparação do efeito da variável independente *Função do item* na seleção das formas reduzidas do item *estar* na fala de Vitória/ES e na escrita das revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 190
- Gráfico 2:** comparação do efeito da variável independente *Pessoa do discurso* na seleção das formas reduzidas do item *estar* na fala de Vitória/ES e na escrita das revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 194
- Gráfico 3:** comparação da distribuição das formas plenas e das formas reduzidas do item *estar* na fala de Vitória/ES (zona urbana) e na fala de Santa Leopoldina/ES (zona rural)..... 206

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: ocorrências de forma plena e reduzida do item <i>estar</i> nas histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i>	59
Imagem 2: expressão do item <i>estar</i> na rede social <i>Twitter</i> , no perfil da empresa de varejo multicanal brasileira <i>Magazine Luiza</i> (1)	60
Imagem 3: expressão do item <i>estar</i> na rede social <i>Twitter</i> , no perfil da empresa de varejo multicanal brasileira <i>Magazine Luiza</i> (2)	60
Imagem 4: expressão plena do item <i>estar</i> na rede social <i>Twitter</i> , no perfil brasileiro do serviço de <i>streaming</i> <i>Paramout+</i> (1)	61
Imagem 5: expressão reduzida do item <i>estar</i> na rede social <i>Twitter</i> , no perfil brasileiro do serviço de <i>streaming</i> <i>Paramout+</i> (2)	61
Imagem 6: expressão reduzida do item <i>estar</i> na rede social <i>Twitter</i> , em perfil de usuário comum (1)	62
Imagem 7: expressão reduzida do item <i>estar</i> na rede social <i>Twitter</i> , em perfil de usuário comum (2)	62
Imagem 8: expressão reduzida do item <i>estar</i> na rede social <i>Twitter</i> , em perfil de usuário comum (3)	62
Imagem 9: expressão reduzida do item <i>estar</i> no primeiro episódio da quarta temporada do seriado <i>Stranger Things</i> , do serviço de <i>streaming</i> <i>Netflix</i> (1)	63
Imagem 10: expressão reduzida do item <i>estar</i> no primeiro episódio da quarta temporada do seriado <i>Stranger Things</i> , do serviço de <i>streaming</i> <i>Netflix</i> (2)	64
Imagem 11: expressão reduzida do item <i>estar</i> em nome de loja (1)	64
Imagem 12: expressão reduzida do item <i>estar</i> em nome de loja (2)	64
Imagem 13: expressão reduzida do item <i>estar</i> em nome de produto (1)	65
Imagem 14: expressão reduzida do item <i>estar</i> em nome de produto (2)	65
Imagem 15: página do <i>podcast</i> <i>A Mulher da Casa Abandonada</i> , da <i>Folha de São Paulo</i> , na plataforma de <i>streaming</i> de áudio <i>Spotify</i>	66
Imagem 16: registro do programa <i>Jornal Hoje</i> do dia 23 de janeiro de 2024, telejornal produzido e exibido pela <i>TV Globo</i> em sua programação vespertina	67
Imagem 17: capa da apresentação do linguista Sírio Possenti no evento <i>Abralin Ao Vivo</i> , no canal do <i>YouTube</i> da Associação Brasileira de Linguística	68
Imagem 18: propaganda do curso de inglês Mairo Vergara	69

Imagem 19: registro da redução do item <i>estar</i> na fala de um japonês que fez a aquisição da variedade brasileira do português como segunda língua (1)	70
Imagem 20: registro da redução do item <i>estar</i> na fala de um japonês que fez a aquisição da variedade brasileira do português como segunda língua (2)	70
Imagem 21: representação da gramaticalização de um item ou construção lexical a partir do princípio da <i>divergência</i> de Hopper (1991).....	93
Imagem 22: representação da gramaticalização de um item ou construção lexical a partir do princípio da <i>estratificação</i> de Hopper (1991).....	93
Imagem 23: representação do <i>continuum</i> de gramaticalização de um item ou construção lexical a partir dos princípios da <i>estratificação</i> e da <i>divergência</i> de Hopper (1991).....	94
Imagem 24: escopo da <i>futuridade</i> e suas relações com a <i>habitualidade</i> e o <i>imperativo/comando</i>	95
Imagem 25: uma terceira via para a interface entre variação e gramaticalização – a <i>perspectiva da intracamada</i>	99
Imagem 26: <i>continuum</i> de gêneros textuais formado entre as modalidades falada e escrita da língua	109
Imagem 27: interseção dos conceitos de <i>meio de produção</i> e de <i>concepção discursiva</i> propostos por Marcuschi (2008a, 2008b) com base em Koch e Oesterreicher (1990)	110
Imagem 28: Representação do <i>continuum</i> estilístico e do <i>continuum</i> fala/escrita	112
Imagem 29: distribuição dos gêneros jornalísticos <i>entrevista na TV</i> , <i>noticiários de TV</i> , <i>carta do leitor</i> e <i>editorial</i> na sobreposição dos <i>continua</i> estilístico e fala/escrita	113
Imagem 30: <i>continuum</i> de gramaticalização do item <i>estar</i> elaborado a partir dos parâmetros de Heine e Kuteva (2007).....	124
Imagem 31: esquema para representar a extensão da <i>perspectiva do percurso de gramaticalização</i> , em que um item ou construção apresenta variação dentro de uma única camada de um domínio ou subdomínio funcional (<i>perspectiva da intracamada</i>)	127
Imagem 32: exemplos de traços linguísticos marcados na fala de personagens das revistas da <i>Turma do Chico Bento</i>	165
Imagem 33: <i>continuum</i> de gramaticalização do item <i>estar</i> proposto por Pinheiro (2019, p. 54 e 89) de acordo com os parâmetros de Heine e Kuteva (2007).....	181
Imagem 34: <i>continuum</i> de gramaticalização do item <i>estar</i> proposto por Pinheiro (2019, p. 93) com base na estrutura da construção	183
Imagem 35: reformulação do <i>continuum</i> de gramaticalização do item <i>estar</i> proposto por Pinheiro (2019, p. 93) com base na estrutura da construção	184

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: os cinco princípios de Hopper (1991) para medir o grau de gramaticalização das formas linguísticas.....	91
Quadro 2: distribuição dos gêneros textuais <i>conversa�o espontânea, artigo científico, notícia de TV e entrevista</i> de acordo com o <i>meio de produ�o</i> e a <i>concep�o discursiva</i>	111
Quadro 3: padrões de mudança no indivíduo e na comunidade	140
Quadro 4: rela�o dos fatores da variável independente <i>Fun�o do item</i> considerados para a análise da expressão do item <i>estar</i> nas revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010)	149
Quadro 5: rela�o dos fatores da variável independente <i>Pessoa do discurso</i> considerados para a análise da expressão do item <i>estar</i> nas revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010)	154
Quadro 6: compara�o da conjugan�o no futuro do subjuntivo do verbo <i>estar</i> (na forma plena e na forma reduzida) com o verbo <i>ter</i>	155
Quadro 7: compara�o das conjugan�es no pretérito perfeito do indicativo e no pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo <i>estar</i> (na forma plena e na forma reduzida) com o verbo <i>ter</i>	156
Quadro 8: rela�o dos fatores da variável independente <i>Tempo e modo verbal ou forma nominal do item</i> considerados para a análise da expressão do item <i>estar</i> nas revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> de diferentes sincronias (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010)	160
Quadro 9: rela�o dos fatores da variável independente <i>Década da publica�o</i> considerados para a análise da expressão do item <i>estar</i> nas revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010)	167
Quadro 10: rela�o dos fatores da variável independente <i>Personagens</i> considerados para a análise da expressão do item <i>estar</i> nas revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010)	164
Quadro 11: Gêneros textuais selecionados por Pinheiro (2016) para a análise da varia�o entre as formas plenas e reduzidas do item <i>estar</i>	217

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: distribuição das células sociais das 46 entrevistas feitas com informantes de Vitória/ES	130
Tabela 2: distribuição das células sociais das 44 entrevistas feitas com informantes da zona rural de Santa Leopoldina/ES	132
Tabela 3: organização do corpus de revistas da <i>Turma da Mônica</i> das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 elaborado por Zanellato (2021).....	135
Tabela 4: escala de gradação etária	138
Tabela 5: distribuição das ocorrências morfofonologicamente plenas e morfofonologicamente reduzidas do item <i>estar</i> na fala de Vitória/ES	173
Tabela 6: distribuição das ocorrências morfofonologicamente plenas e morfofonologicamente reduzidas do item <i>estar</i> em revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010	174
Tabela 7: ordem de seleção e nível de significância estatística das variáveis independentes consideradas para a análise da expressão do item <i>estar</i> na fala de Vitória/ES e nas revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i>	175
Tabela 8: distribuição das ocorrências do item <i>estar</i> em suas formas plenas e reduzidas de acordo com as funções desempenhadas nas revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010	185
Tabela 9: efeito da variável independente <i>Função do item</i> na seleção das formas reduzidas do item <i>estar</i> na fala de Vitória/ES	186
Tabela 10: efeito da variável independente <i>Função do item</i> na seleção das formas reduzidas do item <i>estar</i> nas revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 (sem amálgama dos verbos de ligação menos subjetivos e dos verbos de ligação mais subjetivos).....	188
Tabela 11: efeito da variável independente <i>Função do item</i> na seleção das formas reduzidas do item <i>estar</i> nas revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 (com amálgama dos verbos de ligação menos subjetivos e dos verbos de ligação mais subjetivos).....	189
Tabela 12: efeito da variável independente <i>Pessoa do discurso</i> na seleção das formas reduzidas do item <i>estar</i> na fala de Vitória/ES	192
Tabela 13: efeito da variável independente <i>Pessoa do discurso</i> na seleção das formas reduzidas do item <i>estar</i> nas revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010	193

Tabela 14: efeito da variável independente <i>Tempo e modo verbal ou forma nominal do item</i> na seleção das formas reduzidas do item <i>estar</i> na fala de Vitória/ES	196
Tabela 15: efeito da variável independente <i>Tempo e modo verbal ou forma nominal do item</i> na seleção das formas reduzidas do item <i>estar</i> nas revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010.....	199
Tabela 16: efeito da variável independente <i>Sexo</i> na seleção das formas reduzidas do item <i>estar</i> na fala de Vitória/ES	200
Tabela 17: efeito da variável independente <i>Grau de escolaridade</i> na seleção das formas reduzidas do item <i>estar</i> na fala de Vitória/ES	201
Tabela 18: frequência de redução do item <i>estar</i> de cada um dos 46 informantes capixabas que constituem a amostra do PortVix	202
Tabela 19: efeito da variável independente <i>Personagens</i> na seleção das formas reduzidas do item <i>estar</i> nas revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010	204
Tabela 20: distribuição das formas plenas e das formas reduzidas do item <i>estar</i> de acordo com a faixa etária dos informantes no banco de dados do PortVix.....	207
Tabela 21: efeito da variável independente <i>Década da publicação</i> na seleção das formas reduzidas do item <i>estar</i> nas revistas de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010	208
Tabela 22: comportamento da expressão do item <i>estar</i> de acordo com a variável independente <i>Função do item</i> década por década (1970-2010) nas revistas de história em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i>	210
Tabela 23: comportamento da expressão do item <i>estar</i> de acordo com a variável independente <i>Pessoa do discurso</i> década por década (1970-2010) nas revistas de história em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i>	211
Tabela 24: comportamento da expressão do item <i>estar</i> de acordo com a variável independente <i>Tempo e modo verbal ou forma nominal</i> do item década por década (1970-2010) nas revistas de história em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i>	213
Tabela 25: comportamento da expressão do item <i>estar</i> de acordo com a variável independente <i>Personagens</i> década por década (1970-2010) nas revistas de história em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i>	214
Tabela 26: efeito da variável independente <i>Gênero textual</i> na seleção das formas reduzidas do item <i>estar</i>	219

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: A LÍNGUA QUE FALAMOS E ESCREVEMOS	24
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO FENÔMENO VARIÁVEL: A EXPRESSÃO DO ITEM <i>ESTAR</i>	25
1.1.1 A Etimologia do item <i>estar</i> e sua representação em dicionários	26
1.1.2 As formas do item <i>estar</i>	33
1.1.3 As funções do item <i>estar</i>	34
1.1.3.1 <i>Verbo principal</i>	36
1.1.3.2 <i>Verbo de ligação (menos subjetivo e mais subjetivo)</i>	38
1.1.3.3 <i>Verbo auxiliar</i>	42
1.1.3.4 <i>Marcador discursivo</i>	44
1.1.3.5 <i>Expressão cristalizada</i>	50
1.1.3.6 <i>Sobreposição de funções</i>	55
1.1.4 Algumas ocorrências da redução do item <i>estar</i> no português brasileiro	58
1.1.5 Abaixo ou acima do nível da consciência?	71
1.2 PERGUNTAS, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA.....	74
1.3 O ITINERÁRIO DA PESQUISA.....	76
2 APORTE TEÓRICO: UMA INTERSEÇÃO ENTRE A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO	78
2.1 O SOCIOFUNCIONALISMO.....	79
2.2 TEORIA DA GRAMATICALIZAÇÃO.....	85
2.3 A INTERFACE ENTRE VARIAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO.....	91
2.4 O CONCEITO DE LÍNGUA E DE GRAMÁTICA ADOTADO NA TESE.....	102
2.5 DELIMITANDO O CONCEITO DE GÊNERO TEXTUAL E O <i>CONTINUUM</i> FALA/ESCRITA.....	107
2.5.1 História em quadrinhos	114
2.5.2 Entrevista sociolinguística	117
2.6 ENCAMINHANDO... ..	120
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	121
3.1 O RECORTE DA VARIÁVEL DEPENDENTE.....	122
3.2 OS <i>CORPORA</i> ANALISADOS: AS ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA <i>TURMA DA MÔNICA</i>	128

3.1.2 As entrevistas sociolinguísticas do PortVix	129
3.2.2 As histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i>	132
3.2.2.1 <i>Por que analisar histórias em quadrinhos?</i>	135
3.3 A PESQUISA TEMPO APARENTE E EM TEMPO REAL	137
3.4 GRUPOS DE FATORES CONTROLADOS	141
3.4.1 Função do item	143
3.4.2 Pessoa do discurso	150
3.4.3 Tempo e modo verbal ou forma nominal do item	154
3.4.4 Personagens	160
3.4.5 Década da publicação	166
3.5 A FERRAMENTA ESTATÍSTICA: O <i>GOLDVARB X</i>	168
4 A ANÁLISE MULTIVARIADA DA EXPRESSÃO DO ITEM <i>ESTAR</i> NO <i>CONTINUUM FALA/ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO</i>	171
4.1 DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS USOS DO ITEM <i>ESTAR</i> NA FALA DE VITÓRIA/ES E NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA <i>TURMA DA MÔNICA</i>	173
4.2 O EFEITO DA VARIÁVEL INDEPENDENTE <i>FUNÇÃO DO ITEM</i> NA VARIAÇÃO DO ITEM <i>ESTAR</i>	178
4.2.1 A gramaticalização do item <i>estar</i>	178
4.2.2 A variável independente <i>Função do item</i>	186
4.3 O EFEITO DA VARIÁVEL INDEPENDENTE <i>PESSOA DO DISCURSO</i> NA VARIAÇÃO DO ITEM <i>ESTAR</i>	191
4.4 O EFEITO DA VARIÁVEL INDEPENDENTE <i>TEMPO E MODO VERBAL OU</i> <i>FORMA NOMINAL DO ITEM</i> NA VARIAÇÃO DO ITEM <i>ESTAR</i>	195
4.5 OS FALANTES DE VITÓRIA/ES E AS PERSONAGENS DAS REVISTAS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA <i>TURMA DA MÔNICA</i>	200
4.6 TEMPO APARENTE E TEMPO REAL: A FAIXA ETÁRIA NAS ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS E AS DÉCADAS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA <i>TURMA DA MÔNICA</i>	206
4.6.1 O comportamento das variáveis independentes <i>Função do item, Pessoa do</i> <i>discurso, Tempo e modo verbal ou forma nominal do verbo e Personagens década a</i> <i>década</i>	209
4.7 REFLEXÕES ACERCA DOS GÊNEROS TEXTUAIS ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA E HISTÓRIA EM QUADRINHOS E A REDUÇÃO DO ITEM <i>ESTAR</i>	216
5 ENCAMINHAMENTOS FINAIS: ESTÁ MUDANDO OU TÁ MUDADO?	221

REFERÊNCIAS	226
--------------------------	------------

1 INTRODUÇÃO: A LÍNGUA QUE FALAMOS E ESCRREVEMOS¹

Tanto na fala quanto na escrita, não existe apenas uma única maneira para se expressar um mesmo significado referencial em determinado contexto. As línguas naturais são dotadas de variabilidade inerente (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), o que quer dizer que falantes/escreventes possuem à sua disposição um conjunto de formas intercambiáveis cuja seleção é condicionada por uma série de grupos de fatores internos e externos ao sistema linguístico.

A alternância entre formas (ou variantes) pode ser observada nos mais diversos níveis. Na esfera lexical, por exemplo, as palavras *bergamota*, *tangerina* e *mimosa* representam um mesmo fruto, assim como os vocábulos *macaxeira*, *aipim* e *mandioca* são todos usados para se referir à raiz comestível de uma planta. Nesses dois casos, muitas vezes, a escolha de uma ou de outra expressão pode revelar a origem do indivíduo que a utiliza.

A variação também pode ocorrer no nível morfológico, alterando os morfemas das palavras. No português brasileiro, é muito frequente que as formas nominais de infinitivo, como *andar*, *beber* e *dirigir*, sejam pronunciadas sem o fonema /r/ ao final: *andá*, *bebê* e *dirigi*. Já a forma nominal de gerúndio costuma sofrer redução em determinadas conjunturas, com o morfema verbal *-ndo* sendo reduzido para *-no*: *cantando/cantano*, *fazendo/fazeno* e *sorrindo/sorrino*.

No nível fonológico, é possível observar fenômenos como a monotongação, em que ditongos são reduzidos a vogais: *roupa/ropa*, *manteiga/mantega*, *beijo/bejo* e *caixa/caxa*; o alçamento de vogais médias pré-tônicas: *menina/minina* e *sobrinho/subrinho*; e o rotacismo, quando há a troca da consoante [l] pela consoante [r], como em *Flamengo/Framengo*, *planta/pranta* e *problema/probrema*.

Outro nível gramatical no qual ocorre variação é o sintático, perceptível por meio das diferentes estratégias de relativização: *o mundo em que vivemos* (padrão) / *o mundo que vivemos* (cortadora) / *o mundo que vivemos nele* (pronome lembrete); e também pela posição

¹ A banca avaliadora desta tese recomendou que a presente introdução fosse reorganizada de forma a deixá-la mais enxuta, sugerindo que os objetivos e o itinerário da pesquisa fossem apresentados antes e que se arquitetasse um capítulo específico para a exposição do objeto de estudo. O autor do texto, embora concorde que o prelúdio do trabalho seja demasiadamente extenso, preferiu manter a configuração original, pois os objetivos e o itinerário da pesquisa se constituem mediante a apresentação do objeto de estudo. Houve o receio de que a reformulação ora recomendada desconfigurasse as ideias já elaboradas e linearmente encaixadas.

do clítico em relação ao verbo: *essa camisa se lava facilmente* (próclise) / *essa camisa lava-se facilmente* (ênclise).

A depender do conceito de gramática que é assumido, a variação ainda pode ser contemplada na dimensão discursiva, abarcando aspectos semânticos e pragmáticos. Há, por exemplo, uma série de conectivos e de marcadores discursivo que atuam de forma alternativa na manutenção da interação entre interlocutores e no encadeamento coesivo de textos.

A presente pesquisa irá lidar com um fenômeno variável específico e ainda pouco estudado no cenário nacional brasileiro: a *expressão do item estar*, que pode ocorrer a partir de suas formas morfofonologicamente plenas (*está, estou, estão, estava, estavam, estaria, estariam, estivesse, estivessem etc.*) e de suas formas morfofonologicamente reduzidas (*tá, tô, tão, tava, tavam, taria, tariam, tivesse, tivessem etc.*), como constata-se no exemplo (001) a seguir:

(001) Puquê o telefone ele num *tá* pegando em todo lugar também, igual internet também não *está* também pegando em todo lugar. Ali embaixo, na barragem ali, *tá* pegando e aqui, na região aqui, não pega não. Então não tem. Tem... Igual, cê tem um computador mais antigo aí pras... né? Ficá brincando, trenando ali e pra tê algum... aprender... saber mexer, né?

(PortVix Santa Leopoldina – célula 32: sexo masculino, 26 a 49 anos, Ensino Fundamental I)

Nas próximas seções deste capítulo introdutório, tal objeto de estudo será delineado e serão traçados os questionamentos e os objetivos que movem para frente a investigação em tela.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO FENÔMENO VARIÁVEL: A EXPRESSÃO DO ITEM *ESTAR*

A presente seção é dedicada à apresentação do fenômeno variável alvo de investigação desta tese: a expressão do item *estar* no português brasileiro. Na primeira parte deste secciona-

mento, aborda-se a etimologia do item *estar*, com a exposição daquilo que alguns dicionários dizem a respeito desse verbete (CUNHA, 1997; FERREIRA, 2004; HOUAISS; VILLAR, 2009; MACHADO, 1952). Em seguida, na subseção 2, expõem-se as maneiras como esse item pode se manifestar na variedade brasileira do português, a sua forma morfofonologicamente plena (*está, estou, estão, estava, estavam, estaria, estariam, estivesse, estivessem etc.*) e a sua forma morfofonologicamente reduzida (*tá, tô, tão, tava, tavam, taria, tariam, tivesse, tivessem etc.*), que ocorrem tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita da língua. Na sequência, são descritas as funções que o *estar* pode desempenhar, sendo elas *verbo principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, expressão cristalizada e marcador discursivo*. Logo depois, são exibidos alguns exemplos do item *estar* e de sua redução em diversos contextos de uso, a fim de dar um breve panorama da abrangência desse fenômeno. Para encerrar a introdução do objeto de estudo, são discutidos a apreciação dos seus traços linguísticos variáveis (LABOV, 1994, 2008 [1972]) e se o seu nível de percepção está abaixo ou acima do nível da consciência (LABOV, 2001) dos falantes.

1.1.1 A Etimologia do item *estar* e sua representação em dicionários

De acordo com o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (MACHADO, 1952, p. 904), em sua acepção primeira, o *estar*, vocábulo derivado do latim *stāre*, pode significar “estar de pé, aguentar-se (falando de tropas); manter-se ancorado; manter-se ao alto, eriçado; conserva-se ao lado de, no partido de; estar imóvel; manter-se parado; parar; aguentar-se firme; insistir; atear; guardar fidelidade”. Apontando a mesma origem etimológica, o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* (CUNHA, 1997, p. 328) registra que, em seu cerne, o referido item expressava, de modo geral, “ser em um dado momento, ficar”.

De base não etimológica, *O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2004, p. 823), em sua terceira edição, realiza uma extensa explanação acerca dos usos contemporâneos do *estar*. São feitas, ao total, 28 atribuições semânticas ao item: 1) Ser em um dado momento, achar-se (em certa condição) – *o tempo está chuvoso*; 2) achar-se, encontrar-se (em certo estado ou condição) – *está doente*; 3) manter-se (em certa posição) – *as crianças estavam sentadas*; 4) ficar, permanecer, conservar-se – *a polícia esteve de*

prontidão a noite toda/estar de plantão; 5) vestir, trajar – *estava de camisa azul*; 6) achar-se em circunstância transitória – *está em perigo*; 7) ter atingido determinado momento ou estado – *está numa fase feliz da sua vida/está em idade de casar*; 8) dedicar-se, consagrar-se, envolver-se durante certo tempo – *esteve meses a fio em profundos estudos/entre 1939 e 1945, esteve a Europa em guerra*; 9) achar-se, encontrar-se (em dado lugar, em dado momento), ser presente – *há dois meses, esteve em São Paulo/Bocage esteve no Brasil/eu moro aqui, porém meus pais há muitos anos estão na fazenda*; 10) seguir (uma profissão) – *está no exército*; 11) comparecer, presenciar – *esteve na solenidade*; 12) ficar, esperar – *esteja aí um momento, que eu já volto*; 13) haver, existir – *ninguém estava na casa*; 14) atingir certo preço ou custo (em determinado momento) – *o prédio está em cinquenta milhões*; 15) ter disposição – *não estou para conversa*; 16) intentar ação judicial, comparecer – *estar em juízo*; 17) consistir, residir, basear-se, cifrar-se – *o problema está na seleção do material*; 18) concordar, anuir – *estou pela sua proposta*; 19) ser favorável a – *o juiz está pelo reclamante*; 20) assentar, ajustar-se, ficar, condizer – *o vestido está-lhe muito bem/essa atitude está-lhe mal*; 21) ter relações sexuais, copular – *em um dia só esteve com duas mulheres*; 22) fazer – *está muito calor*; 23) achar-se, permanecer – *eles foram, e eu cá estou*; 24) quando seguido da preposição *para* (ou *em*, com menos frequência) e de um verbo no infinitivo, exprime a proximidade imediata de um acontecimento, a intenção, probabilidade de ocorrer algo (natural ou propositalmente – *está para chover/estavam para sair/estou em dizer que toda a matunga não vale a poeira que bulir na estrada*; 25) seguido da preposição *por* e de um verbo no infinitivo, indica ainda não ter sido executada a ação expressar por esse verbo – *o trabalho está por fazer*; 26) seguido de gerúndio ou de infinitivo regido pela preposição *a*, funciona como auxiliar e expressa uma ação que se prolonga por algum tempo – *está fazendo um livro/esteve a ler toda noite*; 27) seguido da preposição *a* e de um verbo no infinitivo, exprime futuro próximo – *o ano está a expirar*; 28) seguido da preposição *por* e de um substantivo ou advérbio, exprime a proximidade de um acontecimento – *a nomeação está por dias/sua morte está por pouco*.

Além de todos esses significados, esse compêndio também elenca uma série de expressões que incluem o *estar* e que são corriqueiras no uso cotidiano: 1) *estar bem* (gozar de saúde); 2) *estar bem com* (ter boas relações); 3) *estar cagando para* (não se importando); 4) *estar careca de* (sabendo muito sobre um determinado assunto); 5) *estar com alguém e não abrir* (fidelidade); 6) *estar condenado* (portar doença grave ou terminal); 7) *estar cru em* (sem conhecimento ou principiante em determinado assunto/prática); 8) *estar de cima* (em situação

excelente ou vantajosa de vida); 9) *estar de mal* (brigado); 10) *estar de virar e romper* (apto para um fim); 11) *estar em* (depende – *todo o problema está em você aceitar a proposta*); 12) *estar em si* (ter consciência); 13) *estar em todas* (grande evidência); 14) *estar estribado* (com muito dinheiro); 15) *estar frio* (longe de evidência ou objeto); 16) *estar frito* (com problemas, em apuros); 17) *estar mais para lá do que para cá* (estar mais perto da morte do que da vida); 18) *estar para nascer* (não existir); 19) *estar por* (concordar); 20) *estar por cima* (da carne seca); 21) *estar por tudo* (disposto); 22) *estar pouco somando com* (dar pouca importância); 23) *estar pronto/estar quebrado* (sem dinheiro); 24) *estar sozinho* (ser o melhor em algo); 25) *estar sujo com* (não gozar da confiança de algo ou alguém); 26) *estar sobre si* (seguro, alerta); 27) *estar nem aí* (não se importar); 28) *não estar com nada* (não ter sentido, significar nada); 29) *só estar* (admirar-se ou espantar-se).

Outro conjunto de verbetes faz, igualmente, longas considerações acerca do item *estar*. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 829-830) aponta 16 acepções possíveis para esse léxico: 1) ter ou apresentar (certa condição física, emocional, material *etc.*, não permanente) – *está muito magra/o povo está descontente*. Na presença da preposição *com*, adquire o sentido de *sofrer* ou *sentir* – *ele está com câncer/estamos com saudade*; 2) encontrar-se (em certo momento ou lugar, transitoriamente) – *estamos numa época conturbada/nunca esteve em Moscou*. Também pode marcar presença ou indicar comparecimento – *o diretor esteve na festa de fim de ano*; 3) encontrar-se momentaneamente (em determinada posição) – *estar sentado/estava em terceiro lugar*. 4) não se mover, não se deslocar, ficar, permanecer – *esteja aí até voltarmos*; 5) ficar situado, localizar-se – *São Paulo está a 400 km do Rio*; 6) ter realização, solução *etc.* total ou parcialmente determinada e influenciada por , depende – *não está em mim ajudá-lo/agora, tudo está nas mãos de Deus*; 7) consistir, residir, resumir-se – *liberdade está em escolher os próprios compromissos/a diferença está na qualidade*; 8) sentir disposição ou inclinação (geralmente utilizado em negações) – *não estão para brincadeira/ele hoje não está para conversas*; 9) encontrar-se em processo de, estar prestes a – *estava de saída, quando o telefone tocou/ela está de mudança*; 10) ter tais características ou qualidades, sendo possível estabelecer relação com outra pessoa ou coisa – *25 está para 50 assim como 500 está para 1.000*; 11) ter a companhia de – *a criança está com os avós*; 12) dividir a mesma moradia, coabitar – *o casal separou-se e o filho está com a mãe*; 13) manter relação conjugal ou, por extensão, relações sexuais – *João está agora com a mulher de José*; 14) ter determinada atividade profissional – *um dos filhos está na medicina, e o outro na engenharia*; 15) vestir, trajar – *estará de branco no réveillon/a*

anfitriã estava com um colar de brilhantes; 16) ter ou atingir, em dado momento ou ocasião, certa quantidade, preço, medida etc. – a população da cidade está em 30 mil habitantes/as laranjas estão a menos de R\$ 3,00 o quilo.

Da mesma maneira como ocorre n’*O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* lista algumas expressões que são formadas com o item *estar*. São elas: 1) *estar fora de si* (agitado, exaltado, furioso ou em êxtase); 2) *estar para* (na iminência de algo acontecer); 3) *estar para o que der e vier* (com disposição, disposto a tudo); 4) *estar por/para* (indica um ato que ainda não foi realizado – *o serviço está por terminar*, algo que irá acontecer em um determinado tempo – *estava por horas o fim do prazo de entrega*, ou concordância – *se você estiver pelo que propomos, tudo se resolverá*); 5) *estar por cima da carne seca* (em situação de vantagem); 6) *estar por fora* (não dominar o assunto, não ter conhecimento); 7) *estar por pouco* (próximo de acontecer ou quase morrendo); 8) *estar pouco somando com* (não dar importância); 9) *não estar nem aí (para algo)* (não dar importância).

Por fim, esse manual traz, de forma separada, alguns aspectos gramaticais do *estar*: 1) quando utilizado com o particípio em orações na voz passiva, esse item indica que o resultado da ação é uma condição mais ou menos duradoura – *o que está feito não pode ser alterado*; 2) é utilizado como verbo auxiliar ao constituir locuções verbais com as formas nominais de infinitivo ou de gerúndio de verbos principais, indicando ação contínua que se desenrola no tempo (*estarei a estudar, quando você chegar/estava nadando e sentiu câimbras*); 3) é utilizado como verbo impessoal para qualificar ou predicar atos, situações, fatos *etc.*, em alguns casos designados por orações subjetivas (*está confortável para você/estava na hora de partir/não está correto partir dessa maneira*); 4) também é usado como verbo impessoal para dar ideia de condição ou aspecto de ambiente, especialmente em relação a fenômenos naturais (*já está escuro às sete/está nublado*).

Para sintetizar esse verbete, são apontadas as seguintes características:

na maioria das acepções, *estar* conserva seu sentido básico, isto é, um estado situado no tempo (e suas derivações de sentido), como em ‘*está muito magra*’, ‘*ninguém está em casa*’ *etc.*; já acompanhado de determinadas preposições, *estar* tende a tornar-se um suporte para categorias verbais (tempo e modo), acrescentado de matriz aspectual que lhe é atribuído pela preposição, formando com esta uma outra unidade lexical, do tipo locução (p. ex., *estar para* = exprime a iminência ou possibilidade de algo acontecer) (HOUISS; VILLAR, 2009, grifos no original).

Por sua vez, o *Dicionário de usos do Português do Brasil* (BORBA; IGNÁCIO, 2002, p. 634-635) não é diferente dos demais compêndios modernos apresentados aqui. Nele também há uma vasta caracterização do item *estar*, mas com um foco mais funcional. Em suas páginas, encontram-se as seguintes interpretações sobre o referido verbete: 1) com complemento predicativo (adjetivo, advérbio ou equivalente), estabelece uma relação de atribuição não essencial com o sujeito – *era preciso estar vigilante/o primeiro piso está vazio/a viúva está acabada/a igreja está aos pedaços/vejo que está com sono/a coisa está mal/a cena está às escuras*; 2) com um complemento predicativo do tipo (artigo +)² nome, indica o atributo por excelência do sujeito – *este molho pardo está o suco/sua pressão está joia/sua madrasta está uma rainha da Inglaterra*; 3) com um complemento predicativo do tipo *com/de* + nome + adjetivo ou advérbio de modo ou de lugar, indica que o atributo ou a localização transitória do sujeito vêm expressos pelo adjetivo ou pelo complemento de lugar – *estou com a goela seca/estou com o cofre cheio/estava de estratégia bem armado/um boi ervado está de pança esturricado ao sol/estive um momento com as mãos no joelho/estava com uma viagem no papo*; 4) com complemento predicativo do tipo *em/de* + nome concreto não animado, indica achar-se vestido com algo – *ao domingos deixava-se estar em cueca/está mesmo de batina*; 5) com completo predicativo do tipo (*de/como* +) nome não animado, indica ter a atribuição transitória de – *já está dona de casa/seu pai está de leiteiro, não está?*; 6) com complemento predicativo espacial ou temporal, exprime localização no espaço ou no tempo – *onde estava o tenente?/eu estava à frente de algo nunca visto/estávamos em brabo tempo de guerra/imagina se ainda estivéssemos no verão*. Importante destacar que o completo de lugar *em casa* pode ser apagado da oração – *Shirley não estava para ninguém*; 7) com complemento predicativo do tipo advérbio de modo, expressa estado de condição física – *ela estava bem, a respiração mais fácil* ou 8) ficar, permanecer – *estava calado, junto com o fotógrafo Nélio Rodrigues [...]*; 9) com complemento predicativo do tipo particípio passado, indica a posição de algo ou alguém – *Juvenal estava deitado na cama do casal*; 10) com complemento de tempo, indica iminência no tempo – *Lá saberia que o mundo estava por pouco?*; 11) com complemento do tipo *em/além de* + nome, expressa a ideia de situar-se, encontrar-se – *o governo está na idéia, o governo está no chefe/a luta contra a subversão armada estava ainda no auge* ou 12) de atingir certo custo ou valor – *atualmente a dívida está em torno de um bilhão de dólares*; 13) com completo do tipo *em* + nome abstrato, significa fazer parte de algo – *estou no cangaço* ou 14) consistir – *o futuro do Rio Dourado está no*

² Nesse caso, os parênteses indicam que a presença do artigo ou da preposição pode ou não ocorrer.

algodão [na produção de]; 15) com complemento do tipo com + nome humano, indica companhia – Mariozinho de Oliveira estava comigo/ontem ele estava com Jandira ou 16) estar ao lado de, estar de acordo – estou com papai com tudo e por tudo/Blumental está sempre com o governo; 17) com o complemento do tipo de + nome abstrato, expressa situar-se em processo de – estou de partida, meu Reverendo/canarinho-terra que estava de muda; 18) com o complemento do tipo para + nome abstrato ou oração infinitiva em uma negação, indica não ter disposição – mas eles não estavam para brincadeira/eu é que não estou para me largar no mato o dia todo que nem cabeça de frade; 19) com complemento do tipo nome abstrato, o estar é impessoal e significa haver, existir – pois é, estava numa esperança tão gostosa; 20) com complemento do tipo nome não animado, indica condição atmosférica ou do meio – está uma tarde magnífica de sol/está calor; 21) no pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro do presente + complemento de lugar, o estar representa a ação de ir – tenho outras provas de que um ladrão esteve no apartamento naquele noite/tinha estado numa cidade de Axul;

Além de todas essas possibilidades, segundo o *Dicionário de usos do Português do Brasil*, o *estar* ainda pode ser um auxiliar ou modalizador: 1) quando precedido de gerúndio e com complementos do tipo *a* + infinitivo ou *a/em* + nome abstrato, o *estar* é verbo auxiliar e indica aspecto progressivo – *o almoço estava sendo servido/nossa economia está a exigir uma atenção maior*; 2) precedendo estruturas do tipo *para* + infinitivo, o *estar* também é verbo auxiliar e exprime a iminência de realização de uma ação – *já estava para mandar o bilhete*; 3) ao preceder a estrutura *por* + infinitivo, o *estar* é um verbo modal e expressa a negação daquilo que o infinitivo significa – *a vida estava toda por viver/homem igual a mim ainda está por nascer* (havendo a preposição *de* anteriormente ao infinitivo, o uso é arcaizante – *ainda estou de ver garganta mais educada*); 4) antecedendo a estrutura *que* + oração, o *estar* também é um modalizador e indica a intensidade de um estado de coisa que se localiza no sujeito – *agora, escutando rádio, José estava que se perdia num cochilo modorneiro/o quintal está que é só o barro vermelho*.

Para finalizar, esse compêndio também enumera uma série de expressões que são construídas utilizando o item *estar*: 1) *estar a fim de* (disposto); 2) *estar aí* (eis – *o que é vivo morre. Está aí uma coisa que eu não sabia*); 3) *estar aí/ali* (dar ênfase na apresentação de um assunto ou de algo – *está aí uma coisa que eu não sei, Fininho/ali estava uma bela mulher em sua frente*); 4) *estar a nenhum* (não ter dinheiro); 5) *estar cagando para* (não se importar); 6) *estar careca de saber* (ter plena ciência); 7) *estar de filho* (grávida); 8) *estar de olho*

(espreitar); 9) *estar nos azeites* (estar irritado, de mau humor); *estar numa boa* (em situação muito agradável); 10) *estar para o que der e vier* (disposto a tudo); 11) *estar por cima (da carne seca)* (no domínio da situação); 12) *ainda estar para nascer* (não existir ainda); *não estar nem aí* (não dar importância).

Considerando as amplas representações feitas pelo *O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, pelo *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* e pelo *Dicionário de usos do Português do Brasil* acerca do *estar*, é possível perceber que o referido item é polissêmico e multifuncional, podendo indicar desde uma localização até o modo como alguém se encontra vestido e desempenhando papéis que tradicionalmente são classificados como *verbo principal*, *verbo de ligação* ou *verbo auxiliar*. Esses compêndios destacam até mesmo a pluralidade de expressões que, na língua portuguesa, são formadas com o seu uso, como *estar cagando (para)*, *(não) estar nem aí* e *estar por cima (da carne seca)*.

Embora sejam abrangentes ao fazer a moldura desse verbete, a função de *marcador discursivo* (CASTILHO, 2014; FREITAG, 2001; MARTELOTTA, 1997; PINHEIRO, 2019; SCHIFFRIN, 2001) ou a sobreposição de funções do item *estar* (PINHEIRO, 2019), caso em que uma única unidade codifica mais de uma função simultaneamente, não são mencionadas, ainda que ocorram na língua em uso. Outro ponto de igual relevância, mas que esses materiais não abordam, é a possibilidade de o referido item sofrer redução morfofonológica, podendo ser expresso tanto de forma plena (*está, estou, estão, estava, estavam, estaria, estariam, estivesse, estivessem etc.*) quanto de forma reduzida (*tá, tô, tão, tava, tavam, taria, tariam, tivesse, tivessem etc.*).

Sendo assim, na subseção a seguir, apresentam-se essas duas variantes utilizando-se de exemplos da fala e da escrita, com o intuito de demonstrar que essa variação está presente em ambas as modalidades. Na sequência, em subseção própria, é feito um panorama das funções exercidas pelo *estar* no *corpus* analisado por esta tese – um conjunto de revistas da *Turma da Mônica* de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010) – aos moldes do que fez Pinheiro (2019) na fala de Vitória/ES, abordando cada uma delas e definindo-as a partir de gramáticas normativas e descritivas e de estudos linguísticos.

1.1.2 As formas do item *estar*

Embora pouco (ou apenas não) mencionada, principalmente levando-se em conta os materiais abordados na subseção anterior a esta, a expressão do item *estar* pode ocorrer de duas maneiras no português brasileiro: por meio de formas³ plenas, sem perda de material morfofonológico, e de formas reduzidas, com perda de material morfofonológico. Ao analisar a fala de Vitória/ES considerando um conjunto de 46 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados do PortVix (TESCH; YACOVENCO, 2022; YACOVENCO, 2002; YACOVENCO *et al.*, 2012), Pinheiro (2019) observa essas duas possibilidades:

(002) Por/pelo fato da minha vida *estar* toda aqui, ou seja, eu tenho minha família aqui, apesar de ser a mesma igreja que tem lá, mas não é a mesma coisa, são pessoas diferentes. Eu *tô* acostumado aqui. A faculdade *está* aqui. Minha vida toda *tá* aqui. E eu *estando* lá durante a semana, fica difícil final de semana fazer as coisas aqui. Então, isso acaba atrapalhando. No começo é bom você conhecer outro lugar diferente. Eu conheci vários lugares que, se eu não tivesse ido pra lá, eu não conheceria.

(PortVix – célula 40: sexo masculino, 26 a 49 anos, mais de 11 anos de escolarização)

No exemplo (002), é possível perceber um mesmo falante alternando entre usos plenos e reduzidos do item *estar*. Chama a atenção a sequência de sentenças *A faculdade está aqui* e *Minha vida toda tá aqui*, nas quais é possível, em um contexto sintático muito semelhante, notar a variação entre essas formas.

Vale destacar que tal variação não ocorre apenas na modalidade falada, ela se apresenta também na modalidade escrita⁴, como se pode contemplar nos exemplos (003) e (004) a

³ Nesta tese, o uso da palavra *forma* se refere sobretudo à representação fonético-fonológica e gráfica do item *estar*. Contudo, vale a lembrança de que, na abordagem funcionalista da linguagem, tal termo diz respeito à estrutura/forma gramatical.

⁴ A Prof.^a Dr.^a Amanda Heiderich Marchon (UFES), uma das avaliadoras desta tese, deu a valiosa sugestão de que fosse rotulada como *oralizada* a escrita das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*. O autor preferiu não empregar essa etiqueta por dois motivos: 1) outras pesquisas do grupo PortVix, do qual o pesquisador faz parte, referem-se à escrita das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* sem fazer nenhuma distinção; 2) neste texto, em subseção dedicada às histórias em quadrinhos (2.5.1), especifica-se que tal gênero textual é permeado por características da fala. Vale, para o autor e para o grupo PortVix, a reflexão sobre como abordar esse rótulo em pesquisas e em publicações futuras.

seguir, também em um contexto sintático muito semelhante e retirados de histórias em quadros da *Turma da Mônica*.

(003) Ora, eu *estou* aqui do seu lado!

(Chico Bento, nº 23, Panini Comics, década de 2010, p. 22)

(004) Já que eu *tô* aqui, vou *coltar* o cabelo! Eu *sempre colto* com o Holesté, mas pode ser com o senhor mesmo!

(Mônica, nº 79, Panini Comics, década de 2010, p. 74)

Havendo dois modos para se expressar um mesmo valor de verdade, como se constata nos exemplos (002), (003) e (004), é viável empreender um estudo sociolinguístico, funcionalista ou sociofuncionalista a fim de se descobrir o que motiva a variação entre as formas morfofonologicamente plenas e morfofonologicamente reduzidas do *estar*, nas quais o item tem parte do seu radical apagado. Esse ponto será discutido mais à frente, na seção 1.2, sobre a problematização e os objetivos da presente pesquisa.

Antes e dando continuidade à apresentação do *estar*, é importante destacar que, além da variação em sua forma, o referido item também é multifuncional, podendo desempenhar as funções de *verbo principal*, *verbo de ligação*, *verbo auxiliar*, *expressão cristalizada* e *marcador discursivo* – fora isso, também existe a possibilidade de haver *sobreposição de funções*, quando um único item exerce o papel de mais de uma das cinco funções mencionadas. A seguir, cada uma delas será delimitada e explicada.

1.1.3 As funções do item *estar*

Ao analisar a expressão do item *estar* na fala de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, por meio do banco de dados do PortVix (YACOVENCO, 2002; YACOVENCO *et al.*, 2012; TESCH; YACOVENCO, 2022), Pinheiro (2019) mapeou cinco funções e um caso especial para classificar as ocorrências do referido item. São elas, respectivamente: *verbo principal*, *verbo de ligação*, *verbo auxiliar*, *expressão cristalizada*, *marcador discursivo* e

sobreposição de funções, ocorrência em que um mesmo uso codifica mais de uma das cinco funções. A presente tese seguirá esse mesmo desenho, considerando que o termo *função* pode corresponder tanto à significação semântico-pragmática, nos termos de Nichols (1984), quanto à *função gramatical*, em nível morfossintático e discursivo.

Para começar a delimitar essas funções, seria possível recorrer à Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), documento dos anos 1950 que normatizou as classificações gramaticais para fins educacionais. Tal postura, entretanto, acarretaria um erro, pois a NGB é um instrumento que carece de sistematicidade e conta com inúmeras lacunas teóricas. O mesmo vale para as gramáticas normativas (ou tradicionais): adotá-las como única fonte para caracterizar os elementos linguísticos também é algo problemático, porque falta a elas o rigor científico em sua elaboração. Sendo assim, para realizar a tarefa proposta nesta subseção, os compêndios normativistas serão tomados como ponto de partida e as suas informações serão balizadas por gramáticas de cunho descritivo e/ou por estudos linguísticos, sempre que necessário.

Ao total, foram considerados seis materiais: a *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Rocha Lima (2017 [1958]); a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2017 [1984]); a *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara (2009 [1999]); a *Gramática de usos do português*, de Neves (2000); a *Gramática do português brasileiro*, de Perini (2010); e a *Nova gramática do português brasileiro*, de Castilho (2014). Os três primeiros são de orientação tradicional, enquanto os três últimos são descritivistas, pautados em reflexões que levam em conta a língua em uso.

A seguir, cada seccionamento apresenta o que essas obras formulam acerca das funções elencadas para a análise em tela e sintetiza o que de fato se teve em vista na hora de classificar as ocorrências do item *estar* no *corpus* sob investigação. Ao fim, será possível perceber que aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos são adotados de forma conjunta para dar conta de estabelecer tais classificações. É importante destacar também que, em todas as funções, há alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*.

1.1.3.1 Verbo principal⁵

Rocha Lima (2017 [1958], p. 168-171) não define em termos explícitos o que vem a ser um *verbo principal*. O gramático, de maneira geral, postula que os verbos são a classe morfológica que expressa um fato ou um acontecimento que se passa com os seres ou em torno deles. Ressalta ainda que esse é o elemento constituinte da oração que mais sofre variações gramaticais, podendo ser flexionado em modo, tempo, número, pessoa e voz.

Bechara (2009 [1999], p. 209), assim como Rocha Lima, não delimita o que é um *verbo principal*, apenas menciona que essa terminologia é utilizada para se referir aos itens que formam locuções com as formas nominais de infinitivo, particípio e gerúndio. Em sua interpretação, o estudioso formula que o verbo é sempre o núcleo da oração e representa uma “unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar o seu significado lexical”. Sua gramática ainda chama atenção para uma distinção semântica entre verbos nocionais e relacionais, usada para distinguir predicados verbais e nominais. O primeiro grupo possuiria significação léxica preenchida enquanto o segundo seria esvaziado nesse sentido.

Entre os gramáticos tradicionais considerados, Cunha e Cintra (2017 [1984], p. 401) são os únicos que estipulam o que é um *verbo principal*. Para esses dois, essa função seria reservada aos itens verbais de significação plena e que são nucleares na oração. Perini (2010, p. 94) também utiliza a terminologia *principal*, embora não delimite o que ela representa. Em seu compêndio, essa alcunha foi empregada para designar as formas nominais de infinitivo, particípio e gerúndio que são acompanhadas de um *verbo auxiliar* – tal qual formula Bechara.

Castilho (2014, p. 392 e 397), por sua vez, ao fazer uso da terminologia *pleno*, ressalta que um verbo que recebe essa classificação precisa funcionar como núcleo da sentença e selecionar argumentos. Neves (2000, p. 55), de modo igual a Castilho, utiliza esse rótulo para diferenciar os verbos que possuem alta carga semântica daqueles de significação genérica, tipicamente utilizados em orações com *verbos suporte*.

⁵ Nas gramáticas ora analisadas, há tanto a alcunha *principal* (CUNHA, CINTRA, 2017 [1984]; PERINI, 2010) quanto *pleno* (NEVES, 2000; CASTILHO, 2014) para designar aqueles verbos que possuem significação semântica preenchida. Tal qual feito por Pinheiro (2019), esta tese reserva a terminologia *principal* a fim de se referir à classificação de verbos, enquanto o nome *pleno* é utilizado para caracterizar as variantes do item *estar* que não sofrem redução morfofonológica.

Nesta tese, serão considerados *verbos principais* os usos do *estar* que apresentam as seguintes características: 1) flexões de tempo, de modo, de número e de pessoa; 2) estar acompanhado ou não de um sintagma preposicional ou de um sintagma adverbial; e 3) possuir valor semântico preenchido e quase sempre deter referência concreta no mundo biossocial. A seguir, nos exemplos (005) e (006), é possível observar essa função sendo expressa pelo referido item em sua forma plena e reduzida na fala de Vitória/ES, respectivamente:

(005) [...] porque com quarenta e cinco minutos você *está* no Rio... quarenta e cinco minutos. Eu já fiz voo do Rio aqui... uma vez uma/um avião deu problema no Rio [...]

(PortVix – Célula 45: sexo feminino, 50 anos ou mais, mais de 11 anos de escolarização)

(006) hoje eu acho que o avião é muito mais seguro... ele é muito mais seguro... porque lá em cima não tem... só se ele mesmo tiver um... acontecer ele... uma falha mecânica... uma falha humana... ou um... (tossiu) um bicho bater na asa, mas, fora isso, tranquilo. Aqui não/você não sabe, né? O que vem em cima de você. Você *tá* na sua casa, numa calçada, o carro vem em cima te-te pega... lá em cima não-não tem nada... todo mundo sabe a rota... pá... pá... (ininteligível)... eu acho o avião muito seguro.

(PortVix – Célula 45: sexo feminino, 50 anos ou mais, mais de 11 anos de escolarização)

A alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar* que desempenham a função de *verbo principal* também pode ser observada na modalidade escrita da língua. Por meio das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, o *corpus* utilizado para gerar os dados desta pesquisa, nota-se, em (007) e (008), que o referido item é acompanhado de um sintagma preposicional locativo. Por sua vez, em (009) e (010), ele é complementado por advérbios locativos e, em (011) e (012), por locuções adverbiais locativas. Já em (013) e (014), não há nenhum tipo de complemento. Todas as ocorrências podem ser flexionadas e possuem carga semântica preenchida e concreta, designando a presença ou a ausência de um referente em espaços físicos.

a) Verbo principal com sintagma preposicional:

(007) A maior chuva lá fora... e ele não *está* em casa!

(Cascão, nº 219, Editora Globo, década de 1990, p. 5)

(008) Você diz isso porque ele não *tá* do lado da sua janela!

(Cascão, nº 8, Panini Comics, década de 2010, p. 51)

b) Verbo principal com sintagma adverbial (advérbio):

(009) Cadê o orégano que *estava* aqui?

(Magali, nº 22, Panini Comics, década de 2010, p. 32)

(010) Mas cadê a árvore que *tava* aqui?

(Mônica, nº 110, Editora Globo, década de 1990, p. 67)

c) Verbo principal com sintagma adverbial (locução adverbial):

(011) Ou melhor... Vou pular na piscina do seu Valdemar, que *está* mais perto!

(Cascão, nº 78, Panini Comics, década de 2010, p. 19)

(012) Hum! Já sei! Vô colá do Hiro qui *tá* mais perto!

(Chico Bento, nº 2020, Editora Globo, década de 1990, p. 12)

d) Verbo principal sem complemento:

(013) Olha, Magalina... A Magali não *está*! Ela falou pra você esperá-la na casa dela! Tudo bem?

(Magali, nº 125, Editora Globo, década de 1990, p. 7)

(014) Acho que a Rita não *tá*! Logo hoje que criei coragem pra me declarar pra ela!

(Magali, nº 24, Panini Comics, década de 2010, p. 21)

1.1.3.2 Verbo de ligação (menos subjetivo e mais subjetivo)

Nos termos de Rocha Lima (2017 [1958], p. 418), são classificados como *de ligação* aqueles verbos que não exercem mais a função predicativa da oração, papel que passa a ser desempenhado por um nome. Nesse uso, essas unidades exprimem aspecto de diversos tipos, como em *Pedro é doente* (permanente) ou *Pedro está doente* (transitório), e relacionam o predicado ao sujeito.

Cunha e Cintra (2017 [1984], p. 146-147) também apontam a responsabilidade de estabelecer uma ponte entre elementos nominais e de designar aspecto (de permanência, de transição, de mudança, de continuidade ou de aparência) como características do *verbo de ligação*. Como acréscimo, esses gramáticos pontuam que os itens que recebem esse rótulo não trazem ideia nova ao sujeito.

Por seu turno, Bechara (2009 [1999], p. 424-426) é avesso ao que a tradição gramatical distingue como *verbo de ligação*. Em sua gramática, esse estudioso sinaliza a existência de verbos, a exemplo do *ser, estar, ficar, permanecer e parecer*, que fazem referência vaga à realidade comunicada e que são acompanhados por um complemento que traz referência a traços essenciais do sujeito. Nos seus termos, essa estrutura não seria diferente daquela apresentada por verbos de complementação direta (em outras palavras: que portam objeto direto), pois a sua única particularidade é a concordância entre o sujeito e o predicativo.

Quando apresenta a classe dos verbos em seu compêndio, Neves (2000, p. 25), logo na introdução, denomina como *de ligação* os exemplares que constituem um predicado que é formado com um adjetivo. Entretanto, essa terminologia não é retomada. Já Perini (2010, p. 101-102) nem chega a utilizar o nome em sua obra, mas, ao falar de construções estativas, menciona que essas estruturas são caracterizadas por atribuir relação semântica entre o sujeito e o objeto ou entre o sujeito o sintagma adjetival. O verbo utilizado nesses casos não é diferenciado daqueles que ocorrem em orações transitivas ou intransitivas.

Castilho (2014, p. 397) demarca, por meio da alcunha *funcional*, os verbos que não são mais o núcleo da sentença, encargo que passou a ser atribuído ao constituinte à sua direta, posição ocupada por um sintagma nominal, adjetival, adverbial ou preposicional. Esses verbos ficam restritos, portanto, a portar as marcas morfológicas e a constituir sentenças apresentacionais, atributivas e equitativas.

Nesta tese, serão considerados os seguintes aspectos para classificar os usos de *estar* na função de *verbo de ligação*: 1) sofrer flexões de tempo, de modo, de número e de pessoa; 2) ligar-se a um sintagma adjetival (adjetivo ou locução adjetiva); 3) realizar a cópula entre as funções sintáticas de sujeito e de predicativo do sujeito; 4) não possuir valor semântico preenchido e, por vezes, deter referência concreta no mundo biossocial e, por outras, portar referência abstrata; 5) indicar que dada característica de um referente não é intrínseca ou estática, mas passageira ou adquirida com o tempo. A seguir, nos exemplos (015) e (016), há

um registro de forma plena e outro de forma reduzida do item *estar* como *verbo de ligação* na fala de Vitória/ES:

(015) [...] pra mim foi meio que complicado, assim, porque eu não... não... não sou... não *estou* muito acostumada a lidar com essas perdas, né? Todos os vestibulares que eu fiz, eu passei. Todas as... entendeu? E, de repente, agora, eu fui fazer a prova do... do... pro inglês e eu não consegui, não. Então eu voltei a estudar inglês pra... até pra me... pra melhorar o meu nível e ver se eu consigo um melhor resultado.

(PortVix – Célula 41: sexo feminino, 26 a 49 anos, mais de 11 anos de escolarização)

(016) Hoje o problema nas boates é muito sério, chama-se... é... às vezes você é viciado em... de acordo com a renda de cada um, principalmente as mulheres, os jovens *tá* acostumado todo final de semana numa boate. Você pode chegar numa boate, o cara te enfiar um comprimidozinho de êxtase no seu copo e cê nem perceber, aí você fica doidão, né? Sai dali, cê pode bater num carro, ter um troço e tal tal. Muito perigoso hoje... o índice de droga é violento, alto.

(PortVix – Célula 32: sexo masculino, 50 anos ou mais, 9 a 11 anos de escolarização)

Da mesma forma que ocorre na função de verbo principal, o item *estar* que desempenha o papel de *verbo de ligação* também apresenta forma variável na modalidade escrita da língua. Tomando como base as histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, *corpus* que será analisado nesta tese, encontram-se os exemplos (017) e (018), em que há ocorrências plenas e reduzidas de verbo de ligação com adjetivos simples. Já em (019) e (020), há registros com locuções adjetivas:

a) Verbo de ligação com adjetivo simples:

(017) Você *está* limpo! Limpinho!

(Cebolinha, nº 2, Editora Abril, década de 1970, p. 60)

(018) Você *tá* limpo!

(Almanaque do Cebolinha, nº 89, Editora Globo, década de 2000, p. 6)

b) Verbo de ligação com locução adjetiva:

(019) Esse nariz *está* com defeito [defeituoso]!

(Cebolinha, nº 19, Panini Comics, década de 2000, p. 39, com acréscimo)

(020) Ei, Gunka! A sua papataca *tá* com defeito [defeituosa]!

(Chico Bento, nº 11, Panini Comics, década de 2000, p. 50, com acréscimo)

Para os fins analíticos desta tese, foi pertinente dividir as ocorrências dos *verbos de ligação* em dois conjuntos, os *menos subjetivos*, como em (021) e (022), e os *mais subjetivos*, como em (023) e (024):

a) Verbo de ligação menos subjetivo:

(021) *Estou* acordado, sim! Aquêles dois é que não estão certos!

(Mônica, nº 7, Panini Comics, década de 1970, p. 25)

(022) Bolas! *Tô* acordado, mesmo!

(Cascão, nº 10, Panini Comics, década de 2000, p. 10)

b) Verbo de ligação mais subjetivo:

(023) A “*talde*” *está* uma delícia!...

(Mônica, nº 7, Panini Comics, década de 1970, p. 19)

(024) Este torresminho *tá* uma delícia!

(Cascão, nº 12, Editora Globo, década de 1980, p. 26)

A diferença entre os dois grupos reside no fato de que os usos em (021) e (022) não são tão avaliativos quanto em (023) e (024). Estar acordado significa não estar dormindo, quase como uma relação de oposição. Ver uma pessoa de pé, de olhos abertos e se movimentando e julgar que ela não está acordada não é uma situação possível. Já o fato de algo estar delicioso é a apreciação de uma pessoa ou de um grupo e não se constitui como uma verdade para todos – aquilo que é delicioso para alguém pode não ser delicioso para outro.

Essa postura foi adotada porque Pinheiro (2019) constatou, em sua dissertação sobre a expressão do *estar* na fala de Vitória/ES, que as funções mais gramaticalizadas (e, portanto, mais abstratas) do referido item eram favorecedoras das formas reduzidas. Sendo assim, a separação proposta tem o intuito de verificar se favorecimento também ocorria dentro dos *verbos de ligação*.

1.1.3.3 Verbo auxiliar

Para Rocha Lima (2017 [1958], p. 182-186), os *verbos auxiliares* são aqueles que acompanham as formas nominais de infinitivo, de particípio e de gerúndio de outros verbos para formar tempos compostos. Essas estruturas servem para traduzir determinados aspectos que não são expressos por verbos simples. Como exemplares fundamentais desse grupo, o gramático cita o *ter*, o *haver* e o *ser* na voz passiva.

Cunha e Cintra (2017 [1958], p. 401 e 408-412) vão na mesma direção de Rocha Lima, apontando que os auxiliadores são o elemento que se junta às formas nominais de *verbos principais* para designar matizes significativas especiais. Os dois acrescentam ainda três características a esse grupo: ele é total ou parcialmente desprovido de acepção própria, o *estar* também é um de seus representantes principais e fica a categoria responsável pela conjugação do *verbo principal*.

Bechara (2009 [1999], p. 230-233) não aponta nada de diferente em relação aos gramáticos anteriores. Em sua obra, é chamado de *auxiliar* o verbo que forma locução com o *verbo principal* em uma de suas formas nominais. Além disso, é ressaltado que apenas o auxiliar recebe as flexões de tempo, modo, número e pessoa.

Por sua vez, Perini (2010, p. 237) diz que os *verbos auxiliares* são aqueles que se combinam com o infinitivo, particípio ou gerúndio de outro verbo para criar uma sequência semântica e de valência semelhante a uma forma verbal simples. Para exemplificar, esse autor pontua que *estou cantando* funciona, para efeitos de valência, como *cantávamos*. Assim, as noções de tempo, de modo, de número e de pessoa, que antes eram expressas por uma desinência, passam a ser codificadas por um verbo.

Neves (2000, p. 63-65) determina como *auxiliar* os usos em que o verbo não constitui predicado e, ao mesmo tempo, sinaliza tempo e voz. É interessante notar que a linguista não inclui o *estar* nesse conjunto. Em sua gramática, há uma categoria chamada de *verbos aspectuais*, na qual esse item se insere e pode indicar o desenvolvimento de um evento (aspecto cursivo – *Ricardo estava falando com João Camilo*), progressão (aspecto progressivo – *o próprio cartão magnético está evoluindo para garantir maior segurança e inviolabilidade*) ou o resultado de um evento (aspecto resultativo – *o problema dos homens está resolvido/o Supremo falou, está falado*).

Finalizando, há a definição elaborada por Castilho (2014, p. 392 e 397). Seu compêndio traz que os *verbos auxiliares* desempenham papel similar aos verbos funcionais (como o *verbo de ligação*), com a diferença de que, à sua direta, está um *verbo principal* (o autor os denomina de *pleno* ou *auxiliado*). Os auxiliares são responsáveis pela atribuição das categorias de número e de pessoa, especializando-se na indicação de aspecto, de tempo, de voz e de modo.

Neste estudo, serão classificados como *verbo auxiliar* os usos do *estar* que portarem as seguintes características: 1) sofrer as flexões de tempo, modo, número e pessoa do *verbo principal* na forma de gerúndio, com o qual formam uma locução verbal; 2) a locução verbal formada por *estar* + gerúndio deve indicar uma ação progressiva de aspecto contínuo ou habitual; 3) não possuir significação semântica e referência no mundo biossocial, seja ela concreta ou abstrata.

Novamente com base na fala de Vitória, capital do Espírito Santo, há a seguir dois exemplos em que item *estar* que cumpre o papel de *verbo auxiliar*, o primeiro sem redução morfofonológica (025) e o segundo com redução morfofonológica (026):

(025) [...] minha mãe, ela levou... levou ao psicólogo. Eu até lembro dessa consulta. Ficava mostrando aquelas figuras. “O que você está vendo aqui?”, né? “Desenha uma figura e tal”... desenhava lá... estranho...

(PortVix – Célula 36: sexo masculino, 15 a 25 anos, mais de 11 anos de escolarização)

(026) Não é como uma água da praia. A da praia pelo menos você não tá vendo nada. A água da praia também não é limpinha, né? Mas você não tá vendo nada. É limpinha porque você-você olhando assim fala que é limpa, mas a água aqui da maré, você vê

muito, aí você fica... fica meia cismada.

(PortVix – Célula 12: sexo feminino, 15 a 25 anos, 1 a 8 anos de escolarização)

Nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, *corpus* que será investigado nesta pesquisa, também há registro, na modalidade escrita da língua, da variação entre as formas plenas e reduzidas do item *estar* que desempenham a função de *verbo auxiliar*, como é possível observar nos exemplos (027) e (028) que seguem:

(027) ... e a planta falava... e sabia o que eu *estava* pensando!

(Mônica, nº 4, Panini Comics, década de 1970, p. 22)

(028) Ela *soble* isso que eu *tava* pensando!

(Cascão, nº 19, Panini Comics, década de 2000, p. 39)

Outra possibilidade é que as estruturas formadas com o *estar* na função de verbo auxiliar + o gerúndio de um *verbo principal* indiquem fenômeno da natureza, como nos exemplos (029) e (030) adiante:

(029) É melhor você ir! Já... *está* escurecendo! E a lua já vem aí!

(Chico Bento, nº 238, Editora Globo, década de 1990, p. 13)

(030) Já *tá* escurecendo! Pelo jeito, perdi a chance de me desferrar!

(Magali, nº 156, Editora Globo, década de 1990, p. 15)

1.1.3.4 Marcador discursivo

Delimitar o que vem a ser um *marcador discursivo* é uma tarefa difícil devido ao seu caráter multifuncional. Para Schiffrin (2001, 67), esses elementos

nos informam não apenas sobre as propriedades linguísticas (como por exemplo, significados semânticos e pragmáticos, fonte, funções) de um conjunto de expressões que são empregadas com frequência e a organização de interações e situações sociais em que elas são usadas, mas também sobre os aspectos cognitivos e expressivos e a competência social e textual de quem os usa⁶.

A sugestão da autora é que a classificação desses operadores seja uma consequência da abordagem do estudo do discurso, com seus bancos de dados, métodos e teoria. Esse seria o motivo, portanto, de haver tantas definições para essa função.

É possível observar o aspecto mencionado acima em Freitag (2001), que faz uma breve introdução do que alguns linguistas definem como *marcador discursivo*. Para essa tarefa, a pesquisadora traz à baila as conceituações de Marcuschi (1989), Castilho (1989), Macedo e Silva (1996), Risso, Silva e Urbano (1996), Martelotta (1997) e Estrada (1999).

Primeiramente, de acordo com Marcuschi (1989), os *marcadores discursivos* podem acumular uma série de funções. Eles funcionam como um fator que auxilia na coesão textual (ligando unidades discursivas), que hierarquiza e topicaliza argumentos e que opera como dêitico discursivo (resgatando ou antecipando informações). Para mais, há de se ressaltar a sua relativa independência sintática quanto aos demais componentes da sentença.

Segundo Castilho (1989), essa função pode ser caracterizada pelas suas propriedades sintáticas (interligar unidades discursivas, atuando como itens anafóricos e catafóricos), semântica (balizar a sucessão de informações) e pragmáticas (sinalizar como o falante está monitorando a interação com o seu interlocutor). Em sua acepção, os *marcadores discursivos* são definidos a partir de um enquadre discursivo. Eles seriam um segmento de texto que semanticamente preserva a coerência temática, possuindo um núcleo (uma ou mais orações) e duas margens (facultativas), que se constitui tanto de material linguístico quanto não verbal (como gestos e expressões faciais).

É relevante mencionar que, das seis gramáticas consideradas nesta pesquisa, apenas a de Castilho (2014, p. 229-230) faz o registro do que é um *marcador discursivo*. Retomando o seu estudo anterior (CASTILHO, 1989), a sua preferência é por separar esses elementos em *marcadores pragmáticos ou interpessoais*, com orientação voltada para o interlocutor (*olha.../ como você sabe / ...tô entendendo... / ...claro... / entendeu? / não é mesmo?*), e em *marcadores*

⁶ Tradução própria e adaptada. Trecho original: *Discourse markers tell us not only about the linguistic properties (e.g. semantic and pragmatic meanings, source, functions) of a set of frequently used expressions, and the organization of social interactions and situations in which they are used, but also about the cognitive, expressive, social, and textual competence of those who use them.*

textuais ou ideacionais, orientados para o texto (*bom... / assim... / pera aí, sem essa / vamos lá... / sei lá / e coisa e tal*).

Por sua vez, Macedo e Silva (1996) apontam que os *marcadores discursivos* (ou *conversacionais*) são operadores típicos da fala e encontram-se com menos frequência na língua escrita. Especificamente sobre as unidades *tá?* e *certo?*, alvos do estudo de Freitag (2001), elas ressaltam a função de manter aberto o canal comunicativo com o interlocutor, configurando-se como requisitos de apoio discursivo.

Em análise para elencar potenciais candidatos a *marcador discursivo*, Risso, Silva e Urbano (1996) listam as características daqueles que seriam os representantes prototípicos dessa função. Os exemplares centrais dessa categoria atuam na organização da interação textual; são independentes (ou seja, não fazem parte da estrutura da sentença); têm demarcação prosódica (há rebaixamento do tom no final da unidade); não constituem enunciado completo quando estão sozinhos; possuem formas reduzidas (três sílabas tônicas no máximo), são mais ou menos fixos e pouco propensas à variação fonológica, flexional ou de construção – o que demonstra predisposição à cristalização.

Na compreensão de Martelotta (1997), os *marcadores* possuem função pragmático-discursiva e viabilizam, na fala, as relações de produção e de recepção linguística, que podem sofrer ruídos causados por diversos fatores, como a falta de atenção dos interagentes, reformulações, pausas para reflexão *etc.*

Estrada (1999) aponta as mesmas particularidades salientadas por Macedo e Silva (1996), mas, para rotular *tá?* e *certo?*, essa autora prefere a terminologia *marcadores tag*, por causa da curva entoacional. Segundo a linguista, a modulação dos *marcadores* é relativa à intencionalidade do falante. Se há entoação ascendente, há inclinação para continuar a interação.

Para a análise proposta aqui, serão classificados como *marcadores discursivos* os usos do *estar* que atendem aos seguintes aspectos: 1) possibilidade de sofrer flexões de tempo, de número e de pessoa; 2) aparecer ao final da sentença; e 3) deter a função de organizar o discurso, sendo um operador fático que chama a atenção do interlocutor para aquilo que está sendo dito. A seguir, nos exemplos (031) e (032), referente à fala de Vitória, capital do Espírito Santo, há ocorrências do item *estar* na função de *marcador discursivo*:

- (031) Isso é uma coisa e não é todo mundo, *tá?* Mas a maioria das pessoas não sabem lidar com essa situação, não sabem dominar isso e deixam/acabam sendo dominadas por isso, né? Pela autova/pela vaidade, né? Então, isso acho que é uma coisa que acontece em qualquer insti-instituição que tenha uma função de autoridade, né? Diante da sociedade.

(PortVix – Célula 40: sexo masculino, 26 a 49 anos, mais de 11 anos de escolarização)

- (032) Primeira coisa, vocês não são tão culpadas assim, porque se vocês forem à biblioteca, muita coisa vocês não vão achar, *tá?* No exterior, te dá o assunto, existe três, quatro, cinco livros que têm artigo sobre aquilo. Então você vai lá, pega e lê (ininteligível), mas aqui, também falo isso pros meus alunos, o mal mais sério nosso, é que o aluno não é estudante, entendeu? Ele não é estudante.

(PortVix – Célula 43: sexo masculino, 50 anos ou mais, mais de 11 anos de escolarização)

Nesses dois registros, *tá?* e *tá bom?*, os falantes fazem a manutenção do canal comunicativo, requerendo a concentração da pessoa com a qual interagem. Ambos os *marcadores discursivos* são expressos em sua forma morfofonologicamente reduzida, isso porque, como constata Pinheiro (2019), na variedade capixaba não há ocorrência de formas plenas dessa função.

Uma outra particularidade dos *marcadores discursivos* na modalidade falada da língua é a possibilidade de também funcionarem como preenchedores de pausa, a fim de evitar silêncios constrangedores enquanto o falante constrói ou reformula o seu discurso, como nos exemplos (033) e (034):

- (033) Aí... *tá*... nossa, meu braço doía tanto que eu fui e mostrei pra ela assim [...].

(PortVix – célula 42: sexo feminino, 26 a 49 anos, mais de 11 anos de escolarização)

- (034) Eu lembro disso... aí tinha... aí minha mãe... aí eu queria... “mãe! Vem buscar minha mamadeira!” (risos) Não sei porquê, mas eu queria que ela pegasse mi-minha mamadeira, não sei... pegasse e levasse... aí... *tá*... eu peguei, fui lá pra [...].

(PortVix – célula 42: sexo feminino, 26 a 49 anos, mais de 11 anos de escolarização)

Em gêneros textuais que se expressam em meio gráfico, mas que são atravessados por características da conversação oral (MARCUSCHI, 2008a, 2008b), como é o caso das histórias em quadrinhos, igualmente há presença do item *estar* na função de *marcador discursivo*, em sua forma plena (035) e forma reduzida (036):

(035) Peraí! Mas seu cachorro não está junto, *está?*

(Mônica, nº 1, Panini Comics, década de 2000, p. 35)

(036) Tá imitando o Mingau, *tá?*

(Cebolinha, nº 21, Panini Comics, década de 2000, p. 61)

É interessante notar que, em ambos os casos acima, o *estar* ainda conserva as suas flexões de tempo, de número e de pessoa. Caso o sujeito, tanto em (035) quanto em (036), fosse pluralizado, o *está?* e o *tá?* *marcadores discursivos* teriam as marcas morfológicas alteradas, situação ilustrada em (037) e (038), exemplos hipotéticos.

(037) Peraí! Mas seus cachorros não estão juntos, *estão?*

(038) Peraí! Mas seu cachorro não está junto, *está?*

Por outro lado, há ocorrências do referido item na função de *marcador discursivo* em que o *estar* perde a possibilidade de sofrer flexões de tempo, de número e de pessoa ou mesmo de se manifestar em sua forma morfofonológica plena, como é o caso do exemplo (039).

(039) E, depois, eu prefiro que você me dê outro brinquedo, *tá?*

(Mônica, nº 84, Editora Globo, década de 1990, p. 17)

Mesmo que todos os elementos possíveis do dado (039) sejam pluralizados, como demonstrado hipoteticamente em (040), o marcador *tá?* não sofreria nenhuma alteração e, se sofresse, ele constituiria uma sentença que é agramatical no português brasileiro – exemplo

(041). De igual maneira, se o *estar* fosse expresso em sua forma plena (042), isso também daria origem a uma sentença agramatical.

(040) E, depois, nós preferimos que vocês nos deem outros brinquedos, *tá?*

(041) E, depois, nós preferimos que vocês nos deem outros brinquedos, *tão?**

(042) E, depois, eu prefiro que você me dê outro brinquedo, *está?**

Até o presente momento, foram dados exemplos em que o item *estar* na função de *marcador discursivo* era utilizado isoladamente, sem nenhum complemento, seja em registro falado ou escrito. Além da possibilidade de manifestar-se sozinho, o referido item pode ser acompanhado por advérbios – exemplos (043) e (044); adjetivos – todas as ocorrências são reduzidas, como nos exemplos (045) e (046); verbos – exemplos (047) e (048); ou até mesmo por mais de um elemento – exemplos (049) e (050)⁷.

a) Marcador discursivo acompanhado por advérbio:

(043) ... Houve uma mudança de planos! O palhaço vai entrar no bolo aí mesmo, *está bem?*

(Magali, nº 156, Editora Globo, década de 1990, p. 6)

(044) Com você, mesma! ... E não banque a *olgulhosa*, *tá bem?*

(Cebolinha, nº 2, Editora Abril, década de 1970, p. 9)

⁷ Considerando os exemplos da presente subseção, a Prof.^a Dr.^a Maria Edair Görski (UFSC), uma das avaliadoras desta tese, sugere que os casos nos quais o item *estar* ainda mantenha traços verbais, como os dados (035) e (036), sejam interpretados como *contextos pontes (bridge context)*, nos termos de Heine (2002), que permitiram a mudança funcional do referido item de um *verbo* para um *marcador discursivo*. Apenas as ocorrências semelhantes a (039), em que o *estar* apresenta opacidade estrutural e semântico-pragmática, é que seriam de fato *marcadores discursivos*. De igual maneira, a Prof.^a Dr.^a Amanda Heiderich Marchon (UFES), também uma das avaliadoras desta tese, chamou a atenção para a presença de *contextos críticos*, nos termos de Diewald (2002, 2006), estágio em que o elemento em processo de gramaticalização demonstra opacidade semântica, pragmática e estrutural, mas sem sofrer mudança. As propostas de hierarquia contextual de Heine (2002) e de Diewald (2002, 2006) apresentam semelhanças e particularidades, como apontam Oliveira e Rocha (2016) e Oliveira (2022). Em pesquisas futuras, é de grande valia que tais conceitos sejam levados em consideração para refinar a análise da variação entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*. Para o trabalho em tela, contudo, foram considerados como *marcadores discursivos* todas as ocorrências exemplificadas na subseção 1.1.3.4 *Marcador discursivo*, nas quais o *estar*, de maneira autônoma ou acompanhado de algum elemento, compõe estruturas que funcionam de modo a fazer a manutenção do canal comunicativo entre os interlocutores.

b) Marcador discursivo acompanhado por adjetivo:

- (045) Ah! Está nada! O senhor está brincando com essa maquininha aí, que eu vi! ***Tá legal?***
(Casção, nº 423, Editora Globo, década de 2000, p. 12)
- (046) Amanhã eu passo na sua casa, ***tá celto?***
(Cebolinha, nº 2, Editora Abril, década de 1970, p. 61)

c) Marcador discursivo acompanhado por verbo:

- (047) Isso é péssimo pro turismo, ***estão sabendo?***
(Casção, nº 23, Panini Comics, década de 2010, p. 16)
- (048) Qual é, meu? Eu sou muito macho, ***tá sabendo?***
(Almanaque da Magali, nº 14, Editora Globo, década de 1990, p. 72)

d) Marcador discursivo acompanhado por mais de um elemento:

- (049) Pra não ter briga, eu vou dispensar o Xaveco e sair com um de vocês, ***tá legal assim?***
(Almanaque do Cebolinha, nº 4, Editora Abril, década de 1980, p. 74)
- (050) Nhô Lau! Eu num tô lá na sua goiabeira! Tô bem aqui, ***num tá vendo?***
(Chico Bento, nº 10, Panini Comics, década de 2000, p. 22)

1.1.3.5 Expressão cristalizada

Na pesquisa em tela, para fins analíticos, são consideradas *expressões cristalizadas* as construções que se formam a partir do processo cognitivo de domínio geral denominado como *chunking* (agrupamento). Nos termos de Bybee (2016 [2010]), esse é o procedimento por meio do qual elementos que recorrentemente são utilizados juntos se combinam para formar unidades mais complexas. Ainda segundo a autora,

Como um processo de domínio geral, *chunking* ajuda a explicar por que as pessoas se aprimoram em tarefas cognitivas e neuromotoras com a prática. Na linguagem,

chunking é básico para a formação de unidades sequenciais expressas como construções, constituintes e expressões formulaicas. Sequências repetidas de palavras (ou morfemas) são embaladas juntas na cognição de modo que a sequência possa ser acessada como uma unidade simples (BYBEE, 2016 [2010], p. 26).

Construções formadas a partir de *chunking* são parcialmente esquemáticas, contendo partes fixas e posições que podem ser preenchidas por componentes que pertencem a uma mesma categoria semântica. Essa particularidade pode ser observada em usos como *It drives me crazy* (isso me deixa louco), que constitui um esquema cuja posição de sujeito da oração pode ser ocupada por qualquer sintagma nominal, seguida de uma forma flexionada do verbo *drive*, de um sintagma nominal que desempenha o papel de um experienciador animado e geralmente humano (normalmente um pronome) e de um adjetivo ou item semanticamente equivalente, na devida ordem. Dessa maneira, casos como *They drive you mad* (eles deixam você louco), *A slow-witted girl drove him mad* (uma menina de compreensão lenta deixou ele louco), *It drove the producer mad* (isso deixou o produtor louco) e *This room drives me up the wall* (essa sala me faz subir as parede) seguem a mesma sequência que *It drives me crazy*, em que apenas o verbo é um integrante fixo (BYBEE, 2016 [2010], p. 54-55).

Em conclusão, para a linguista (BYBEE, 2016 [2010], p. 66) “[t]odos os tipos de expressões convencionalizadas, das pré-fabricadas às idiomáticas e às construções, podem ser considerados *chunks* para fins de processamento e análise”.

Sendo assim, serão elencados como *expressão cristalizada* os usos do *estar* que detêm as seguintes características: 1) possibilidade de sofrer flexões de tempo, de modo, de número e de pessoa; 2) constituir construções que se formam a partir da reanálise da utilização do *estar* que desempenha as funções de *verbo principal*, de *verbo de ligação* e de *verbo auxiliar*; e 3) o valor semântico da construção deve ser dependente do contexto e de todos os elementos linguísticos que a formam, além do novo sentido ser mais abstrato em relação original.

Nos exemplos (051), (052) e (053) que seguem, é possível contemplar *expressões cristalizadas*, na fala e na escrita, que são formadas a partir do item *estar* na função de verbo principal:

a) Expressão cristalizada formada a partir de verbo principal:

(051) Vou dizer pra você que sei/não sei mais, porque eu só ando de carro. Carro pra mim é fundamental. Eu sem um carro não vou a lugar nenhum, porque é... eu me locomovo pra vários lugares... hum... hum... é... assim... num mesmo dia. Eu tenho muitos compromissos num lugar, num outro, embora eu trabalhe de uma às sete na mesma escola, tem dia que eu vou pra uma outra escola, eu vou pra... enfim, leva menino pra aqui, pra lá de manhã e tal. Eu tenho... eu sem carro, minha vida é... dependeria assim... eu demandaria um tempo muito maior, eu faria muito menos coisa. Então eu não sei andar de ônibus é... não sei aonde é a rota deles. O que eu vejo é o seguinte, eu vejo de fora, de quem *tá de fora* é... e de quem usa e que comenta, né? Minha empregada, meus funcionários, né? Que sup/em horários de... de pique, são superlotados.

(PortVix – Célula 41: sexo feminino, 26 a 49 anos, mais de 11 anos de escolarização)

(052) Me recuso a participar dessa brincadeira politicamente incorreta! *Estou fora!*

(Almanaque da Magali, nº 59, Panini Comics, década de 2010, p. 75)

(053) E ficar careca todas as vezes? *Tô fora!*

(Cebolinha, nº 212, Editora Globo, década de 2000, p. 64)

Nessas três ocorrências, *estar de fora/estar fora* não indica um posicionamento em relação a um espaço físico, mas sim a não aderência do sujeito da sentença a certo evento, como a participação em uma brincadeira ou fazer algo que o deixe careca. Ou seja, a acepção original que designa um locativo abre espaço para uma nova significação semântica, que é mais abstrata em relação ao sentido primário.

b) Expressão cristalizada a partir de verbo de ligação:

(054) [...] se for depender de ambulância, de taxi, de ônibus, eu *tô ferrado*...

(PortVix – Célula 27: sexo masculino, 26 a 49 anos, 9 a 11 anos de escolarização)

(055) *Tô ferrado! Tô frito!*

(Almanaque da Magali, nº 12, Editora Globo, década de 1990, p. 43)

(056) Já *estou cheio* desse cara!

(Mônica, nº 107, Editora Globo, década de 1990, p. 68)

(057) Bem... Se é essa maravilha... Eu vou! Já *tô cheio* daqui

(Cebolinha, nº 86, Editora Globo, década de 1990, p. 56)

Da mesma forma que ocorre nos dados (051), (052) e (053), os exemplos (054) a (057) são mais abstratos em relação ao seu uso original. Nos dois primeiros casos, (054) e (055), as expressões *estar ferrado* e *estar frito* não indicam literalmente que alguém foi marcado a ferro tal qual um animal de gado ou que foi cozinhado em alta temperatura, na devida ordem. Essas construções são corriqueiramente utilizadas para indicar que um indivíduo se encontra em uma situação complicada e difícil de ser resolvida. Em sequência, variando entre a forma plena (056) e reduzida (057) do item *estar*, *estar cheio* não sinaliza que alguém possui muitas unidades de uma determinada coisa ou que um objeto está preenchido em abundância. Essa expressão designa, de fato, que o sujeito já não aguenta mais experienciar um certo evento ou conviver com uma pessoa qualquer.

c) Expressão cristalizada formada a partir de verbo auxiliar:

(058) [...] você vê e não pode fazer nada, isso entristece muito é... você vê criança, em maternidade mesmo que eu trabalhei, de eu ver a mãe de primeiro filho morrendo de dor e a mãe/e a médica dormindo. Quando a gente vai lá chamar: “ah primeiro filho é assim mesmo”... aí... daqui a pouco, a mãe começa a sangrar sangra, aí eu ia lá correndo, chamava a médica, quando a médica via que o negócio *tava pegando* mesmo [...]

(PortVix – Célula 34: sexo feminino, 50 anos ou mais, 9 a 11 anos de escolarização)

(059) Mas *estou morrendo de fome*! Você poderia me levar até aquela árvore, ali?

(Mônica, nº 9, Panini Comics, década de 1970, p. 41)

(060) Mãe, abre! *Tô morrendo de fome*!

(Mônica, nº 79, Panini Comics, década de 2010, p. 40)

As ocorrências (058), (059) e (060) seguem na mesma linha dos exemplos anteriores, nos quais as *expressões cristalizadas* se constituem a partir do item *estar* nas funções de

verbo principal e de *verbo de ligação*. *Estar pegando*, formado a partir de um *verbo auxiliar*, significa que o contexto vivido é complexo e de difícil resolução, não se referindo ao ato físico de pegar algo com as mãos. Por sua vez, *estar morrendo*, também formado a partir de um *verbo auxiliar*, exprime a ideia de que o sujeito sente algo, seja físico ou emocional, de forma extrema ou até mesmo exagerada, às vezes podendo não corresponder à verdade. Não existe, ao menos em (059) e (060), a concepção de que ele está perdendo a sua vida.

Em todas as ocorrências de *expressão cristalizada* apresentadas até aqui, entre os exemplos (051) e (060), é interessante notar que o item *estar* conserva as suas flexões de tempo, de modo, de número e de pessoa. Entretanto, também é possível que esses usos sejam descategorizados (percam privilégios morfossintáticos) e deixem de apresentar uma ou todas as noções mencionadas. A título de ilustração, os exemplos expostos em (061) e (062) não admitem a flexão de pessoa, ocorrendo apenas na terceira pessoa.

(061) Isso *está me cheirando* mal!

(Cebolinha, nº 147, Editora Abril, década de 1980, p. 17)

(062) Hum! Isso *tá me cheirando* a algum plano!

(Mônica, nº 110, Editora Globo, década de 1990, p. 75)

Estar cheirando sinaliza que um indivíduo considera algo suspeito, não possuindo a referida construção relação com o sentido olfativo. Esse uso não pode ocorrer se o referente do item *estar* for flexionado para a primeira ou terceira pessoa, pois, aí sim, haveria associação com o olfato, indicando que alguém ou algo está portando mal cheiro, ou seja, uma significação literal.

Outras *expressões cristalizadas*, como *estar aí*, que introduz algo que o falante não havia pensado anteriormente ou faz referência a uma informação que precisa ser destacada, não admitem nenhum tipo de flexão. Sua representação gráfica nas revistas da *Turma da Mônica*, por vezes, ocorre de forma aglutinada (*estar + aí = taí*) e quase sempre no início da sentença, como em (063).

(063) *Taí* uma coisa que parece ser sempre a mesma! O final da história!

(Parque da Mônica, s.n., Editora Globo, década de 1990, p. 43)

Em síntese, vale novamente mencionar e frisar que a *expressão cristalizada* está sendo considerada como uma *função* porque esse rótulo engloba os usos mais gramaticalizados das *funções de verbos principais, dos verbos de ligação e dos verbos auxiliares*.

1.1.3.6 Sobreposição de funções

Por fim, vale mencionar um caso especial em que o item *estar*, em uma única ocorrência, desempenha mais de uma das cinco funções especificadas anteriormente (*verbo principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, marcador discursivo e expressão cristalizada*), fenômeno que é comum em processos de gramaticalização. Nos dados abaixo, é possível observar, nas modalidades falada e escrita da língua, usos em que o *estar* amalgama as funções de *verbo principal + verbo de ligação*, de *verbo principal + verbo auxiliar*, de *verbo de ligação + verbo auxiliar* e de *verbo principal + verbo de ligação + verbo auxiliar*:

a) Verbo principal + verbo de ligação:

(064) Às vezes, eu *tô deitada ali na... no quarto...* eu fico com a lu/quase escuro porque a lâmpada é em cima da cama, né? assim logo no meio assim a gente deita fica aquele... foco em cima da gente, aí eu deixo tudo no escuro (risos), só a televisão ligada.

(PortVix – Célula 19: sexo feminino, 50 anos ou mais, 1 a 8 anos de escolarização)

(065) Não, bôbo! A estrelinha *está presa aqui, na gaveta!*

(As primeiras histórias da Mônica, *s.n.*, Editora Globo, década de 1970, p. 153)

(066) Ei, vô! Faz um tempão que você *tá aí, parado!*

(Cascão, nº 78, Editora Abril, Editora Abril, década de 1980, p. 20)

b) Verbo principal + verbo auxiliar:

(067) [...] é... conjugar os verbos tudo certinho, sabe? As coisa impecáveis... assim, as conjugações todas perfeitas... assim, concordância perfeita, assim, ela sempre foi... e eu acho que isso é uma coisa desse método dessa creche, dessa escolinha da... da

escola, entendeu? De... de... tipo assim, mostrar à criança... é... a coisa que, tipo assim, tratar a criança como uma pessoa inteligente, não apenas como uma criança, entendeu? Tratar como uma pessoa que *tá ali aprendendo* é... é... mostrar se a pessoa ali... “pra mim fazer” não! “Pra eu fazer”, “eu faço”, entendeu?

(PortVix – Célula 27: sexo feminino, 15 a 25 anos, mais de 11 anos de escolarização)

(068) Eu *estou brincando* de boneca, *do outro lado*! Quer brincar comigo?

(Mônica, nº 19, Panini Comics, década de 2000, p. 19)

(069) I hoje *tô aqui falando* cum eco sobre a minha vida...

(Chico Bento, nº 10, Panini Comics, década de 2000, p. 11)

c) Verbo de ligação + verbo auxiliar:

(070) Lá dentro da UFES, sofri dois acidente... eu *tava trabalhando abaixado*, foi até na reitoria da UFES.

(PortVix – Célula 13: sexo masculino, 26 a 49 anos, 1 a 8 anos de escolarização)

(071) Êle *está quietinho, dormindo*, seu diretor!... E o que mais poderia fazer neste presídio à prova de fugas?

(Mônica, nº 15, Panini Comics, década de 1970, p. 22)

(072) Acho que ela *tá distraída, ouvindo* música!

(Mônica, nº 79, Panini Comics, década de 2010, p. 12)

d) Verbo principal + verbo de ligação + verbo auxiliar:

(073) [...] e a criança *tava lá brincando quietinha*... realmente, eu não avisei pra... pra... secretária da escola lá na frente dizer “olha, se as mães do fulano, quando elas chegarem...” e as salas são uma ao lado da outra, né?!

(Chico Bento, nº 10, Panini Comics, década de 2000, p. 11)

(074) O que você *está fazendo aí, parada*, Mônica?

(Cascão, nº 70, Editora Abril, década de 1980, p. 15)

(075) Mas que pindarolas você *tá fazendo aí, sentado* na cadeira do Luca?

(Cascão, nº 10, Panini Comics, década de 2000, p. 5)

Além desses quatro casos, também há ocorrências em que o item *estar* que combina as funções de *verbo principal + expressão cristalizada*, de *verbo de ligação + expressão cristalizada*, de *verbo principal + verbo de ligação + expressão cristalizada* e de *marcador discursivo + expressão cristalizada*:

e) Verbo principal + expressão cristalizada:

(076) Vai por mim, amiguinho! É mais seguro aqui fora, mesmo! Lá dentro está um verdadeiro campo de guerra!

(Cascão, nº 40, Panini Comics, década de 2000, p. 14)

(077) Eu tô aqui num tédio só!

(Magali, nº 12, Panini Comics, década de 2000, p. 38)

f) Verbo de ligação + expressão cristalizada:

(078) Eu só queria saber o que deu no Cascão! Desde que vocês voltaram, ele está assim, emburrado!

(Cascão, nº 12, Panini Comics, década de 2000, p. 28)

(079) Tava quieta, cuidando da minha vida!

(Mônica, nº 9, Panini Comics, década de 2010, p. 61)

g) Verbo principal + verbo de ligação + expressão cristalizada:

(080) Oi, Mônica! Por que você está aí parada com essa cara?

(Super Almanaque do Mauricio, nº 1, Editora Globo, década de 1980, p. 51)

(081) Ele só tá aí parado, com cara de bobo!

(Cascão, nº 39, Panini Comics, década de 2000, p. 9)

h) Marcador discursivo + expressão cristalizada:

(082) Só estou lembrando quantos planos eu criei para emporcalhar o mundo! Estão ligados?

(Cascão, nº 37, Panini Comics, década de 2000, p. 3)

(083) Pintou aquele veio! Na boa! Ô que treta! *Tá ligado?*!

(Chico Bento, nº 22, Panini Comics, década de 2010, p. 27)

1.1.4 Algumas ocorrências da redução do item *estar* no português brasileiro

Até o presente momento, falou-se sobre a etimologia do item *estar* e de sua representação em dicionários, das formas como o referido item pode ser expresso (sem e com a perda de material fônico) e também acerca das funções que ele pode exercer (*verbo principal*, *verbo de ligação*, *verbo auxiliar*, *expressão cristalizada* e *marcador discursivo*). Para isso, foram utilizados exemplos da fala, considerando a variedade dos capixabas, e da escrita, a partir das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, como podemos observar novamente nos exemplos a seguir:

(084) Por/pelo fato da minha vida *estar* toda aqui, ou seja, eu tenho minha família aqui, apesar de ser a mesma igreja que tem lá, mas não é a mesma coisa, são pessoas diferentes. Eu *tô* acostumado aqui. A faculdade *está* aqui. Minha vida toda *tá* aqui. E eu *estando* lá durante a semana, fica difícil final de semana fazer as coisas aqui. Então, isso acaba atrapalhando. No começo é bom você conhecer outro lugar diferente. Eu conheci vários lugares que, se eu não tivesse ido pra lá, eu não conheceria.

(PortVix – célula 40: sexo masculino, 26 a 49 anos, mais de 11 anos de escolarização)

Imagem 1: ocorrências de forma plena e reduzida do item *estar* nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*



Fonte: Cebolinha, nº 10, Panini Comics, década de 2000, p. 17.

(085) Calma, Lu! *Está* havendo algum engano!!

(Cebolinha, nº 10, Panini Comics, década de 2000, p. 17)

(086) Ih, *tá* mal, hein, pai?

(Cebolinha, nº 10, Panini Comics, década de 2000, p. 17)

Tanto no excerto (084) quanto nos registros (085) e (086), referentes à Imagem 1, notam-se usos morfologicamente plenos e reduzidos do item *estar* exercendo diferentes funções. A intenção desta subseção é mostrar outras ocorrências do referido item em ambas as modalidades de uso da língua e em diferentes contextos, a fim de dar um breve panorama da abrangência desse fenômeno variável. Afinal, quais espaços as formas erodidas do *estar* – que

aqui serão consideradas inovadoras em relação às formas plenas – já ocupam?

Para começar essa exposição, toma-se como base as Imagens 2 e 3 a seguir, retiradas do perfil da empresa de varejo multicanal brasileira *Magazine Luiza* na rede social *Twitter* (atual *X*)⁸, datadas de 10 de junho de 2022. Nos retratos a seguir, nota-se quatro vezes a expressão cristalizada *estar rolando* em sua forma reduzida (*tá rolando*), utilizada para indicar a vigência de algum evento – se ele já aconteceu, está acontecendo ou ainda acontecerá. Na figura à esquerda, o item *estar* é grafado sem acento (*ta rolando*), enquanto na figura à direita o sinal gráfico é utilizado.

Imagem 2: expressão do item *estar* na rede social *Twitter*, no perfil da empresa de varejo multicanal brasileira *Magazine Luiza* (1)



Fonte: coletado pelo autor no endereço eletrônico twitter.com.

Imagem 3: expressão do item *estar* na rede social *Twitter*, no perfil da empresa de varejo multicanal brasileira *Magazine Luiza* (2)



Fonte: coletado pelo autor no endereço eletrônico twitter.com.

⁸ O *Twitter* é uma rede social e um serviço de *microblog* criado em 2006, nos Estados Unidos, que possibilita aos seus usuários não pagantes enviar e receber mensagens de até 280 caracteres, além de permitir o compartilhamento de imagens, de vídeos e de arquivos de áudio. Em julho 2023, quando a empresa foi comprada pelo bilionário Elon Musk, o nome *Twitter* foi substituído por *X*. Como as imagens coletadas para esta tese antecedem a substituição da logomarca, utilizaremos aqui o rótulo antigo. Informação disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/07/24/novo-logo-do-twitter-e-revelado.ghtml>. Acesso em: 9 fev. 2024.

Ainda nessa rede social, mas no perfil do serviço de *streaming* *Paramount+*, que iniciou as suas atividades no Brasil em março de 2021, há o registro de dois usos do item *estar* em um contexto sintático muito semelhante, o primeiro feito em 9 de setembro de 2022, na forma plena (Imagem 4 – *#Yellowstone está disponível no meu site e app. #ParamountPlus*), e o segundo feito em 18 de setembro de 2022, na forma reduzida (Imagem 5 – *NOVA temporada de #TheHandmaidsTale tá DISPONÍVEL e só te aguardando no meu app #ParamountPlus*). Em ambos os casos, o *estar* desempenhando a função de verbo de ligação.

Imagem 4: expressão plena do item *estar* na rede social *Twitter*, no perfil brasileiro do serviço de *streaming* *Paramout+* (1)



Fonte: coletado pelo autor no endereço eletrônico twitter.com.

Imagem 5: expressão reduzida do item *estar* na rede social *Twitter*, no perfil brasileiro do serviço de *streaming* *Paramout+* (2)



Fonte: coletado pelo autor no endereço eletrônico twitter.com.

Nas Imagens de 2 a 4, contempla-se o uso reduzido do item *estar* em um contexto publicitário, em perfis voltados para a divulgações de produtos e que são cuidadas por pro-

fissionais da área de comunicação. Todas trazem o referido item flexionado no presente do indicativo e na terceira pessoa do singular. Em publicações de usuários gerais do Twitter, também se notam as reduções, mas em outros tempos e modos verbais e pessoas do discurso, como nos três exemplos que seguem.

Imagem 6: expressão reduzida do item *estar* na rede social *Twitter*, em perfil de usuário comum (1)

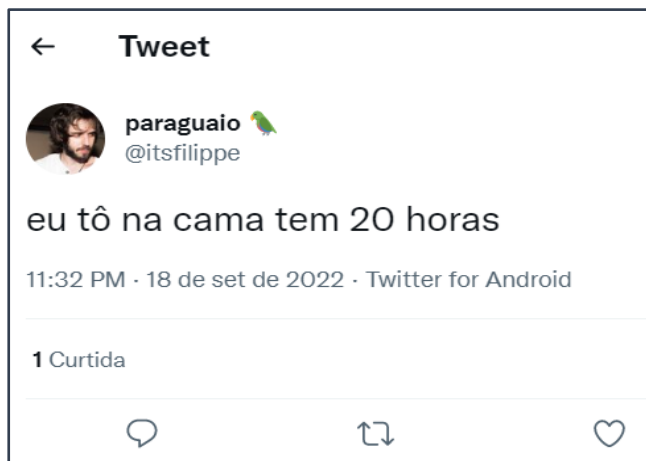


Imagem 8: expressão reduzida do item *estar* na rede social *Twitter*, em perfil de usuário comum (3)

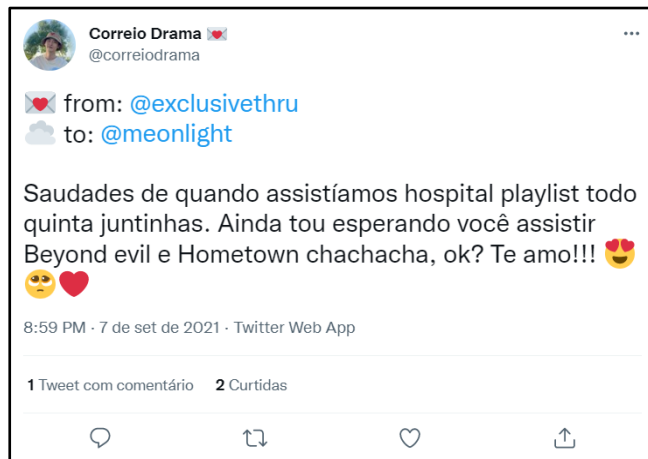
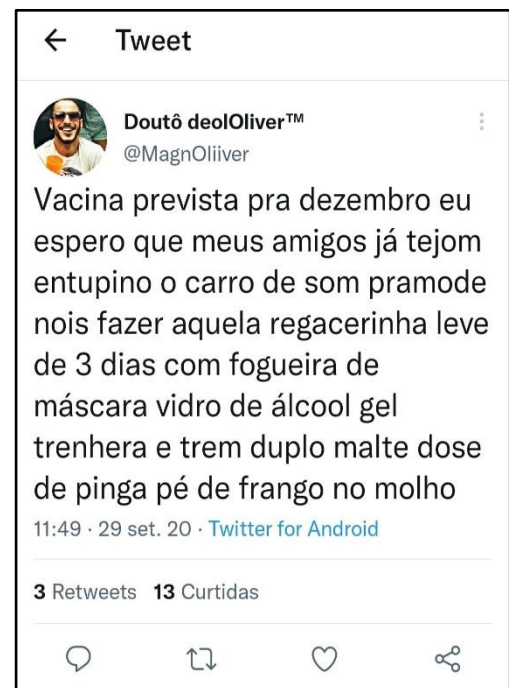


Imagem 7: expressão reduzida do item *estar* na rede social *Twitter*, em perfil de usuário comum (2)



Fonte: coletado pelo autor no endereço eletrônico twitter.com.

Em postagens gerais acerca de suas vidas, esses usuários fazem os seguintes usos: 1) Imagem 6 – *eu tô na cama tem 20 horas*, forma reduzida do item *estar* flexionada no presente do indicativo e na primeira pessoa do singular, desempenhando a função de verbo principal; 2) Imagem 7 – *Vacina prevista pra dezembro eu espero que meus amigos já tejom entupino o*

carro de som pramode nois fazer aquela regacerinha leve de 3 dias com fogueira de máscara vidro de álcool gel trenhera e trem duplo malte dose de pinga pé de frango no molho, forma reduzida do item *estar* flexionada no presente do subjuntivo e na terceira pessoa do plural, desempenhando a função de verbo auxiliar; 3) Imagem 8: *Ainda **tu** esperando você assistir Beyond evil e Hometown chachacha, ok?*, forma reduzida do item *estar* flexionada no presente do indicativo e na primeira pessoa do singular, desempenhando a função de verbo auxiliar. Nesse último caso, chama a atenção a grafia diferenciada da redução (*tu*), menos recorrente que o registro presente na Imagem 6 (*tô*).

Fora das redes sociais, é igualmente possível encontrar reduções do item *estar* em legendas de películas televisivas. As Imagens 9 e 10 trazem dois quadros do episódio inicial da quarta temporada do seriado *Stranger Things* (*O Clube*), da plataforma *Netflix*, programa mais reproduzido via *streaming* no ano de 2022⁹. No primeiro recorte, feito aos 17 minutos e 35 segundos, há a sentença *Apareça depois do almoço, tá?*, com o referido item na função de mercador discursivo. No segundo *frame*, feito aos 26 minutos, há a presença do *estar* reduzido e compoendo a expressão cristalizada *estar mais para*, que indica que alguém ou alguma coisa detém outra característica que não aquela que originalmente deveria ter, como na sentença *Tá mais para diarreia*.

Imagem 9: expressão reduzida do item *estar* no primeiro episódio da quarta temporada do seriado *Stranger Things*, do serviço de *streaming Netflix* (1)



Fonte: Netflix.

⁹ Informação disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/stranger-things-foi-a-serie-mais-reproduzida-por-streaming-em-2022>. Acesso em: 9 fev. 2024.

Imagem 10: expressão reduzida do item *estar* no primeiro episódio da quarta temporada do seriado *Stranger Things*, do serviço de *streaming Netflix* (2)



Fonte: Netflix.

A forma reduzida do item *estar* também aparece cristalizada em nomes de comércios, como nas Imagens 11 e 12, ou de produtos, como nas Imagens 13 e 14. No primeiro registro desse conjunto, feito no ano de 2022, tem-se o nome *ToBonita Express*, uma loja da cidade de Vila Velha, no estado do Espírito Santo, que oferece serviços de estética. Ao lado, há o nome *Talimpo*, loja de produtos de limpeza do município de Eusébio, no estado do Ceará – registro feito no ano de 2023.

Imagem 11: expressão reduzida do item *estar* em nome de loja (1)



Fonte: acervo da pesquisa.

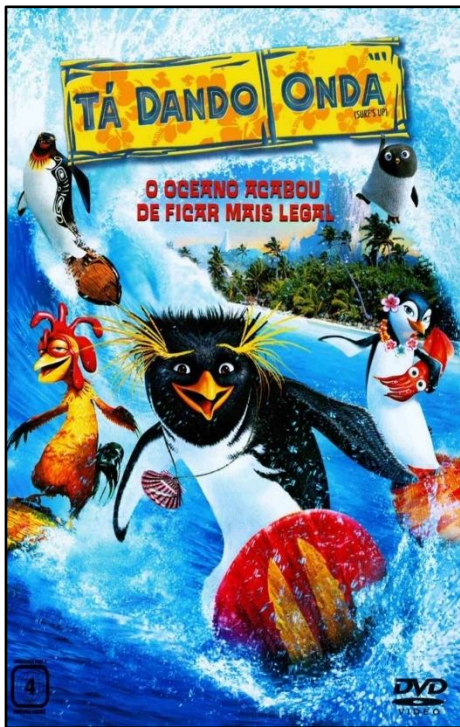
Imagem 12: expressão reduzida do item *estar* em nome de loja (2)



Fonte: acervo da pesquisa.

Abaixo, há pôsteres de duas animações voltadas para o público infantil que contam com a redução do item *estar* em seus títulos: 1) *Tá dando onda* (Imagem 13) é uma produção dos estúdios *Sony Pictures Animation* e *Columbia Pictures* lançada em outubro de 2007; já 2) *Tá chovendo hambúrguer* (Imagem 14) é uma obra das produtoras *Sony Pictures Animation*, *Columbia Pictures* e *Sony Pictures Imageworks* lançada em outubro de 2009.

Imagem 13: expressão reduzida do item *estar* em nome de produto (1)



Fonte:

<https://www.aabbportoalegre.com.br/url.php/detalhes/ta-dando-onda/2610?valor=biblioteca/detalhes/ta-dando-onda/2610>.

Imagem 14: expressão reduzida do item *estar* em nome de produto (2)



Fonte:

<https://www.themoviedb.org/movie/22794-cloudy-with-a-chance-of-meatballs/images/posters?language=pt-BR>.

Além da modalidade escrita, há registros da redução do item *estar* em vários contextos da oralidade. *A Mulher da Casa Abandonada* é um *podcast*¹⁰ do jornal *Folha de São Paulo* que conta com sete episódios, todos divulgados em plataformas de *streaming* de áudio entre os dias 8 de junho e 20 de julho de 2022. Com apresentação do jornalista paulistano Chico

¹⁰ *Podcast* é um programa em formato de áudio que fica disponível para os dispositivos que têm acesso à *internet*. O seu consumo é feito sob demanda, ou seja, os ouvintes podem escutar aquilo que querem na hora e no local que desejarem. O conteúdo das produções é bastante abrangente, englobando entrevistas, reportagens, previsões de horóscopo, aulas, contos de ficção, entre outros gêneros.

Felitti, é possível encontrar diversas reduções do item *estar* ao longo da narrativa que está sendo contada.

Imagem 15: página do *podcast A Mulher da Casa Abandonada*, da *Folha de São Paulo*, na plataforma de *streaming* de áudio *Spotify*



Fonte: *Spotify*.

Com o fim de ilustrar esses usos, considera-se o primeiro minuto do quarto episódio dessa série (*Uma Mulher e um Homem Livres*), no qual ocorreram as reduções do item *estar* transcritas nos dois exemplos a seguir. Em ambos, o referido item desempenha a função de verbo principal. No dado (086), *estar* foi flexionado na no presente do indicativo e na primeira pessoa do singular (*tô*), enquanto em (087) há uma ocorrência do *estar* na forma nominal de infinitivo impessoal.

(087) Eu *tô* no saguão de uma empresa de tecnologia na cidade de Dulles, no estado americano da Virgínia.

(088) Eu não deveria *tá* aqui. Tem uma placa na parede avisando em inglês e em espanhol que o lugar é uma área de segurança nacional, onde é proibido gravar, fotografar e até

mesmo entrar se você for uma pessoa avulsa que nem eu, mas eu cruço o saguão e vou até a bancada da recepcionista.

Em outros contextos jornalísticos, é igualmente possível encontrar ocorrências reduzidas do item *estar*. A fim de exemplificar esse fenômeno mais uma vez, foi considerada a edição do dia 23 de janeiro de 2024 do *Jornal Hoje* (Imagem 16), telejornal brasileiro produzido e exibido pela *TV Globo*, a maior emissora televisiva do Brasil, em sua programação vespertina e disponível em sua plataforma de *streaming*, a *Globoplay*.

Imagem 16: registro do programa *Jornal Hoje* do dia 23 de janeiro de 2024, telejornal produzido e exibido pela *TV Globo* em sua programação vespertina



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/12290863/>.

No momento dedicado à previsão do tempo, há dois registros reduzidos do item *estar*. No primeiro deles, feito aos 25 minutos e 2 segundos e transcrito no exemplo (088), o âncora responsável pela apresentação do telejornal naquele dia, Alan Severiano, convida a jornalista Jacqueline Brazil para dar os seus informes. Nesse trecho, é possível observar o *estar* em sua forma reduzida, flexionado no presente indicativo, na terceira pessoa do singular e exercendo a função de verbo principal. Já na transcrição do exemplo (089), que se inicia a partir dos 25 minutos e 41 segundos, a jornalista convidada faz o uso da redução do item *estar* na função de marcador discursivo (*Agora tá*), utilizada a fim de chamar a atenção do telespectador para o que vai ser dito em seguida. Ainda nesse trecho, há um uso da forma plena do item *estar* flexionado no presente do indicativo, na segunda pessoa do singular e exercendo a função de verbo auxiliar.

- (089) Então a gente vai direto pra previsão do tempo com a Jacqueline Brazil, que já *tá* por aqui. Fala, Jacque. Boa tarde.
- (090) Sim. Há esse alerta sim. O Cemaden, que é Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais, já falamos isso, mas é bom você ficar ligado, coloca em risco moderado pra alagamentos, deslizamentos, as áreas em amarelo, portanto parte do Sul, do Sudeste e também do Nordeste. Mas olhem só, risco alto, no sul da Bahia, Recôncavo Bahiano, pegando também a Região Metropolitana de São Paulo, de Minas Gerais, Litoral Paulista e o Rio de Janeiro. *Agora tá*, eu falo isso daqui pra vocês, né? Risco alto, risco moderado, pra você que *está* nos vendo, na prática, o que que isso significa?

Mesmo em apresentações formais acadêmicas, também há registros de ocorrências reduzidas do item *estar*. Para demonstrar esse cenário, considerou-se o evento *Abralin Ao Vivo*, promovido pela Associação Brasileiro de Linguística em seu canal no *YouTube*. Tomou-se como base a exposição do linguista Sírio Possenti, realizada em 6 de maio de 2020, cujo título é *Por que o humor interessa a linguistas e a analistas do discurso?* (Imagem 17).

Imagem 17: capa da apresentação do linguista Sírio Possenti no evento *Abralin Ao Vivo*, no canal do *YouTube* da Associação Brasileira de Linguística



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=csmXQymma0Y>.

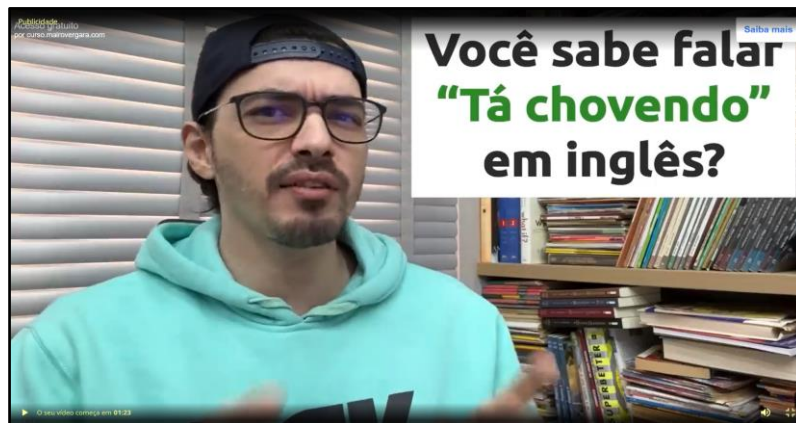
Logo no início da sua fala, a partir dos 3 minutos e 55 segundos, consta o uso reduzido do item *estar* transcrito no exemplo (090), flexionado no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular e exercendo a função de verbo de ligação. Mais à frente, a partir dos 4

minutos e 5 segundos, há outros dois usos do item *estar* transcritos no exemplo (091): o primeiro deles se dá na forma plena, flexionado no presente do indicativo e na segunda pessoa do plural, cumprindo a função de verbo auxiliar do verbo principal *ouvir*; em seguida e também na função de verbo auxiliar, há um segundo uso do item *estar*, dessa vez reduzido, flexionado no presente do indicativo e na terceira na terceira pessoa do singular.

- (091) Boa tarde. Oh... me dá uma resposta aí. Vê se essa luz **tá** boa, se é melhor eu... deixar como antes.
- (092) Então boa tarde, bom dia ou boa noite, dependendo do horário em que vocês **estão** ouvindo. Agora é boa tarde aqui para o Brasil. É... eu queria primeiro agradecer ao Miguel pelo convite pra falar nesse evento, nessa série que a Abralin **tá** promovendo.

Em uma propaganda que antecede a execução de vídeos jornalísticos no *site G1*, aparece o uso reduzido do item *estar* que consta na Imagem 18 (registro realizado em 23 de janeiro de 2024), na função de verbo auxiliar do verbo principal *chover* e flexionado no presente do indicativo. A publicidade se refere ao curso de inglês ofertado por Mairo Vergara, um professor que conta com mais 1,8 milhão de seguidores em seu perfil do *Instagram*¹¹. Vale o destaque de que essa forma reduzida é expressa tanto como suporte imagético escrito para que o homem está falando quanto em sua própria fala.

Imagem 18: propaganda do curso de inglês Mairo Vergara



Fonte: acervo da pesquisa.

¹¹ Rede social que permite o compartilhamento de fotos e de vídeos.

À esquerda, na Imagem 19, há o primeiro uso reduzido do item *estar*, flexionado na segunda pessoa do singular, no presente do indicativo e na função de verbo de ligação. À direita, na Imagem 20, há o segundo uso reduzido do item *estar*, que compõe a expressão cristalizada *tá bom*, comumente utilizada para dar uma resposta positiva em relação a algo e não para valorar coisas como boas.

O intuito aqui não foi esgotar as possibilidades de cenários nos quais a expressão reduzida do item *estar* pode se manifestar, mas sinalizar alguns horizontes em que essa variante já se faz presente. Nas imagens e exemplos anteriormente apresentados, referentes ora à fala, ora à escrita ou ao meio do caminho formado entre essas duas modalidades da língua, houve a oportunidade de contemplar as reduções em contextos publicitários, jornalísticos e acadêmicos, em nomes cristalizados de logomarcas e de produtos e também no uso cotidiano de utilitários de redes sociais. A partir daí, parece ser viável afirmar que as formas reduzidas do referido item estão notavelmente presentes na vida dos brasileiros e das brasileiras e, por isso, merecem atenção.

A seguir, como ato final da contextualização da expressão do item *estar*, discute-se se a alternância entre as suas formas plenas e formas reduzidas é um evento que ocorre acima ou abaixo do nível de consciência social dos falantes.

1.1.5 Abaixo ou acima do nível da consciência?

No que concerne à percepção dos falantes de uma comunidade, fenômenos variáveis podem estar acima ou abaixo do nível da consciência (LABOV, 2001). Além disso, é possível distinguir os traços linguísticos variáveis em razão do seu nível de avaliação social (LABOV, 1994, 2008 [1972]). Finalmente, o último passo para caracterizar o objeto de estudo da presente pesquisa é encaixar a expressão do item *estar* dentro dos referidos termos.

Para início de conversa, aborda-se a percepção: as mudanças que ocorrem ao nível da consciência social dizem respeito aos casos nos quais os indivíduos têm noção acerca do estigma sofrido ou não pelas variantes. Elas apresentam “uma taxa de ocorrência mais elevada em estilos formais, estão frequentemente sujeitas à hipercorreção e, por vezes, formam

estereótipos evidentes semelhantes a variáveis sociolinguísticas estáveis”¹⁴ (LABOV, 2001, p. 274).

Por seu turno, os eventos de mudança que ocorrem abaixo do nível da consciência social costumam ter origem nos grupos socioeconômicos mais centrais da sociedade e as suas variantes não sofrem nenhum estigma. Se houver o desenvolvimento de alguma avaliação linguística nesses contextos, o mais provável é que a percepção formulada seja uma oposição entre formas que são consideradas “avançadas” ou normais (LABOV, 2001, p. 454), sem haver valoração negativa para uma ou para outra.

Embora não haja estudos de percepção que auxiliem a classificar a expressão do item *estar* como um fenômeno que ocorre abaixo ou acima do nível da consciência social, o trabalho de Oushiro (2015, p. 94-103) acerca da avaliação que os paulistanos fazem sobre a articulação tepe ou retroflexa do /r/ na cidade de São Paulo gera dados indiretos que servem a esta tese. Especificamente para a avaliação do tepe, a linguista pediu que os participantes da pesquisa apreciassem o estímulo *a porta tá aberta*. Para além das ponderações a respeito da pronúncia do /r/, também houve comentários sobre a perda de massa fônica do *estar*, como nos registros a seguir:

(093) D1: e o que você acha de... “a porta [r] (es)tá aberta” [r]

S1: errado... nós falamos... ah “a porta (es)tá aberta” mas é errado é isso que eu te falo você come palavra

D1: como seria o certo?

S1: Eu acho que seria “a porta está aberta” [verbo ‘estar’ pleno] ... certo?... mas a gente eh eh/ acho que é a pressa... né?

(Angelica L., F3MP)

(094) D1: e “a porta [r] (es)tá aberta”? [r]

S1: (es)tá ok mas ainda (es)tá bem popular né?... porque o certo seria “a porta está aberta” [verbo ‘estar’ pleno]

D1: uhum

S1: mas a gente fa/ popularmente falando pode

(Madalena M., F2SP)

¹⁴ Tradução própria e adaptada. Original: *Changes from above take place at a relatively high level of social consciousness, show a higher rate of occurrence in formal styles, are often subject to hypercorrection, and sometimes form overt stereotypes similar to stable sociolinguistic variables.*

(095) D1: e falar “a porta [r] (es)tá aberta”? [r] que que você acha?

S1: ah isso é difícil você ver falar “a porta (es)tá aberta” não “tá tá” ... (es)tá cheio né... o “tá” e o “né” [...] agora tem uns que já (es)tão querendo mudar em vez de falar “né” fala “não é”... né então pelo menos deixar de fazer a contração... né e (es)tão verbalizando as duas palavras... não é mas (es)tá acontecendo

(William A. M2SP)

No comentário (093), pode-se observar que a forma reduzida do item *estar* é julgada como errada, sendo a forma plena considerada correta. Em seguida, no comentário (094), a forma reduzida é classificada como popular, ao passo que a forma plena, mais uma vez, é taxada como certa. Por fim, no comentário (095), o informante diz ser difícil ouvir as pessoas falarem a forma plena do *estar*.

Ainda que Oushiro (2015) sinalize a frequência dos comentários acerca da redução do item *estar* na sentença-alvo *a porta tá aberta*, ilustrados pelas três avaliações anteriores, aqui se considera que esse fenômeno linguístico ocorre abaixo do nível da consciência social dos falantes, pois suas variantes plena (*está, estou, estão, estava, estavam etc.*) e reduzida (*tá, tô, tão, tava, tavam etc.*) raramente são alvo de metacomentários e não são interpretadas de maneira opositiva como melhor ou pior, certo ou errado, formal ou informal no cotidiano, a exemplo do que recorrentemente acontece com a marcação nominal de número (SCHERRE, 2005). A alternância entre as formas plena e reduzida igualmente não é tópico do ensino regular brasileiro, como é o caso do clítico acusativo, contemplado como a única opção correta pelos manuais normativos e materiais didáticos para expressar objeto direto anafórico de terceira pessoa, a despeito de sua quase substituição completa na fala (LAUAR, 2014; LAUAR; YACOVENCO; ZANELATO, 2023).

Os exemplos que constam na subseção anterior a esta (*1.1.4 Algumas ocorrências do item estar no português brasileiro*) também reforçam a decisão de considerar o objeto de estudo desta tese como um caso que está abaixo do nível da consciência social. Mesmo produtos de grande circulação, como filmes e séries lançados nacionalmente, não são julgados ao optarem por usar a redução do *estar* em seus títulos e legendas. Além disso, na fala, as formas erodidas circulam em ambientes jornalísticos, acadêmicos e até educacionais sem maiores problemas, nem mesmo sendo percebidas.

Se quanto à percepção os fenômenos variáveis podem estar acima ou abaixo do nível

da consciência social, no que diz respeito à avaliação das formas, Labov (1994, 2008 [1972]) elenca três categorias: os estereótipos, os marcadores e os indicadores. Os estereótipos são os traços marcados de forma consciente pelos falantes, estando sujeitos à correção e à hiper-correção. Os marcadores, por sua vez, não estão no mesmo nível de percepção social que os estereótipos, mas demonstram estratificação social e estilística (de forma consistente ou não) na comunidade. Já os indicadores, embora estratificados socialmente, não são comentados ou reconhecidos pelos usuários da língua, sendo diferenciados apenas pelo seu avanço entre os grupos sociais.

Sendo assim, as formas plenas e reduzidas do item *estar* podem ser classificadas como indicadores, uma vez que, para fins de análise desta pesquisa, considera-se que elas não são alvo de metacomentários no uso cotidiano e nem percebidas como alternativas para expressar o mesmo valor de verdade ou representacional. Além disso, trazendo à baila o estudo de Pinheiro (2019) sobre a alternância dessas variantes na fala de Vitória, capital do Espírito Santo, nota-se que são as mulheres e os falantes com menos de onze anos de escolarização que favorecem a expressão erodida.

1.2 PERGUNTAS, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Esta tese está diante de um fenômeno linguístico que se encontra abaixo do nível da consciência social (LABOV, 2001), a expressão do item *estar*. No português brasileiro, o referido item pode se manifestar a partir de suas formas morfofonologicamente plenas (*está, estou, estão, estava, estavam, estaria, estariam, estivesse, estivessem etc.*) ou de suas formas morfofonologicamente reduzidas (*tá, tô, tão, tava, tavam, taria, tariam, tivesse, tivessem etc.*). Além disso, ele é multifuncional, desempenhando cinco funções: verbo principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, expressão cristalizada e marcado discursivo.

À vista desse panorama em que há mais de uma forma para se designar um mesmo valor de verdade e multifuncionalidade, é possível empreender um estudo sociofuncionalista (CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016; GÖRSKI; TAVARES, 2013; TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKI, 2015) para tentar compreender como se compartilha a alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*.

Ao adotar esse cenário de variação como objeto de estudo, surgem algumas perguntas: 1) por que os usos do item *estar* passaram a ocorrer também de maneira reduzida? 2) Com qual frequência e em quais contextos (falados, escritos ou entre o *continuum* formado por essas duas modalidades) ocorrem as formas reduzidas do item *estar*? 3) Há alguma relação entre a multifuncionalidade do item *estar* e a sua expressão plena ou reduzida?

Com base nessas questões, formula-se o seguinte objetivo geral: analisar a expressão do item *estar* na escrita do português brasileiro por meio de revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica* de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010) e comparar os resultados obtidos com o trabalho de Pinheiro (2019), que investigou o mesmo fenômeno na fala, considerando um banco de dados representativo da variedade capixaba. Como objetivo específico, estipula-se analisar a gramaticalização (BYBEE, 2016 [2010]; GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HEINE; KUTEVA, 2007; HEINE; NARROG, 2011; HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993) do *estar* para verificar se as funções desempenhadas por esse item têm algum efeito na seleção de seus usos plenos e reduzidos.

Assim, será possível contribuir para a descrição desse fenômeno variável, trazendo informações a respeito da frequência de ocorrência de cada uma dessas variantes, de seus contextos de uso e ajudando a responder à interrogação que dá título a esta tese: afinal, o item *estar* está mudando ou (es)tá mudado? Em outros termos: as formas reduzidas caminham ou não para substituir as formas plenas?

O desenvolvimento da presente pesquisa se justifica também pela falta de investigações que abordam a redução do item *estar* na variedade do português falada no Brasil. Uma rápida consulta a bancos de dados acadêmicos, como o *Catálogo de Teses e Dissertações* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o *Google Scholar*, demonstra a existência de um grande quantitativo de trabalhos sobre o *estar*, mas igualmente sinaliza a escassez de exames sobre a perda de seu material morfofonológico.

Por outro lado, como já observado na subseção 1.1.4, as formas erodidas do *estar* se fazem presentes em inúmeros contextos orais e escritos do cotidiano brasileiro, estampando nomes de filmes e de lojas, aparecendo em legendas de filmes e de séries, nas redes sociais de usuários comuns e nos perfis de grandes empresas, na fala de jornalistas e de professores e até mesmo compondo parte do repertório de falantes que fizeram a aquisição do português brasileiro como segunda língua.

Vale, por fim, frisar que todo fenômeno linguístico merece ser investigado e registrado. Primeiramente, pela importância da documentação de um dado estado da língua, em um determinada conjuntura e época, que serve para consultas e análises futuras; além disso, qualquer descrição linguística pode ajudar, em maior ou menor grau, a compreender os processos sociocognitivos e estilísticos que regem a linguagem, trazendo luz aos estudos das línguas naturais.

1.3 O ITINERÁRIO DA PESQUISA

Após a exposição do objeto de estudo desta tese (a expressão do item *estar*) e depois de apresentar as perguntas, os objetivos e as justificativas que levam para frente o empreendimento do presente trabalho, resta ao capítulo em tela informar qual o itinerário que a pesquisa seguirá. Além desta introdução, o texto está dividido em outras quatro partes.

O capítulo seguinte a este é dedicado às bases teóricas que dão sustentação à investigação da alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*. Em suas seções, são discutidos os aspectos concernentes ao Sociofuncionalismo e à Teoria da Gramaticalização, a interface entre variação e gramaticalização, o conceito de língua e de gramática adotado para as análises e algumas concepções referentes à Linguística Textual, como gênero textual e o *continuum* fala/escrita.

Em seguida, no capítulo 3, delimitam-se os procedimentos metodológicos da pesquisa. Nessa divisão, há o recorte da variável dependente sob estudo, a identificação dos *corpora* utilizados para coletar os dados (revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 e um conjunto de 46 entrevistas sociolinguísticas com informantes de Vitória/ES realizadas no início dos anos 2000 – já investigado por Pinheiro (2019) em sua dissertação de mestrado), a diferenciação de análises em tempo aparente e em tempo real, a caracterização dos grupos de fatores controlados para o exame estatístico da expressão do item *estar* (*Função do item, Pessoa do discurso, Tempo e modo verbal ou forma nominal do item, Década de publicação e Personagens*) e a escolha da ferramenta computacional usada para elaborar a análise multivariada (o *GoldVarb X*).

Adiante, no capítulo 4, há a análise multivariada da expressão do item *estar* na escrita, realizada a partir das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* de diferentes décadas. Os resultados dessa investigação são apresentados de forma comparativa ao trabalho de Pinheiro (2019), que analisou o mesmo fenômeno na fala, considerando um banco de dados representativo da variedade capixaba. Além de uma seção dedicada para cada um dos grupos de fatores elencados, também há uma reflexão acerca da variação entre as formas plenas e reduzidas do item *estar* em distintos gêneros textuais.

Por fim, no capítulo 5, estão os encaminhamentos finais desta tese, nos quais se faz um apanhado geral das discussões desenvolvidas ao longo da pesquisa, dando um panorama de como o item *estar* se comporta nos gêneros textuais analisados (história em quadrinhos e entrevista sociolinguística) e respondendo à pergunta que dá título ao presente trabalho. Para mais, formula-se uma lista de possíveis cenários em que a variação entre as formas morfofonologicamente plenas e morfofonologicamente reduzidas do *estar* pode ser examinada, a fim de sinalizar caminhos investigativos futuros sobre esse fenômeno linguístico que é ainda tão pouco explorado.

2 APORTE TEÓRICO: UMA INTERSEÇÃO ENTRE A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

O objetivo deste capítulo é expor o aporte teórico que conduzirá a análise da expressão do item *estar* no *continuum* fala/escrita. A primeira seção será dedicada à apresentação do Sociofuncionalismo (CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016; GÖRSKI; TAVARES, 2013; TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKI, 2015), uma conjugação de dois campos dos estudos da linguagem que amalgama o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) aos princípios do Funcionalismo Linguístico (BYBEE, 2016 [2010]; GIVÓN, 1979, 1984, 1993, 1995). Nesta parte, serão identificadas as características dessas duas correntes que permitem esse casamento teórico e explicada a razão que motiva essa junção.

Fundamental para desenvolver o objeto de estudo desta tese é entender a gramaticalização do item *estar*. Sendo assim, a segunda seção do presente capítulo é reservada ao corpo teórico a respeito dos processos de gramaticalização (BYBEE, 2016 [2010]; GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HEINE; KUTEVA, 2007; HEINE; NARROG, 2011; HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993), fenômeno de mudança em que um item ou construção lexical adquire, em certos contextos, função mais gramatical, havendo a possibilidade desse mesmo elemento sofrer novos processos de gramaticalização e adquirir novas funções ainda mais gramaticais.

Em seguida, na terceira seção, apresenta-se a interface entre variação e gramaticalização (GÖRSKI; TAVARES, 2017; NARO; BRAGA, 2000; POPLACK, 2011), um dos principais frutos do Sociofuncionalismo. Görski e Tavares (2017) sugerem duas alternativas para fazer o recorte da variável dependente em um estudo de interface entre variação e gramaticalização, a *perspectiva da variação estrita* e a *perspectiva do percurso de gramaticalização*. Nenhuma dessas duas opções, entretanto, são suficientes para dar conta do caso em tela, em que se investiga a expressão do item *estar* e, entre outras coisas, busca-se saber o efeito das suas funções mais e menos gramaticalizadas nesse processo. Para tentar solucionar esse imbróglio, propõe-se uma expansão da *perspectiva do percurso de gramaticalização* que, ao invés de prever a alternância entre duas ou mais camadas de um domínio funcional ao longo de um mesmo *continuum* de gramaticalização, pressupõe a variação no decorrer da

trajetória de mudança dentro de uma única camada, com apenas um item ou construção lexical apresentando variação em sua forma fonológica, morfológica ou morfofonológica.

Também merecem uma discussão específica os conceitos de língua e de gramática que são adotados nesta pesquisa. Na quarta seção, estão as definições de língua como sistema adaptativo complexo, dotado de variação e de gradiência (BYBEE, 2016 [2010]), e de gramática enquanto conjunto de regras emergentes (HOPPER, 1987, 1998).

Para encerrar a apresentação do referencial teórico deste estudo, na quinta seção são delimitados a noção de gênero textual e o *continuum* fala/escrita (MARCUSCHI, 2008a, 2008b). Além disso, caracterizam-se, em duas subseções próprias, os gêneros história em quadrinhos e entrevista sociolinguísticas, que servem de lócus para as análises que serão empreendidas por esta tese.

2.1 O SOCIOFUNCIONALISMO

De acordo com Neves (1999), a variedade de abordagens que caracteriza os estudos funcionais da linguagem reverbera no cenário brasileiro, no qual inúmeros são os interesses dos grupos e dos pesquisadores que se rotulam como funcionalistas. Uma dessas orientações investigativas, que vem se consolidando em território nacional sob a alcunha de Sociofuncionalismo (CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016; GÖRSKI; TAVARES, 2013; TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKI, 2015), mescla as diretrizes teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) aos postulados do Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana (GIVÓN, 1979, 1984, 1993, 1995) com o intuito de investigar a variação e a mudança da língua como uma consequência do processo comunicativo.

Essa tendência surge no Brasil em torno dos anos 1980, por meio do grupo Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL)¹⁵, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), representada por trabalhos como o de Paredes Silva (1988), sobre a expressão variável do sujeito pronominal; de Paiva (1991), acerca da ordenação das cláusulas causais e

¹⁵ Para obter mais informações sobre esse grupo de pesquisa, acesse o site: <https://peul.lettras.ufrj.br>.

da organização do fluxo informacional; de Roncarati (1996, 1997), a respeito da variação e da aquisição da negação em língua materna e em segunda língua; de Gryner (1995), em relação à articulação de orações condicionais; entre outros.

Embora o nome Sociofuncionalismo seja genuinamente brasileiro, a pré-disposição para se investigar fenômenos variáveis a partir da ótica funcionalista não é novidade. Sankoff e Brown (1976), por exemplo, já exploraram os aspectos funcionais na variação da partícula relativa no tok pisin. Outro ponto interessante é que trabalhos recentes desenvolvidos no Brasil e que aglutinam a Sociolinguística Variacionista a aspectos funcionais e/ou pragmático-discursivos, por vezes, não adotam o título sociofuncional, como é o caso de Scherre e Yacovenco (2011), que investigaram o papel da Marcação Linguística e Social (GIVÓN, 1995) em relação ao sexo/gênero na mudança linguística; de Tesch (2011), que estudou a variação do tempo futuro e a gramaticalização do verbo *ir* no uso dos capixabas; e de Scherre, Yacovenco e Scardua (2018), que analisaram a variação entre os pronomes de segunda pessoa *tu* e *você* em cartas capixabas considerando as condições de poder e de solidariedade estabelecidas entre os interlocutores.

Sendo assim, é importante ressaltar que o Sociofuncionalismo não é novidade e vem ganhando força ao longo do tempo, principalmente em território nacional. Embora vários trabalhos se desenvolvam dentro dessa perspectiva, abertamente ou não, Tavares e Görski (2015) destacam que poucos são os que se dedicam a delinear epistemologicamente essa interface. Acerca da questão, as autoras evidenciam o ineditismo da tese de Tavares (2003), sobre os conectores *e*, *aí*, *daí* e *então* responsáveis por desempenhar função sequenciadora na fala de Florianópolis/SC, que dedica um capítulo inteiro para refletir essa conjugação teórica, com especial foco para a relação entre gramaticalização e variação linguística.

Um dos tópicos que a pesquisadora aborda – e que também é retomado por Tavares e Görski (2015) – é o antifuncionalismo do principal expoente da Sociolinguística Variacionista, William Labov. O linguista, ao analisar um conjunto de fenômenos variáveis de natureza fonológica e morfológica (dentre eles o apagamento de -t e -d finais no inglês falado), aponta que os resultados privilegiam uma visão em que a mudança linguística é mecânica e foneticamente determinada (LABOV, 1994).

Labov dedica uma seção inteira da obra *Principles of Linguistic Change: Internal Factors* para questionar análises de cunho funcional, mencionando que interpretações funcionalistas são superestimadas. Tal postura poderia levar ao pensamento de que conciliar

Sociolinguística e Funcionalismo é algo impossível, mas, sobre o posicionamento do referido sociolinguista, Tavares e Görski (2015, p. 255) fazem a seguinte leitura:

Um rápido balanço desta seção mostra que a visão funcional considerada por Labov, em relação aos estudos referidos, é bastante limitada, restringindo-se, no caso das variáveis reportadas no nível fonológico e morfológico, à hipótese kirpaskiana de preservação da informação semanticamente relevante: se a forma carrega significado gramatical é retida, caso contrário é cancelada; e, no caso da variável sintática, ao *status* informacional identificado num contexto discursivo bastante reduzido. Concluir a partir dessa visão estreita de funcionalismo que o efeito condicionador é mecânico e não funcional nos parece uma generalização pouco adequada. É evidente a tentativa de minimização dos efeitos funcionais, tanto no que diz respeito às variáveis morfofonológicas mencionadas quanto no caso da variável sintática estudada.

A respeito dessa querela, Naro (1998) traz para jogo a ideia de ciclo funcional, formulada por Gillian Sankoff (1980). A noção desenvolvida pela autora apregoa que a variação funcionalmente motivada provavelmente ocorra em um momento não final, enquanto a variação mecanicamente determinada esteja localizada ao final do ciclo – ponto em que se encontravam os fenômenos analisados por Labov (1994), o que favoreceria o realce dado pelo pesquisador às explicações mecânicas da variação linguística.

Entretanto, é de suma importância lembrar que motivações estruturais também podem receber explanação funcional:

Como, em uma perspectiva funcionalista, a gramática é constituída ao longo do tempo pela rotinização de construções linguísticas de uso frequente, acredita-se que a regularidade e a automaticidade no uso das construções atuam para facilitar e tornar mais veloz o processamento da fala a cada nova situação de interação, o que representa uma possível motivação funcional para o uso “mecânico” da língua (TAVARES; GÖRSKI, 2015, p. 256).

Um outro fato relevante para se considerar sobre o antifuncionalismo de Labov é que o autor prioriza análises de fenômenos linguísticos de cunho fonético-fonológico, nas quais, de acordo com o seu ponto de vista, as reflexões de caráter funcional não teriam relevância. Entretanto, em trabalhos mais recentes (LABOV, 2010), o linguista também considera níveis gramaticais que não o fonético-fonológico e sua visão é mais moderada, aceitando o posicionamento de pesquisadores funcionalistas acerca da unidirecionalidade da mudança linguística.

Tendo em vista essas questões, pensar o funcional dentro da variação linguística é possível e o casamento entre Sociolinguística Variacionista e Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana pode ser consumado. Tavares (2013, p. 33-34) e Tavares e Görski (2015, 257-258) consagram essa união ao destacar quais fatores são convergentes entre essas duas linhas de pesquisa: 1) ambas adotam a língua em uso como lócus de estudo, considerando-a heterogênea e inerentemente variável e mutável; 2) ambas entendem que a língua não é estática e sofre alterações de maneira constante; 3) a mudança linguística é um ponto de destaque tanto para uma quanto para outra e esse processo é considerado gradual e contínuo; 4) a fim de se obter um panorama mais refinado a respeito da mudança linguística, pesquisas sincrônicas e diacrônicas são consideradas como complementares; 5) as duas teorias linguísticas preconizam que as forças linguísticas que atuam sobre os fenômenos variáveis agora são as mesmas que agiram no passado (princípio do uniformitarismo), assim, ao se estudar dados do presente em grandes quantidades, é possível formular hipóteses sobre estados mais antigos da língua; 6) ambas analisam aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais e semânticos das línguas; 7) a frequência de ocorrência é importante tanto para os sociolinguistas quanto para o funcionalistas. No primeiro grupo, a frequência de um dado uso em detrimento do outro pode indicar a sua difusão na comunidade de fala e se o fenômeno caminha para uma possível mudança. No segundo, a utilização contínua de determinado item ou construção é fundamental para o estabelecimento e a manutenção da gramática; 8) as duas correntes compreendem que a estrutura das línguas e a organização social estão imbricadas – fatores como localidade, faixa etária, classe social e etnia atuam no espraiamento da mudança e na seleção de formas linguísticas; 9) fatores interacionais são considerados como algo relevante para a variação e a mudança linguística; 10) a ideia de forças em competição é discutida por pesquisadores das duas correntes – Labov (2010), no lado dos sociolinguistas, ao considerar as funções da linguagem, posiciona-se contrariamente ao princípio do menor esforço, dizendo que o impulso por mais informação leva a mais esforço e a tendência de reduzir o esforço leva à redução da informação. No lado dos funcionalistas, Givón (2002) considera que a transparência entre forma e função na gramática compete com a economia do seu processamento.

É importante frisar que, ao fazer esse cruzamento entre Sociolinguística e Funcionalismo, as autoras estão levando em conta uma relação entre forma e função que não é ortodoxa, mas sim, branda, considerando que a iconicidade da gramática não é algo absoluto (GIVÓN, 1995). Um ponto de vista mais severo sobre essa questão, como o de Bolinger

(1977), impedira a conciliação teórica, pois a iconicidade é adotada em sua concepção extremada e a condição natural da gramática é preservar uma forma para um significado. Logo, essa perspectiva funcional descarta a noção de variação.

Além de pontos em comum entre esses dois campos de estudo, Görski e Tavares (2013, p. 91-92) também apontam os passos metodológicos que uma análise sociofuncionalista precisa seguir: 1) identificar a variação dentro de um domínio funcional¹⁶; 2) isolar as formas variantes que desempenham a mesma função dentro do domínio funcional; 3) testar grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos (sociais, estilísticos e discursivos) para identificar os contextos favorecedores de uso das formas; 4) detalhar os grupos de fatores com o objetivo de captar variações e mudanças sutis, considerando até mesmo a sobreposição de funções; 5) interpretar as frequências de ocorrências como a perda de espaço de uma variante, a generalização de significado ou a especialização¹⁷ do uso.

O Sociofuncionalismo surge, então, como uma terceira via para ampliar os horizontes da pesquisa, trazendo uma proposta mais ampla e que engloba, ao instrumental de análise tipicamente laboviano, fatores de natureza discursivo-pragmática, como informatividade, planos discursivos, iconicidade, marcação, entre outros (CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016), a fim de desvendar os aspectos da mudança linguística. O hibridismo desse duplo olhar “possibilita uma aplicação não estanque, maleável de acordo com o objeto e com os objetivos de pesquisa que se apresentam” (MAY, 2009, p. 71-72).

À vista disso, o pesquisador pode, por vezes, aproximar-se mais da Sociolinguística ou mais do Funcionalismo. A postura a ser adotada deve levar em consideração a finalidade do estudo. Se o intuito é focar em processos de variação que resultam em uma mudança, o recorte sociofuncional tem mais afinidade com os pressupostos teóricos sociolinguísticos. Por outro lado, caso o interesse seja focar na inovação linguística em si (fenômenos de fusão, analogia ou empréstimo, por exemplo), a conexão com os conceitos funcionalistas se

¹⁶ Givón (1984) define domínio funcional como as possibilidades de atuação de uma função comunicativa, que pode ser desempenhada por uma ou mais formas linguísticas. A *voz* (com seus subdomínios transitividade, detransitivização, passiva *etc.*) e a temporalidade (passado, presente, futuro), por exemplo, podem realizar-se de maneiras distintas em línguas diversas, mas cada um desses fenômenos representa um único domínio funcional que engloba todas as suas possibilidades de uso.

¹⁷ A *especialização* se refere a um dos critérios de gramaticalização propostos por Hopper (1991) e prevê que, dentro de um domínio funcional, as formas competem pela sua representação. Quanto mais gramaticalizado o item for, maiores são os seus contextos de uso e maior é a sua frequência de ocorrência. Deduz-se, portanto, que a tendência é que ele prevaleça na representatividade do domínio funcional. Um exemplo de especialização é a expressão do domínio funcional de primeira pessoa do plural, em que Omena e Braga (1996) constatam que a utilização da forma gramaticalizada *a gente* é superior à forma *nós*, o que possivelmente poderia levar à sua suplantação.

sobressai.

O mesmo deverá ser feito ao delimitar com quais aspectos do Funcionalismo a investigação irá trabalhar. Embora até aqui se tenha falado de uma junção da Sociolinguística Variacionista com o Funcionalismo em sua concepção mais clássica (a vertente norte-americana), voltada ao desenvolvimento de estudos que investigam a motivação da estrutura gramatical e os impactos comunicativos nos usos linguísticos, Cezario, Marques e Abraçado (2016, p. 50) ressaltam que, recentemente, com influências da Linguística Cognitiva e da Linguística de *Corpus*, “o Sociofuncionalismo tem se aprofundado mais na análise da relação entre processos cognitivos de domínio geral para explicar a estrutura linguística, sua variação e mudança” – aproximando-se, portanto, da Linguística Centrada no Uso ou Linguística Funcional Centrada no Uso. Portanto, uma abordagem mais clássica ou com ênfase em aspectos cognitivos, dentro de um estudo sociofuncionalista, também é uma decisão do pesquisador.

Segundo Bybee (2016 [2010]), a Linguística Centrada no Uso se desenvolve a partir da Linguística Funcional norte-americana e, de certa maneira, é apenas um novo rótulo para designar esse campo de estudos, mas com algumas extensões a respeito das abordagens funcionais e cognitivas. Um sociofuncionalista que se utilize dessas noções mais atuais poderá focar no surgimento, na expansão e na variação em rede de construções e nos processos de analogia, *chunking* (agrupamento), categorização, inferência, entre outros que abarcam o desenvolvimento de elementos linguísticos.

Na pesquisa em tela, adota-se uma postura sociofuncional que ora se próxima da Sociolinguística Variacionista, quando a intenção é analisar a variação e a mudança do item *estar* em tempo real de curta duração a partir das histórias em quadrinhos das revistas da *Turma da Mônica* de diferentes períodos (décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010) e sincronicamente na fala de Vitória/ES, e ora se avizinha ao Funcionalismo Linguístico, seja em seus aspectos cognitivos, considerando os processos cognitivos de domínio geral como o *chunking* (agrupamento), ou semântico-pragmáticos – ambos fundamentais para análise de construções linguísticas com o referido item, a exemplo de *estar para lá e para cá*, *estar ferrado* e *estar apertando* (PINHEIRO, 2019, p. 91).

Outro ponto fundamental para investigar o fenômeno variável elencado pela presente tese é a interface entre variação e gramaticalização, um dos principais frutos do casamento sociofuncionalista. Como apontado por Pinheiro (2019, 2020), a gramaticalização do item

estar possui relação com a alternância entre a sua expressão plena (*está, estou, estão, estava, estavam, estaria, estariam, estivesse, estivessem etc.*) ou reduzida (*tá, tô, tão, tava, tavam, taria, tariam, tivesse, tivessem etc.*). Assim, a fim de dar continuidade à apresentação do referencial teórico, a seção seguinte irá apresentar brevemente o que a literatura especializada define como gramaticalização, para, em seguida, abordar a sua interface com o objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista: a variação linguística.

2.2 TEORIA DA GRAMATICALIZAÇÃO

O escopo daquilo que convencionalmente se classifica como gramaticalização dentro dos estudos linguísticos é amplo e costuma variar de acordo com a literatura que é consultada. Como é lembrado por Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 26), os diversos termos e tendências que são englobados dentro de um único rótulo dão o apontamento de que “a gramaticalização ainda se encontra em constituição como paradigma explanatório definitivo”.

Heine (2003) distingue três termos que normalmente são recorrentes ao se abordar as mudanças gramaticais: a *gramaticalização*, os *estudos de gramaticalização* e a *Teoria da Gramaticalização*. O primeiro deles se refere à ocorrência desse processo; o segundo, por sua vez, delimita as pesquisas linguísticas sobre o assunto; e o último circunscreve todo o arcabouço teórico formulado na tentativa de explicar tal fenômeno. Assim sendo, o que se fará aqui é uma breve exposição da Teoria da Gramaticalização, com classificações e postulados que alguns autores formularam (e formulam) com o objetivo de teorizar e de descrever o processo de gramaticalização.

Apesar de o rótulo *gramaticalização* ser relativamente novo, estudos referentes a esse processo são seculares (cf. HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 5-11). Na China do século X, escritores faziam distinção entre símbolos linguísticos vazios e preenchidos, argumentando que símbolos vazios foram anteriormente símbolos preenchidos. Já no ocidente, no século XVIII, os filósofos franceses Étienne Bonnot de Condillac e Jean Jacques Rousseau defendiam que a complexidade gramatical e o vocabulário abstrato eram derivados de lexemas concretos – aparentemente, Condillac foi o primeiro estudioso a notar que flexões

verbais, como os sufixos de tempo, derivavam historicamente de palavras independentes.

Contemporâneo de Condillac, J. Horne Tooke postulava que nomes e verbos eram palavras necessárias e parte essencial do discurso, ao passo que classes como advérbios, preposições e conjunções eram resultado de abreviações ou de *mutilações* das palavras consideradas necessárias. Tooke tratava as formas flexionais e derivacionais como fragmentos de palavras independentes que se aglutinaram à raiz de outras palavras.

Pensamento similar é observável nas ideias de Wilhelm von Humboldt. Segundo o filósofo e humanista alemão, a estrutura gramatical das línguas humanas seria precedida por um estágio em que apenas as ideias concretas poderiam ser expressas.

Um conjunto de outros trabalhos realizados na Alemanha durante a segunda metade do século XIX lidou com questões que atualmente se descobriu serem de interesse dos estudos de gramaticalização, como a descrição de padrões pragmáticos do discurso se desenvolvendo em construções morfossintáticas. No final desse mesmo século, o semanticista francês Michel Bréal pontuava que, em um grupo de palavras que são discriminadas por determinada marca gramatical, há sempre aquela que se distingue pouco a pouco das suas semelhantes. Tal alteração faz com a marca gramatical seja realçada, embora, por outro lado, a palavra perca o seu valor individual.

O primeiro uso do termo *gramaticalização* na ciência da linguagem é atribuído a Antonie Meillet (1912), que também é considerado o fundador dos estudos modernos acerca desse processo. Em *A evolução das formas gramaticais*¹⁸, logo no início do século XX, o linguista francês aborda uma série de características desse fenômeno que viriam a ganhar mais destaque na contemporaneidade, nas investigações de vertente funcionalista, como desbotamento ou apagamento semântico, aumento/diminuição da frequência de uso, metaforização, reanálise e erosão fonética.

Na concepção de Meillet (1912), a gramaticalização era uma ferramenta para analisar a língua em perspectiva histórica, buscando explicações para a origem e as mudanças dos morfemas gramaticais. Segundo suas classificações, palavras principais (nomes, verbos e complementos circunstanciais) dariam origem a palavras acessórias (como preposições, conjunções e auxiliares), em uma trajetória que se iniciava no léxico e partia para a gramática.

Ampliando a compressão de Meillet (1912), Kuryłowicz (1965) sinaliza que a mu-

¹⁸ Título original em francês: *L'évolution des formes grammaticales*.

dança não ocorreria unicamente do léxico para a gramática e que itens gramaticais também poderiam adquirir um estatuto ainda mais gramatical. Mesmo havendo algumas divergências quanto à classificação do fenômeno, Narrog e Heine (2011) chamam atenção para o fato de que essa característica é, de modo geral, amplamente aceita entre os pesquisadores que se dedicam a entender o processo de gramaticalização.

Por outro lado, um ponto que não é pacificamente aceito é a ampliação do escopo da gramaticalização para abarcar o desenvolvimento dos marcadores discursivos, abrangendo o nível pragmático da língua (TRAUGOTT; HEINE, 1991). Esse alargamento se daria pois a pragmática é parte constituinte da gramática e pelo fato dos elementos que atuam nesse nível serem oriundos de mudanças que têm origem na sintaxe e na morfologia, pensando no nível gramatical mais estrito.

Para Martelotta (2004), por exemplo, haveria, além da gramaticalização, a discursivização. O autor postula que é possível que um item sofra os dois processos, resultando em produtos diferentes. Como consequência da gramaticalização, o elemento lexical se tornaria um *operador argumentativo*, assumindo papel referente à organização textual interna. Já na discursivização, ele daria origem a um *marcador discursivo*, atuando na reorganização e na modalização da fala quando a sua linearidade é momentaneamente perdida ou como um preenchedor de pausas.

Uma visão diversa é oferecida por Traugott (1995, 2014), que compreende que a gramaticalização seria responsável por gerar as funções que Martelotta (2004) está discriminando como operador argumentativo e marcador discursivo. Segundo a linguista, características como a descategorização, a redução fonética, o aumento da função pragmática e a subjetivação, traços típicos de itens que sofreram mudança gramatical, estão presentes nos marcadores discursivos. Além disso, para ela, a diminuição de escopo e a fixação na cláusula não deveriam ser consideradas atributos essenciais do processo de gramaticalização.

Levando-se em consideração os apontamentos feitos acima, chega-se à definição de gramaticalização mais comumente utilizada na atualidade, a de Hopper e Traugott (1993, p. XV): “processo em que itens e construções lexicais passam, em certos contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”¹⁹. Além de considerarem o pensamento de Kuryłowicz (1965) para

¹⁹ Tradução própria e adaptada. Original: *We defined grammaticalization as the process whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions, and, once*

formularem a sua conceituação, os autores ainda postulam que não apenas itens isolados, mas construções inteiras podem igualmente se gramaticalizar.

Bybee (2016 [2010]) acrescenta que, mais recentemente, há aqueles que enxergam que a gramaticalização ocorra dentro de construções particulares, com a possibilidade de o processo resultar em novas construções. A título de ilustração, nos clines previstos por Givón (1979) (discurso > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero) e Hopper e Traugott (1993) (item lexical de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional), a estimativa é que a mudança dê origem apenas a afixos.

A autora também ressalta a importância da recorrência do uso para o estudo da gramaticalização:

um aumento na frequência de ocorrência desempenha importante papel nas mudanças que ocorrem, ao passo que, ao mesmo tempo, algumas das mudanças, em troca, levam a aumentos na frequência de ocorrência. Esse efeito autoalimentador explica a força que empurra para frente uma mudança por gramaticalização (BYBEE, 2016, p. 171).

Sendo assim, uma instância que é utilizada frequentemente dá origem a um *chunk*. Como processo cognitivo de domínio geral, o *chunking* (agrupamento) é responsável pela junção de uma sequência de unidades que se combinam para formar uma unidade mais complexa.

Na linguagem, *chunking* é básico para a formação de unidades sequenciais expressas como construções, constituintes e expressões formulaicas. Sequências repetidas de palavras (ou morfemas) são embaladas juntas na cognição de modo que a sequência possa ser acessada como uma unidade simples (BYBEE, 2016 [2010], p. 26).

Assim como a frequência, mais um aspecto relevante e geralmente atribuído à gramaticalização é sua unidirecionalidade (HASPELMATH, 2004; HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Ao se gramaticalizar, o item ou construção sempre parte do léxico para a gramática (ou de um domínio menos gramatical para outro mais gramatical), do concreto para o abstrato. Além disso, quando a mudança ocorre, ela é irreversível. Não é possível que um elemento gramaticalizado retome para si as suas características originais.

Alguns autores apontam a possibilidade de haver reversão da mudança, ocorrendo uma desgramaticalização (cf. LEHMANN, 2002 [1982], p. 14-17). Hopper e Traugott (1993) e Haspelmath (2004) fazem a ressalva de que os contraexemplos da unidirecionalidade são esporádicos, questionáveis e não conseguem contrapor a sistematicidade da gramaticalização já observada em diversas línguas.

Mesmo diante da unidirecionalidade como uma característica particular, critica-se o processo de gramaticalização por ele não ser um fenômeno por si, mas o conjunto de vários outros. Bybee (2016 [2010]) argumenta que isso não chega a ser um problema, pois, se a língua é um sistema adaptativo complexo que está baseado em processos cognitivos de domínio geral, a sua natureza é inerentemente epifenomenal. Logo, ao se gramaticalizar, um elemento envolve diversos processos que podem ocorrer de maneira independente, como redução fonética, inferência e desbotamento semântico.

Nessa mesma esteira, Heine e Kuteva (2007) destacam que esses diversos processos podem ser de natureza pragmática, semântica, morfossintática ou fonética. Em termos metodológicos, os autores também evidenciam a existência de uma vasta literatura que aponta procedimentos distintos para tratar a mudança gramatical, como *sintatização*, *morfologização*, *obrigatorificação*, *subjativização*, entre outros. Na concepção desses linguistas, é possível que todos esses mecanismos sejam sumarizados em quatro parâmetros para descrever instâncias de gramaticalização. São eles:

- a. *extensão*, ou seja, o surgimento de novos significados gramaticais quando expressões linguísticas são expandidas para novos contextos (reinterpretação induzida pelo contexto)
- b. *dessemantização* (ou desbotamento semântico), ou seja, perda (ou generalização) de significado
- c. *descategorização*, ou seja, perda de propriedades morfossintáticas características de formas lexicais ou de formas menos gramaticalizadas
- d. *erosão* (redução fonética), ou seja, perda de substância fonética (HEINE; KUTEVA, 2007, p. 34)²⁰.

A ordenação desses parâmetros reflete a sequência em que eles normalmente ocorrem

²⁰ Tradução própria. Original: *a. extension, i.e. the rise of new grammatical meanings when linguistic expressions are extended to new contexts (context-induced reinterpretation)/ b. desemanticization (or “semantic bleaching”), i.e. loss (or generalization) in meaning content/decategorialization, i.e. loss in morphosyntactic properties characteristic of lexical or other less grammaticalized forms/erosion (“phonetic reduction”), i.e. loss in phonetic substance.*

no processo de gramaticalização e são concernentes a diferentes aspectos da estrutura ou uso linguístico. Sendo assim, primeiramente, no nível pragmático, um item ou construção passaria a ser utilizado em um contexto inédito, fazendo com que novas acepções surjam. Em seguida, esse elemento teria o seu significado generalizado, desbotando-se semanticamente ao se tornar mais abstrato em relação ao seu uso original. O próximo passo é a perda de traços morfossintáticos: a unidade em processo de gramaticalização pode passar a não sofrer flexões de tempo, modo, número e pessoa, derivações em seu radical e nem ser qualificada, quantificada ou determinada por artigos ou sintagmas adjetivais. Por fim, é possível que haja redução fonética (etapa não obrigatória).

Após essa explanação, cabe dizer o que será considerado como gramaticalização nesta tese. Adota-se o conceito formulado por Hopper e Traugott (1993): um item ou construção de estatuto lexical passa, em certos ambientes linguísticos, a exercer função gramatical e, uma vez que já está gramaticalizada, a unidade pode sofrer novo processo de gramaticalização e desenvolver novas funções gramaticais. Aceita-se a unidirecionalidade como um princípio desse fenômeno e, assim como Bybee (2016 [2010]), entende-se que a mudança é capaz de resultar não apenas em afixos, mas também em construções inéditas. Além disso, considera-se que o processo de gramaticalização pode dar origem a marcadores discursivos, porque a pragmática também é parte constituinte da gramática das línguas (TRAUGOTT, 1995, 2014; TRAUGOTT; HEINE, 1991).

Com essa definição em mãos, a próxima etapa é descrever como se dá a interface entre gramaticalização e variação linguística. Para Görski e Tavares (2017, p. 39-40), a

contribuição da sociolinguística variacionista para o estudo da gramaticalização reside na possibilidade de, ao submeter os dados a procedimentos estatísticos comumente adotados para a análise multivariada, identificarmos até mesmo alterações sutis em padrões de distribuição linguística das formas variantes, diacronicamente ou entre geração de falantes. Essas alterações podem representar avanços no processo de gramaticalização das formas envolvidas. Se elas estiverem passando por expansão de contextos de uso, análises multivariadas detalhadas poderão servir de diagnóstico para a identificação dessas expansões.

Os campos teóricos (Teoria da Gramaticalização e Sociolinguística Variacionista) têm, entretanto, as suas particularidades, sendo necessário tomar cuidado com as semelhanças e as diferenças de cada um ao relacioná-los. Na seção a seguir, a partir dos princípios de Hopper (1991) para aferir graus de gramaticalização, será explicado como é possível realizar tal

interface.

2.3 A INTERFACE ENTRE VARIAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO

Um entre os vários pontos de convergência entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico é o entendimento da língua como um objeto heterogêneo e inerentemente variável e mutável. Contudo, a compreensão de como uma inovação linguística ocorre e a sua ordem não é fator comum entre essas teorias.

Na perspectiva da gramaticalização, os funcionalistas interpretam que um item ou construção sofre mudança e passa a conviver de forma variável com as demais camadas que representam dado domínio funcional. Para entender tal visão, é necessário evocar os princípios de Hopper (1991), utilizados para aferir quão gramaticalizada uma forma está. São eles: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização. No Quadro 1 a seguir, esses princípios são caracterizados:

Quadro 1: os cinco princípios de Hopper (1991) para medir o grau de gramaticalização das formas linguísticas

Estratificação	Prevê que, dentro de um domínio funcional, novas camadas podem surgir e passar a coexistir com outras já existentes e mais antigas. Como a substituição de uma forma antiga por uma mais nova não é imediata e nem obrigatória, elas passam a concorrer pela representação do domínio funcional. As camadas codificam funções similares ou idênticas, podendo servir como variantes sociolinguísticas.
Divergência	O item ou construção que se gramaticaliza pode manter suas propriedades originais e autonomia, fazendo com que a forma fonte e a forma gramaticalizada convivam. A forma fonte está habilitada a sofrer novos processos de gramaticalização.
Especialização	Diz respeito ao estreitamento de escolhas dentro de um domínio funcional, em que determinada forma se tornaria a mais recorrente por estar em adiantado estágio de gramaticalização. Um indício da especialização é o aumento de frequência da forma mais gramaticalizada.
Persistência	Corresponde à conservação de traços semânticos da forma fonte na forma gramaticalizada. É o que ocorre, por exemplo, quando o pronome de primeira pessoa do plural <i>a gente</i> preserva parcialmente a ideia de coletividade do substantivo <i>gente</i> (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007).
Descategorização	É quando a forma que sofre mudança por gramaticalização tende a perder o <i>status</i> de categoria plena (nomes e verbos), neutralizando os seus aspectos morfossintáticos, como a capacidade de sofrer flexão de número e grau ou de ser adjetivado.

Fonte: Hopper (1991).

Assim, para os pesquisadores funcionalistas que se dedicam a estudar os processos de gramaticalização, o princípio da *estratificação* ajuda a compreender a maneira como esses linguistas interpretam o surgimento de uma inovação dentro de uma língua: um item ou construção sofre mudança gramatical e passa a conviver, em um domínio funcional, com as camadas já existentes dessa função. Em síntese, primeiro ocorre a mudança para, somente depois, acontecer a variação.

Na visão da maioria dos variacionistas, essa ordem é compreendida de maneira contrária. A literatura laboviana aponta que toda mudança linguística pressupõe variação, mas nem toda variação levará à mudança – o que admite a existência de variação estável dentro do sistema linguístico (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Assim sendo, é a alternância entre duas ou mais formas que causará (ou não) a inovação.

Mais uma questão que afasta sociolinguistas e funcionalistas é que um estudo laboviano exige a equivalência semântica/denotativa e/ou funcional entre as formas variantes, que também precisam ser intercambiáveis em um mesmo contexto, algo que é dispensado pela gramaticalização (GÖRSKI; TAVARES, 2017; NARO; BRAGA, 2000). As camadas de um domínio funcional servem à codificação de funções que são similares ou idênticas, podendo ter significados ligeiramente diferentes (HOPPER, 1991).

Se o modo como a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico interpretam a ordem entre a variação e a mudança linguística é oposta, como será possível para um estudo sociofuncionalista amalgamar variação e gramaticalização? Além disso, como superar o problema da equiparação de sentido entre os elementos alternantes? Naro e Braga (2000) indicam que a solução para essas indagações está nos princípios da *estratificação* e da *divergência* de Hopper (1991).

Estudos que mesclam esses dois campos teóricos não são novidade. Desde a década de 1990, pesquisadores associados à Sociolinguística Variacionista já buscavam explicações na gramaticalização para melhor fundamentar as interpretações acerca da variação e da mudança no âmbito da gramática. Görski e Tavares (2017) apontam que há duas possibilidades para realizar a interface entre a variável linguística, instrumento do campo sociolinguístico, e a gramaticalização, processo vastamente examinado pelos funcionalistas: a *perspectiva da variação estrita* e a *perspectiva do percurso de gramaticalização*.

Considerando o princípio da *divergência*, Naro e Braga (2000) fazem o seguinte esquema para representar a preservação de uma forma antiga e que foi gramaticalizada,

passando a pertencer a um domínio funcional novo:

Imagem 21: representação da gramaticalização de um item ou construção lexical a partir do princípio da *divergência* de Hopper (1991)

$$a \rightarrow a/n (\rightarrow n)$$

Fonte: Naro e Braga (2000, p. 128).

A letra *a* representa a forma fonte, enquanto *n* simboliza a forma gramaticalizada. À gramaticalização interessa os estágios *a* e *n*, os seus contextos de uso e aspectos semânticos. Aos variacionistas importa a fase em que as formas estão em concorrência (*a/n*), com preocupação secundária pelos períodos inicial e final, quando o intuito for saber as circunstâncias sociais que levaram à mudança. A forma *n* entre parênteses se refere a uma possível segunda etapa de gramaticalização.

Repensando esse esquema a partir do princípio da *estratificação*, Naro e Braga (2000) adicionam a letra *f* para indicar uma estrutura que está presente no mesmo domínio funcional que a forma *a*, mas que não se relaciona diretamente com o seu processo de gramaticalização, que gera *n*. Dessa forma, as três estruturas (*a*, *n* e *f*) passam a conviver dentro de uma mesma função.

Imagem 22: representação da gramaticalização de um item ou construção lexical a partir do princípio da *estratificação* de Hopper (1991)

$$a/f \rightarrow a/n/f$$

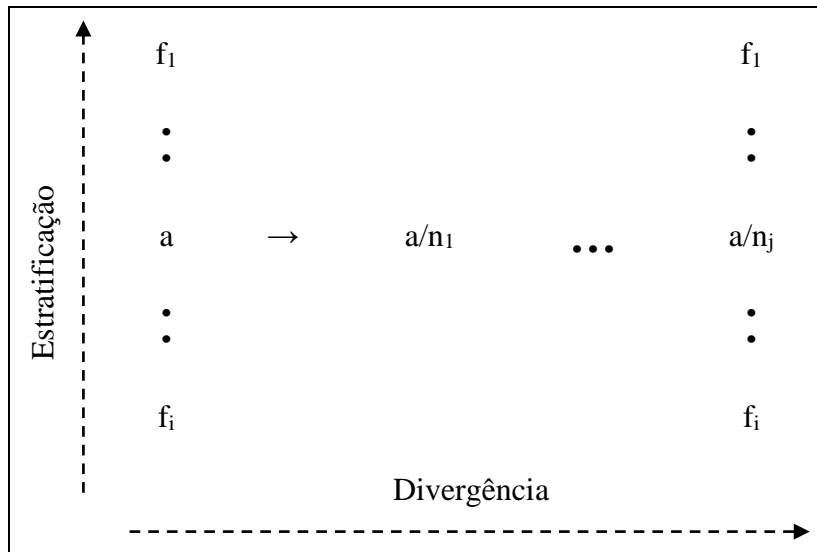
Fonte: Naro e Braga (2000, p. 129).

Mesclando as representações da gramaticalização via *divergência* e *estratificação*, os autores fazem o encaminhamento para que esse processo de mudança possa ser analisado a partir de um viés variacionista, tratando cada camada do domínio funcional como as variantes de uma variável dependente.

No refinamento feito a seguir, que conta com adaptações de Gonçalves (2021), a letra

n representa os diferentes estágios de gramaticalização que convivem em um *continuum* – coexistência captada pelo princípio da *divergência*. Por sua vez, a letra *f* simboliza as diversas estruturas (ou camadas) que compõem um domínio funcional e que não possuem relação com a forma fonte (*a*) e suas formas gramaticalizadas (retratadas pela letra *n*) – coexistência captada pelo princípio da *estratificação*.

Imagem 23: representação do *continuum* de gramaticalização de um item ou construção lexical a partir dos princípios da *estratificação* e da *divergência* de Hopper (1991)



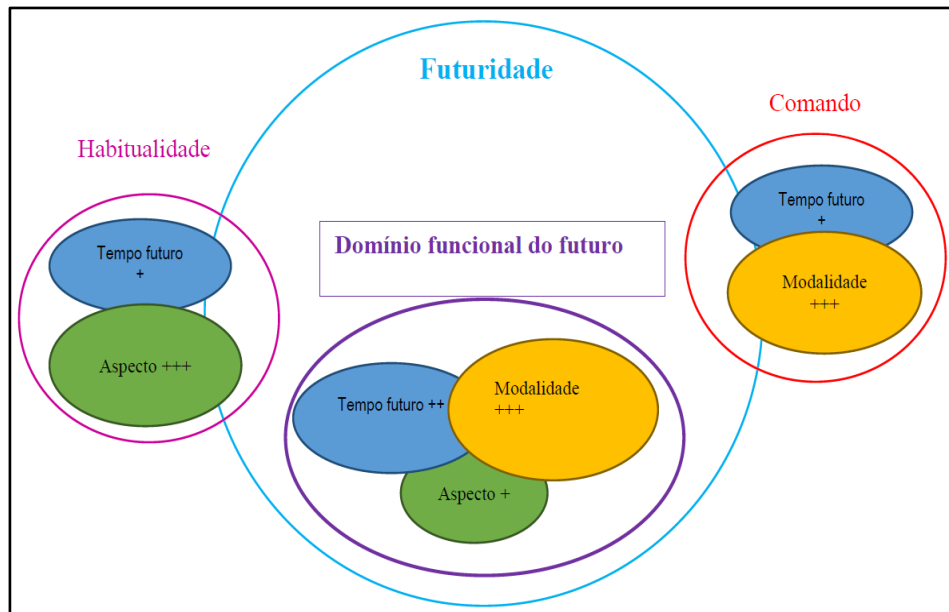
Fonte: Naro e Braga (2000, p. 130), com adaptações de Gonçalves (2021, p. 118).

Um sociofuncionalista pode, portanto, fazer um recorte vertical e selecionar camadas que se originaram a partir de distintos processos de gramaticalização, mas que representam um único domínio funcional, com função idêntica. Görski e Tavares (2017) se referem a esse delineamento como *perspectiva da variação estrita* e nela cada camada elencada representa uma variante da variável dependente sob análise. Tomando como base o trabalho de Gibbon (2014) sobre a expressão da futuridade na fala e na escrita dos gaúchos, as autoras ilustram esse método.

Com foco na perífrase *ir + verbo no infinitivo*, Gibbon (2014) constata que essa estrutura está presente em diversos domínios (ou subdomínios) funcionais que estão correlacionados ao domínio funcional complexo da futuridade, codificando, além do tempo futuro, presente habitual e ato de fala manipulativo (conselho, sugestão, convite ou ordem), como representado na Imagem 24 a seguir. Ainda é possível que tal perífrase desempenhe função

pragmática, sendo um marcador discursivo.

Imagem 24: escopo da *futuridade* e suas relações com a *habitualidade* e o *imperativo/comando*



Fonte: Gibbon (2014, p. 90).

Embora a perífrase *ir* + verbo no presente do indicativo seja capaz de representar esses domínios funcionais – futuro (096), presente habitual (097) e ato de fala manipulativo (comando) (098) – e ainda exercer função pragmática (099), as formas concorrentes para representar cada um desses cenários não são as mesmas, como evidenciam Görski e Tavares (2017, p. 57-58, com acréscimos), por meio de dados da amostra do Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARISUL)²¹:

a) Futuro:

(096) F: Ah! Toda avenida principal de Gramado, cada fábrica pega um pedacinho e faz um pinheirinho, faz uma coisa diferente, tudo cheio de luzes, né? Depois tem as tendinhas na praça, e teve o Natal Luz que *vai ser* [será] esse fim de semana no Lago Negro, que diz que *vai ter* [terá] mais de mil fogos de artifícios, *vai ter* [terá]

²¹ Informações sobre o projeto estão disponíveis no link: <https://www.varsul.org.br/>. Acesso em: 3 de novembro de 2023.

orquestra, *vai ter* [terá] coral, *vai ter* [terá]... nem sei quem que *vai dar* [dará] show lá no Lago Negro.

(FC 03:01)

b) Presente habitual

(097) E: Susto, a senhora já levou algum susto forte, assim de...

F: Olha, eu não sou de assustar tão fácil. Eu *vou ver* [vejo] o que tem antes. Porque às vezes acontece um barulho, uma coisa, eu *vou ver* [vejo] que que aconteceu.

E: Mas o acidente do seu neto deve ter sido um susto forte.

(FC 05:06)

c) Ato de fala manipulativo (comando):

(098) F: Quando foi... Ele estava completamente bem, não apresentava sintomas nenhum, quando eu descobri assim que eu achei que ele estava doente, foi o dia que a gente, ele me convidou pra ir passear e disse: “*Vamos levar* [levemos] a filha no zoológico?”. Eu disse assim: “Vamos”. Ele pegou, colocou a roupa mais bonita, que eu mais gostava e ele parou, quando ele parou, que ele virou assim eu, eu olhei pra ele e disse assim: “Mas pai, o que que tu tens no pescoço?”. Aí ele disse: “Nada”.

(POA 14:03)

d) Função pragmática:

(099) E: Como é que foi a campanha? Como foi seu trabalho?

F: A campanha foi regular, mas, sabe que agora eu não sei? O pessoal está desacreditado dos políticos, viu? Nós fazíamos mais assim corpo a corpo, né? Chegava na pessoa e cantava a pessoa para votar, e os caras não querem saber, ninguém acredita mais em político, viu? Ninguém acredita mais. A maioria, *vamos dizer* [digamos/quer dizer], noventa por cento não queriam saber de conversa.

(POA 09:02)

As camadas concorrentes em cada um desses domínios funcionais são diferentes e oriundas de estágios de gramaticalização particulares. Gibbon (2014) seleciona o futuro como

objeto de investigação, em que a perífrase *ir* + verbo no infinitivo tem a possibilidade de concorrer com outras quatro variantes: 1) o presente; 2) o futuro simples; 3) a forma gerundiva (*ir* + *estar* + verbo no gerúndio); e 4) a perífrase no futuro do presente. Sendo assim, cada uma dessas formas pode representar, na interpretação funcionalista, as camadas de um domínio funcional ou, na interpretação variacionista, as variantes de uma variável linguística.

Na *perspectiva da variação estrita*, há de se tomar o cuidado de não selecionar camadas de distintos domínios funcionais para fazer o recorte da variável dependente. Embora a perífrase *ir* + verbo no infinitivo acompanha a camada de diferentes domínios funcionais, as formas variantes (096), (097), (098) e (099) não são as mesmas e não coocorrem em todos os cenários, não sendo, por isso, intercambiáveis. Além disso, as camadas/variantes em cada um desses domínios funcionais codificam funções diferentes, o que impossibilita um estudo variacionista.

Um segundo plano metodológico para a realização da interface entre variação e gramaticalização faz o corte na horizontal, considerando toda a trajetória de mudança da unidade linguística. Görski e Tavares (2017) denominam essa estratégia como *perspectiva do percurso de gramaticalização* e, para exemplificá-la, as autoras citam o estudo de Schwenter e Torres Cacoullos (2010) acerca das perífrases *estar* + gerúndio e *andar* + gerúndio que expressam o aspecto progressivo no espanhol mexicano.

Essas duas perífrases derivam de uma construção gerundiva geral do espanhol antigo, em que um verbo na forma finita indicando espaço (locativo, postura ou movimento) se juntava a um verbo no gerúndio. Os pesquisadores delimitaram a variável linguística por meio do *continuum* de gramaticalização locativo > progressivo > imperfectivo geral/presente, considerando os subdomínios aspecto progressivo presente (100) – evento verbal em andamento no momento na fala; aspecto contínuo (101) – evento verbal que se mantém por um período de tempo, sem necessariamente estar em andamento no momento da fala; e aspecto habitual (102) – evento verbal que se repete frequentemente – como os fatores de uma variável independente.

Os exemplos a seguir, retirados de Görski e Tavares (2017, p. 60-61, tradução das autoras), ilustram cada um desses subdomínios funcionais. Em (100), (101) e (102), é possível perceber que as perífrases *estar* + gerúndio e *andar* + gerúndio são intercambiáveis em todos os níveis do *continuum* de gramaticalização.

a) Aspecto progressivo presente:

- (100) (a) Pero estás hablando de una forma de vida, Gordo (UNAM 1971:261)
 ‘Mas você está falando de um modo de vida, Gordo’
- (b) Ando buscando unas tijeras, porque se me rompió una uña (UNAM 1976:415)
 ‘Estou procurando uma tesoura, porque quebrei a unha’

b) Aspecto contínuo:

- (101) (a) Y están trabajando allá ahorita, andan, pues anda [...] en elajo (Chic’97 # 2bPH)
 ‘E eles estão trabalhando lá agorinha mesmo, andam, andam [...] com alho, eu acho’
- (b) Ahorita andan trabajando en las pizcas (Chic’97 # 1aCJ)
 ‘Agorinha mesmo estão trabalhando nos restolhos’

c) Aspecto habitual:

- (102) (a) Ahora se están gastando sobre diez y siete millones de pesos diarios (UNAM 1971:115)
 ‘Agora eles estão gastando mais de dezessete milhões de pesos diariamente’
- (b) En los domingos ... toda la gente anda dándose no más la vuelta por esa calle (Chic’97 # 17aDor)
 ‘Nos domingos ... todos andam dando uma volta por essa rua’

Ao submeterem os dados à análise multivariada, Schwenter e Torres Cacoullos (2010) verificaram que a seleção de uma ou outra variante é condicionada pelo tipo lexical e pela classe semântica do verbo na forma nominal de gerúndio.

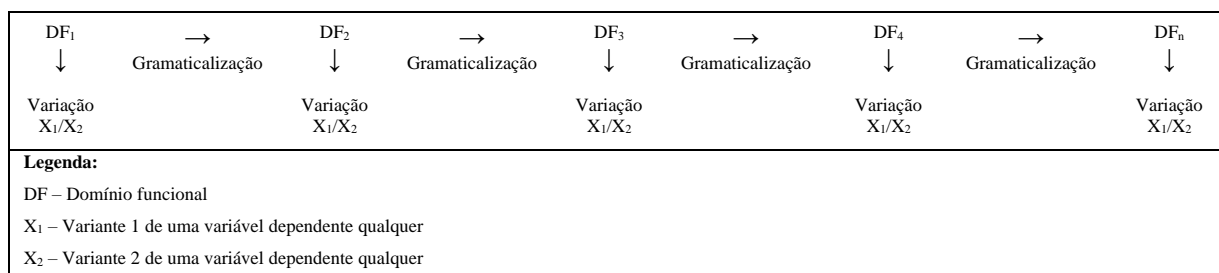
Os pesquisadores que se valem da estratégia de recorte da variável linguística baseada nos percursos de gramaticalização das formas variantes geralmente organizam grupo de fatores condizentes com os estágios dos percursos de mudança postulados por essas formas. Um desses grupos pode abarcar, como fatores, cada uma das funções/domínios funcionais integrantes da variável linguística, e também casos de sobreposição funcional. O controle de um grupo de fatores desse tipo pode revelar traços das fontes lexicais e/ou gramaticais prévias das formas variantes que

ainda estejam sendo preservadas em seus usos mais recentes, o que pode se relacionar a outro dos princípios de gramaticalização proposto por Hopper (1991), o princípio da persistência (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 53).

Para a presente tese, entretanto, nem a *perspectiva da variação estrita* e nem a *perspectiva do percurso de gramaticalização* dão conta de fazer o envelope da variação da expressão do item *estar*. No caso em tela, um único item, seja em sua função fonte ou em suas funções mais ou menos gramaticalizadas, tem duas variantes possíveis em uma única camada: as formas plenas (*está, estou, estão, estava, estavam, estaria, estariam, estivesse, estivessem etc.*) e as formas reduzidas (*tá, tô, tão, tava, tavam, taria, tariam, tivesse, tivessem etc.*). Ou seja, é necessário um recorte que dê conta da variação morfofonológica do item *estar*, que apresenta variação dentro de uma única camada, sem intercambiar com outras, e também de suas funções mais ou menos gramaticalizadas.

A Imagem 5 a seguir ilustra a situação em que um único item ou construção em processo de gramaticalização tem duas formas possíveis e intercambiáveis para representar uma única camada, que também podem corresponder às variantes de uma variável dependente. Esse mesmo elemento, com suas variantes, igualmente está presente em outros domínios funcionais. Assim, um terceiro recorte possível para realizar a interface é selecionar uma camada específica de cada domínio funcional, desconsiderando as outras, desde que elas sozinhas apresentem formas morfológicas, fonológicas ou morfofonológicas alternativas, de mesma significação e valor de verdade, de uma única unidade linguística. Essa via de interface será intitulada de *perspectiva da intracamada*.

Imagem 25: uma terceira via para a interface entre variação e gramaticalização – a *perspectiva da intracamada*



Fonte: elaboração própria.

Com o envelope da variável dependente feito, é possível, também, que os domínios

funcionais recobertos sejam controlados como os fatores de uma variável independente a fim de averiguar se as nuances de sentido entre eles têm algum efeito na seleção ou não das formas variantes.

A opção entre a *perspectiva da variação estrita*, *perspectiva do percurso de gramaticalização* ou *perspectiva da intracamada* deve levar em conta o objeto de estudo do pesquisador e a finalidade da investigação, como aponta Pinheiro (2020, p. 1140, com acréscimos):

A escolha por uma ou outra interface depende do fenômeno variável a ser estudado e dos objetivos do linguista ao desenvolver sua pesquisa. Se sua meta é verificar as formas variantes que concorrem pela representação de um domínio funcional, o ideal é que a conjugação entre variação e gramaticalização seja feita por meio do recorte de um ponto do *continuum* de mudança gramatical, em que todas essas formas [intercambiáveis] apareçam, e torná-lo uma variável dependente. Se, por outro lado, as formas variantes aparecem em diversos domínios funcionais, o propósito do pesquisador pode ser avaliar como as nuances de sentido entre esses domínios influenciam a variação – logo, a melhor opção é tratar todos eles como fatores de uma variável independente.

Aqui, tal qual Pinheiro (2019), adotam-se as manifestações plenas e reduzidas do item *estar* como variantes da variável dependente e os domínios funcionais que o referido item recobre (verbo principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, expressão cristalizadas e marcador discursivo) como os fatores de uma variável independente. O intuito é investigar, nas histórias em quadrinhos das revistas da *Turma da Mônica* de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010), a influência da gramaticalização nos usos das formas plenas ou reduzidas do *estar*.

Por fim, é importante destacar as vantagens de se proceder com uma abordagem que une o recorte da variável laboviana aos processos de mudança gramatical. Segundo Poplack (2011, *n.p.*, com acréscimos), a Teoria da Variação e Mudança Linguística oportuniza aos estudos de gramaticalização

uma maneira de examinar não apenas a forma gramaticalizante, mas também as outras camadas com as quais ela compete. Estender o foco a todo o contexto variável confirma que as formas não se gramaticalizam isoladamente, mas são sensíveis às variantes com as quais se alternam²².

²² Tradução própria e adaptada. Original: *What VT adds is a principled way of examining not only the grammaticalizing form, but also the other layers with which it competes. Extending the focus to the entire variable*

A linguista ainda chama atenção para o fato de a análise de regras variáveis auxiliar a determinar *se* e *como* uma variante é selecionada dentro de um ambiente em que as camadas covariam.

Três linhas de evidência contribuem para medir a extensão da gramaticalização: a significância (estatística) do efeito, a magnitude do efeito e a direção do efeito, ou a hierarquia das restrições que condicionam a escolha da variante, essa última interpretada como a ‘gramática’ subjacente às realizações de superfície variável. Juntas, elas oferecem um retrato da estrutura do sistema em um determinado período²³ (POPLACK, 2011, *n.p.*).

Ao monitorar vários desses retratos ao longo do tempo e compará-los, é possível estipular a entrada de formas no sistema, a trajetória de suas funções e a ascensão e a queda de variantes, pontos de extremo interesse para aqueles que se dedicam a estudar a gramaticalização.

As ideias de Poplack (2011) vão ao encontro do que pensam Görski e Tavares (2017, p. 39-40). Vale, portanto, lembrar que as autoras sinalizam que a

contribuição da sociolinguística variacionista para o estudo da gramaticalização reside na possibilidade de, ao submeter os dados a procedimentos estatísticos comumente adotados para a análise multivariada, identificarmos até mesmo alterações sutis em padrões de distribuição linguística das formas variantes, diacronicamente ou entre geração de falantes. Essas alterações podem representar avanços no processo de gramaticalização das formas envolvidas. Se elas estiverem passando por expansão de contextos de uso, análises multivariadas detalhadas poderão servir de diagnóstico para a identificação dessas expansões.

Como apontam Narrog e Heine (2011, *n.p.*), “[e]mbora isso seja intuitivamente claro para os alunos que trabalham nesse campo, a pesquisa sobre a dimensão individual e social da gramaticalização até agora não recebeu a atenção que merece”²⁴. Explorar cada vez mais a

context confirms that forms do not grammaticalize in isolation, but are sensitive to the variants with which they alternate.

²³ Tradução própria. Original: *Three lines of evidence contribute to measuring the extent of grammaticalization: the (statistical) significance of the effect, the magnitude of the effect, and the direction of the effect, or the ranking of constraints conditioning variant choice, the latter construed as the ‘grammar’ underlying the variable surface realizations. Together, they offer a snapshot of the structure of the system at a given period.*

²⁴ Tradução própria. Original: *While this is intuitively clear to students working in this field, work on the individual and the social dimension of grammaticalization has so far not received the attention it deserves.*

interface entre variação e gramaticalização pode ser um caminho para que esses enfoques sejam progressivamente abordados dentro dos processos de mudança gramatical.

2.4 O CONCEITO DE LÍNGUA E DE GRAMÁTICA ADOTADO NA TESE

Dentro deste capítulo, até o presente momento, já foram delineados e discutidos a conjugação teórica entre Sociolinguística Variacionista e Funcionalismo Linguístico e um dos principais frutos dessa junção, a possibilidade de aplicar o instrumental teórico-metodológico laboviano para a realização de estudos de gramaticalização. Além disso, a concepção do que é esse processo de mudança também já foi elaborada. O conceito de língua e de gramática que cada um desses campos adota, por outro lado, ainda é algo a ser debatido.

Quando Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) estavam desenhando a sua Teoria da Variação e Mudança Linguística, imperava um conceito de língua como sistema homogêneo e interno ao falante, levado a cabo por estruturalistas e gerativistas. O fenômeno da mudança linguística, naquele período, já era algo constatado até mesmo pelos neogramáticos, mas considerado como um fato assistemático e/ou irrelevante dentro de uma teoria geral da linguagem, pois não poderia ser estruturado.

Sendo assim, qualquer razão para explicar alterações na língua carecia de uma relação com aspectos extralinguísticos e era pautada apenas por motivos estruturais ou como mero resultado da distribuição das variantes em faixas etárias distintas. Os autores, na contramão desse pensamento, sugeriam que

um modelo de língua que acomode os fatos do uso e seus determinantes sociais e estilísticos não só leva a descrições mais adequadas da competência linguística, mas também suscita naturalmente uma teoria da mudança linguística que ultrapassa os estereis paradoxos contra os quais a linguística histórica vem lutando há mais de meio século (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 34).

Outro questionamento feito pelo trio é a quantidade de abstrações concebidas para explicar os fatos linguísticos. Em geral, não se buscava nos usos dos falantes de um determinado grupo a explicação para as hipóteses formuladas. Labov (2008 [1972], p. 20) chama

atenção para a circunstância de que “nenhuma mudança acontece num vácuo social”. Para esse sociolinguista, não é possível

entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

Então, segundo os variacionistas, ao contrário de ser um sistema homogêneo e interno, a língua é, na verdade, um sistema heterogêneo e ordenado, no qual a variação e a mudança linguística são fenômenos intrínsecos e sujeitos a regras variáveis (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 108.) Além disso, as análises devem ser feitas a partir dos indivíduos de uma comunidade de fala, um grupo de falantes que compartilha padrões abstratos e as mesmas avaliações acerca dos usos da língua (LABOV, 2008 [1972], p. 150).

Por sua vez, na perspectiva da Linguística Centrada no Uso (BYBEE, 2016 [2010], p. 18), um dos recortes do Funcionalismo considerado nesta pesquisa, a língua é um sistema adaptativo complexo, dotado de variação e de gradiência. A variação se refere à alternância que as unidades linguísticas exibem no uso sincrônico, ao longo da sua trajetória de mudança – que cria a gradiência. A gradiência diz respeito à dificuldade de classificar e de delimitar as categorias da língua e da gramática, uma vez que a mudança ocorre no tempo de maneira gradual, movimentando uma unidade de uma categoria a outra no decurso de um *continuum*.

Ao se adotar esse conceito de língua, a atenção recai menos sobre a estrutura e mais nos processos cognitivos de domínio de geral (como categorização, analogia, *chunking* ou agrupamento, memória enriquecida e associação transmodal²⁵) que criam os elementos linguísticos.

Embora as definições de língua da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Centrada no Uso não sejam antagônicas, selecionar uma ou outra para realizar um estudo sociofuncionalista implica em posturas metodológicas diferentes. Como apontam Tavares e Görski (2015), o intuito de um sociolinguista é identificar os contextos condicionadores de uso de uma variante por meio da elaboração de grupos de fatores discretos e que atuam de

²⁵ Associação entre forma e significado.

forma independente. Consequentemente, as ocorrências ambíguas e duvidosas não devem ser consideradas para o tratamento estatístico.

Além disso, de acordo com Guy (2007 [1988]), os variacionistas precisam se atentar ao princípio investigativo conhecido como a Navalha de Occam, que prevê que, em meio a inúmeras explicações prováveis, aquela que possuir a menor quantidade de variáveis deve ser a escolhida. Em outros termos, os pressupostos exploratórios devem ser os mais simples possíveis para que o diagnóstico seja geral e eficiente – algo que, dentro de uma análise sociolinguística, resulta na amalgamação de fatores ou de grupos de fatores desde que haja razão linguística e estatística para isso.

Tanto funcionalistas quanto sociolinguistas consideram que os processos de mudança são lentos e graduais, com as estruturas linguísticas passando por uma série de transições em que podem perder algumas propriedades e ganhar outras. Nessa visão, as categoriais não são discretas e formam um *continuum*, pois uma parcela considerável do comportamento linguístico acontece entre domínios funcionais e não dentro de uma função específica (TAVARES; GÖRSKI, 2015). É comum, portanto, que haja sobreposição de significados/funções, a não definição do *status* categorial de alguns itens ou até mesmo a categorização híbrida de elementos.

No trabalho em tela, que lida com a alternância entre a expressão plena (*está, estou, estão, estava, estavam, estaria, estariam, estivesse, estivessem etc.*) e reduzida (*tá, tô, tão, tava, tavam, taria, tariam, tivesse, tivessem etc.*) do item *estar* e a influência da gramaticalização nessa variação, o conceito de língua que será adotado é aquele cunhado pela Linguística Centrada no Uso, pois é muito comum que, em processos de gramaticalização, haja períodos em que um único item apresente contiguidade de significados, como é o caso do verbo *ir*:

em uma frase do tipo *João vai comprar um carro*, [...] cabe tanto uma leitura de movimento (*Aonde João vai?*) quanto uma leitura de futuridade (*O que João vai fazer?*). Contextos como esse permitem que, em momentos posteriores, somente a leitura de futuridade esteja disponível, como em *O prédio vai cair*, deixando de lado a leitura de movimento, que exige um sujeito animado que se move (**Aonde o prédio vai?*) (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 48, grifos no original).

Pinheiro (2019, p. 82, grifos no original), ao analisar a redução fonética do item *estar*

(está > tá) na fala da capital do estado do Espírito Santo por meio do banco de dados do projeto *O português falado na cidade de Vitória* (PortVix) (TESCH; YACOVENCO, 2022; YACOVENCO, 2002; YACOVENCO *et al.*, 2012), constata diversas ocorrências de sobreposição de funções. Nos três exemplos²⁶ listados adiante, é possível observar o *estar* desempenhando, ao mesmo tempo, as funções de verbo principal e verbo de ligação (103); verbo principal e verbo auxiliar (104); e verbo principal, verbo de ligação e verbo auxiliar (105).

(103) Às vezes, eu tô deitada ali na... no quarto... eu fico com a lu/quase escuro porque a lâmpada é em cima da cama, né? Assim logo no meio assim a gente deita fica aquele... foco em cima da gente, aí eu deixo tudo no escuro (risos), só a televisão ligada.

(PortVix, célula 19: sexo feminino, 50 anos ou mais, nível fundamental)

(104) [...] é... conjugar os verbos tudo certinho, sabe? As coisa impecáveis... assim, as conjugações todas perfeitas... assim, concordância perfeita, assim, ela sempre foi... e eu acho que isso é uma coisa desse método dessa creche, dessa escolinha da... da escola, entendeu? De... de... tipo assim, mostrar à criança... é... a coisa que, tipo assim, tratar a criança como uma pessoa inteligente, não apenas como uma criança, entendeu? Tratar como uma pessoa que tá ali aprendendo é... é... mostrar se a pessoa ali... “pra mim fazer” não! “Pra eu fazer”, “eu faço”, entendeu?

(PortVix, célula 27: sexo feminino, 15 a 25 anos, mais de 11 anos de escolarização)

(105) [...] e a criança tava lá brincando quietinha... realmente, eu não avisei pra... pra... secretária da escola lá na frente dizer “olha, se as mães do fulano, quando elas chegarem...” e as salas são uma ao lado da outra, né?!

(PortVix, célula 41: sexo feminino, 26 a 49 anos, mais de 11 anos de escolarização)

Uma vez que essa contiguidade de funções existe, é fundamental para análise em tela considerar uma definição de língua como a da Linguística Centrada no Uso, pois ela engloba a sobreposição de funções/significados, sendo a mais adequada para se lidar com processos gramaticalização. Dessa forma, também passa a ser possível realizar a interface entre variação e gramaticalização ao considerar cada uma das funções do item *estar* como fatores de uma

²⁶ Na fala de Vitória/ES, a redução fonética do item *estar* é quase uma mudança completa (PINHEIRO, 2019), por isso os exemplos são todos de formas reduzidas.

variável independente (NARO; BRAGA, 2000), inclusive incluindo as sobreposições como um componente desse grupo.

Ao aceitar esse conceito de língua, entra em jogo uma concepção de gramática que é emergente (HOPPER, 1987, 1998). Ou seja, dentro do Funcionalismo, a gramática não é vista como algo imanente, unificado e abstrato, mas como o resultado das vicissitudes do discurso (CEZARIO, 2012; CUNHA, Maria Angélica Furtado da, 2012). Portanto, um item ou construção que é utilizado de forma corriqueira pelos falantes pode se regularizar e tornar-se parte da gramática, da mesma maneira que estruturas que já são consagradas em uma comunidade podem perder sua força comunicativa e desaparecer.

Nas palavras de Hopper (1998, p. 156):

O movimento da Gramática Emergente pretende sugerir que a estrutura, ou regularidade, sai do discurso e é moldada por ele em um processo contínuo. A gramática é, nessa visão, simplesmente o nome para certas categorias de repetições observadas no discurso. Portanto, ela não deve ser entendida como um pré-requisito para o discurso, uma posse anterior atribuível de forma idêntica ao falante e ao ouvinte. Suas formas não são modelos fixos, mas emergem da interação face a face de maneiras que refletem a experiência passada dos falantes individuais dessas formas e sua avaliação do contexto presente, incluindo especialmente seus interlocutores, cujas experiências e avaliações podem ser bastante diferentes²⁷.

A esse respeito, Tavares (2012, p. 35) diz que como

as experiências dos falante e do ouvinte com a língua são particulares e podem ser distintas em diversos graus, eles têm de se esforçar para se fazer entender e para tentar entender, negociando e adaptando funções e formas para levar sua interação linguística adiante, o que instiga a mudança: adaptações feitas durante a interação, como tentativa de obtenção de êxito no processo de troca verbal, podem ocasionar o surgimento de novas estratégias para a constituição do discurso, que, se frequentemente repetidas, rotinizam-se, tornando-se parte da gramática da língua.

²⁷ Tradução própria. Original: *The motion of Emergent Grammar is meant to suggest that structure, or regularity, comes out of discourse and is shaped by discourse in an ongoing process. Grammar is, in this view, simply the name for certain categories of observed repetitions in discourse. It is hence not to be understood as a prerequisite for discourse, a prior possession attributable in identical form to both speaker and hearer. Its forms are not fixed templates but emerge out of face-to-face interaction in ways that reflect the individual speakers' past experience of these forms, and their assessment of the present context, including especially their interlocutors, whose experiences and assessments may be quite different.*

Como o *estar* é muito fértil na produção de construções, como os já mencionados exemplos *estar para lá e para cá*, *estar ferrado* e *estar apertando* (PINHEIRO, 2019, p. 91), é fundamental que a presente análise leve em consideração um conceito de gramática que é maleável e suscetível a sofrer alterações.

Especificadas as conceituações de língua e de gramática que serão adotadas nesta tese, a seção final deste capítulo tratará de noções de gênero textual e do *continuum* formado entre as modalidades falada e escrita, a fim de estabelecer o último suporte teórico para realizar a análise da alternância entre as formas plenas e formas reduzidas do item *estar* nas histórias em quadrinhos das revistas da *Turma da Mônica* em tempo real (considerando as décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010).

2.5 DELIMITANDO O CONCEITO DE GÊNERO TEXTUAL E O *CONTINUUM* FALA/ESCRITA

A fim de encerrar a apresentação do referencial teórico da presente tese, é preciso delimitar os gêneros textuais que serão considerados na análise da expressão das formas plenas e reduzidas do item *estar*. Vale lembrar que o objetivo principal desta pesquisa é esquadrihar o referido fenômeno variável nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010. Além disso, uma das metas específicas é comparar os resultados aqui obtidos com aqueles constantes na dissertação de Pinheiro (2019), que investigou a expressão do item *estar* na fala de capixabas residentes na capital Vitória a partir de um banco de dados composto por 46 entrevistas sociolinguísticas, o PortVix (TESCH; YACOVENCO, 2022; YACOVENCO, 2002; YACOVENCO *et al.*, 2012).

Porém, antes de conceituar o que vem a ser história em quadrinhos e entrevista sociolinguística, faz-se necessário explicar o que é *gênero textual* (ou *do texto*). Um primeiro ponto a ser destacado é o rótulo adotado: na literatura específica, também é corriqueiro o termo *discursivo* (ou *do discurso*) para se referir aos gêneros. Embora a terminologia diversa, os autores costumam concordar na caracterização de gênero. Logo, *texto* e *discurso* são expressões que podem ser utilizadas de forma intercambiável, com a ressalva de quando se quer apontar aspectos específicos e diferenciá-las para fins teóricos e/ou metodológicos

(NEVES, 2016). Sendo a designação mais utilizada nos estudos linguísticos (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005), prefere-se aqui a nomenclatura *gênero textual*, reservando a noção de *discurso* para circunscrever o uso criativo da gramática, como definem Cunha, Bispo e Silva (2013).

Para começar essa discussão, é importante evocar Bakhtin (1992) e lembrar que os seres humanos só se comunicam por meio de gêneros textuais. Assim, os sujeitos têm à sua disposição uma série de formas padrões relativamente estáveis e sócio-historicamente determinadas para produzirem os seus enunciados. Vale ressaltar que todos são capazes de usar esses modelos com competência e maestria sem se dar conta da sua existência teórica.

Para Koch e Elias (2006), haveria uma espécie de competência metagenérica que permitiria aos falantes/escreventes interagirem entre si de maneira conveniente ao se envolverem nas diversas práticas sociais de oralidade e de letramento. Seria tal competência a responsável por permitir a compreensão dos gêneros textuais e até mesmo a sua nomeação.

Nos termos de Marcuschi (2008b, p. 155, grifos no original), entende-se por gênero textual

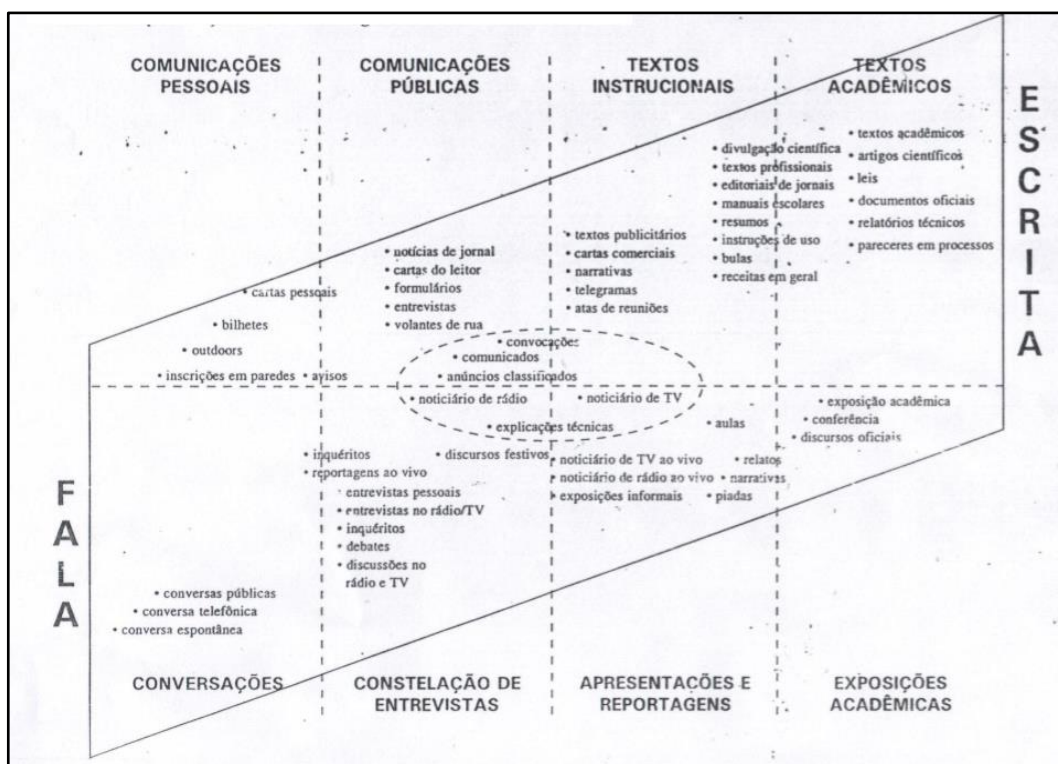
os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas sociais, institucionais e técnicas. [...] os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais e escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

O autor ainda chama atenção para o fato de que os gêneros textuais não podem ser concebidos como modelos estanques ou estruturas rígidas. Pelo contrário, eles são entidades dinâmicas (MARCUSCHI, 2008b, p. 154) e, portanto, estão sujeitos a desaparecer ou a modificar a sua estrutura quando isso for pertinente para o ato comunicativo. Destaca-se também que os gêneros “não são fruto de invenções individuais, mas formas maturadas em práticas comunicativas na ação da linguagem” (MARCUSCHI, 2008b, p. 189).

Quando se fala em gêneros textuais orais e escritos, não se deve pensar em sistemas linguísticos distintos e opostos. Há uma impressão popular (e às vezes até preconceituosa), fora do seio da Linguística, que concebe a escrita como o local da homogeneidade, da estabilidade, da organização, do planejamento e do padrão; ao passo que a fala seria o lócus da espontaneidade e da variação, sendo percebida como algo não ordenado ou sistematizado. Marcuschi (2008^a, p. 37) defende que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos”.

Assim, muito embora haja modelos prototípicos para cada modalidade, há entre elas inúmeras estruturas que apresentam, em maior ou menor grau, tanto características referentes à oralidade quanto particularidades concernentes à escrita. Na Imagem 26 a seguir, é possível observar uma organização que vai da fala à escrita, com muitas possibilidades de gêneros híbridos entre esses dois polos, formando o *continuum* mencionado pelo linguista.

Imagem 26: *continuum* de gêneros textuais formado entre as modalidades falada e escrita da língua



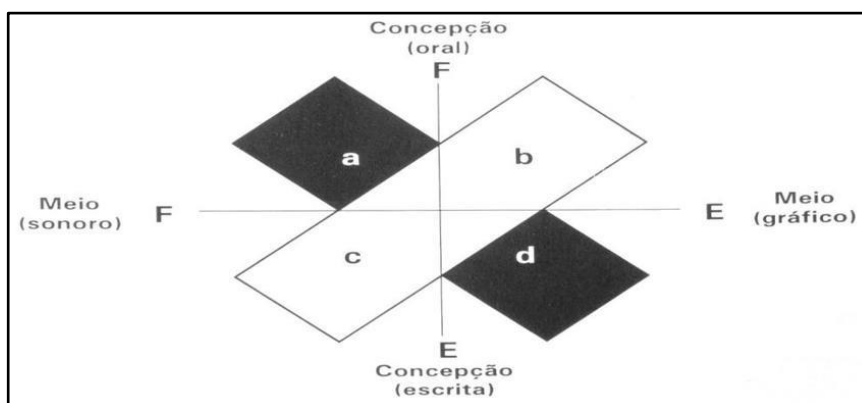
Fonte: Marcuschi (2008a, 2008b).

Observando a organização acima, percebe-se que gêneros textuais como a *conversa telefônica* e o *relatório técnico* são prototípicos da fala e da escrita, respectivamente. Por outro lado, também é possível notar que gêneros como os *comunicados* e as *convocações*, no centro da imagem, dentro do círculo pontilhado, situam-se entre a fala e a escrita, com a possibilidade de apresentar características dessas duas modalidades.

Os conceitos de *meio de produção* e de *concepção discursiva* que Marcuschi (2008a, 2008b) formula a partir de Koch e Oesterreicher (1990) ajudam a compreender o que foi dito acima ao propor categorias para delimitarmos os gêneros textuais no *continuum* fala/escrita²⁸. O meio se refere à mídia na qual o texto materializado é produzido, podendo ser sonora ou gráfica. Por sua vez, a concepção remete à condição de produção original do texto, que pode ser oral ou escrita. A título de exemplificação: ao se declamar um poema, não há aí um caso de língua falada. Trata-se de um texto originalmente escrito (concepção) e que foi reproduzido de forma oralizada (meio).

Realizando o cruzamento desses conceitos, encontram-se as seguintes combinações: a) meio sonoro e concepção oral; b) meio gráfico e concepção oral; c) meio sonoro e concepção escrita; d) meio gráfico e concepção escrita. Na Imagem 27 abaixo, tem-se a representação figurada dessas interseções.

Imagem 27: interseção dos conceitos de *meio de produção* e de *concepção discursiva* propostos por Marcuschi (2008a, 2008b) com base em Koch e Oesterreicher (1990)



Fonte: Marcuschi (2008a, 2008b).

²⁸ Marcuschi (2008b, p. 191) faz a ressalva de que é preciso proceder com cautela ao trabalhar com esses dois conceitos, pois eles podem passar uma falsa percepção dicotômica. É necessário que o leitor tenha essa noção caso queira aplicá-los às suas análises e estudos.

Considerando os gêneros textuais *conversação espontânea*, *artigo científico*, *notícia de TV* e *entrevista* (publicada em suporte de papel), Marcuschi (2008a, 2008b) representa essas convergências, conforme o Quadro 2:

Quadro 2: distribuição dos gêneros textuais *conversação espontânea*, *artigo científico*, *notícia de TV* e *entrevista* de acordo com o meio de produção e a concepção discursiva

Gênero textual	Meio de produção		Concepção discursiva		Domínio
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita	
Conversação espontânea	X		X		a
Artigo científico		X		X	d
Notícia de TV	X			X	c
Entrevista		X	X		b

Fonte: Marcuschi (2008a, 2008b).

Mais uma vez, mas agora considerando os gêneros a partir dos conceitos de meio de produção e de concepção discursiva, observa-se que a *conversação espontânea* (domínio a) e o *artigo científico* (domínio d) são prototípicos da fala e da escrita, na devida ordem. Já a *notícia de TV* (domínio c) e a *entrevista* (domínio b) são mistos, exibindo características tanto da fala quanto da escrita.

À vista disso, Marcuschi (2008a) sumariza que o *continuum* formado pelos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos das modalidades falada e escrita quanto às suas estratégias de formulação, que englobam, por seu turno, um *continuum* de variações textuais-discursivas, de escolhas lexicais, de estilos, de graus de formalidade *etc.* – o que leva a semelhanças e diferenças ao longo de *continua* sobrepostos.

Em relação especificamente ao estilo, Romaine (2009 [1982]) diz ser produtiva a avaliação de diversos gêneros organizados em um *continuum* estilístico para se compreender a dinamicidade da língua. Desenvolvendo essa ideia, Biazolli (2016, p. 109) aponta que,

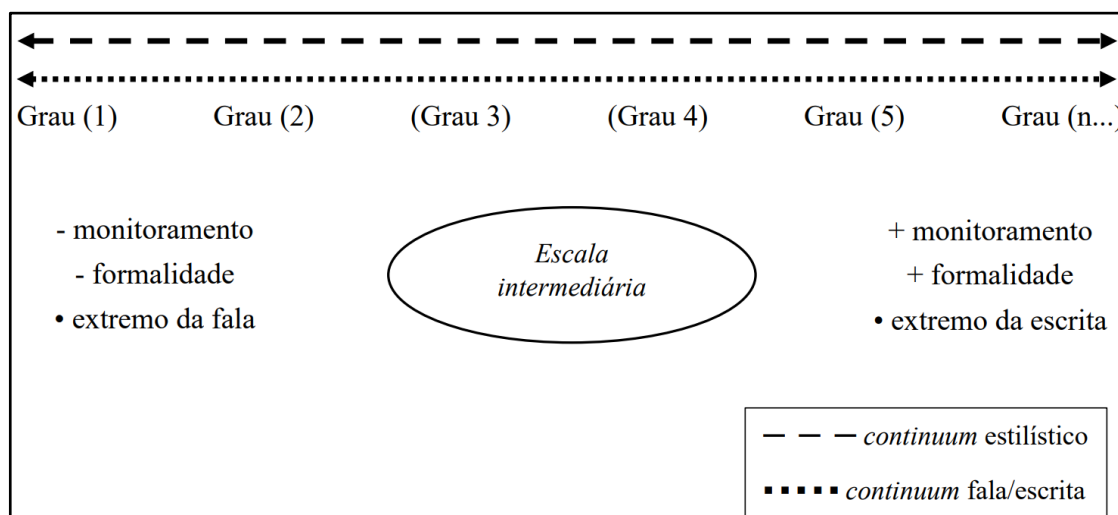
[n]esse *continuum*, em um extremo, estão aspectos ligados a monitoramento e formalidade mais intensos e temas mais rebuscados e, no outro, concentram-se monitoramento e formalidade menores e temas mais coloquiais, possibilitando,

portanto, a distribuição de variantes linguísticas em correlação com gêneros textuais dispostos nessa escala.

A autora prefere assumir uma direção em que se contemple o panorama comunicativo no qual o falante está inserido. Dessa forma, os gêneros textuais não recebem o tratamento de um grupo de fatores contextuais, como uma variável independente que atua na seleção de uma variante. Eles são o próprio evento de interação, marcados por características situacionais próprias que regulam o estilo da fala.

Sendo assim, considerando os aspectos propostos por Biber e Conrad (2009) para descrever e comparar gêneros (participantes, relação entre os participantes, canal de comunicação, condições de produção, cenário, propósito comunicativo e tópico), Biazolli (2016) dispõe o seu *corpus*, composto por *entrevistas na TV*, *noticiários de TV*, *carta de leitor* e *editorial*, em um *continuum* estilístico sobreposto ao *continuum* fala/escrita (Imagem 28), a fim de verificar como se comporta a colocação pronominal do português brasileiro em verbos simples e em complexos verbais nesses contextos de uso.

Imagem 28: Representação do *continuum* estilístico e do *continuum* fala/escrita

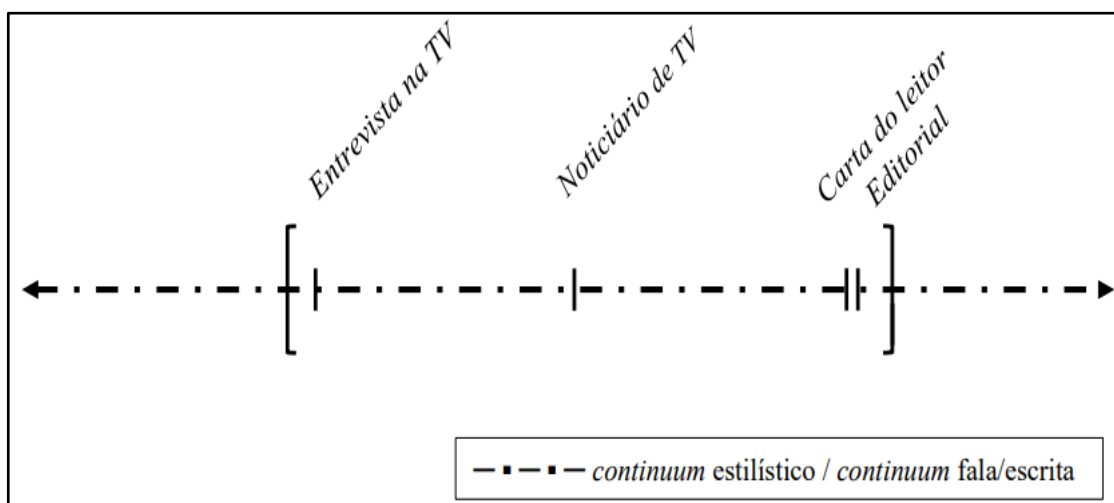


Fonte: Biazolli (2016, p. 305).

Para dispor os quatro gêneros jornalísticos na sobreposição desses *continua*, Biazolli (2016) lembra que, antes da *entrevista na TV* e após o *editorial*, existem outros gêneros ainda mais próximos, respectivamente, do extremo da fala e do extremo da escrita. Em seguida,

levando em conta os fatores contextuais de cada um, principalmente os participantes e a situação comunicativa, ela faz a distribuição proposta na Imagem 29.

Imagem 29: distribuição dos gêneros jornalísticos *entrevista na TV*, *noticiários de TV*, *carta do leitor* e *editorial* na sobreposição dos *continua* estilístico e fala/escrita



Fonte: Biazolli (2016, p. 305).

Comparando a disposição dos gêneros jornalísticos na sobreposição dos *continua* estilístico e fala/escrita com a colocação pronominal no português brasileiro, Biazolli (2016) constata, de maneira geral, que nos contextos mais próximos da escrita, nos quais há mais monitoramento e formalidade, ocorre maior favorecimento de uso das normas propostas pelos manuais de gramática normativa. Por outro lado, em situações comunicativas mais adjacentes à fala e de menor monitoramento e formalidade, o contrário se observa: há menos favorecimento das normas prescritas nos compêndios normativos.

Depois desse breve apanhado acerca do *continuum* fala/escrita (MARCUSCHI, 2008a, 2008b) e do *continuum* estilístico (BIAZOLLI, 2016) feito até aqui como intuito de compreender o que são e como se organizam e se classificam os gêneros textuais, resta circunscrever a partir de que lente se concebe a relação entre as modalidades falada e escrita da língua. Nesta tese, tal relação será contemplada mediante uma ótica sociointeracionista.

Segundo Marcuschi (2008a, p. 33), a visão sociointeracionista para interpretar a relação entre fala e escrita é de base dialógica e “a rigor não forma um conjunto teórico sistemático e coerente, mas representa uma série de postulados um tanto desconexos e difusos”. As bases fundamentais dessa linha estão assentadas na observação da dialogicidade,

dos usos estratégicos do falante, das funções interacionais, do envolvimento e da negociação entre falantes, da situacionalidade, da coerência e da dinamicidade.

Para o linguista, a vantagem do referido modelo reside na percepção da língua como fenômeno interativo e dinâmico – conduta que se alinha aos postulados funcionalistas adotados para este estudo. Além disso, destaca-se também a preocupação em analisar os usos dos gêneros textuais na sociedade.

Delimitado o conceito de gênero textual, apresentados os *continua* fala/escrita e estilístico e determinada a ótica que guia a compreensão da relação entre as duas modalidades da língua, é possível agora partir para a caracterização dos gêneros história em quadrinhos e entrevista sociolinguística, que compõem os *corpora* considerados para a pesquisa em tela.

2.5.1 História em quadrinhos

Ao discutir a distribuição dos gêneros textuais entre as modalidades falada e escrita da língua, Marcuschi (2008b) traz à baila a noção de *domínio discursivo*. Para esse linguista, um domínio discursivo diz respeito à “esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica *etc.*) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão” (MARCUSCHI, 2008b, p. 194).

Indo além, o autor aponta que os domínios discursivos organizam as relações de poder e produzem modelos de ação comunicativa que se são transmitidos, propagados e consolidados ao longo de gerações com propósitos e efeitos bem estabelecidos. Eles efetivam formas de ação, de reflexão e de avaliação social que determinam estruturas textuais – que, por sua vez e em última instância, resultam na fixação de gêneros textuais.

As diversas práticas sociais que se desenvolvem a partir dos domínios discursivos são responsáveis por guiar o comportamento dos interlocutores. Logo, é de conhecimento geral que a postura discursiva empregada em um circo não é a mesma que deve ser empregada em uma igreja. Igualmente, sabe-se que não se deve escrever para uma revista de entretenimento da mesma maneira que se escreve um texto acadêmico.

Marcuschi (2008a, p. 194-196) circunscreve uma série de domínios discursivos, como o jornalístico, o religioso, o comercial, o jurídico e o lazer, chamando atenção para o fato de que alguns gêneros podem pertencer a mais de um domínio. O *lazer* é composto pelos gêneros textuais piada, jogos, adivinhas, *história em quadrinhos*, palavras cruzadas e horóscopo na modalidade escrita; e pelos gêneros textuais fofoca, piada, adivinha e jogo teatral na modalidade falada.

Mendonça (2002), assim como Marcuschi (2008b), compreende que a história em quadrinhos está ligada à esfera da escrita, pois a fala em balões, elemento típico desse gênero, é guiada por um roteiro previamente elaborado, anterior à produção imagética. Por outro lado, Lins (2008, p. 14, com acréscimos), ao refletir acerca dos textos em formatado de quadros (inclusive nesse meio a história em quadrinhos) e o *continuum* fala/escrita, tem a seguinte interpretação: trata-se de

um texto que é planejado para parecer não planejado, ou seja, parece haver a preocupação de se construir uma espontaneidade verbal, como um “parecer ser”, que é minuciosamente planejado anteriormente. O texto de quadrinhos representa um gênero discursivo [ou textual] que não é oral, mas é oral, porém se atualiza na escrita e se completa com o visual. É um texto para ser lido, mas com o objetivo de se fazer escutar, o que o inclui dentro dessa questão do *continuum* fala/escrita.

À vista das considerações de Lins (2008), seria, então, um tanto quanto difícil encaixar a história em quadrinhos dentro do *continuum* formado pelas modalidades falada e escrita nos termos propostos por Marcuschi (2008a, 2008b). Embora o meio de produção seja claramente gráfico, o que dizer da concepção discursiva do referido gênero? Como classificar como originalmente oral ou escrito um gênero cuja linguagem é pensada para ser a representação gráfica da fala face a face? Ou seja, sabe-se que o produto final é escrito, mas também se tem a noção de que a linguagem ali empregada é a simulação de uma conversa dialogada entre interlocutores em um mundo real. Aqui, chega-se à conclusão de que a história em quadrinhos está no meio do *continuum*, ora se aproximando da fala ora se aproximando da escrita.

Outro ponto relevante acerca da linguagem empregada nos quadrinhos é a união de dois signos gráficos: o linguístico e o visual (LINS, 2008). A relação entre esses elementos supre lacunas na interpretação dos quadros, com o conteúdo verbal podendo ser complementado pelo não verbal ou vice-versa.

De Bois (1986 *apud* DUTRA, 1997) faz reflexão semelhante, apontando que os

quadrinistas precisam lidar com a linguagem dentro e fora dos balões, trabalhando com dois espaços cognitivos diferentes ao mesmo tempo. De um lado, no interior dos balões, encontra-se a linguagem volitiva, proposicional, social e ilocucional; de outro, na esfera não verbal, registra-se a linguagem que não está expressa em palavras, não volitiva, não ilocucional e, geralmente, de origem não humana.

Traço constituinte e uma vantagem das histórias em quadrinhos é justamente poder fazer com que as personagens falem (linguagem verbal) e mostrar essa cena com o seu entorno (linguagem não verbal), como aponta Quella-Guyot (1994). Dessa forma, é possível que o não dito contrarie aquilo que está sendo dito, gerando humor – que é, aliás, característica recorrente e quase onipresente nos textos organizados em quadros (LINS, 2008; RAMOS, 2014).

No que se refere à variedade linguística adotada para esse gênero textual, Zanellato (2021) ressalta a multiplicidade de temas que as histórias em quadrinhos podem abordar, indo desde o universo dos super-heróis aos eventos dramáticos da vida real, abarcando tanto o público infantil quanto os adultos. Sendo assim, há uma gama enorme de possibilidades referente ao uso linguagem, que transita entre a coloquialidade e a formalidade.

Para Ramos (2010, 2014), a história em quadrinho faz parte de um hipergênero composto por outros gêneros textuais autônomos, também organizados em quadros, como a charge, as tiras e o cartum. Todos esses textos têm a particularidade de adiantar, tanto para o seu produtor quanto para o seu consumidor, alguns atributos, entre os quais podem ser citados uma linguagem própria e singular, o uso de narrativas e a adequação a um formato gráfico pré-estabelecido.

Em síntese, o que esta subseção acaba por trazer são propriedades espaçadas daquilo que vem a ser uma história em quadrinhos. A falta de uma definição mais precisa e global pode ser o resultado da inexistência de uma teoria de gênero nos quadrinhos (RAMOS, 2014). Como lembra Lins (2008), embora possuam uma ampla aceitação em todas as camadas sociais, as histórias em quadrinhos parecem não constituir foco de interesse no que diz respeito à sua organização textual.

Mediante o exposto, para fins de análise desta tese, será considerado como história em quadrinhos o gênero textual que se situa no meio do *continuum* fala/escrita, apresentando características dessas duas modalidades da língua. O foco recai sobretudo na manifestação verbal em formato de balões, a fim de coletar dados das expressões plenas e reduzidas do item

estar. Entretanto, todos os recursos imagéticos e contextuais podem e devem ser considerados para a interpretação das funções desses usos: verbo principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, expressões cristalizadas e marcador discursivo.

2.5.2 Entrevista sociolinguística

Recorrendo novamente à noção de *domínio discursivo*, verifica-se que Marcuschi (2008b) encaixa o gênero textual *entrevista* dentro das esferas jornalística e instrucional. A depender de sua natureza e finalidade, esses textos podem estar circunscritos à modalidade escrita, como no caso de entrevistas jornalísticas impressas em jornais e em revistas ou divulgadas no formato *online* em portais de notícias; ou à modalidade falada, como nas entrevistas de campo, entrevistas radiofônicas e entrevistas coletivas. Para Hoffnagel (2010), entretanto, a entrevista é um gênero primordialmente oral. Mesmo naqueles casos em que a interação entre perguntador e respondedor está registrada de maneira gráfica, prevalece o formato de diálogo e pressupõe-se que houve anteriormente contato face a face para realizar o ritual de questionamentos.

Ainda de acordo com Hoffnagel (2010, p. 196), ao se pensar o gênero como um ato comunicativo e não como uma forma linguística, a entrevista pode ser tomada como uma “constelação de eventos possíveis que se realizam como gêneros (ou subgêneros)”. Sendo assim, o rótulo *entrevista* engloba as entrevistas médicas, as entrevistas de emprego, as entrevistas científicas e muitos outros tipos, todos diferenciados por suas funções específicas, mas que apresentam um conjunto de características comuns, como a) a presença de entrevistadores e entrevistados; b) a estrutura organizada em perguntas e respostas; e c) a responsabilidade do entrevistador em conduzir a interação, que deve iniciar e encerrar a entrevista, elaborar perguntas, sugerir novos tópicos e estimular a fala do entrevistado.

Valle e Görski (2014) apontam que a entrevista sociolinguística pode ser considerada um dos subgêneros da entrevista, tendo a finalidade de auxiliar na coleta de dados linguísticos em uma comunidade de fala. Para alguns autores, como sinalizam Freitag (2014) e Tavares (2014), esse tipo de entrevista seria um gênero acadêmico, voltado especificamente para a área da Sociolinguística Variacionista.

O método sociolinguístico de captação de entrevistas origina-se com a tese de William Labov, *The social stratification of English in New York City* (A estratificação social do inglês na cidade de Nova York), apresentada em 1964 à *Columbia University* (Universidade de Columbia) e publicada em 1966. Desde a sua fundação, esse modelo tinha como objetivo isolar estilos contextuais e fazer com que o vernáculo, a fala com o menor grau de monitoramento possível, emergisse (VALLE; GÖRSKI, 2014).

As entrevistas formais executadas no *Lower East Side*, bairro nova-iorquino, foram desenvolvidas como investigações para a *American Language Survey*, que proporcionou assistência para o estudo de leitura de textos breves, de leitura de listas de palavras, de atitudes para com a língua e para testes de reação subjetiva. Em pesquisas atuais, como o próprio Labov aponta (LABOV, 2008 [1972]), a língua já não é mais um tópico explícito, sendo substituído por temática ampla que inclui a língua, como o aprendizado do senso comum. Contudo, os condicionamentos estilísticos e a estrutura básica de perguntas e de respostas se mantêm. Ao longo dos anos, esse instrumento foi aperfeiçoado e técnicas para fazer com que o falante preste mais atenção àquilo que fala e menos ao modo como fala foram propostas e aplicadas.

Ainda no princípio, Labov também havia percebido outros dois fatores, além do conhecimento do falante sobre o intuito da entrevista (coletar dados para a produção de pesquisas linguísticas), que eram barreiras a serem vencidas: a presença do entrevistador (alguém estranho ao entrevistado) e do aparelho de gravação – questão conhecida como *paradoxo do observador* (LABOV, 2008 [1972]). Esses elementos fazem com que o informante, que normalmente começava a responder as perguntas de forma monitorada, tivesse dificuldade de alternar para um estilo mais casual.

Apesar disso, o referido linguista norte-americano entende que a entrevista sociolinguística “não é uma situação tão formal quanto um discurso público, e é menos formal do que a fala que seria usada numa primeira entrevista de emprego, mas certamente é mais formal do que a conversa casual entre amigos ou membros da família” (LABOV, 2008 [1972], p. 102-103). Daí se tem o seguinte dilema: como fazer, nessa situação específica, emergir a fala casual? Para superar o estresse causado pela presença do entrevistador e do gravador é possível controlar uma série de estilos contextuais, como a) a fala direcionada a terceiros (indivíduos que não são propriamente o entrevistador) e b) a fala que não responde diretamente à pergunta do entrevistador, em que o informante prefere focar em assunto de sua preferência. Também é viável c) abordar tópicos que remetam à infância do entrevistado

(como parlendas, regras de jogos juvenis, cantigas de roda *etc.*) ou d) abordar tópicos em que o informante tenha que relatar alguma situação em que correu risco de perder a sua vida. Nesses quatro contextos, o falante ou está fugindo da estrutura típica de perguntas e respostas da entrevista (a e b) ou está tocando em temas que têm muito apelo emocional (c e d), circunstâncias que comprovadamente favorecem a fala mais casual ou espontânea.

Acerca especificamente das atribuições dos papéis de entrevistador e de entrevistado, Labov (2001) destaca a possibilidade de o respondedor controlar parte da interação naqueles momentos em que o perguntador direciona a entrevista para o assunto de maior interesse do falante ou em que há maior apelo emocional, levando a períodos mais longos de gravação e, conseqüentemente, à produção de mais dados.

Atributo igualmente interessante a se ressaltar sobre a entrevista sociolinguística é a possibilidade desse gênero textual servir como um guarda-chuva, um macrogênero, para outros gêneros textuais – como é o caso do próprio rótulo *entrevista* (HOFFNAGEL, 2010). Acerca dessa característica, Tavares (2014, p. 210) relata que, nas entrevistas sociolinguísticas do Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARISUL),

são muito frequentes as narrativas de experiência pessoal, os relatos de opinião, as narrativas habituais, mas também aparecem anedotas, receitas culinárias e outros gêneros instrucionais, com indicações de como chegar a algum lugar, como jogar um jogo *etc.*, além de outros tipos de narrativas, como narrativas de experiência vicária, narrativas autobiográficas, narrativas biográficas, narrativas projetadas, narrativas reportando o enredo de romances, filmes e novelas, narrativas recontando lendas *etc.*

A autora destaca que esses gêneros textuais são resultado das perguntas feitas ao longo do inquérito ou são até mesmo produzidos de forma espontânea pelo entrevistado, motivado pelo assunto desenvolvido em determinado momento da entrevista.

Tal aspecto possibilita o estudo da variação estilística pelo viés dos gêneros textuais, havendo a oportunidade de averiguar se uma dada forma é privilegiada por um ou outro gênero, como fez Tavares (2014) ao analisar as variantes *e*, *ai* e *então* que desempenham a função sequenciadora retroativa-propulsora de informações em narrativas de experiência pessoal e em relatos de opinião circunscritos às entrevistas sociolinguísticas do banco de dados do VARISUL.

Fora do bojo da Sociolinguística de vertente laboviana, Scardua e Pinheiro (no prelo)

se aproveitam das narrativas de experiência pessoal em entrevistas sociolinguísticas do banco de dados do PortVix (TESCH; YACOVENCO, 2022; YACOVENCO, 2002; YACOVENCO *et al.*, 2012) para analisar como a masculinidade é construída sob o pilar da coragem em relatos dramatizados de eventos episódicos de assaltos e de potenciais assaltos vivenciados por um falante capixaba do sexo masculino, na faixa etária de 26 a 49 anos e com nível médio de escolaridade. Esse trabalho aponta para um horizonte em que a entrevista sociolinguística, enquanto aparato metodológico de captação de dados, ganha força fora das investigações descritivas da língua.

Assim como na subseção anterior, em que se delimitou o que é o gênero história em quadrinhos, a intenção aqui não foi esgotar o que é a entrevista sociolinguística, mas apenas sinalizar alguns dos seus principais aspectos e brevemente relatar a sua constituição histórica. Para encerrar esta parte, então, resta dizer o que de fato será considerado como entrevista sociolinguística nesta tese: um gênero de concepção oral e meio de produção sonoro, que tem o objetivo principal de coletar material falado a fim de formar bancos dados para análises linguísticas. Portanto, as entrevistas sociolinguísticas serão consideradas em sua totalidade, sem maiores reflexões sobre os subgêneros que elas englobam, servindo para coletar amostras das expressões plenas e reduzidas do item *estar*.

2.6 ENCAMINHANDO...

Após discutir e conceituar o Sociofuncionalismo, o processo de gramaticalização, a interface entre variação e gramaticalização, as definições de língua e de gramática adotadas para desenvolver esta tese, além das concepções de gênero textual, o *continuum* fala/escrita e o que são histórias em quadrinhos e entrevistas sociolinguísticas, o próximo passo é dar o encaminhamento metodológico que a pesquisa seguirá com o intuito de proceder à análise da expressão do item *estar*.

No capítulo 3 a seguir, será feito o recorte da variável dependente e apresentados os *corpora* considerados para este estudo, os fatores contextuais controlados e a ferramenta estatística utilizada para a análise multivariada do fenômeno em tela. Para mais, serão explicadas as metodologias de tempo real e de tempo aparente.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O terceiro capítulo desta tese dedica-se à apresentação dos procedimentos metodológicos da pesquisa. Na primeira seção, aborda-se o recorte da variável dependente em um cenário de interface entre variação e gramaticalização (GÖRSKI; TAVARES, 2017; NARO; BRAGA, 2000; POPLACK, 2011). As duas estratégias mencionadas por Görski e Tavares (2017), a *perspectiva da variação estrita* e a *perspectiva do percurso de gramaticalização*, não conseguem abarcar completamente o fenômeno variável sob análise, a expressão do item *estar*. Esses dois métodos preveem a alternância de itens ou de construções que têm origem distinta e que, portanto, pertencem a camadas diferentes de um domínio funcional. No caso do *estar*, suas formas plenas e reduzidas têm a mesma origem e pertencem a uma única camada do domínio funcional, sendo necessário fazer uma extensão da proposta das autoras, nomeada aqui de *perspectiva da intracamada*.

Em seguida, na segunda seção, são identificados e descritos os *corpora* investigados: o banco de dados composto por 46 informantes da cidade de Vitória (TESCH; YACOVENCO, 2022; YACOVENCO, 2002; YACOVENCO *et al.*, 2012), capital do estado do Espírito Santo, e um conjunto de 188 revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010) (ZANELATO, 2021), ambos constituídos no seio do grupo PortVix.

A natureza desses dois bancos de dados permite o exame da expressão do item *estar* a partir de um estudo em tempo aparente e em tempo real (LABOV, 1994). Sendo assim, em sequência, na terceira seção, esses construtos são explicados e discutidos.

Na quarta seção, expõem-se as variáveis independentes analisadas nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*. São elas: *Função do item*, *Pessoa do discurso*, *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item*, *Década da publicação* e *Personagens*. Esses grupos de fatores foram formulados com base na dissertação de Pinheiro (2019), que investigou o objeto de estudo desta tese nas 46 entrevistas sociolinguísticas feitas com 46 informantes de Vitória/ES.

Por fim, na quinta e última seção deste capítulo, apresenta-se a ferramenta estatística *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e suas funcionalidades. Esse programa computacional gera pesos relativos que sinalizam os efeitos dos fatores de uma

variável independente na seleção ou não de uma variante da variável dependente. Tal grandeza varia entre os valores 0, que indica que uma variante nunca é selecionada na presença de determinado fator, e 1, que indica que uma variante sempre é selecionada na presença de determinado fator. O valor 5 sinaliza efeito intermediário (GUY; ZILLES, 2007, p. 239).

3.1 O RECORTE DA VARIÁVEL DEPENDENTE

No português brasileiro, seja na fala ou na escrita, há duas variantes possíveis para manifestar o item *estar*, as formas plenas, sem erosão do material morfofonológico (*está, estou, estão, estava, estavam, estaria, estariam, estivesse, estivessem etc.*), e as formas reduzidas, com erosão do material morfofonológico (*tá, tô, tão, tava, tavam, taria, tariam, tivesse, tivessem etc.*). Abaixo, seguem exemplos dessa variação nas duas modalidades:

Variação entre as formas plenas e reduzidas do item *estar* na fala, em entrevistas sociolinguísticas do banco de dados do PortVix:

(106) [...] chamou até atenção dele, que queria sair junto comigo. Ele disse: “não... o senhor não *está* com ela... ela vai sair primeiro”. E eu usava aquele sapatão, aí eu disse: “se ele vier botar a mão”, porque ele nunca, nunca fez isso, que eu num deixava. Ai, Deus me livre, sempre tratava ele no respeito... aí num foi preciso, que o juiz mesmo mandou ele ficar no lugar. Quando eu cheguei em casa, disse: “S. com aquele sapato, cê já pensou?”.

(PortVix – célula 20: sexo feminino, 50 aos ou mais, 1 a 8 anos de escolarização)

(107) Não, eu não tenho sogro, né? Só sogra e meu pai também. É, só tenho pai, não tenho mãe. E aí meu já mora com minha irmã, né? Porque ela já cuida dele tem muitos anos. Quando eu fui morar no Pará, essa minha irmã depois foi atrás de mim ele e o marido e meu pai foi junto. Quando eu fui, meu pai foi junto também, só que ele ficou três meses lá, depois ele voltou. Quando a minha irmã foi, ele foi também, aí ficou morando com ela e acostumou com ela todos tempos e agora *tá* com ela.

(PortVix – célula 46: sexo feminino, 50 anos ou mais, mais de 11 anos de escolarização)

Variação entre as formas plenas e reduzidas do item *estar* na escrita, em histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*:

(108) Você *está* aí, Mingau?

(Magali, nº 214, Editora Globo, década de 1990, p. 31)

(109) Alôôu! Humberto? Você *tá* aí, manezão?

(Cebolinha, nº 21, Panini Comics, década de 2000, p. 6)

Além de sofrer variação em sua forma na variedade analisada, esse item também é multifuncional, desempenhando as funções de verbo principal, de verbo de ligação, de verbo auxiliar, de expressão cristalizada e de marcador discursivo – neste estudo, considera-se tanto que o termo *função* corresponde à significação semítico-pragmática, nos termos de Nichols (1984), quanto à função gramatical, nos níveis morfossintático e discursivo. Vale destacar também que os usos plenos e reduzidos do item *estar* manifestam-se de forma alternada em todas essas funções, como é possível conferir nos exemplos abaixo, retirados das revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*:

a) Verbo principal:

(110) Magali, você *está* aí? Maga...

(Mônica, nº 107, Editora Globo, década de 1990, p. 9)

(111) Ah, Cascão, você *tá* aí? Já chegou, vem me ajudar...

(Cascão, nº 39, Panini Comics, década de 2000, p. 63)

b) Verbo de ligação:

(112) *Estou* cansado de levar a pior por causa dos planos do Cebolinha!

(Cascão, nº 24, Panini Comics, década de 2010, p. 42)

(113) Ai! Ui! *Tô* cansado de apanhar!

(Cascão, nº 28, Editora Globo, década de 1980, p. 3)

c) Verbo auxiliar:

(114) “Eu *estou* falando de uma vacina contra o mau humor!”

(Mônica, nº 21, Panini Comics, década de 2000, p. 20)

(115) Eu *tô* falando da dança lambada! Entendeu?

(Almanaque da Mônica, nº 50, Editora Globo, década de 1990, p. 5)

d) Expressão cristalizada:

(116) Se é! *Estou morrendo de* saudades dos meus amiguinhos lá de cima!

(Mônica, nº 9, Panini Comics, década de 1970, p. 37)

(117) Mas, agora, me faça voltar ao normal! *Tô morrendo de* nojo de mim mesma!

(Mônica, nº 94, Editora Globo, década de 1990, p. 15)

e) Marcador discursivo:

(118) Marina!! Não nos deseje mais boa sorte, *está* bem?

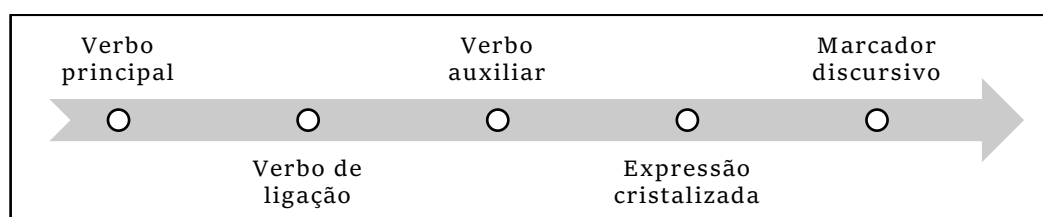
(Mônica, nº 212, Editora Globo, década de 2000, *s.p.*)

(119) Com você, mesma! ... E não banque a *olgulhosa*, *tá* bem?

(Cebolinha, nº 2, Editora Abril, década de 1970, p. 8)

Considerando a gramaticalização do item *estar* a partir dos parâmetros de Heine e Kuteva (2007), Pinheiro (2019) organiza essas funções em um *continuum* de mudança, começando pela função fonte, o verbo principal, até chegar em sua função mais gramaticalizada, o marcador discursivo, conforme a Imagem 30 a seguir:

Imagem 30: *continuum* de gramaticalização do item *estar* elaborado a partir dos parâmetros de Heine e Kuteva (2007)



Fonte: Pinheiro (2019, p. 54 e 89).

Considerando todos esses elementos (as formas, as funções e o *continuum* de gramaticalização do item *estar*), é possível fazer um estudo sociofuncionalista a partir da interface entre variação e gramaticalização (GÖRSKI; TAVARES, 2017; NARO; BRAGA, 2000; POPLACK, 2011). Segundo Görski e Tavares (2017), há dois caminhos possíveis para se fazer o recorte da variável dependente nesse cenário: a *perspectiva da variação estrita* e a *perspectiva do percurso de gramaticalização*.

Na *perspectiva da variação estrita*, selecionam-se as formas variantes de uma função sincrônica, como exemplificam as autoras por meio do trabalho de Gibbon (2014), acerca da expressão do futuro na fala e na escrita do estado do Rio Grande do Sul. A noção de futuridade pode ser expressa pelo presente, pelo futuro simples, pelas perífrases constituídas entre *ir* + verbo no infinitivo e pela forma gerundiva (*ir* + *estar* + verbo no gerúndio), ou seja, formas cuja gramaticalização envolveu estágios de mudança distintos e que partilham função apenas em um único domínio funcional.

Já na *perspectiva do percurso de gramaticalização*, as formas são intercambiáveis em dois ou mais domínios funcionais ao longo do seu trajeto de mudança, que são tomados como os fatores de uma variável independente, como é o caso da alternância entre as perífrases *estar* + gerúndio e *andar* + gerúndio que expressam o aspecto progressivo no espanhol mexicano (SCHWENTER; TORRES CACOULLOS, 2010) e entre os extensores gerais *e tal* e *e tudo* na fala de natal, capital do Rio Grande do Norte (TAVARES; DUARTE, 2021).

O macrodomínio funcional do aspecto imperfectivo recobre os subdomínios do aspecto progressivo presente, do aspecto contínuo e do aspecto habitual, sendo as perífrases *estar* + gerúndio e *andar* + gerúndio formas alternativas para representá-los. O mesmo ocorre com o macrodomínio funcional da extensão geral, que tem como subdomínios a marcação de categoria, como nos exemplos (120) e (121), nos quais as unidades linguísticas destacadas sinalizam uma série de itens que pertencem a uma única categoria, e a requisição de solidariedade, como nos exemplos (121) e (123), que ilustram casos nos quais o falante confia que o ouvinte detém conhecimento prévio sobre o tópico abordado, demandando assim a sua solidariedade, não sendo necessário fornecer informações minuciosas acerca do tópico uma vez que o ouvinte o domina.

a) Marcação de categoria (TAVARES; DUARTE, 2021, p. 77):

(120) “Ou você paga ou então vamos criar um caso” “não, não, a gente vai ver aí como seria a questão de você não ter que receber esse dinheiro”. Meu irmão, como é um cara bem compreensivo nesse ponto, ele disse “se você bater...”. Que na construção civil se eu não me engano eles têm essa coisa de bater com uma vassoura, tipo um cabinho, um negócio assim. Cada cômodo de três por três dá nove metros quadrados, ou que seja maior, cada vão, cada quarto, sala *e tal*, se tiver mais do que cinco peças de cerâmica fofa, oca, você não pode receber o dinheiro por aquele serviço.

(BDFN)

(121) Não, não. Eu trabalhei mais meu pai que era mestre de obra, J. P., trabalhei com ele uns cinco anos e quando eu tava com dezoito anos ele faleceu, eu já tinha aquela base mais ou menos de como iniciar um serviço e concluir e fazer tudo, né? Desde a parte hidráulica, parte elétrica *e tudo*. Aí eu vou, entrego pra pessoa e fica pronto pra venda.

(BDFN)

b) Requisição de solidariedade (TAVARES; DUARTE, 2021, p. 78-79):

(122) Eh... gosto muito quando alguém tá falando alguma coisa de espiritismo e tal, mas eu nunca fui a um centro espírita não, mas eu acho que tem tudo a ver assim com o que a gente vive *e tal*.

(BDFN)

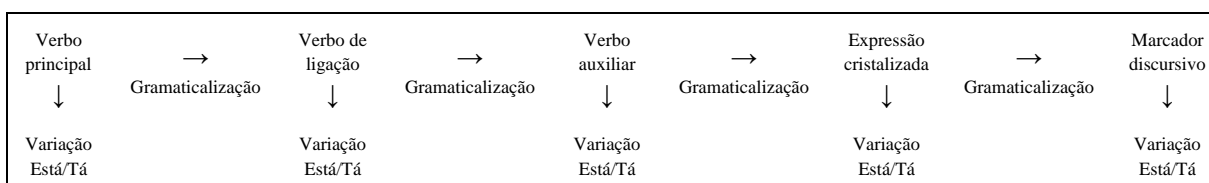
(123) Sim. E aí ela ligou dizendo que tava grávida, que... aí pronto, foi uma felicidade pra todo mundo aqui, né? Porque é o primeiro neto, primeiro bisneto, primeiro sobrinho. K., que era toda assim diferente, ficou feliz da vida porque vai ser tia, né? Aí pronto, pra gente foi muito bom. E ele ficou... ele ficou com uma sensação assim... ele ficou feliz, mas ao mesmo tempo, com medo, que ele disse, “mainha, eu tô feliz, mas tô com medo”. Digo: “mas todo mundo tem essa sensação quando... quando a mulher engravida a primeira vez assim *e tudo*, dá aquele medo da responsabilidade, né? Que a partir de agora não vai ser responsabilidade só sobre você, vai ser sobre você e... e o bebê, né? E a sua vida de casado. Mas graças a Deus vai dar certo”. Aí ele... ele foi, o pai dela é doido por ele, a mãe também, a família dela toda gostou muito de P. (tudo o que uma primeira gravidez envolve).

(BDFN)

Tanto a *perspectiva da variação estrita* quanto a *perspectiva do percurso de gramaticalização* estão tratando da alternância entre itens ou construções de origem distinta, como é o caso das formas *irei* e *vou ir* para expressar o futuro no português brasileiro, das formas perifrásticas *estar* + gerúndio e *andar* + gerúndio que expressam o aspecto progressivo no espanhol mexicano e das formas *e tal* e *e tudo* que expressam a extensão geral na fala natalense. Sendo assim, cada uma dessas formas representa diferentes camadas de um domínio ou subdomínio funcional. No caso em tela, em que se tem como objeto de estudo a expressão do item *estar*, um único elemento sofre variação em sua estrutura morfofonológica (está > tá), fazendo com que as formas plenas sejam intercambiáveis com as formas reduzidas na fala ou na escrita, fato observável nos exemplos de (106) a (109), em qualquer uma de suas funções, como nos exemplos de (110) a (119). Logo, não é possível falar aqui de itens ou de construções de origem distinta e de formas que representam diferentes camadas de um domínio ou subdomínio funcional. Parece ser mais correto dizer que um único item apresenta variação dentro de uma única camada de um domínio funcional ou subdomínio funcional.

Sendo assim, as duas estratégias descritas por Görski e Tavares (2017) para realizar a interface entre variação e gramaticalização não dão conta completamente do trabalho empreendido nesta pesquisa. É praticável, entretanto, uma extensão do método que considera toda a trajetória de gramaticalização de um item ou construção ao se considerar que ele também aceita a variação fonológica, morfológica ou morfofonológica de um único elemento linguístico ao longo do seu percurso de mudança, como representado no esquema a seguir (Imagem 31). A título de diferenciação, essa extensão será denominada como *perspectiva da intracamada*, pois, diferentemente dos outros cenários, fala-se de uma variação que está ocorrendo dentro da própria camada e não entre camadas de um domínio ou subdomínio funcional.

Imagem 31: esquema para representar a extensão da *perspectiva do percurso de gramaticalização*, em que um item ou construção apresenta variação dentro de uma única camada de um domínio ou subdomínio funcional (*perspectiva da intracamada*)



Fonte: elaboração própria.

Desse modo, a forma morfofonológica plena e a forma morfofonológica reduzida, ilustradas na Imagem 31 respectivamente por *está* e *tá*, podem ser as variantes de uma variável dependente, enquanto as funções verbo principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, expressão cristalizada e marcador discursivo podem ser tomadas como os fatores de uma variável independente.

Essa representação levou em consideração o percurso de gramaticalização do item *estar* formulado por Pinheiro (2019) com base nos parâmetros de Heine e Kuteva (2007). É importante fazer a ressalva de que, em sua dissertação de mestrado, Pinheiro (2019) não estabelece um macrodomínio que recubra todos os domínios funcionais em que a variação do item *estar* se faz presente e que são considerados nesta tese. Esse é um passo necessário do método da *perspectiva do percurso de gramaticalização* e, por extensão, também é uma etapa da *perspectiva da intracamada*. Essa é uma lacuna que não será preenchida aqui e que deverá ser repensada em investigações futuras. Contudo, isso não é um empecilho para prosseguir com a análise multivariada da expressão do fenômeno em questão, embora, mais uma vez, há de se ressaltar que a gramaticalização do *estar*, com os domínios e subdomínios funcionais que esse item recobre, precisa ser refinada.

Definido como o recorte da variável foi feito por meio da interface entre variação e gramaticalização, o passo seguinte do atual capítulo é apresentar os *corpora* que serão considerados para a análise da variação entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*: as 46 entrevistas sociolinguísticas com informantes de Vitória/ES e um conjunto de 188 revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica*, ambos constituídos dentro do grupo de pesquisa PortVix.

3.2 OS *CORPORA* ANALISADOS: AS ENTREVISTAS SOCIOLINGÜÍSTICAS E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA *TURMA DA MÔNICA*

Esta tese irá analisar a expressão do item *estar* no *continuum* fala/escrita do português brasileiro. Para tanto, recorre-se aos gêneros textuais entrevista sociolinguística, para coletar dados da fala, e história em quadrinhos, para coletar dados referentes à escrita. A seguir, são apresentados os bancos dados utilizados na pesquisa: 1) a primeira amostra de inquéritos

labovianos desenvolvida pelo grupo PortVix, no início dos anos 2000, elaborada com foco em compreender a variedade usada pelos capixabas; e 2) a amostra de 188 histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010), constituída por Zanellato (2021) e também circunscrita ao grupo PortVix.

3.1.2 As entrevistas sociolinguísticas do PortVix

A amostra d'O *Projeto Português falado na cidade de Vitória – PortVix* (TESCH; YACOVENCO, 2022; YACOVENCO, 2002; YACOVENCO *et al.*, 2012) foi inicialmente organizada pela Prof.^a Dr.^a Lilian Coutinho Yacovenco²⁹ no início dos anos 2000, sob orientação das pesquisadoras Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva³⁰ e Christina Abreu Gomes³¹, ambas do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL)³². Havia, nesse princípio, dois intuitos principais: 1) formar um banco de dados linguísticos representativo da fala de Vitória/ES, uma das capitais mais antigas do Brasil e que até então não possuía uma amostragem para o desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas; e 2) analisar fenômenos variáveis na comunidade capixaba, divulgando e enquadrando a variedade utilizada pelos habitantes da capital espírito-santense no cenário nacional.

O fruto desse esforço inaugural é um banco de dados composto por 46 entrevistas com moradores de Vitória/ES que viveram a vida toda nessa cidade ou lá estabeleceram residência até os quatro anos de idade. Esse *corpus* é estratificado pelo sexo (masculino ou feminino), pela faixa etária (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 16 a 49 anos ou 50 anos ou mais) e pelo grau de escolaridade (ensino fundamental, ensino médio ou ensino superior) dos informantes, conforme a Tabela 1 a seguir:

²⁹ <http://lattes.cnpq.br/4214287374430490>.

³⁰ <http://lattes.cnpq.br/7796134210271116>.

³¹ <http://lattes.cnpq.br/3109224399923578>.

³² Informações sobre esse grupo de pesquisa estão disponíveis no seguinte *site*: <https://peul.lettras.ufrj.br/>. Acesso em: 4 dez. 2023.

Tabela 1: distribuição das células sociais das 46 entrevistas feitas com informantes de Vitória/ES

Faixa etária	7 a 14 anos		15 a 25 anos		16 a 49 anos		50 anos ou +		
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	
Ensino fundamental (1 a 8 anos de escolarização)	4	4	2	2	2	2	2	2	20
Ensino médio (9 a 11 anos de escolarização)	–	–	3	3	2	2	2	2	14
Ensino superior (< 11 anos de escolarização)	–	–	2	2	2	2	2	2	12
Número total de entrevistas:									46

Fonte: adaptado de Yacovenco (2002, p. 108) e de Yacovenco *et al.* (2012, p. 777).

De acordo com Tesch e Yacovenco (2022, p. 53), essas entrevistas foram gravadas em dois contatos, sempre com a presença de dois entrevistadores.

No primeiro contato, buscava-se verificar se o participante atendia aos critérios estabelecidos e quais temas favoreciam o uso do vernáculo pelo falante. No segundo contato, realizava-se a entrevista propriamente dita, cuja duração média é 60 minutos. Nesse momento, realizou-se uma entrevista semidirigida, tipicamente laboviana, e os entrevistadores adotaram procedimentos diversos para que o vernáculo emergisse e, assim, o falante prestasse o mínimo de atenção ao modo de falar e ficasse mais atento sobre o que dizer.

Ainda segundo as autoras, a fim de superar o *paradoxo do observador* (LABOV, 2008 [1972], p. 244), uma série de estratégias foram empregadas durante os encontros, como 1) não revelar de imediato o real motivo da entrevista; 2) conduzir a entrevista de modo descontraído e seguindo um roteiro previamente elaborado; 3) incentivar os informantes a relatarem fatos sobre a sua vida pessoal; 4) a utilização de gravadores pequenos e de microfones de lapela, com o intuito de amenizar a situação de entrevista; e 5) todos os entrevistadores eram e se apresentavam como estudantes de graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), na intenção de conquistar a simpatia dos entrevistados.

A elaboração desse *corpus* possibilitou (e ainda possibilita) o desenvolvimento de diversas pesquisas sobre a fala da comunidade capixaba, há trabalhos sobre a expressão da segunda pessoa do discurso (CALMON, 2010), a variação do tempo futuro (TESCH, 2011),

concordância verbal (BENFICA, 2016), concordância de número (SCARDUA, 2018), o uso de estratégias de relativização (SANTOS, 2020) e muitos outros que ajudam a localizar a variedade dos falantes de Vitória/ES em relação ao restante do país.

Atualmente o PortVix é coordenado pelas professoras doutoras Leila Maria Tesch³³ e Maria Marta Pereira Scherre³⁴. O projeto foi repaginado, passando a se chamar *PortVix – Grupo Capixaba de Estudos de Variação e Mudança Linguística*, com o objetivo de contemplar uma série de outros estudos produzidos por seus integrantes e ex-integrantes acerca da escrita espírito-santense, da escrita brasileira e também da fala de outras localidades que não a capital do Espírito Santo.

Além da amostra inicial constituída pelas 46 entrevistas com informantes capixabas, também estão disponíveis: 1) o banco de dados composto por 44 informantes da zona rural de Santa Leopoldina, município do interior do estado do Espírito Santo (FOEGER, 2014; LOPES, 2014, 2020); 2) o banco de dados composto por 36 informantes de Caravelas, cidade costeira do estado da Bahia (LIMA, 2017); 3) o banco de dados composto por edições do jornal A Gazeta, um importante, relevante e influente veículo de comunicação da sociedade capixaba; 4) o banco de dados composto por cartas, cartões postais e jornais antigos da comunidade capixaba (CONCEIÇÃO, 2016; MASSARIOL, 2018); 5) o banco de dados composto por histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* de diferentes décadas (CONCEIÇÃO, 2022; SILVA, 2020; ZANELATO, 2021), e 6) o banco de dados composto por telejornais capixabas (DIAS, 2021).

Esta tese focará no banco de dados inaugural do PortVix. A amostra de 46 informantes de Vitória/ES já foi examinada por Pinheiro (2019) e os resultados de sua dissertação servirão de comparação para a investigação a ser realizada com base nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, *corpus* que será detalhado na próxima subseção. Assim, será possível defrontar a expressão das formas plenas e das formas reduzidas do item *estar* em dados da fala e da escrita por meio de dois gêneros textuais distintos. Além disso, será feita uma breve análise do fenômeno em tela na fala de Santa Leopoldina/ES, a fim de comparar o seu comportamento nas zonas urbana e rural. Abaixo, segue a distribuição desse *corpus* de acordo com as suas células sociais:

³³ <http://lattes.cnpq.br/9705222558363890>.

³⁴ <http://lattes.cnpq.br/6129587291049735>.

Tabela 2: distribuição das células sociais das 44 entrevistas feitas com informantes da zona rural de Santa Leopoldina/ES

Faixa etária	7 a 14 anos		15 a 25 anos		26 a 49 anos		50 anos ou +		
	M	F	M	F	M	F	M	F	
Ensino fundamental I	3	3	1	2	2	2	2	2	17
Ensino fundamental II	3	3	2	2	2	2	2	2	18
Ensino médio	–	–	2	2	2	2	0	1	9
Número total de entrevistas:									44

Fonte: Lopes (2020, p. 113).

Como critério de seleção para participar das entrevistas, os entrevistados deveriam ser naturais de Santa Leopoldina/ES, morar na zona rural, ter pais e companheiros leopoldinenses e falar somente a língua portuguesa – na região, há descendentes e falantes de pomerano.

A elaboração do referido banco de dados seguiu as mesmas estratégias que a amostra PortVix para tentar superar o *paradoxo do observador*. Além disso, há de se ressaltar que as pesquisadoras responsáveis pela captação das entrevistas tentaram constituir uma amostragem equilibrada, mas isso não foi possível devido à dificuldade em encontrar informantes de todos os perfis almejados em princípio. Lopes (2020) relata por exemplo que, na época em que os falantes de 50 anos ou mais estavam em idade escolar, as instituições de ensino na zona rural de Santa Leopoldina/ES eram escassas, o que resultaria no percalço de encontrar representantes dessa faixa etária que tenham cursado o nível médio da educação básica.

Delimitadas as entrevistas sociolinguísticas que serão consideradas no presente estudo, parte-se agora para delimitar o *corpus* referente à escrita. A seguir, será explorado e circunscrito o conjunto de revistas das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* considerado por esta tese.

3.2.2 As histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*

Concebida em 18 de julho de 1959 pelo cartunista e empresário Mauricio de Sousa

(MARTINS, 2020), a *Turma da Mônica* é nos dias atuais uma franquia de mídia que engloba revistas de histórias em quadrinhos, séries e filmes animados e *live-action*, *audiobooks* e diversos outros produtos voltados para o público infanto-juvenil brasileiro e internacional. As primeiras personagens criadas pelo desenhista foram o cachorro Bidu e o seu dono, Franjinha, que eram as protagonistas das tirinhas publicadas em jornais da época. Nos anos seguintes, na década de 1960, surgem as personagens Cebolinha e Cascão e apenas na década de 1970 foi ilustrada Mônica, a primeira personagem feminina e o maior sucesso da marca (BATISTOTI, 2018). Ao longo de 60 anos de existência, a Mauricio de Sousa Produções já deu vida a mais de 250 personagens.

Em meio a essas criações, merece destaque a personagem Chico Bento, inventada em 1961 (MARTINS, 2020). Diferentemente das demais figuras, que retratam a vida e os costumes de moradores da zona urbana, Chico e sua turma são moradores da zona rural e recebem uma série de alegorias caricatas e/ou estigmatizadas em relação à sua forma de vestir, de falar e de se comportar para indicar esse pertencimento. Entretanto, muitas dessas características não correspondem à realidade ou não são exclusivas dos moradores rurais, como é o caso de alguns traços linguísticos.

Além da *Turma da Mônica*, composta pelas personagens principais Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali e seus coadjuvantes, e da *Turma do Chico Bento*, composta pelo Chico Bento e pelas personagens representativas da zona rural, nas histórias publicadas pela Mauricio de Sousa Produções também encontram-se: 1) a *Turma do Penadinho*, composta por personagens lúdicas típicas de contos de terror, como lobisomens, fantasmas, vampiros e múmias; 2) a *Turma da Tina*, composta por personagens jovens e que lidam com temas que não estão circunscritos ao mundo das crianças, como faculdade, emprego e vida amorosa; 3) a *Turma do Astronauta*, que conta as aventuras da personagem Astronauta no espaço sideral; 4) a *Turma da Mata*, ambientada na floresta e composta por animais selvagens antropomórficos; 5) a *Turma do Piteco*, composta por personagens que vivem em um período pré-histórico, retratando fantasiosamente os homens e as mulheres das cavernas; 6) a *Turma do Horácio*, composta pela personagem principal Horácio, um dinossauro que filosofa sobre a vida, e demais personagens coadjuvantes, também dinossauros; 7) a *Turma do Papa-Capim*, composta por personagens indígenas que vivem na região da Amazônia brasileira; e 8) a *Turma do Bidu*, composta pelos animais de estimação das personagens da *Turma de Mônica* e por outros animais e objetos falantes.

Foi na década de 1970 que as histórias de Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali e Chico

Bento e sua turma começaram a ganhar a identidade que têm hoje, editoradas em forma de revista. Em outubro de 2019, a produtora comemorou a publicação de 600 títulos em território nacional, contabilizando os números das editoras Abril, Globo e Panini (NARAJÓ, 2019). Nos anos de 2008 e de 2013 respectivamente, com um estilo voltado para os quadrinhos japoneses (mangá), são iniciadas as séries da *Turma da Mônica Jovem* e do *Chico Bento Moço*, publicações que abordam a vida adolescentes das personagens.

A diversidade e a longevidade de personagens e de publicações da Mauricio de Sousa Produções permitem diversas abordagens para o desenvolvimento de análises acerca da língua escrita. Silva (2020), por exemplo, organiza um *corpus* formado por 47 revistas da década de 1980, 25 revistas da década de 1990 e 50 revistas dos anos 2000 da *Turma do Chico Bento* e por 25 edições do *Chico Bento Moço* datadas a partir de 2013 a fim de investigar como se dá a alternância dos pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* nessas publicações, verificando se a mudança da personagem Chico Bento do campo para a cidade tem alguma influência na representação desse fenômeno nas histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa.

Zanellato (2021), por sua vez, elaborou um *corpus* com revistas da *Turma da Mônica* e da *Turma do Chico Bento* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 com o intuito de estudar a expressão do objeto direto anafórico de terceira pessoa a partir de uma abordagem metodológica em tempo real (LABOV, 1994), verificando nesse recorte temporal qual era o comportamento das variantes clítico acusativo, pronome lexical, sintagma nominal e categoria vazia.

Já Conceição (2022) produziu um *corpus* com revistas da *Turma da Mônica* e da *Turma do Chico Bento* apenas dos anos 2017, 2018 e 2019, com o objetivo de analisar a expressão de sentenças imperativas em sua representação rural e urbana nas histórias em quadrinhos. Para mais, a autora buscou identificar como os atos de fala das personagens poderiam condicionar as formas associadas ao indicativo e ao subjuntivo.

Esta tese fará uso do *corpus* planejado por Zanellato (2021), pois ele permitirá a análise da variação entre as formas plenas e as formas reduzidas do item *estar* por meio da abordagem metodológica do tempo real e também investigar a representação desse fenômeno nos contextos urbano e rural. Ao longo do texto, será utilizado o rótulo *Turma da Mônica* para se referir a esse material como um conjunto, englobando as revistas referentes a todas as personagens principais (Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali e Chico Bento). Na Tabela 3 a

seguir, é possível visualizar como esse banco de dados está sistematizado, com o número de revistas coletadas por cada década.

Tabela 3: organização do *corpus* de revistas *da Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 elaborado por Zanellato (2021)

Distribuição das revistas por década	
1970	21
1980	36
1990	45
2000	52
2010	34
Total	188

Fonte: elaboração própria, com base em Zanellato (2021).

Agora que foram delimitados os bancos de dados que serão utilizados para a presente pesquisa, parte-se para a seção em que são explicados os construtos metodológicos de tempo real e de tempo aparente (LABOV, 1994). Como já informado neste seccionamento, a análise do fenômeno em tela considerando revistas de várias décadas possibilita a investigação em tempo real. Por outro lado, os grupos etários da amostra de 46 informantes de Vitória/ES viabilizam o exame em tempo aparente, como fez Pinheiro (2019) em sua dissertação de mestrado. Antes, como ato final desta seção, justifica-se a escolha das histórias em quadrinhos em uma subseção específica.

3.2.2.1 Por que analisar histórias em quadrinhos?

A entrevista sociolinguística é um gênero textual que pode ser considerado como pertencente à esfera acadêmica (FREITAG, 2014; TAVARES, 2014), que tem a clara finalidade de coletar dados para estudos de variação e de mudança linguística e metodologia específica para esse fim. Sendo assim, é de se esperar que a sua escolha não suscite questio-

namentos e, por isso, não haja aqui uma subseção específica justificando tal uso. Entretanto, o mesmo não ocorre com as histórias em quadrinhos. Segundo Lins (2008), embora sejam amplamente aceitas, as histórias em quadrinhos não constituem interesse no que diz respeito à sua organização linguística. Afinal, por que escolhê-las como um dos gêneros textuais a serem estudados nesta tese?

Serão apontados três motivos a fim de fundamentar essa decisão. O primeiro deles é de ordem metodológica: o objetivo original desta pesquisa era replicar o estudo de Pinheiro (2019) em outras cidades brasileiras além de Vitória/ES, contemplando pelo menos mais um estado de cada uma das macrorregiões do Brasil (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) na tentativa de dar um panorama nacional acerca da expressão do item *estar*. O contato com pesquisadores e grupos de pesquisa responsáveis por bancos de dados de entrevistas sociolinguísticas representativos de diversas variedades brasileiras foi feito e o acesso a algumas amostras foi disponibilizado ou o *corpus* já estava disponível *online*. Ao prosseguir na análise dos dados, entretanto, constatou-se a falta de entrevistas ou de informações a respeito das células sociais nessas amostras. Essa ausência criou uma barreira para a continuidade do trabalho, pois se não há, por exemplo, conhecimento acerca das características sociais dos informantes, isso impossibilitaria a futura comparação dos resultados referentes aos bancos de dados.

Ainda sobre esse ponto, é importante frisar que a dificuldade em obter acesso pleno aos bancos de dados linguísticos brasileiros nada tem a ver com os pesquisadores ou grupos de pesquisa que os elaboraram – esses são, na verdade, bastante solícitos e receptivos à ideia de providenciar acesso ao trabalho que produziram. O problema dessa equação é a falta de financiamento para manter as amostras de fala, questão que tangencia igualmente a falta de valorização do pesquisador linguista e da própria área de ciências humanas nacionalmente. À vista disso, preferiu-se, ao invés de dedicar mais tempo em busca das entrevistas ou das informações sobre os faltantes, mudar os rumos da pesquisa e selecionar um outro banco de dados, dessa vez para realizar a comparação entre a expressão do item *estar* na fala e na escrita do português brasileiro. Assim, chegou-se às histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*.

Parte da resposta para esse questionamento também encontra-se na seção anterior a esta, quando são apresentadas brevemente as histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*. O número grande e constante de publicações ao longo de 60 anos torna esse material um prato cheio para estudos linguísticos, uma vez que é possível investigar o registro de uma série de

fenômenos variáveis ao longo do tempo, verificando se houve algum tipo de mudança ou não. Além disso, como bem apontam Brasil e Scherre (2000), as revistas da *Turma da Mônica* são genuinamente brasileiras, com diálogos que possuem marcas claras da língua falada. A esse fato pode-se acrescentar que as páginas desenvolvidas por Mauricio de Sousa e seus colaboradores circulam por todo o território nacional sem nenhum entrave, ou seja, é uma escrita acessível e presente na vida (e principalmente na infância) de muitos brasileiros e brasileiras de diversas partes do país.

Para finalizar, vale a reflexão de que qualquer instância de uso da língua merece ser apurada. Aqui, parte-se do princípio de que toda manifestação linguística tem algo a dizer sobre os processos sociocognitivos e estilísticos que regem a linguagem e, justamente por isso, importa a sua análise. Se não há teoria ou metodologia específica que dê conta de um determinado uso, a sua base epistemológica precisa ser fundada a fim de que se avance na descrição das línguas naturais.

3.3 A PESQUISA TEMPO APARENTE E EM TEMPO REAL

Labov (1994) sinaliza que o exame da mudança linguística em progresso requer a observação de dois estados de uma língua e uma garantia que comprove a continuidade entre esses dois recortes, com a finalidade de confirmar que eles de fato se referem a essa mesma língua. A fim de alcançar esse objetivo, ele propõe duas abordagens metodológicas: o estudo em tempo aparente e o estudo em tempo real.

Em suas palavras, a pesquisa em tempo aparente é aquela em que se controla a distribuição das variáveis nos grupos etários. Habitualmente, a mudança linguística se processa de modo progressivo nos mais diversos espectros. Na esfera social, por exemplo, é comum que falantes mais velhos preservem as formas mais antigas da língua, enquanto os falantes mais novos preferam as formas inovadoras.

Naro (2015b) destaca que, no atual panorama dos estudos linguísticos, não se sabe em definitivo até que ponto a língua de um indivíduo pode mudar. De maneira geral, linguistas vêm trabalhando com uma hipótese apoiada na psicologia desenvolvimentista de que, por volta do início da puberdade, o processo de aquisição da linguagem se encerra, ficando a

língua do falante essencialmente estável a partir de então. A sua gramática, portanto, não poderia sofrer mudanças substanciais, uma vez que o acesso aos processos cognitivos que viabilizam a sua manipulação é interrompido³⁵.

Dessa forma, seguindo tal hipótese, a língua de uma pessoa em idade adulta espelharia a sua língua adquirida até os 15 anos de vida, quando a gramática deixa de sofrer mudanças significativas. Exemplificando: a fala de uma pessoa 60 anos representaria um estado da língua de 45 anos atrás, conforme o esquema abaixo:

Tabela 4: escala de gradação etária

Idade atual (em anos)	Estado da língua (anos atrás)
70	55
60	45
50	35
40	25
30	15
20	5

Fonte: Naro (2015b, p. 45).

Refletindo acerca do construto do tempo aparente, Labov (1994) faz a ressalva de que é evidente que a distribuição das formas linguísticas nos níveis etários pode não representar uma mudança na comunidade de fala, mas sim um padrão regulado pela idade e que se repete em todas as gerações. Para ilustrar esse cenário, o autor menciona que muitas variáveis socio-linguísticas bem estabelecidas apresentam ordenamento etático, com adolescentes e jovens adultos utilizando variantes estigmatizadas mais livremente do que falantes mais velhos, principalmente nas situações em que estão sendo observados. Assim, resta o questionamento se uma mudança em tempo aparente representa uma mudança em progresso ou não.

Para contornar essa situação e realmente constatar se há um caso de mudança em progresso, as evidências obtidas por meio de um estudo de tempo aparente devem ser

³⁵ A estabilização do sistema linguístico de um sujeito ao final do período de aquisição da linguagem é ponto questionável. Conforme Paiva (2016, p. 27), “Um acúmulo significativo de evidências permite discutir esta hipótese, ao evidenciar que diversos aspectos linguísticos podem mudar ao longo da vida de um indivíduo e que falantes adultos podem participar igualmente de mudanças em curso”.

conjugadas aos resultados de um estudo de tempo real. Apropriando-se de terminologias da área da Sociologia, Labov (1994) pontua dois procedimentos possíveis para aplicá-lo: o estudo de tendências (*trend study*) e o estudo de painel (*panel study*).

Segundo Paiva e Duarte (2015, p. 188),

O estudo do tipo “tendência” se baseia na comparação de amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos do tempo. Mantida a exigência de que cada amostra seja efetivamente aleatória, os falantes gravados podem ser considerados representativos da comunidade no momento da gravação e o resultado do estudo comparativo das amostras será, em termos estatísticos, equivalente ao estudo da comunidade como um todo. Essa técnica, que nada diz sobre o comportamento linguístico do indivíduo, permite verificar em que medida mudanças na configuração social de um grupo podem se refletir na propagação, estabilização ou recuo de processos de mudança.

Ainda de acordo as autoras,

O estudo “painel” consiste no recontato e na obtenção de uma amostra de fala de indivíduos gravados há algum tempo, tarefa nem sempre facilmente realizável. A primeira questão que se pode colocar se refere ao interstício de tempo necessário entre as duas amostras para que se viabilize a observação de possíveis mudanças. Considera-se, geralmente, que o espaço de uma geração (cerca de 18 anos) é suficiente para fornecer indícios acerca da estabilidade ou mudança no comportamento linguístico do indivíduo e da comunidade de fala (PAIVA; DUARTE, 2015, p. 186).

Assim como as investigações em tempo aparente e em tempo real se complementam, os estudos de tendência e de painel por si só não são satisfatórios, embora ambos instanciem afirmações de confiança sobre os rumos da mudança linguística. O estudo de tendências foca na continuidade ou descontinuidade de um dado fenômeno linguístico na própria língua, que pode ou não ter reflexos no uso individual. Em contrapartida, o estudo de painel salienta a continuidade ou descontinuidade de determinada conduta linguística dos integrantes de uma comunidade de fala, sem haver reflexo no sistema.

A fim de entender como os indivíduos mudam ou não ao longo de suas vidas, como as comunidades mudam ou não no decorrer das épocas e as possibilidades de combinações das mudanças nos indivíduos e na comunidade, Labov (1994) salienta que dados obtidos por meio do construto metodológico do tempo real, sejam eles extraídos através do procedimento de

tendências ou de painel, exigem um modelo subjacente para interpretá-los. As amálgamas simples resultam em quatro padrões distintos, conforme o Quadro 3 a seguir:

Quadro 3: padrões de mudança no indivíduo e na comunidade

		Indivíduo	Comunidade
1)	Estabilidade	Estável	Estável
2)	Gradação etária	Instável	Estável
3)	Mudança geracional	Estável	Instável
4)	Mudança na comunidade	Instável	Instável

Fonte: Labov (1994, p. 83, tradução própria).

As correlações entre o indivíduo e a comunidade levam às seguintes observações: 1) *estabilidade* – a situação é homogênea quando não há mudança nem no indivíduo e nem na comunidade. Não há, portanto, evento de mudança a ser investigado; 2) *gradação etária* – quando o indivíduo muda o seu comportamento linguístico ao longo do tempo, mas a comunidade como um todo permanece estável; 3) *mudança geracional* – o indivíduo mantém o seu comportamento linguístico ao longo do tempo, mesmo ao mudar de faixa etária. A frequência da variante particular utilizada pelo falante regularmente cresce e esse uso é incrementado pelas gerações seguintes. Labov (1994) aponta que esse é o tipo mais comum de mudança em fenômenos fonológicos e morfológicos; 4) *mudança na comunidade* – há alterações nos usos das variantes tanto no indivíduo quanto na comunidade, sendo esse padrão mais recorrente nas mudanças lexicais e sintáticas.

Até aqui se falou da possibilidade de desenvolver um estudo em tempo real de curta duração, considerando, no máximo, não mais do que algumas décadas entre as amostras coletadas. Contudo, também é viável a realização de um estudo em tempo real de longa duração, considerando um período que pode abranger séculos. Nesses casos, claramente não é possível recorrer a registros de fala gravados. Os pesquisadores que empregam esse método precisam coletar os seus dados em fontes históricas escritas.

Ao recuar no tempo e lidar com registros gráficos, o linguista provavelmente encontrará certos percalços. Nesse cenário, Paiva (2016) chama a atenção para duas questões: os textos escritos filtram formas linguísticas de acordo com seus propósitos normativos e são um

produto do empenho de copistas, sendo assim, muitos manuscritos são dialetalmente heterogêneos. Além disso, em razão do seu processo de produção, os textos escritos apresentam unicamente evidências daquilo que de fato era utilizado, então nada se pode dizer acerca do que não consta nesses registros. Apesar dessas características não impedirem o estudo em tempo real de longa duração, elas impõem entraves às possíveis conclusões.

Para a análise da expressão do item *estar*, são considerados dois *corpora*. Um deles é a amostra PortVix, já examinada por Pinheiro (2019). Composta por 46 entrevistas sociolinguísticas com falantes de Vitória/ES, ela foi estratificada de acordo com o sexo, o nível de escolaridade e a faixa etária do informante. Os quatro grupos etários (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 16 a 49 anos e 50 anos ou mais) desse banco de dados possibilitam uma investigação a partir do construto do tempo aparente, verificando como as variantes plena e reduzida se distribuem entre os indivíduos de mais ou menos idade a fim de constatar se há indícios de uma mudança em curso.

Não havendo a possibilidade de realizar um estudo de tendências ou de painel com os falantes da capital capixaba, pois o PortVix é o único conjunto de entrevistas labovianas realizado até então na cidade de Vitória/ES, e com o intuito de obter mais informações acerca do fenômeno em tela, também se analisa uma amostra composta por revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010. Feita especificamente para esta tese, tal investigação viabiliza: 1) um estudo de tempo real de curta duração; e 2) a comparação do comportamento das formas plenas e reduzidas do item *estar* nas modalidades falada e escrita.

Após exibir as possibilidades analíticas que os *corpora* selecionados proporcionam, na seção a seguir apresentam-se os grupos de fatores controlados na análise multivariada do fenômeno nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*. São eles: *Função do item*, *Pessoa do discurso*, *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item*, *Década de publicação* e *Personagens*.

3.4 GRUPOS DE FATORES CONTROLADOS

Nesta tese, a variável dependente sob investigação é a alternância entre a expressão

das formas plenas (*está, estou, estão, estava, estavam, estaria, estariam, estivesse, estivessem etc.*) e das formas reduzidas (*tá, tô, tã, tava, tavam, taria, tariam, tivesse, tivessem etc.*) do item *estar* em dois gêneros textuais: em entrevistas sociolinguísticas, considerando um conjunto de dados representativo da fala de Vitória/ES, e nas histórias em quadrinhos das revistas da *Turma da Mônica* de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010). Abaixo, seguem exemplos desses usos nos *corpora* analisados:

(124) Oh... eu acho que a... a escola pública é ruim, igual meu neto, por exemplo, meu neto estuda aqui no Susete. Já roubaram dele a... a coisinha de... de... de lápis, a bolsinha de lápis. Ele não *está* aprendendo nada [...].

(PortVix – célula 16: sexo feminino, 26 a 49 ano, 1 a 8 anos de escolarização)

(125) [...] não, ele toca violão... ele *tá* aprendendo a tocar violino... é... é... isso que ele toca... toca baixo... só que baixo, eu nunca ouvi ele tocar não... porque... a caixa de som dele não fica aqui não fica... na casa do amigo dele [...].

(PortVix – célula 25: sexo feminino, 15 a 25 anos, 9 a 11 anos de escolarização)

(126) Pessoal! O Piteco *está* cansado! Voltem quando o sol baixar, que ele conta mais piadas!

(Chico Bento, nº 465, Editora Globo, década de 2000, p. 36)

(127) Não fica triste, Sansão! O papai *tá* cansado pra brincar com a gente!

(Mônica, nº 11, Panini Comics, década de 2000, p. 44)

A modelagem a ser seguida para definir quais são os contextos favorecedores (ou não) das formas reduzidas do item *estar* em relação às formas plenas será baseada na dissertação de Pinheiro (2019), que analisou a referida variação na fala de Vitória, capital do estado do Espírito Santo. Como esse estudo foi feito a partir de um *corpus* oral, serão necessárias algumas adaptações. Uma vez que o banco de dados aqui analisado se manifesta na forma escrita e as personagens que compõem as histórias são fictícias, fatores extralinguísticos macrossociais, como o sexo, a faixa etária e o nível de escolarização dos falantes, foram desconsiderados. Da mesma forma, o fator linguístico *Contexto precedente ao item*, que verificava se o ambiente fonético anterior à ocorrência do *estar* influenciava em sua perda de

massa fônica, não foi controlado, pois, como já mencionado, os dados analisados nesta tese são de origem gráfica.

Para a presente análise, serão examinadas as variáveis linguísticas *Função do item*, *Pessoa do discurso* e *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item*. No lugar das variáveis extralinguísticas sociais, entram os grupos de fatores *Década da publicação* e *Personagens*, mais adequados para tratar o gênero textual que ainda não foi analisado: as histórias em quadrinhos. A seguir, esses condicionadores serão discutidos e exemplificados (quando pertinente) e as hipóteses para cada um deles serão formuladas.

3.4.1 Função do item

De acordo com Görski e Tavares (2017), é possível realizar a interface entre variação e gramaticalização a partir da *perspectiva da variação estrita*, considerando as camadas intercambiáveis de um domínio funcional como as variantes de uma variável dependente, ou da *perspectiva do percurso de gramaticalização*, em que os subdomínios de um domínio funcional complexo são tomados como fatores de uma variável independente. Sendo uma das intenções desta tese verificar como cada função que o item *estar* desempenha influencia em sua expressão plena ou reduzida, a opção que se faz aqui é por efetivar esse consórcio recorrendo à variável independente *Função do item*.

Essa variável foi controlada por Pinheiro (2019) na análise da expressão do item *estar* na fala de Vitória/ES, quando o autor constatou que funções menos gramaticalizadas são desfavorecedoras da perda de massa fônica enquanto funções mais gramaticalizadas condicionam positivamente a erosão do referido item. A conclusão desse estudo vai ao encontro do que prevê a literatura acerca dos processos de gramaticalização (BYBEE, 2016 [2010]; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; HEINE, 2003; HEINE; KUTEVA, 2007; HOPPER; TRAUGOTT, 1993), que elucida que quanto mais um elemento se gramaticaliza e expande seus usos para contextos mais abstratos, maiores são as chances de haver desbotamento semântico e de ocorrer redução fonética.

Em sua dissertação, o linguista mapeou cinco funções do item *estar* (*verbo principal*, *verbo de ligação*, *verbo auxiliar*, *expressão cristalizada* e *marcador discursivo*) e formulou

mais uma categoria de análise (*sobreposição de funções* – referente aos usos que codificam duas ou mais funções ao mesmo tempo) para realizar o diagnóstico multivariado laboviano (GUY; ZILLES, 2007; SANKOFF, 1988). Essas funções serão consideradas na investigação feita nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* a fim de que se possa verificar a influência do processo de gramaticalização do *estar* em sua expressão plena e reduzida. Há apenas uma modificação, os *verbos de ligação* foram separados em dois grupos: os *verbos de ligação de referência concreta* e os *verbos de ligação de referência abstrata*.

A partir daqui, seguem as características de cada função e os exemplos retirados do *corpus* sob análise:

a) Verbo principal:

Nessa função, o item *estar* sofre as flexões de tempo, modo, número e pessoa; pode ser acompanhado ou não por um sintagma preposicional, advérbio ou locução adverbial locativa; possui valor semântico preenchido e quase sempre detém referência concreta no mundo biossocial.

(128) ... Mas eu *estou* aqui bem à sua “flente”, Cascão!

(Mônica e sua turma, nº 1, Panini Comics, década de 1970, p. 26)

(129) Mas me dá uma sensação de segurança quando começa a chover e eu *tô* aqui dentro!

(Cascão, nº 40, Panini Comics, década de 2000, p. 3)

b) Verbo de ligação menos subjetivo:

Nessa função, o item *estar* sofre as flexões de tempo, modo, número e pessoa; liga-se a um sintagma adjetival (adjetivo ou locução adjetiva); é responsável por realizar a cópula entre as funções sintáticas de sujeito e predicativo do sujeito; não possui valor semântico preenchido e a sua referência ao mundo biossocial é concreta; indica que dada característica de um referente não é intrínseca ou estática, mas passageira ou adquirida com o tempo.

(130) *Estou* acordado, sim! Aquêles dois é que não estão certos!

(Mônica, nº 7, Panini Comics, década de 1970, p. 25)

(131) Bolas! *Tô* acordado, mesmo!

(Cascão, nº 10, Panini Comics, década de 2000, p. 10)

c) Verbo de ligação mais subjetivo:

Nessa função, o item *estar* sofre as flexões de tempo, modo, número e pessoa; liga-se a um sintagma adjetival (adjetivo ou locução adjetiva); é responsável por realizar a cópula entre as funções sintáticas de sujeito e predicativo do sujeito; não possui valor semântico preenchido e a sua referência ao mundo biossocial é abstrata; indica que dada característica de um referente não é intrínseca ou estática, mas passageira ou adquirida com o tempo.

(132) A “talde” *está* uma delícia!...

(Mônica, nº 7, Panini Comics, década de 1970, p. 19)

(133) Este torresminho *tá* uma delícia!

(Cascão, nº 12, Editora Globo, década de 1980, p. 26)

d) Verbo auxiliar:

Nessa função, o item *estar* sofre as flexões de tempo, modo, número e pessoa do *verbo principal* ao qual se liga para formar uma locução verbal; a locução verbal formada entre *estar* + gerúndio indica uma ação progressiva de aspecto contínuo ou habitual; e não possui valor semântico preenchido e nem referência no mundo biossocial, seja ela concreta ou abstrata.

(134) ... E a planta falava... E sabia o que eu *estava pensando!*

(Mônica, nº 4, Panini Comics, década de 1970, p. 22)

(135) *Ela sobre* isso que eu *tava pensando!*

(Cascão, nº 19, Panini Comics, década de 2000, p. 39)

e) Expressão cristalizada:

São construções que se formam a partir da reanálise da utilização do item *estar* que desempenha as funções de *verbo principal*, *verbo de ligação* e *verbo auxiliar*; elas podem ou não sofrer flexões de tempo, modo, número e pessoa; o valor semântico da nova construção é dependente do contexto e de todos os elementos linguísticos que a formam. Nos exemplos (136), (137) e (138), há, respectivamente, a ocorrência de uma construção formada com um *verbo principal*, um *verbo de ligação* e um *verbo auxiliar*.

(136) Ahá! Então, *está* aí a causa da coelhite aguda nos seus amiguinhos!

(Parque da Turma da Mônica, nº 29, Editora Globo, década de 1990, p. 64)

(137) Matias foi o primeiro a ir embora! Falou que aquela casa *estava* pequena para ele!
Existia alguma coisa além do muro que queria descobrir!

(Almanaque da Magali, nº 57, Editora Globo, década de 2000, p. 76)

(138) *Tá* pegando o espírito da coisa, fófis?

(Magali, nº 19, Panini Comics, década de 2000, p. 25)

f) Marcador discursivo:

Nessa função, o item *estar* pode ou não sofrer flexões de tempo, modo, número e pessoa; comumente aparece ao final da sentença, mas também é possível que seu uso ocorra em outras posições, como um preenchedor de pausas; tem a função de organizar o discurso, sendo um operador fático que chama a atenção do interlocutor para o que está sendo dito.

(139) Peraí! Mas seu cachorro não está junto, *está*?

(Mônica, nº 1, Panini Comics, década de 2000, p. 35)

(140) E, depois, eu prefiro que você me dê outro brinquedo, *tá*?

(Mônica, nº 84, Editora Globo, década de 1990, p. 17)

g) Sobreposição de funções:

É um caso especial em que o item *estar* pode codificar, em uma única ocorrência, mais

de uma das cinco categorias elencadas anteriormente. Nos exemplos a seguir, há ocorrências de *verbo principal + verbo de ligação* (141), de *verbo auxiliar + verbo de ligação* (142), de *verbo principal + verbo auxiliar* (143), de *verbo principal + expressão cristalizada* (144) e de *marcador discursivo + expressão cristalizada* (145).

(141) O Cebolinha *está* aqui ao meu lado, invisível!...

(Mônica e sua turma, nº 1, Panini Comics, década de 1970, p. 21)

(142) Ah, é? Pois amanhã de manhã esse balão vai *estar* voando cheinho!

(Almanaque do Cebolinha, nº 1, Editora Globo, década de 1990, p. 76)

(143) Ocê *tá* aí pegando esse montão di Goiaba... i si o Nhô Lau aparece?

(Chico Bento, nº 24, Panini Comics, década de 2010, p. 11)

(144) Gente! O Xaveco *tá* de molho, em casa! Ele operou as amígdalas!

(Casção, nº 437, Editora Globo, década de 2000, p. 58)

(145) Pintou aquele veio! Na boa! Ô que treta! *Tá* ligado?!

(Chico Bento, nº 22, Panini Comics, década de 2010, p. 27)

Em relação à classificação dos usos do item *estar* nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, foram desconsideradas as ocorrências de *verbo suporte* na função de verbo principal – como no exemplo (146), em que *estão de volta* é equivalente ao verbo *voltar* conjugado no pretérito perfeito (*voltaram*); de casos em que não era possível definir se o dado se tratava de um *verbo principal* ou *verbo de ligação* – no exemplo (147), *estar com uma grande fome* é correspondente a *estar faminto*; de casos em que não era possível definir se o dado se tratava de um *verbo principal* ou *verbo auxiliar* – em (148), é possível notar que *estava à minha espera* é proporcional à estrutura *estava me esperando*; e de contextos em que não era executável a distinção entre os verbos *ter* e *estar* na forma reduzida (149).

(146) Ainda bem que vocês *estão de volta*!

(Cebolinha, nº 23, Panini Comics, década de 2010, p. 20)

(147) E depois, o maior incentivo pra uma grande caçada, é *estar com uma grande fome*!

(Chico Bento, nº 36, Editora Abril, década de 1980, p. 18)

(148) Parecia até que *estava à minha espera!*

(Mônica, nº 2, Panini Comics, década de 1970, p. 8)

(149) Si a gente num *tivesse* brigado, eu ia convidá ocê pra dá uns chute nesta bola nova qui ocê ganhô di niversário!

(Cebolinha, nº 24, Panini Comics, década de 2010, p. 31)

Há ainda outro cenário que é excluído da análise estatística: as ocorrências de contexto anafórico, em que a classificação ou categorização do item *estar* só é possível mediante inferência. Segundo Perini (2008, p. 98), ao catalogarmos uma forma gramatical, é necessário ter em mente seu uso em um panorama pleno, pois “não se conhece nenhum verbo que seja imune a reduções anafóricas, ou seja, a possibilidade de ocorrência em construções reduzidas dessas construções – e a forma dessas construções – não pode servir como critério subcategorizador dos verbos”.

Para ilustrar essa situação, o gramático usa o exemplo (150), transcrito abaixo:

(150) – Você fez as empadinhas?

– Fiz.

Perini (2008) diz que as frases reduzidas de contexto anafórico podem ser analisadas, em termos semânticos, como se fossem uma ocorrência plena. O autor relata que é necessário compreender *fiz* como possuidor de um agente (*eu*) e de um paciente (*as empadinhas*), o que ocorre por meio de um processamento suprasentencial (discursivo) e que, portanto, está fora do estudo da gramática propriamente dito. Sendo assim, também foram desconsiderados da análise estatística ocorrências inferíveis, como em (151), embora Pinheiro (2019) as leve em conta na sua pesquisa e isso não tenha gerado nenhuma interferência no resultado final.

(151) Personagem aleatório: – Caham! O seu táxi está livre?

Zecão: – *Está*, sim! Pode subir!

(Cascão, nº 8, Panini Comics, década de 2000, p. 49)

Por fim, são igualmente suprimidos os casos em que não há a possibilidade de classificar o item *estar*, como em (152), pois a fala da personagem foi interrompida por outra figura ou para ser reformulada.

(152) – Daqui a pouco ele vai *estar*...

– Peraí! Quem é você?

– Sei lá! Quem é você?

(Cebolinha, nº 22, Panini comics, década de 2010, p. 81)

Foram considerados, portanto, sete fatores para a variável independente *Função do item*:

Quadro 4: relação dos fatores da variável independente *Função do item* considerados para a análise da expressão do *item* estar nas revistas de histórias em quadrinhos *da Turma da Mônica* de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010)

Fatores da variável independente <i>Função do item</i>	
1)	Verbo principal
2)	Verbo de ligação de referência concreta
3)	Verbo de ligação de referência abstrata
4)	Verbo auxiliar
5)	Expressão cristalizada
6)	Marcador discursivo
7)	Sobreposição de funções

Fonte: elaboração própria.

Feitas essas considerações acerca de cada nível do grupo de fatores em tela, o que se formula de hipótese é que, assim como na dissertação de Pinheiro (2019), a função fonte e as funções menos gramaticalizadas sejam inibidoras das formas reduzidas nas histórias em quadrinhos *da Turma da Mônica*, enquanto as funções mais gramaticalizadas sejam favorecedoras da erosão.

3.4.2 Pessoa do discurso

A variável independente *Pessoa do discurso* foi outro grupo de fatores controlado por Pinheiro (2019) em seu estudo sobre a expressão plena ou reduzida do item *estar* na fala de Vitória/ES. À luz do Princípio da Marcação Linguística e Social³⁶, proposto por Givón (1995), o pesquisador constata, de maneira geral, que as pessoas do plural (*nós* e *eles*), mais marcadas, são desfavorecedoras das formas erodidas do referido item, enquanto as pessoas do singular (*eu*, *você* e *ele*), menos marcadas, favorecem a perda de massa fônica. Em relação aos pronomes *a gente* e *vocês*, ambos oriundos de processos de gramaticalização, eles são categoricamente utilizados com formas reduzidas do *estar*.

Conforme colocado por Givón (1995), o Princípio da Marcação Linguística e Social prevê que os itens que são cognitivamente mais complexos e salientes tendem a ser estruturalmente marcados. São três os critérios para definir se um elemento é ou não marcado: 1) complexidade estrutural: os itens marcados tendem a ser maiores e mais complexos que aqueles não marcados; 2) distribuição de frequência: os itens marcados possuem uma recorrência de uso menor em relação aos não marcados; 3) complexidade cognitiva: os itens marcados reivindicam mais atenção, mais esforço mental e mais processamento em relação aos itens não marcados.

É a partir desses parâmetros que Pinheiro (2019) formula a hipótese de que as desinências número-pessoais de plural sejam potencialmente desfavorecedoras da redução do item *estar*, pois são mais marcadas em relação às estruturas singulares. Por outro lado, as estruturas singulares condicionariam favoravelmente o fenômeno. Nesta tese, adotaremos esse mesmo prognóstico.

A seguir, seguem exemplos retirados das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* e que representam os fatores da variável independente *Pessoa do discurso*:

³⁶ Embora aqui se utilize a nomenclatura *Marcação Linguística e Social*, como fazem Scherre e Yacovenco (2001) ao analisar o papel da mulher no processo de mudança linguística, é mais comum, na literatura, que esse princípio seja alcunhado apenas como *Marcação Linguística*. Tal preferência se deve ao fato de Givón (1995, p. 64-66) postular que a marcação não é baseada somente na saliência da percepção fisiológica humana, mas também na relação entre os aspectos culturais da cognição. Sendo assim, é a organização social e as relações de poder estabelecidas no seio da sociedade que levam, por exemplo, o feminino a ser mais marcado em relação ao masculino.

a) Primeira pessoa do singular (eu):

(153) Mas... Não *estou* vendo o “bicho”! Não me diga que a senhora não o apanhou!

(Mônica, nº 5, Panini Comics, década de 1970, p. 25)

(154) Não *tô* vendo jeito de *abrir*!

(Cebolinha, nº 23, Panini Comics, década de 2010, p. 10)

b) Segunda pessoa do singular (você/ocê, senhor/senhora):

(155) Nossa! Por que você *está* vestido assim? Vai em algum enterro?

(Almanaque do Cascão, nº 29, Editora Globo, década de 1990, p. 53)

(156) Uai! Ocê já *tá* vestido?

(Chico Bento, nº 24, Panini Comics, década de 2010, p. 64)

c) Terceira pessoa do singular (ele/ela):

(157) Tenho a real certeza de que ele *está* aqui, neste poste!

(Almanaque do Cebolinha, nº 4, Editora Abril, década de 1980, p. 14)

(158) Ele *tá* aqui, Lucinda! Parece que bateu a cabeça na árvore!

(Cebolinha, nº 121, Editora Abril, década de 1980, p. 18)

d) Primeira pessoa do plural (nós):

(159) Se é assim, o que *estamos* esperando?

(Mônica, nº 94, Editora Globo, década de 1990, p. 51)

(160) Intonce, o qui *tamo* isperando?

(Chico Bento, nº 11, Panini Comics, década de 2000, p. 13)

e) Primeira pessoa do plural (a gente):

(161) Ai, se ele fica sabendo que a gente *está* namorando...

(Mônica, nº 169, Editora Abril, década de 1980, p. 57)

(162) Isso é sinal de que a gente *tá* namorando, né?

(Cascão, nº 105, Editora Abril, década de 1980, p. 28)

f) Segunda pessoa do plural (vocês/voçeis, senhores/senhoras):

(163) E vocês *estão* rindo, é?

(Mônica, nº 78, Editora Globo, década de 1990, p. 13)

(164) E vocês... *tão* rindo do quê?

(Mônica, nº 78, Editora Globo, década de 1990, p. 16)

g) Terceira pessoa do plural (eles/elas):

(165) Bidu! Eles *estão* chegando!

(Mônica, nº 75, Editora Globo, década de 1990, p. 29)

(166) Eles *tão* chegando! São centenas! Milhares!

(Chico Bento, nº 465, Editora Globo, década de 1990, p. 11)

É importante ressaltar que a ausência do pronome pessoal, como nos exemplos (159) e (160), não é um empecilho para a codificação da variável independente *Pessoa do discurso*, uma vez que aquilo que está em jogo nesse grupo de fatores é a desinência número-pessoal do item *estar*. Outra questão era as ocorrências ambíguas, em que uma mesma configuração é comum para mais de um pronome, como é o caso das formas pronominais de segunda pessoa do singular *você*, de terceira pessoa do singular *ele/ela* e de primeira pessoa do plural *a gente* ou de segunda pessoa do plural *voçeis* e terceira pessoa do plural *eles/elas*. Nesses cenários, as pistas oferecidas pelo contexto auxiliavam a decodificação. Mais um ponto relevante a ser destacado é que não há dados referentes à segunda pessoa do singular *tu* e à segunda pessoa do plural *vós*.

Nas situações em que havia um sintagma nominal ocupando a posição de sujeito, circunstância observável nos exemplos (167) e (168) adiante, a análise foi feita de acordo com o pronome pessoal equivalente, pois, como dito anteriormente, o foco da investigação empreendida aqui é na forma que o item *estar* assume de acordo com a pessoa com a qual concorda. Não há interesse, portanto, na maneira como o sujeito é ou não preenchido. Em (167), *as frutas* corresponde ao pronome de terceira pessoa do plural *elas* e, em (168), *a fessora* corresponde ao pronome de terceira pessoa do singular *ela*.

(167) Mas *as frutas* não *estão* mais aí!

(Magali, nº 11, Panini Comics, década de 2000, p. 22)

(168) Qui bão! Inté *a fessora tá* matando aula! Ansim num vô precisá mais mi iscondê!

(Chico Bento, nº 236, Editora Globo, década de 1990, p. 30)

Há casos em que o item *estar* não codifica uma pessoa do discurso. Como apontam Hopper (1991) e Heine e Kuteva (2007), é possível que as unidades que se gramaticalizam sofram *descategorização* e percam características típicas de unidades autônomas (nomes e verbos), deixando de sofrer flexões de tempo, número, pessoa e grau ou perdendo a capacidade de ser qualificado por um adjetivo e quantificado, por exemplo. No fenômeno analisado nesta tese, isso ocorre sobretudo na função de *marcador discursivo* e em algumas *expressões cristalizadas*, conforme os dados (169) e (170) a seguir, respectivamente.

(169) Puxa! É mesmo! Como sou esquecido! Vamos fazer um negócio! Você começa, *tá*?

(Almanaque do Cebolinha, nº 4, Editora Abril, década de 1980, p. 35)

(170) *Tá* bom! *Tá* bom! Finge que eu acredito! Explica aí o plano!

(Mônica, nº 8, Panini Comics, década de 2000, p. 5)

Em (169), o *tá* em função de marcador discursivo não possui um referente no discurso, por isso não é flexionado de acordo com a pessoa. A sua função é ser um operador fático que chama a atenção do interlocutor. Da mesma forma, a expressão cristalizada *tá bom*, no exemplo (170), também não possui referente, desempenhando o papel de uma construção que instancia afirmação ou concordância. Caso houvesse flexão, a ocorrência (169) não mais seria um caso de *marcador discursivo* e (170) iria se tornar um *verbo de ligação*, indicando que alguém ou algo porta momentaneamente a qualidade de ser bom.

Esses dados são considerados na análise estatística geral, mas desconsiderados para a variável independente *Pessoa do discurso*. Assim, para além dos fatores referentes a cada pessoa do discurso elencada acima, há também o fator *não se aplica* para a ausência de referência aos participantes discurso. No Quadro 5, segue a relação final de cada nível desse grupo:

Quadro 5: relação dos fatores da variável independente *Pessoa do discurso* considerados para a análise da expressão do item *estar* nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010)

Fatores da variável independente <i>Pessoa do discurso</i>	
1)	Primeira pessoa do singular (eu)
2)	Segunda pessoa do singular (você/ocê, senhor/senhora)
3)	Terceira pessoa do singular (ele/ela)
4)	Primeira pessoa do plural (nós)
5)	Primeira pessoa do plural (a gente)
6)	Segunda pessoa do plural (vocês/océis, senhor/senhora)
7)	Terceira pessoa do plural (eles/elas)
8)	Não se aplica

Fonte: elaboração própria.

Por último, resta dizer que são desconsiderados os casos em que há ausência de concordância entre sujeito e verbo, como nos exemplos (171), (172) e (173), referentes à, respectivamente, primeira, segunda e terceira pessoa do discurso. Além de serem pouco numerosas, essas ocorrências se manifestam categoricamente na forma reduzida – ou seja, não há variação, o que impede o tratamento estatístico a partir de pesos relativos.

(171) Chico, meu fio! *Nóis tava* falando docê, i...

(Chico Bento, nº 241, Editora Globo, década de 1990, p. 11)

(172) Licença, gente boa! Opa! *Oceis tava* armoçando? Discurpa!

(Chico Bento, nº 238, Editora Globo, década de 1990, p. 9)

(173) I eu, dum doação pra minhas galinha! *Elas tá* com sarampo sabe?

(Chico Bento, nº 19, Editora Abril, década de 1980, p. 6)

3.4.3 Tempo e modo verbal ou forma nominal do item

Também com base na frequência e no Princípio da Marcação Linguística e Social de Givón (1995), Pinheiro (2019) controlou se o tempo, o modo e a forma nominal verbal do

item *estar* poderiam de alguma maneira ser elemento inibidor ou favorecedor das reduções na fala da capital Vitória, do estado do Espírito Santo. Segundo o pesquisador, o presente do indicativo, tempo e modo mais frequente e menos marcado em relação ao pretérito, ao futuro, ao subjuntivo e às formas nominais, condicionaria favoravelmente o apagamento, enquanto os demais tempos e modos e as formas nominais teriam atuação contrária.

Com o grupo de fatores *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item*, Pinheiro (2019) constatou que o presente do indicativo foi o fator que mais favoreceu a redução do item *estar* no vernáculo capixaba – o que confirma a sua hipótese de que o tempo e o modo mais frequentes e menos marcados cumpririam esse papel. Em seguida, também favorecendo, há o futuro do subjuntivo. Em relação a esse resultado inesperado, o autor conjecturou que, pelo fato das conjugações do *estar* reduzido no futuro do subjuntivo serem equivalentes às conjugações do verbo *ter* nesse mesmo tempo, ocorreria associação entre as formas, não havendo a criação de um elemento novo erodido foneticamente.

Quadro 6: comparação da conjugação no futuro do subjuntivo do verbo *estar* (na forma plena e na forma reduzida) com o verbo *ter*³⁷

Conjugação no futuro do subjuntivo		
<i>Estar na forma plena</i>	<i>Estar na forma reduzida</i>	<i>Ter</i>
Quando eu estiver	Quando eu tiver	Quando eu tiver
Quando você estiver	Quando você tiver	Quando você tiver
Quando ele/ela estiver	Quando ele/ela tiver	Quando ele/ela tiver
Quando a gente estiver	Quando a gente tiver	Quando a gente tiver
Quando nós estivermos	Quando nós tivermos	Quando nós tivermos
Quando vocês estiverem	Quando vocês tiverem	Quando vocês tiverem
Quando eles/elas estiverem	Quando eles/elas tiverem	Quando eles/elas tiverem

Fonte: elaboração própria.

Entretanto, há de se ressaltar que, se esse diagnóstico estivesse correto, o pretérito perfeito do indicativo e o pretérito imperfeito do subjuntivo do item *estar* também deveriam

³⁷ Nesse quadro pronominal, feito com base na fala capixaba, não constam os pronomes de segunda pessoa *tu* e *vós*. De acordo com Calmon (2010), apenas as variantes *você*, *ocê* e *cê* são utilizadas em Vitória/ES. Nas histórias em quadrinhos das revistas da *Turma da Mônica*, também não há ocorrências dos pronomes de segunda pessoa *tu* e *vós* em relação ao uso do item *estar*.

favorecer a sua redução, pois essas conjugações também seriam equivalentes às flexões do verbo *ter*, conforme o Quadro 7 a seguir:

Quadro 7: comparação das conjugações no pretérito perfeito do indicativo e no pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *estar* (na forma plena e na forma reduzida) com o verbo *ter*

Conjugação no pretérito perfeito do indicativo		
<i>Estar na forma plena</i>	<i>Estar na forma reduzida</i>	<i>Ter</i>
Eu estive	Eu tive	Eu tive
Você esteve	Você teve	Você teve
Ele/ela esteve	Ele/ela teve	Ele/ela teve
A gente esteve	A gente teve	A gente teve
Nós estivemos	Nós tivemos	Nós tivemos
Vocês estiveram	Vocês tiveram	Vocês tiveram
Eles/elas estiveram	Eles/elas tiveram	Eles/elas tiveram
Conjugação no pretérito imperfeito do subjuntivo		
<i>Estar na forma plena</i>	<i>Estar na forma reduzida</i>	<i>Ter</i>
Que eu estivesse	Que eu tivesse	Que eu tivesse
Que você estivesse	Que você tivesse	Que você tivesse
Que ele/ela estivesse	Que ele/ela tivesse	Que ele/ela tivesse
Que a gente estivesse	Que a gente tivesse	Que a gente tivesse
Que nós estivéssemos	Que nós tivéssemos	Que nós tivéssemos
Que vocês estivessem	Que vocês tivessem	Que vocês tivessem
Que eles/elas estivessem	Que eles/elas tivessem	Que eles/elas tivessem

Fonte: elaboração própria.

O que Pinheiro (2019) relata na sua análise, como já destacado, é que apenas o presente do indicativo e o futuro do subjuntivo favorecem a redução do item *estar* – o primeiro devido à frequência e o segundo por causa da associação entre conjugações. Todos os demais tempos e modos ou formas nominais verbais inibem, em maior ou menor grau, o fenômeno.

Para esta tese, será adotada apenas a hipótese de que tempos e modos verbais ou formas nominais verbais mais frequentes e menos marcados sejam favorecedores da redução, sem levar em consideração que a associação de conjugações possa ser uma possível explicação para a erosão do *estar*, uma vez que isso não se confirmou na pesquisa de Pinheiro (2019).

A seguir, seguem os exemplos de cada um dos fatores considerados na variável independente *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item* na análise da expressão do *estar* nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000, 2010):

a) Presente do indicativo:

(174) Quem *está* aí dentro?

(Mônica, nº 7, Panini comics, década de 1970, p. 45)

(175) Bom dia, meu senhor! Sabia que o nosso grande rei *tá* aí dentro também?

(Cascão, nº 24, Panini Comics, década de 2010, p. 49)

b) Pretérito perfeito do indicativo:

(176) Ora, Magali! Você já *esteve* aqui milhões de vezes!

(Magali, nº 173, Editora Globo, década de 1990, p. 7)

(177) Só tem uma coisa qui pode prová qui ocê *teve* na lua!

(Chico Bento, nº 465, Editora Globo, década de 2000, p. 52)

c) Pretérito imperfeito do indicativo:

(178) Cadê o orégano que *estava* aqui?

(Superalmanaque do Mauricio, nº 1, Editora Globo, década de 1980, p. 172)

(179) Mas cadê a árvore que *tava* aqui?

(Mônica, nº 110, Editora Globo, década de 1990, p. 67)

d) Futuro do presente do indicativo (invariável nas revistas da *Turma da Monica*):

(180) A segurança do rei *estará* em minhas mãos!

(Superalmanaque do Mauricio, nº 1, Editora Globo, década de 1980, p. 172)

e) Futuro do pretérito do indicativo (invariável nas revistas da *Turma da Monica*):

(181) Não fique brava, mãe! Se não fosse por ele e sua bolinha de borracha, a Terra *estaria* perdida!

(Mônica, nº 74, Panini Comics, década de 2010, p. 55)

f) Presente do subjuntivo:

(182) Eu não acho que o nariz do Frank *esteja* vencido!

(Cebolinha, nº 19, Panini Comics, década de 2000, p. 42)

(183) *Teje* preso!

(Cascão, nº 78, Editora Abril, década de 1980, p. 7)

g) Pretérito imperfeito do subjuntivo (invariável nas revistas da *Turma da Monica*):

(184) Pensei que você *estivesse* viajando!

(Magali, nº 173, Editora Globo, década de 1990, p. 4)

h) Futuro do subjuntivo:

(185) Quando você *estiver* mais treinada, eu saio, tá?

(Mônica, nº 21, Panini Comics, década de 2000, p. 77)

(186) Ocê só sai dessa cama quando *tivé* bão!

(Chico Bento, nº 6, Editora Abril, década de 1980, p. 31)

i) Infinitivo:

(187) Mas isso não devia *estar* no museu?

(Mônica, nº 21, Panini Comics, década de 2000, p. 71)

(188) Chico! Mais essa água num divia di *tá* drento desse jarro!

(Chico Bento, nº 434, Editora Globo, década de 2000, p. 19)

j) Gerúndio (invariável nas revistas da *Turma da Mônica*):

(189) Ora! O que lhe pode acontecer, *estando* comigo?

(Mônica, nº 5, Panini Comics, década de 1970, p. 23)

Pelos exemplos acima, é possível perceber que os fatores futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo e a forma nominal de gerúndio são invariáveis, ocorrendo categoricamente sem redução. Devido a esse motivo, os mencionados níveis são considerados para a análise geral, mas não para o exame estatístico. Outro ponto relevante é que não há usos de pretérito mais que perfeito e da forma nominal de particípio (*estado*).

Da mesma maneira que acontece com a variável independente *Pessoa do discurso*, existe a possibilidade de alguns usos não codificarem o tempo e o modo verbal. Isso é comum na função de *marcador discursivo* (190) e nas *expressões cristalizadas* (191), além dos casos em que o item *estar* é o *verbo principal* da perífrase de futuro do presente do indicativo (192), da perífrase de futuro do pretérito do indicativo (193) ou de locuções formadas com verbos modais (194). Nesses dados, utilizou-se o fator *não se aplica*.

(190) ... Houve uma mudança de planos! O palhaço vai entrar no bolo aí mesmo, *está* bem?

(Magali, nº 156, Editora Globo, década de 1990, p. 6)

(191) *Tá* bem! Vocês são espertos demais, para mim! Eu sei, sim, decifrar os sabores!

(Magali, nº 176, Editora Globo, década de 1990, p. 10)

(192) Você só vai *estar* pedindo de volta o que é seu!

(Magali, nº 14, Editora Globo, década de 1990, p. 53)

(193) A esta altura, ele ia *estar* todo feliz, esperando os presentes...

(Cebolinha, nº 121, Editora Abril, década de 1990, p. 14)

(194) Ele deve *estar* em fase de crescimento!

(Cascão, nº 19, Panini Comics, década de 2000, p. 47)

Diferentemente da postura adotada por Pinheiro (2019), nesta tese as perífrases de futuro não foram consideradas como representantes desse tempo. Nessas ocorrências, como as

flexões são codificadas pelo verbo auxiliar *ir*, a análise que se faz é que o *estar* deve ser interpretado como um exemplar de infinitivo.

Feitos os devidos apontamentos, segue a relação dos fatores considerados para a variável independente *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item*:

Quadro 8: relação dos fatores da variável independente *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item* considerados para a análise da expressão do item *estar* nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* de diferentes sincronias (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010)

Fatores da variável independente <i>Tempo e modo verbal ou forma nominal do item</i>	
1)	Presente do indicativo
2)	Pretérito perfeito do indicativo
3)	Pretérito imperfeito do indicativo
4)	Futuro do presente do indicativo
5)	Futuro do pretérito do indicativo
6)	Presente do subjuntivo
7)	Pretérito imperfeito do subjuntivo
8)	Futuro do subjuntivo
9)	Infinitivo
10)	Gerúndio
11)	Não se aplica

Fonte: elaboração própria.

3.4.4 Personagens

Pesquisas que investigaram diferentes fenômenos linguísticos nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* controlaram personagens ou grupos de personagens como uma variável independente na análise estatística. Essa abordagem é diferente a depender do objeto que está sendo examinado e da finalidade da investigação. No estudo de Brasil e Scherre (2000) acerca da expressão do imperativo em publicações dos anos de 1998 e 1999, por

exemplo, os autores constatarem que as personagens do eixo rural favorecem contundentemente a forma associada ao indicativo. Sobre o comportamento dos integrantes da zona urbana, os linguistas levantam a hipótese de que a postura mais autoritária de personagens como a Mônica e os pais e as mães das crianças talvez seja um fator que favoreça a forma indicativa, enquanto, por outro lado, personagens mais submissos, como Titi, Aninha, Rolo, Franjinha, Tina, Dudu e coadjuvantes, apresentem mais recorrentemente a forma associada ao subjuntivo. Entretanto, esses pesquisadores fazem a ressalva que uma análise mais atenta acerca dos atos de fala é necessária para que esse prognóstico possa ser testado.

Com o intuito tanto de verificar o comportamento de personagens rurais e urbanas quanto de constatar qual é o efeito dos atos de fala pressuposto por Brasil e Scherre (2000), Conceição (2022) também fez uma análise sobre a expressão do imperativo nas revistas da *Turma da Mônica*, mas considerando um recorte temporal que vai de 2017 a 2019. Na comparação entre os eixos rural e urbano, de maneira geral, a pesquisadora chegou à conclusão semelhante aos resultados dos autores: personagens da zona rural, principalmente aqueles caracterizados de forma estigmatizada, favorecem mais a forma associada ao indicativo do que os personagens da zona urbana.

Quanto aos atos de fala, Conceição (2022) segue a proposta formulada por Faraco (1986), que os divide em dois grupos: 1) não marcados – quando não há reforço ilocucional e o falante não evidencia a sua relação assimétrica quanto ao seu interlocutor; e 2) marcado – quando há força ilocucional e o falante quer evidenciar a sua relação assimétrica em referência ao seu interlocutor. No primeiro grupo, estariam as ocorrências de ordem simples, de comentários, de observações, de pedidos e de avisos; no segundo, por sua vez, há as ordens rudes, as repreensões, os pedidos atenuados, as solicitações com marca de solidariedade, as súplicas humildes e avisos dissimétricos. Nos termos do autor, as formas imperativas associadas ao subjuntivo, consideradas básicas, seriam mais frequentes nos atos de fala não marcados, enquanto, por outro lado, as formas imperativas associadas ao indicativo seriam mais recorrentes nos atos de fala marcados.

Em sua dissertação, Conceição (2022) chega à conclusão de que não há associação entre atos de fala marcados e não marcados com a expressão do imperativo, pois a presença ilocutória ora favorece uma forma e ora favorece outra. A autora, entretanto, não relacionou a análise dos atos de fala aos personagens, deixando essa lacuna aberta para que outros pesquisadores interessados no assunto possam solucionar a hipótese proposta por Brasil e Scherre (2000).

Outro estudo que controlou os personagens como uma variável independente foi o de Zanellato (2021). Analisando a manifestação do objeto direto anafórico de terceira pessoa, a linguista divide as personagens da zona urbana e da zona rural em dois grupos a fim de verificar se esses eixos influenciam a maneira como essa função sintática é preenchida. A autora verificou que as personagens rurais não usam o clítico acusativo, a forma recomendada pela gramática tradicional, enquanto as personagens urbanas utilizam essa variante em uma proporção de 22,3% em comparação às demais possibilidades (pronome lexical, sintagma nominal e categoria vazia) – percentagem que se distancia do vernáculo do português brasileiro.

Silva (2020) faz uma abordagem diferente e que não fica restrita ao eixo rural/urbano para investigar a variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na fala de personagens da *Turma do Chico Bento* na sua fase criança e adolescente. Além de verificar a diferença entre as localidades, a autora também decidiu não controlar cada figura da história como um fator exclusivo, mas juntá-las em grupos de mais ou menos letrados e que, por consequência, representavam maior ou menor poder e influência na região. Na versão jovem, em que Chico Bento passa a frequentar a cidade para cursar o nível superior, a pesquisadora considerou, além das relações de poder e de influência, outros dois grupos: um formado por amigos da zona rural e que permaneceram na história e outro constituído por frequentadores da república em que o Chico Bento passou a morar.

É importante destacar que alguns desses trabalhos também formaram conjuntos específicos para controlar personagens secundárias, aleatórias, lúdicas, pais e mães, animais, objetos falantes, entre outras que foram elencadas como pertinentes para cada análise. Mais um aspecto relevante é notar que todos consideraram os participantes das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* para analisar e tecer discussões acerca da representação que as publicações fazem dos núcleos rural e urbano.

Nesta tese, tantos personagens específicos quanto grupos de personagens serão levados em conta para a análise da expressão das formas plenas e reduzidas do item *estar* nas histórias em quadrinhos das revistas da *Turma da Mônica*. A divisão ficou da seguinte forma: 1) as personagens principais, que possuem revista própria com o seu nome, foram consideradas como um fator cada – Mônica, Magali, Cebolinha, Cascão e Chico Bento; 2) personagens secundárias da zona urbana, que possuem história própria e/ou são recorrentes nas histórias das personagens principais, são consideradas como um único fator – pais e mães, Franjinha, Denise, Titi, Jeremias, Dudu, Rolo, Tina, Astronauta *etc.*; 3) personagens aleatórias da zona

urbana, aquelas que não são recorrentes e servem apenas de apoio para complementar o enredo das histórias das personagens principais e secundárias da zona urbana, formam um único fator; 4) personagens secundárias da zona rural, que possuem história própria e/ou são recorrentes nas histórias da personagem principal Chico Bento, são consideradas como um único fator – pais e mães, Rosinha, Zé Lelé, Hiro, Zé da Roça, Nho Lau, Dona Marocas (professora) *etc.*; 5) personagens aleatórias da zona rural, aquelas que não são recorrentes e servem apenas de apoio para complementar o enredo das histórias das personagens principais e secundárias, formam um único fator; 6) personagens indígenas, como Papa-Capim e Cafuné, foram consideradas como um único fator; 7) Animais falantes, como Bidu e Mingau, foram considerados como um fator; 8) personagens lúdicas, que não existem no mundo real, como fadas, robôs extremamente inteligentes, alienígenas, objetos falantes *etc.*, constituíram um fator; 9) o narrador das histórias é um fator.

Para complementar esse grupo, foi elaborado um fator para controlar ocorrências em que a personagem não poderia ser identificada, pois apenas o seu balão aparecia no quadrinho ou a fala era feita em grupo. Essa postura foi adotada com o fim de não deixar que nenhum uso do item *estar* fosse desconsiderado.

Adiante, segue o Quadro 10, ilustrativo dos fatores considerados para a variável independente *Personagens*:

Quadro 9: relação dos fatores da variável independente *Personagens* considerados para a análise da expressão do item *estar* nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010)

Fatores da variável independente <i>Personagens</i>	
1)	Mônica
2)	Magali
3)	Cebolinha
4)	Cascão
5)	Chico Bento
6)	Personagens secundárias da zona urbana (pais e mães, Franjinha, Denise, Titi <i>etc.</i>)
5)	Personagens aleatórias da zona urbana
7)	Personagens secundárias da zona rural (pais e mães, Rosinha, Zé Lelé, Hiro <i>etc.</i>)
8)	Personagens aleatórias da zona rural
9)	Personagens indígenas
10)	Personagens lúdicas
11)	Narrador
12)	Usos em que não é possível definir a personagem

Fonte: elaboração própria

A partir da elaboração desse grupo de fatores, será possível controlar como as formas plenas e reduzidas do item *estar* são utilizadas para a construção das personagens e, assim como nos trabalhos citados anteriormente, verificar a maneira como esse fenômeno é explorado na representação dos eixos rural e urbano. Mesmo que aqui se considere que a variação em tela ocorra abaixo do nível da consciência social (LABOV, 2001) e que, portanto, as variantes não sofram avaliação por parte dos falantes, a hipótese formulada é que reduções sejam mais recorrentes na fala de personagens rurais, tornando-se mais um recurso para a sua composição estigmatizada.

Nesse quesito, é importante levar em consideração a análise efetuada por Bagno (2013) acerca das alegorias que livros didáticos realizam sobre figuras como Chico Bento, Adoniram Barbosa, Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré. Segundo o linguista, é comum que esses materiais utilizem as histórias, as canções e os poemas dessas personalidades para

elucidar o conceito de variação linguística, associando a variabilidade da língua apenas à regionalismos.

No caso específico das revistas da *Turma da Mônica*, é corriqueiro que o alçamento de vogais (que/*qui*, de/*di* e comigo/*cumigo*), as monotongações (pouquinho/*poquinho*), o apagamento do *r* em formas verbais infinitivas (comprar/*comprá*) e a ausência das marcas de concordância verbal e nominal sejam retratadas unicamente na fala de personagens rurais, o que acaba gerando uma interpretação caricata (e às vezes preconceituosa) acerca da variedade utilizada nesse eixo. Para além disso, ainda há a falsa relação desses usos com a ideia de erro, como se as formas que são consideradas caipiras fossem necessariamente um equívoco. Na Imagem 32 a seguir, é possível observar alguns desses fenômenos:

Imagem 32: exemplos de traços linguísticos marcados na fala de personagens das revistas da *Turma do Chico Bento*



Fonte: Chico Bento, nº 73, Panini Comics, década de 2010, p. 10.

Bagno (2013, p. 85) chama a atenção para o fato de que os recursos linguísticos utilizados nas histórias do Chico Bento, nas músicas de Adoniram Barbosa e Luiz Gonzaga e nos poemas de Patativa do Assaré são meramente artísticos e servem somente como um meio para “inserir o leitor/ouvinte num universo social e cultural diferente daquele que vem convencionalmente representado pela ortografia oficial, o universo urbano letrado”. Não há, portanto, nenhum rigor científico nessas representações.

O que a literatura sociolinguística vem mostrando é justamente o contrário: os traços não padrões mencionados acima podem ser encontrados na fala de diferentes grupos sociais em maior ou menor grau, sejam eles urbanos ou rurais (BORTONI-RICARDO, 2011). Sendo

assim, uma possível frequência maior de usos reduzidos do item *estar* na fala de personagens rurais nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* não seria justificada.

A fim de fazer uma comparação entre as personagens do eixo rural e urbano criadas por Mauricio de Sousa e o uso vernacular das formas plenas e reduzidas do item *estar*, nesta tese também serão utilizadas duas amostras do banco de dados do PortVix (TESCH; YACOVENCO, 2022; YACOVENCO, 2002; YACOVENCO *et al.*, 2012): 1) o grupo de 46 entrevistas sociolinguísticas com os informastes de Vitória, capital do estado do Espírito Santo; e 2) o conjunto com 44 entrevistas sociolinguísticas composto por falantes da zona rural de Santa Leopoldina, município capixaba que, segundo o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), concentra a maior proporção de seus moradores na zona rural (FOEGER, 2014; LOPES, 2014, 2020).

A amostragem de Vitória/ES já foi analisada por Pinheiro (2019), que constatou que 96,9% das formas do item *estar* nesse agrupamento manifestam-se com apagamento fônico. Assim, resta fazer o exame dos dados de Santa Leopoldina e averiguar qual a diferença da expressão do *estar* na capital, urbanizada, e na zona rural de Santa Leopoldina, uma cidade do interior do Espírito Santo.

Uma vez com esses dados em mãos, será possível fazer o que se almeja com o grupo de fatores *Personagens*: verificar a representação das personagens rurais e urbanas da *Turma da Mônica* e comparar essa reprodução com dados provenientes do vernáculo de duas amostras de falantes, uma urbana e outra rural.

3.4.5 Década da publicação

Como apontado por Pinheiro (2019), pesquisas acerca das motivações que levaram o item *estar* a se reduzir são incipientes. Fora a sua dissertação, que é inaugural sobre o tema, há também o estudo de Silva (2021), especificamente a respeito da variação entre as formas *está/tá* na fala soteropolitana, feito mediante o banco de dados do *Programa de Estudos sobre o Português Popular de Salvador* (PEPP) (LOPES, 2018; LOPES; SOUZA; SOUZA, 2009).

Embora seja necessário investigar outros *corpora* para que se chegue a uma conclusão

definitiva acerca do comportamento da expressão do item *estar* no território brasileiro na contemporaneidade, a presente tese seguirá uma outra abordagem. Na contramão de Pinheiro (2019) e de Silva (2021), que utilizaram recortes sincrônicos, a presente análise será feita por meio do construto do tempo real de curta duração. Serão consideradas cinco décadas – 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 – de publicações das histórias em quadrinhos das revistas da *Turma da Mônica* a fim de verificar como as formas plenas e reduzidas do referido item se comportam ao longo desse intervalo de tempo.

Cada decênio será adotado como um fator desse grupo, conforme o Quadro 9, e a hipótese que se formula a partir daí é que as formas reduzidas do *estar* aumentem a sua frequência e sejam preferidas à medida que os anos passem, com o desfavorecimento na década de 1970 e favorecimento em 2010.

Quadro 10: relação dos fatores da variável independente *Década da publicação* considerados para a análise da expressão do item *estar* nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010)

Fatores da variável independente <i>Década da publicação</i>	
1)	1970
2)	1980
3)	1990
4)	2000
5)	2010

Fonte: elaboração própria.

Outro motivo que justifica elencar as décadas de publicação como um grupo de fatores, além do seu ineditismo em relação ao fenômeno em tela, é o resultado de outros trabalhos variacionistas que controlaram diferentes recortes sincrônicos ao mesmo tempo nas revistas da *Turma da Mônica*. Andrade, Melo e Scherre (2007), Scherre (2012) e Conceição (2022), ao analisarem a expressão do imperativo nessas histórias em quadrinhos, constataram que a forma associada ao indicativo no contexto do pronome de segunda pessoa *você*, não padrão em relação à forma associada ao subjuntivo, tornou-se mais frequente em publicações atuais. Na mesma direção, em análise acerca da manifestação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em edições da década de 1970 até os anos 2010, Zanellato (2021) aponta que o

clítico acusativo, variante recomendada pelas gramáticas tradicionais, está caindo em desuso, cedendo espaço para outras formas de preenchimento – pronome lexical, sintagma nominal e categoria vazia.

Considerando apenas as publicações das revistas da personagem Chico Bento em sua versão criança e adolescente, chamada de *Chico Bento Moço*, Silva (2020) pesquisou a variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*. Seu estudo evidenciou que, apesar da variante *nós* ainda ser a mais recorrente nas três décadas consideradas (1980, 1990 e 2000), *a gente* vem paulatinamente ganhando representatividade nos quadrinhos.

As apurações dos trabalhos mencionados acima mostram que as formas inovadoras ou são preferidas ou estão aumentando a sua frequência de uso no banco de dados examinado. Tal fato reforça a hipótese aqui delineada: a utilização das formas reduzidas deve aumentar e ser favorecida ao decorrer das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010.

3.5 A FERRAMENTA ESTATÍSTICA: O *GOLDVARB X*

Um estudo que se apoie no modelo da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) precisa lidar com um grande volume de dados para que seja capaz de interpretar com clareza quais são os fatores internos e externos à língua que governam fenômenos de variação e de mudança linguística. Sendo assim, após a apresentação da variável dependente e dos grupos de fatores condicionadores, resta a esta exposição dos procedimentos metodológicos abordar a ferramenta estatística que será empregada para a análise quantitativa da expressão do item *estar* nas histórias em quadrinhos das revistas da *Turma da Mônica* de diferentes décadas (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010).

Um dos pressupostos básicos dos estudos labovianos é que a variabilidade linguística não é resultado da aleatoriedade, mas sim governada por um conjunto de regras. Essas regras, no uso real oral ou escrito, ocorrem de forma simultânea, o que inviabiliza um exame univariado feito apenas por meio da distribuição e da frequência das variantes nos contextos controlados. Uma análise realizada somente a partir de percentagens é suscetível a erros, pois nela não há o controle de variáveis intervenientes. Além disso, se houver uma distribuição

desequilibrada dos dados, é possível que os resultados distorçam ou até mesmo invertam o efeito verdadeiro de um grupo de fatores.

Considerando o caso em tela, é necessário, portanto, realizar uma investigação de natureza multivariada, controlando todos os contextos possíveis concomitantemente. Para desempenhar tal tarefa, a presente pesquisa utilizará o pacote *Varbrul*, que se trata de um conjunto de programas computacionais “especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolingüística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

O *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) é a versão mais recente do conjunto *Varbrul*. Além da distribuição e das frequências absoluta e relativa das variáveis dependente e independentes, esse *software* realiza, por meio da análise de regressão logística, diversos testes de significância estatística acerca dos fatores condicionadores (SANKOFF, 1988). Segundo Guy e Zilles (2007, p. 86), essa testagem proporciona padronizações de referência baseadas no valor de qui-quadrado, “que podem ser comparadas com as distribuições conhecidas para avaliar a probabilidade de que os dados observados provenham de tal distribuição”.

Em sua rotina matemática (cf. NARO, 2015a), o *GoldVarb X* gera pesos relativos que indicam os efeitos dos fatores na seleção ou não de uma variante da variável dependente. Essa grandeza sempre varia entre o intervalo de 0 a 1, com valores próximos a 0 significando que uma forma é inibida quando o fator está presente e com valores próximos a 1, por outro lado, expressando que uma forma é favorecida (GUY; ZILLES, 2007, p. 239). O valor 5 indica que o fator tem comportamento intermediário em relação ao fenômeno linguístico sob análise.

Acerca dos pesos relativos, Sankoff (1988) ressalta que mais importante do que fazer uma leitura rígida desses valores é observar o universo da distribuição das medidas, uma vez que elas podem ser remodeladas a depender do dispositivo estatístico que está sendo empregado pelo analista.

Atualmente, já há disponíveis outras ferramentas para investigação quantitativa e que estão se tornando populares no campo da Sociolinguística Variacionista, como os pacotes da Plataforma R (R CORE TEAM, 2013) *Rbrul* (JOHNSON, 2009) e *lme4* (*Linear Mixed-Effects Models using 'Eigen' and S4*), que possibilitam que variáveis de efeito aleatório, a exemplo do indivíduo e do item lexical, também recebam tratamento estatístico. Como a presente tese não lida com efeitos mistos, considera-se que o *GoldVarb X* é um instrumento pertinente para a análise aqui empreendida.

Além disso, é de relevância ímpar alertar que, independentemente do programa utilizado, o trabalho quantitativo é somente um recurso (muito valioso) para o processo de análise linguística. Nos termos de Guy (2007 [1988], p. 65), o *Varbrul*

apenas realiza manipulações matemáticas sobre um conjunto de dados. Ele não nos diz o que os números significam, muito menos faz linguística por nós. Se estamos perguntando: “Qual seria a melhor generalização linguística?”, a resposta vem de nossa teoria linguística, não de um programa estatístico.

Por fim, com a ferramenta estatística em mãos e com os procedimentos metodológicos definidos, é possível dar prosseguimento a esta tese. A seguir, no capítulo 4, tem-se o início do exame estatístico da expressão do item *estar* nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* e sua comparação com resultados do mesmo fenômeno na fala de Vitória/ES.

4 A ANÁLISE MULTIVARIADA DA EXPRESSÃO DO ITEM *ESTAR* NO CONTINUUM FALA/ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Este capítulo volta-se para a análise multivariada da expressão do item *estar* em dois gêneros textuais, a entrevista sociolinguística e a história em quadrinhos, considerando o contexto do português brasileiro. O objetivo basilar é investigar como a o fenômeno variável em tela, que se manifesta por meio das suas variantes morfofonologicamente plenas (*está, estou, estão, estava, estavam, estaria, estariam, estivesse, estivessem etc.*) e morfofonologicamente reduzidas (*tá, tô, tão, tava, tavam, taria, tariam, tivesse, tivessem etc.*), comporta-se na fala dos habitantes de Vitória/ES e na escrita oralizada de revistas da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010.

Na primeira seção, aborda-se a distribuição geral das variantes nas duas amostras consideradas: as 46 entrevistas sociolinguísticas do PortVix realizadas com informantes da capital do estado do Espírito Santo (TESCH; YACOVENCO, 2022; YACOVENCO, 2002; YACOVENCO *et al.*, 2012) – já investigadas por Pinheiro (2019) em sua dissertação de mestrado – e um conjunto de 188 revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* (ZANELATO, 2021). A comunidade de fala capixaba apresenta um cenário de mudança, em que as formas reduzidas do item *estar* estão suplantando as formas plenas. Por sua vez, em um intervalo de cinco decênios, as revistas da *Turma da Mônica* exibem um panorama de variação mais equilibrado, com as formas plenas representando a maioria dos usos.

Em seguida, na segunda seção, discute-se a gramaticalização (BYBEE, 2016 [2010]; GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HEINE; KUTEVA, 2007; HEINE; NARROG, 2011; HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993) do item *estar* e como esse processo influencia a sua redução. Constata-se que, tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita da língua, as funções mais gramaticalizadas favorecem as formas reduzidas, ao passo que a função fonte e as funções menos gramaticalizadas inibem as erosões.

A terceira seção debate os efeitos da variável independente *Pessoa do discurso*. Chega-se à conclusão de que as estruturas singulares, menos marcadas em relação às estruturas plurais, favorecem as reduções do item *estar*. Assim como ocorre com as funções do item, esse desempenho é observável na fala e na escrita.

A variável independente *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item*, abordada na quarta seção, também apresenta comportamento semelhante na fala e na escrita, com o presente do indicativo favorecendo as formas reduzidas em ambas as modalidades, enquanto os demais tempos e modos verbais e as formas nominais comportam-se de maneira contrária, desfavorecendo as erosões.

Na quinta seção, é discutida a expressão do item *estar* por meio dos construtos de tempo aparente e de tempo real de curta duração (LABOV, 1994). As quatro faixas etárias dos informantes do PortVix (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais) utilizam as formas reduzidas em uma proporção semicategórica (LABOV, 2003), o que dá mais um indício da mudança do referido item nessa comunidade. Já nas cinco décadas de publicações das revistas da *turma da Mônica*, é possível averiguar que as reduções foram ganhando espaço gradativamente no decorrer do tempo, passando a representar mais da metade das ocorrências do *estar* atualmente.

Abordando aspectos particulares de cada uma das amostras, a sexta seção trata do *Sexo* e do *Grau de escolaridade* dos falantes capixabas e das *Personagens* das revistas da *Turma da Mônica*. Referente aos informantes de Vitória/ES, nota-se que são as mulheres e os não universitários que condicionam favoravelmente as reduções do item *estar*. Nas histórias em quadrinhos, percebe-se uma clara divisão entre as figuras que retratam o eixo urbano e as figuras que retratam o eixo rural, com o núcleo do Chico Bento favorecendo as formas reduzidas. A fim de incrementar esse debate, considera-se um conjunto de 44 entrevistas sociolinguísticas realizadas com informantes da zona rural de Santa Leopoldina (FOEGER, 2014; LOPES, 2014, 2020), para comparar se os leopoldinenses tem postura diferente dos capixabas em relação à expressão do item *estar*.

Encerrando o presente capítulo, a sétima seção argumenta, a partir dos conceitos de meio de produção e de concepção discursiva (MARCUSCHI, 2008a, 2008b), a relação dos gêneros textuais *entrevista sociolinguística* e *história em quadrinhos* com a variação entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*. Para isso, aproveita-se uma discussão empreendida por Pinheiro (2016), que investigou o referido fenômeno em *entrevistas sociolinguísticas* e em outros três gêneros textuais: *mensagem instantânea*, *telejornal* e *e-mail*. Conclui-se que é a idealização oral dos textos que favorecem a presença das formas reduzidas.

4.1 DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS USOS DO ITEM *ESTAR* NA FALA DE VITÓRIA/ES E NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA *TURMA DA MÔNICA*

Ao analisar as 46 entrevistas sociolinguísticas realizadas com informantes de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, e que constituem parte do banco de dados d’*O Projeto Português falado na cidade de Vitória*, conhecido como PortVix (TESCH; YACOVENCO, 2022; YACOVENCO, 2002; YACOVENCO *et al.*, 2012), Pinheiro (2019) captou o total de 4.077 ocorrências do item *estar*, que estão distribuídas conforme a Tabela 5 a seguir:

Tabela 5: distribuição das ocorrências morfofonologicamente plenas e morfofonologicamente reduzidas do item *estar* na fala de Vitória/ES

Variantes	Ocorrências do item <i>estar</i>	
	Frequência/Total	Proporção
Forma plena	125/4.077	3,1%
Forma Reduzida	3.952/4.077	96,9%

Fonte: Pinheiro (2019, p. 95).

No resultado acima, é possível notar que a grande maioria dos usos do *estar* na fala de Vitória/ES se dão de forma reduzida, representando 96,9% dos casos analisados. As formas plenas, por sua vez, equivalem a 3,1% desse montante. Em termos labovianos, a expressão do item *estar* na capital capixaba é um fenômeno semicategórico (LABOV, 2003), que dá indícios de caminhar para o final do seu processo de mudança, no qual as formas plenas serão substituídas pelas formas reduzidas.

Motivada pelo estudo de Pinheiro (2019), a presente pesquisa investigou o mesmo processo de variação, mas em outra modalidade: a escrita. Considerando um conjunto de 188 revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 (ZANELATO, 2021), aqui foram coletadas 8.404 ocorrências do item *estar*, que estão ordenadas de acordo com a Tabela 6 adiante:

Tabela 6: distribuição das ocorrências morfofonologicamente plenas e morfofonologicamente reduzidas do item *estar* em revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010

Variantes	Ocorrências do item <i>estar</i>	
	Frequência/Total	Proporção
Forma plena	5.141/8.404	61,2%
Forma Reduzida	3.263/8.404	38,8%

Fonte: elaboração própria.

Diferentemente do que acontece na fala de Vitória/ES, as revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica* apresentam mais formas plenas do que formas reduzidas de uma maneira geral, em uma proporção de 61,2% para 38,8%, respectivamente. Aventa-se aqui a hipótese de que a entrada da redução do item *estar* nesse tipo de escrita se dê pelo fato de a variante com perda de material morfofonológico não ser estigmatizada pela comunidade de fala mais ampla e por ser ela encaixada linguisticamente, pois é imperceptível em relação à marcação social. Outros fenômenos variáveis apresentam esse mesmo padrão, com as formas inovadoras sendo registradas na fala e em textos escritos da mídia, a exemplo da expressão de futuro e da expressão gramatical do imperativo, cujas variantes também não sofrem estigma (TESCH; YACOVENCO; SCHERRE, 2014).

Com esses dados em mãos, é viável realizar a análise multivariada da expressão do item *estar* na escrita e comparar o resultado obtido com o trabalho de Pinheiro (2019), a fim de verificar se os contextos que condicionam a variação em tela são os mesmos nas duas modalidades. Para isso, serão controlados os grupos de fatores *Função do item*, *Pessoa do discurso* e *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item*. Também será possível fazer ponderações acerca da mudança em tempo aparente e da mudança em tempo real do *estar* ao levar em conta a faixa etária dos informantes que constituem a amostra PortVix e o grupo de fatores *Década da publicação*, referente aos diferentes decênios das revistas da *Turma da Mônica* que constituem o *corpus* concernente à escrita.

Há ainda espaço para discutir aspectos particulares de cada um dos bancos de dados analisados: nas revistas da *Turma da Mônica*, é apurado se a expressão do item *estar* sofre algum efeito em relação às personagens que compõem o enredo de cada história. Por sua vez, na amostra do PortVix, observa-se a frequência de redução do referido item em cada um dos

46 falantes capixabas que compõem o conjunto de entrevistas, levando em consideração o sexo e o grau de escolaridade dos indivíduos.

Para empreender a análise estatística desta tese, será utilizado o programa computacional *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), o mesmo empregado por Pinheiro (2019) para examinar a expressão do item *estar* na fala de Vitória/ES. Abaixo, na Tabela 7, segue a ordem de seleção das variáveis dependentes consideradas para cada um dos *corpora* e o seu nível de significância estatística³⁸:

Tabela 7: ordem de seleção e nível de significância estatística das variáveis independentes consideradas para a análise da expressão do item *estar* na fala de Vitória/ES e nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*

Fala de Vitória/ES		Histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i>	
Variável independente	Nível de significância estatística	Variável independente	Nível de significância estatística
1 ^a Pessoa do discurso	0.000	1 ^a Personagem	0.000
2 ^a Grau de escolaridade	0.000	2 ^a Década da Publicação	0.000
3 ^a Tempo/modo verbal	0.000	3 ^a Pessoa do discurso	0.000
4 ^a Sexo	0.000	4 ^a Tempo/modo verbal	0.000
5 ^a Função do item	0.020	5 ^a Função do item	0.000

Fonte: elaboração própria com base em dados da presente pesquisa e em Pinheiro (2019, p. 101, adaptado).

Vale a ressalva de que Pinheiro (2019) não obteve convergência em seus resultados. O *GoldVarb X* realiza uma série de cálculos que altera o valor dos pesos relativos com o objetivo de tentar, em cada uma das interações, fazer com que o modelo chegue perto da distribuição da amostra (GUY; ZILLES, 2007). O algoritmo responsável por essa sequência de processos possui um parâmetro para definir se é necessário continuar realizando ajustes ao modelo ou se deve parar. Haverá convergência quando os critérios e as equações incorporados

³⁸ “Significância estatística é essencialmente um modo de estimar a probabilidade de se obter determinada distribuição de dados pressupondo certas características [...] quanto à natureza da fonte de onde os dados foram extraídos” (GUY; ZILLES, 2007, p. 85). O teste de significância estatística manifesta-se em relação à hipótese nula, que afirma que a variável dependente não sofre influência das variáveis independentes, ou seja: nada está acontecendo e a distribuição dos dados é normal. Assim sendo, quanto menor o valor da significância estatística, menores são as chances de a hipótese nula ser verdadeira.

ao programa conseguirem o valor mais adequado para modelar o conjunto de dados sob análise.

De acordo com Guy e Zilles (2007), em análises simples, a convergência acontecerá após cinco ou seis iterações. Contudo, existem cenários nos quais o algoritmo não conseguirá convergir, pois as características de distribuição da amostra podem produzir um ciclo infinito, em que os cálculos sempre continuarão ajustando os valores em uma ou outra direção. Com o intuito de evitar esse problema, o *GoldVarb X* realiza ao máximo 20 iterações e para de rodar na 21ª, independentemente de qual for a diferença dos valores calculados em relação aos dados amostrais – sendo assim, não há convergência.

Os autores apontam duas situações em que a falta de convergência pode ocorrer: a primeira delas diz respeito à formulação de muitos grupos de fatores. Um número elevado de variáveis independentes, sobretudo se elas possuírem muitos níveis, pode levar o algoritmo a realizar diversos cálculos, fazendo com que o programa não encontre o melhor modelo em 20 iterações e pare na 21ª tentativa.

A segunda circunstância se refere a não ortogonalidade dos grupos de fatores, ou seja, quando duas ou mais variáveis independentes não são autônomas entre si. Exemplificando: se o fator X da variável 1 sempre está presente quando o fator Y da variável 2 ocorre, não é possível que o programa teste as possibilidades em que Y ocorre mas X não está presente ou vice-versa.

Pinheiro (2019) justificou que a ausência de convergência em seu trabalho foi causada pela distribuição discrepante das formas plenas e reduzidas do item *estar* no banco de dados do PortVix. Como o fenômeno em questão parece ser uma mudança que caminha para se concretizar na fala capixaba, há predominância de usos reduzidos, que representam 96,9% do total de dados, sobre os usos plenos, que representam os 3,1% de casos restantes. Isso faz com que as ocorrências do *estar* fiquem restritas a alguns contextos específicos, como a própria ordenação das variantes da variável dependente já sinaliza, o que dificulta a projeção de panoramas viáveis no *GoldVarb X*.

Mesmo que a falta de convergência não seja uma circunstância ideal, isso não impede que os resultados alcançados sejam considerados. “Embora os valores obtidos de análises sem convergência não sejam, por definição, os melhores possíveis, na maioria dos casos aproximam-se suficientemente dos hipotéticos valores melhores para dar uma boa e confiável indicação de efeitos” (GUY; ZILLES, 2007, p. 200). Logo, a análise sem convergência pode

ser utilizada desde que se procure o motivo que ocasionou tal quadro, que se tente solucionar a falta de convergência e, não havendo solução, que isso seja plenamente informado.

Tal discussão sobre a ausência de convergência na pesquisa de Pinheiro (2019) se faz necessária pois o produto obtido na análise desta tese também não apresentou convergência. Apesar de a distribuição entre as formas plenas e reduzidas nas histórias em quadrinhos das revistas da *Turma da Mônica* ter proporção mais equilibrada, com relação de 61,2% para 38,8%, respectivamente, uma investigação pormenorizada, considerando cada uma das cinco décadas individualmente, esclarece que a ordenação varia muito de um decênio para o outro. Os anos 1970, por exemplo, quase não exibem formas reduzidas e, de maneira geral, alguns fatores das variáveis independentes *Pessoa do discurso* e *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item* não são preenchidos a depender da década pois não há registro de seu uso no *corpus*. Esses dois fatos podem explicar a falta de convergência encontrada aqui, mas, como já elaborado, isso não é um empecilho para o prosseguimento do estudo.

Ao final deste capítulo, após o exame dos grupos de fatores levados em conta para a investigação das entrevistas do PortVix e das revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica*, há uma seção específica para debater como a expressão desse item se comporta em cada um desses gêneros textuais. Nesse momento, discute-se como o fenômeno apresenta-se no *continuum* fala/escrita. Para somar a essa análise, inclui-se o trabalho de Pinheiro (2016), que estudou a variação entre as formas plenas e reduzidas do item *estar* considerando os gêneros textuais entrevista sociolinguística, mensagem instantânea, telejornal e *e-mail* como os fatores de uma variável independente.

Para dar início à análise multivariada, então, começa-se pelo grupo de fatores *Função do item*, o qual permite realizar a interface entre variação e gramaticalização (GÖRSKI; TAVARES, 2017; NARO; BRAGA, 2000; POPLACK, 2011). A seguir, serão abordados a gramaticalização do *estar* e o efeito de cada uma de suas cinco funções (verbo principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, expressão cristalizada e marcador discursivo) na seleção das formas morfofonologicamente plenas e morfofonologicamente reduzidas.

4.2 O EFEITO DA VARIÁVEL INDEPENDENTE *FUNÇÃO DO ITEM* NA VARIAÇÃO DO ITEM *ESTAR*

Esta seção é dedicada ao efeito da variável independente *Função do item* na seleção das formas morfofonologicamente plenas e morfofonologicamente reduzidas do *estar* na fala de Vitória/ES e na escrita das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*. Esse grupo de fatores foi o quinto e último selecionado em ambos os casos e é ele que permite a realização da interface entre variação e gramaticalização neste estudo (GÖRSKI; TAVARES, 2017; NARO; BRAGA, 2000; POPLACK, 2011).

Primeiramente, discute-se a gramaticalização (BYBEE, 2016 [2010]; GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HEINE; KUTEVA, 2007; HEINE; NARROG, 2011; HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUOGOTT, 1993) do item *estar* a fim de estabelecer um *continuum* de mudança entre as suas funções: verbo principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, expressão cristalizada e marcador discursivo. Adiante, debate-se o efeito da gramaticalização na redução do referido item por meio de uma análise multivariada.

4.2.1 A gramaticalização do item *estar*

Nesta seção, serão retomadas as trajetórias de mudança gramatical do *estar* elaboradas por Pinheiro (2019) ao investigar a fala de Vitória, capital do estado do Espírito Santo. Em seu estudo, o autor propôs dois caminhos possíveis: um que leva em conta o conteúdo semântico e a perda de traços sintáticos e morfológicos do item ou da construção que ele constitui e outro que considera a estrutura dos elementos analisados. Aqui, essas proposições serão rediscutidas e refinadas a partir dos dados analisados nas histórias em quadrinhos das revistas da *Turma da Mônica* de diferentes sincronias (1970, 1980, 1990, 2000 e 2010).

Como gramaticalização, entende-se o que propõem Hopper e Traugott (1993): um processo de mudança unidirecional em que dado componente linguístico lexical passa, em determinados contextos, a desempenhar função gramatical e, uma vez gramaticalizado, é

possível haver novo processo de gramaticalização, com a unidade desenvolvendo novas funções gramaticais. É importante fazer a ressalva de que a unidirecionalidade do fenômeno não diz respeito a um único percurso de mudança possível, mas sim à característica do item ou da construção sofrer mudança gramatical e não retomar o seu *status* anterior. A título de exemplo, o verbo *ir*, quando deixa de marcar locomoção espacial para designar deslocamento no tempo, não regressa à sua condição anterior.

Entendendo esse evento da mesma forma que Hopper e Traugott (1993), Heine e Kuteva (2007) chamam a atenção para a sua natureza, que amalgama fatores pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonéticos. Em termos metodológicos, os autores também ressaltam a existência de uma vasta literatura que aponta critérios distintos para tratar a mudança gramatical, como *sintatização*, *morfologização*, *obrigatorificação*, *subjetivação*, entre outros. Na concepção desses linguistas, é possível que todos esses preceitos sejam sumarizados em quatro parâmetros para descrever instâncias de gramaticalização. São eles:

- a. *extensão*, ou seja, o surgimento de novos significados gramaticais quando expressões linguísticas são expandidas para novos contextos (reinterpretação induzida pelo contexto)
- b. *dessemantização* (ou desbotamento semântico), ou seja, perda (ou generalização) de significado
- c. *descategorização*, ou seja, perda de propriedades morfossintáticas características de formas lexicais ou de formas menos gramaticalizadas
- d. *erosão* (redução fonética), ou seja, perda de substância fonética (HEINE; KUTEVA, 2007, p. 34)³⁹.

A ordenação desses parâmetros reflete a sequência em que eles normalmente ocorrem no processo de mudança gramatical e são concernentes a diferentes aspectos da estrutura ou do uso linguístico. Sendo assim, primeiramente, no nível pragmático, um item ou construção passaria a ser utilizado em um contexto inédito, fazendo com que novas acepções surjam. Em seguida, esse elemento teria o seu significado generalizado, desbotando-se semanticamente ao se tornar mais abstrato em relação ao seu uso original. O próximo passo é a perda de traços morfossintáticos. Logo, a unidade em processo de gramaticalização pode não mais conseguir

³⁹ Tradução própria. Original: *a. extension, i.e. the rise of new grammatical meanings when linguistic expressions are extended to new contexts (context-induced reinterpretation)/ b. desemantization (or “semantic bleaching”), i.e. loss (or generalization) in meaning content/decategorialization, i.e. loss in morphosyntactic properties characteristic of lexical or other less grammaticalized forms/erosion (“phonetic reduction”), i.e. loss in phonetic substance.*

sofrer flexões de tempo, de modo, de número e de pessoa ou derivações em seu radical e nem ser qualificada, quantificada ou determinada por artigos ou sintagmas adjetivais. Por fim, é possível que haja redução fonética (etapa não obrigatória).

Por meio da sucessão descrita acima, é viável relacionar as funções do *estar* e construir um *continuum* de gramaticalização. Como função fonte desse processo, haveria o *verbo principal*, emprego em que o item conserva o seu conceito prototípico⁴⁰, o de ser um locativo espacial, mas também já abre espaço, com menor frequência, para definições mais abstratas, como representação de tempo ou de idade – exemplos (195), (196) e (197). Ao desempenhar esse papel, o *estar* pode ser flexionado em tempo, em modo, em número e em pessoa.

(195) Como aproveitar este bucho com brócolis refogado que *está* há dias na geladeira!

(Almanaque da Magali, nº 59, Panini Comics, década de 2010, p. 10)

(196) O ano que vem *tá* muito longe!

(Magali, nº 143, Editora Globo, década de 1990, p. 4)

(197) Mas, se você é ela, já deveria *estar* com uns vinte e poucos anos!

(Almanaque da Mônica, nº 1, Editora Globo, década de 1980, p. 27)

Logo após a função fonte, haveria a função menos gramaticalizada, representada pelas ocorrências do *verbo de ligação*. Os seus usos, em relação ao *verbo principal*, são mais genéricos, pois eles qualificam um referente e trazem a noção de que essa característica não é estática e nem inerente. Ao desempenhar esse papel, o *estar* também é responsável por fazer a cópula entre o sujeito e o predicativo e conserva as flexões de tempo, de modo, de número e de pessoa.

Mais gramaticalizada é a função de *verbo auxiliar*. Como um auxiliador, o *estar* não possui nenhuma significação semântica ou referência associada ao mundo biossocial. Sua atribuição é apenas realizar as flexões de tempo, de modo, de número e de pessoa do *verbo principal* na forma de gerúndio ao qual se liga, indicando que a ação designada por ele é contínua e habitual.

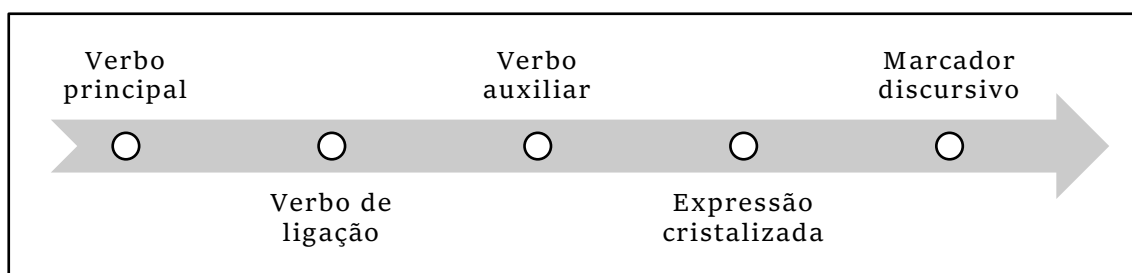
⁴⁰ Segundo Rosch (1973, 1975), dentro de uma categoria, existiriam aqueles membros que seriam os mais representativos: os protótipos. Assim, os componentes de um mesmo grupo não seriam todos iguais e representativos, em um mesmo nível, do conjunto, mas compartilhariam alguma (ou algumas) característica(s) que permitiria(m) fazer o arranjo.

Na sequência, há as *expressões cristalizadas* constituídas com o item *estar* que desempenha a função de *verbo principal*, de *verbo de ligação* ou de *verbo auxiliar*. Essas *expressões* são as construções que se formadas a partir do processo cognitivo de domínio geral denominado como *chunking* (agrupamento) (BYBEE, 2016 [2010]) e elas podem ou não sofrer flexões de tempo, de modo, de número e de pessoa – traço que sinaliza o início da perda de características morfossintáticas. Os usos do *estar* nessa função são mais abstratos que as suas ocorrências originais.

Ao fim dessa trajetória de gramaticalização, estão os *marcadores discursivos*. O referido item, quando no encargo dessa função, é um operador fático que serve como um recurso para que um indivíduo faça a manutenção da atenção que o interlocutor presta à sua fala. Nessas ocorrências, o *estar* começa a perder as suas marcas morfológicas que sinalizam tempo, modo, número e pessoa, com a possibilidade de ocorrer fixamente na forma *tá*.

Considerando essas cinco funções, é possível estipular um *continuum* unidirecional para relacioná-las de acordo com a sua significação semântica e suas características morfosintáticas, seguindo os parâmetros de Heine e Kuteva (2007). A seguir, na Imagem 33, é feita tal representação:

Imagem 33: *continuum* de gramaticalização do item *estar* proposto por Pinheiro (2019, p. 54 e 89) de acordo com os parâmetros de Heine e Kuteva (2007)



Fonte: Pinheiro (2019, p. 54 e 89).

É imprescindível reafirmar que esses usos foram organizados levando em conta o quão gramaticalizados eles são. Com os dados desta tese, que considera um recorte temporal que abrange o período que vai da década de 1970 até a década de 2010, não é possível afirmar que o *estar* enquanto *verbo principal* dê origem, via processo de mudança gramatical, a um *verbo de ligação* e assim ocorra sucessivamente até chegar à função de *marcador discursivo*. É viável, entretanto, acionar a análise feita por Mendes (1999), que por meio da investigação de

um *corpus* histórico constatou que a utilização do referido item com acepção locativa é mais antiga, referente aos séculos XIII ao XX. Cem anos depois, entre os séculos XIV e XX, o autor registra o surgimento de ocorrências atributivas. Com mais cem anos, na altura compreendida pelos séculos XV ao XX, aparecem estruturas auxiliares, com o *estar* como *verbo auxiliar* acompanhando um *verbo principal* na forma nominal de gerúndio. Sendo assim, há uma fonte que sanciona a sequência *verbo principal* > *verbo de ligação* > *verbo auxiliar*.

Acerca desse encadeamento, Castilho (2014) chama a atenção para o fato de ser a passagem de *verbo principal* (pleno) a *verbo de ligação* (funcional) e deste a *verbo auxiliar* um dos fenômenos mais interessante entre os processos de gramaticalização. Além disso, sobre o *estar*, o linguista faz o registro do mesmo prosseguimento de mudança constatado por Mendes (1999). Nenhum dos dois, entretanto, incluem os *marcadores discursivos* em suas formulações, o que leva ao pensamento de que essa função pode ser mais recente na língua.

Ainda a respeito dos *marcadores*, mais um destaque deve ser feito: são eles fruto de gramaticalização ou de discursivização? Segundo Martelotta (2004), esses são dois processos distintos e que geram produtos diferentes. O item ou construção lexical que se gramaticaliza torna-se um *operador argumentativo*, passando a exercer função referente à organização textual interna. Por sua vez, a discursivização dá origem a *marcadores discursivos*, que desempenham o papel de preencher pausas ou de reorganizar e de modalizar a fala quando a sua linearidade é momentaneamente perdida.

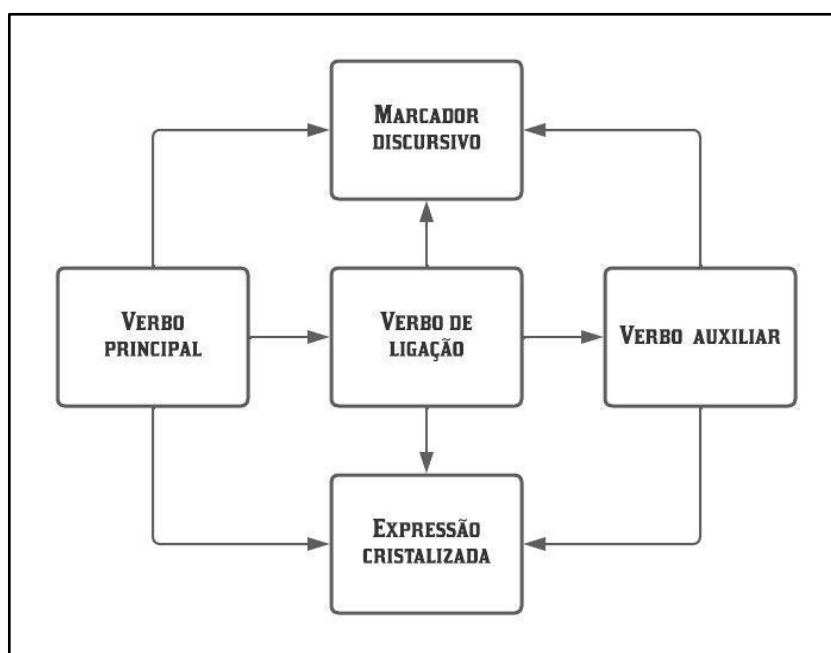
Outra interpretação é oferecida por Traugott (1995, 2004), que compreende que somente o processo de gramaticalização seria responsável por gerar as funções que Martelotta (2004) discrimina. Para essa linguista, características como descategorização, redução fonética, aumento da função pragmática e subjetivação, traços típicos de itens que sofreram mudança gramatical, estão presentes nos *marcadores discursivos*. Além disso, para ela, a diminuição de escopo e a fixação na cláusula não deveriam ser tomadas como atributos essenciais do processo de gramaticalização.

Outro posicionamento da autora concernente à mencionada distinção é que os *marcadores discursivos* deveriam ser considerados como componentes gramaticais, pois eles apresentam restrições sintáticas e particularidades entoacionais. Nesses termos, incluí-los ou não dentro de uma trajetória de gramaticalização seria consequência das concepções de língua e de gramática adotadas. Na pesquisa em tela, a língua é assumida como um sistema

adaptativo complexo (BYBEE, 2016 [2010]) e a gramática é tomada como algo emergente (HOPPER, 1987, 1998), não havendo uma delimitação rígida sua em relação ao discurso, pois esses elementos formam um *continuum* entre si. Sendo assim, aqui se considera que os *marcadores* são parte da gramática e a representação elaborada na Imagem 33 é possível.

Partindo agora para a segunda proposta de *continuum* de gramaticalização do item *estar* elaborada por Pinheiro (2019), tem-se a formulação de uma trajetória de mudança que leva em conta a estrutura dos elementos analisados. Na Imagem 34 a seguir, percebe-se a possibilidade de o *estar* na função de *verbo principal* dar origem a uma *expressão cristalizada* ou a um *marcador discursivo*, característica que também é compartilhada pelos *verbos de ligação* e os *verbos auxiliares*.

Imagem 34: *continuum* de gramaticalização do item *estar* proposto por Pinheiro (2019, p. 93) com base na estrutura da construção



Fonte: Pinheiro (2019, p. 93).

O arranjo da Imagem 34 precisou ser reformulado para a presente tese, pois como os exemplos (198) e (199) demonstram, também é viável que *expressões cristalizadas* originem *marcadores discursivos*, possibilidade que não foi captada por Pinheiro (2019). A Imagem 35 reorganiza as trajetórias de mudança a fim de acrescentar esse cenário.

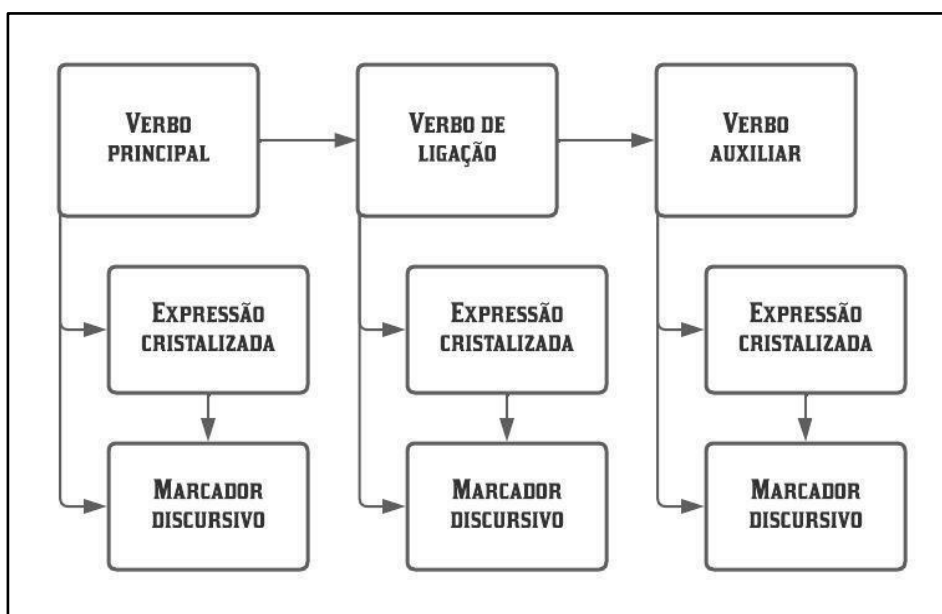
(198) Só estou lembrando quantos planos eu criei para emporcalhar o mundo! *Estão* ligados?

(Casão, nº 37, Panini Comics, década de 2000, p. 3)

(199) Pintou aquele veio! Na boa! Ô que treta! *Tá* ligado?!

(Chico Bento, nº 22, Panini Comics, década de 2010, p. 27)

Imagem 35: reformulação do *continuum* de gramaticalização do item *estar* proposto por Pinheiro (2019, p. 93) com base na estrutura da construção



Fonte: elaboração própria.

Assim como há a questão (já resolvida) de saber se *marcadores discursivos* são oriundos de um processo específico, a discursivização, também há, em relação às duas propostas de mudança (Imagens 34 e 35), a dúvida se *expressões cristalizadas* surgem mediante um fenômeno próprio, a lexicalização. Nos termos de Brinton e Traugott (2005), esse procedimento diz respeito às mudanças nas quais, em determinados contextos linguísticos, uma construção sintática passa a ser utilizada com um novo sentido, sendo as suas características formais e semânticas não completamente deriváveis ou presumíveis a partir dos seus constituintes separadamente.

Na visão desses autores, lexicalização e gramaticalização constituem um *continuum* e os mecanismos que atuam em um processo também atuam no outro. Sendo assim, itens

lexicalizados e gramaticalizados, a depender de seus atributos, podem estar mais ou menos próximos dos polos limítrofes da relação léxico/gramática.

As *expressões cristalizadas* são construções formadas com o item *estar* na função de *verbo principal*, *verbo de ligação* ou *verbo auxiliar*. O sentido desse novo conjunto é mais abstrato que o uso original, mas menos subjetivo do que os *marcadores discursivos*, que, como já salientado, não apresentam nenhum resquício de significância no mundo biossocial, funcionando apenas como um operador fático para organizar a fala.

Para finalizar a presente seção, é interessante notar, na Tabela 8 abaixo, como a redução do *estar* nas revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica* aumenta à medida que a função desempenhada pelo item é mais abstrata em relação ao seu uso fonte. Os *verbos principais* apresentam 24,7% de redução, enquanto os *verbos de ligação* e *verbos auxiliares* são reduzidos numa proporção de, respectivamente, 35,4% e 35,2%. Em seguida, as *expressões cristalizadas* já se manifestam com mais da metade de suas ocorrências de maneira erodida, com uma proporção de 64,4%. Por sua vez, o *marcador discursivo*, a função mais gramaticalizada, exibe 83,7% de formas reduzidas.

Tabela 8: distribuição das ocorrências do item *estar* em suas formas plenas e reduzidas de acordo com as funções desempenhadas nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010

Função	Forma plena		Forma Reduzida		Total	
	Frequência	Proporção	Frequência	Proporção	Frequência	Proporção
Verbo principal	1.153	75,3%	378	24,7%	1.531	18,8%
Verbo de ligação	1.297	64,6%	712	35,4%	2.009	24,7%
Verbo auxiliar	1.953	64,8%	1.062	35,2%	3.015	37,1%
Expressão cristalizada	518	35,6%	936	64,4%	1.454	17,9%
Marcador discursivo	20	16,3%	103	83,7%	123	1,5%
Total	4.941	60,8%	3.191	39,2%	8.132	100%

Fonte: elaboração própria.

De maneira geral, é possível perceber que aproximadamente 40% dos usos do item *estar* nas funções aqui consideradas se dão na forma reduzida, uma proporção considerável

em um gênero textual que, apesar de tentar reproduzir a fala, manifesta-se em meio gráfico. Na seção a seguir, verifica-se qual o efeito da função do item na expressão das formas plenas e reduzidas do item *estar* por meio de análise multivariada.

4.2.2 A variável independente *Função do item*

Ao analisar a expressão do item *estar* na fala de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, Pinheiro (2019) constatou que quanto mais gramaticalizada fosse a função que o item exercia, maiores eram as chances de a forma reduzida se manifestar. Sendo assim, é possível observar na Tabela 9 a seguir que o *verbo principal* e o *verbo de ligação*, respectivamente a função fonte e a função menos gramaticalizada, desfavorecem as formas reduzidas com pesos relativos de 0,397 e 0,423. Por sua vez, o *verbo auxiliar* e a *expressão cristalizada*, as funções mais gramaticalizadas nesse conjunto, favorecem a redução, com pesos relativos de 0,576 e 0,634.

Tabela 9: efeito da variável independente *Função do item* na seleção das formas reduzidas do item *estar* na fala de Vitória/ES

Fatores	Expressão da forma reduzida do item <i>estar</i>		Peso relativo
	Frequência/Total	Proporção	
Verbo principal	861/903	95,3%	0,397
Verbo de ligação	785/815	96,3%	0,423
Sobreposição de funções	89/92	96,7%	0,509
Verbo auxiliar	1.580/1.620	97,5%	0,576
Expressão cristalizada	231/235	98,3%	0,634
Total	3.546/3.665	96,8%	Range⁴¹: 237
Significância: 0,020			

Fonte: Pinheiro (2019, p. 108, adaptado).

⁴¹ O *range* é o resultado da diferença entre o maior e o menor peso relativo de um grupo de fatores. Essa medida pontua a força de atuação da variável independente, com valores altos sinalizando uma restrição mais forte e valores baixos indicando uma restrição mais fraca (TAGLIAMONTE, 2006, p. 242).

Há outros três pontos que merecem destaque em relação à expressão do item *estar* na comunidade de fala capixaba. O primeiro deles é que não há formas plenas do *estar* na função de *marcador discursivo*, sendo todas as suas 145 ocorrências 100% reduzidas. Além disso, os *marcadores* realizaram-se quase exclusivamente sob uma configuração: *tá*. Apenas um caso é diferente, manifestando-se com flexão de número: *tão*. Devido à invariabilidade da forma morfofonológica dessa função, ela não foi considerada para a análise estatística presente na Tabela 9.

Mais um aspecto interessante é o comportamento do fator *sobreposição de funções*, que tem efeito intermediário na expressão do item *estar*, com peso relativo de 0,509. Pinheiro (2019) justifica esse resultado explicando que a maioria das mesclas de funções é constituída por *verbo principal* mais um *verbo auxiliar*, ou seja, a função fonte e uma das funções mais gramaticalizadas, na devida ordem, o que levaria a uma neutralização de forças.

Por fim, é relevante constatar como as proporções de redução de todas as funções são bastante altas. Nenhum fator desse grupo, na fala de Vitória/ES, apresenta menos do que 95% de formas reduzidas. Ainda sobre essa questão, é interessante observar como a proporção da redução do item *estar* aumenta quanto mais gramaticalizada é a função desempenhada pelo referido item. A literatura sobre os processos de gramaticalização (BYBEE, 2016 [2010]; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; HEINE, 2003; HEINE; KUTEVA, 2007) aponta que esse fenômeno pode levar à redução de itens e de construções – o que de fato se constata aqui, mas nada diz sobre a proporção de redução ao longo do *continuum* de mudança. Por meio da Tabela 9, nota-se que os *verbos principais* apresentam 95,3% de redução e que esse valor sobe gradativamente, percorrendo toda a trajetória de mudança do *estar*, até chegar à proporção de 98,3% de formas erodidas nas *expressões cristalizadas*.

Na escrita das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, considerando o intervalo que vai da década de 1970 até os anos 2010, o efeito dessa variável independente é similar ao resultado encontrado por Pinheiro (2019): nesse contexto, a função fonte também é desfavorecedora da redução do item *estar*, com peso relativo de 0,344, enquanto as funções mais gramaticalizadas, o *marcador discursivo* e a *expressão cristalizada*, com pesos relativos de 0,721 e de 0,733, respectivamente, favorecem as formas reduzidas. Os *verbos de ligação mais e menos subjetivos*, os *verbos auxiliares* e as *sobreposições de funções*, por seu turno, apresentam efeito ligeiramente intermediário, com pesos relativos próximos ao valor de 0,500.

Tabela 10: efeito da variável independente *Função do item* na seleção das formas reduzidas do item *estar* nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 (sem amálgama dos *verbos de ligação menos subjetivos* e dos *verbos de ligação mais subjetivos*)

Fatores	Expressão da forma reduzida do item <i>estar</i>		Peso relativo
	Frequência/Total	Proporção	
Verbo principal	371/1.479	25,1%	0,344
Verbo auxiliar	1.053/2.956	35,6%	0,461
Sobreposição de funções	35/105	33,3%	0,464
Verbo de ligação menos subjetivo	271/761	35,6%	0,482
Verbo de ligação mais subjetivo	440/1.188	37,0%	0,499
Marcador discursivo	33/51	64,7%	0,721
Expressão cristalizada	930/1.430	65,0%	0,733
Total	3.133/7.970	39,3%	Range: 389
Significância: 0,000			

Fonte: elaboração própria.

Aventou-se a hipótese de que os *verbos de ligação menos subjetivos*, por terem mais relação com o mundo biossocial, desfavoreceriam a redução do item *estar*, ao passo que os *verbos de ligação mais subjetivos*, que detêm menos relação com o mundo biossocial, pudessem favorecer o fenômeno. Entretanto, a partir da Tabela 10, o que se observa é que esses fatores têm um efeito muito próximo, com pesos relativos de 0,482 e 0,499, na devida ordem. Sendo assim, optou-se por amalgamar esses dois níveis em apenas um (Tabela 11), a fim de simplificar e de generalizar a interpretação do fenômeno.

Tabela 11: efeito da variável independente *Função do item* na seleção das formas reduzidas do item *estar* nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 (com amálgama dos *verbos de ligação menos subjetivos* e dos *verbos de ligação mais subjetivos*)

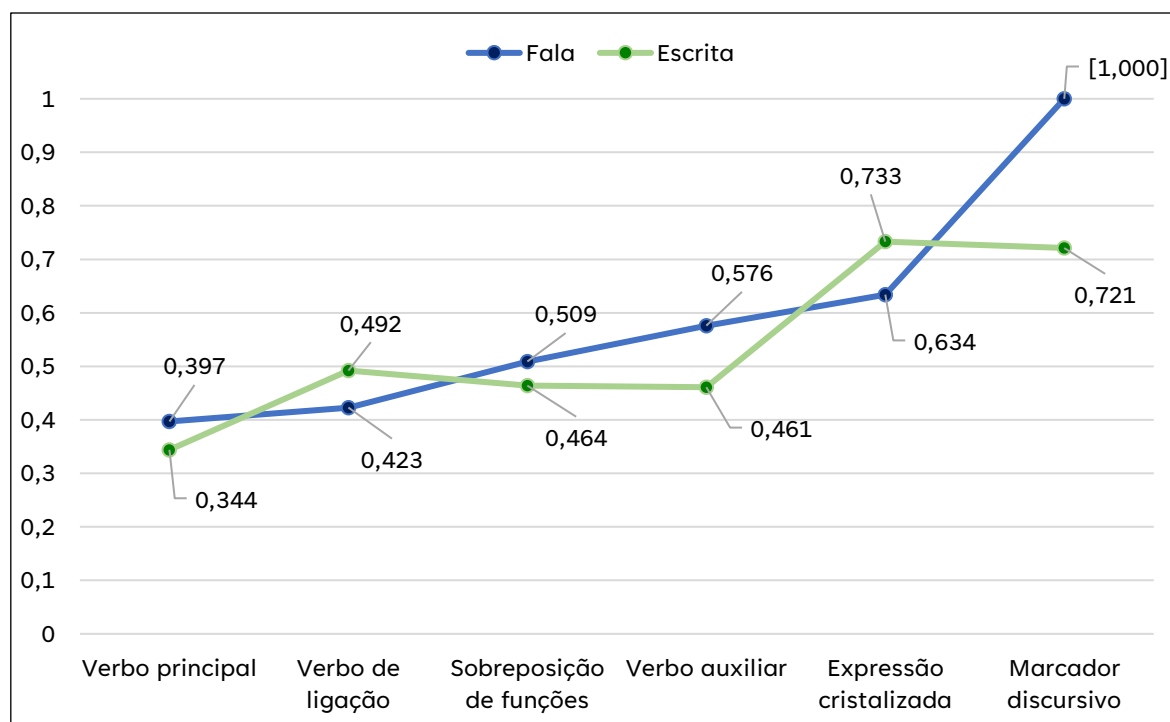
Fatores	Expressão da forma reduzida do item <i>estar</i>		Peso relativo
	Frequência/Total	Proporção	
Verbo principal	371/1.479	25,1%	0,344
Verbo auxiliar	1.053/2.956	35,6%	0,461
Sobreposição de funções	35/105	33,3%	0,464
Verbo de ligação	711/1.949	35,6%	0,492
Marcador discursivo	33/51	64,7%	0,721
Expressão cristalizada	930/1.430	65,0%	0,733
Total	3.133/7.970	39,3%	Range: 389
Significância: 0,000			

Fonte: elaboração própria.

Em relação às proporções, é possível perceber que a função fonte e o conjunto de funções menos gramaticalizadas (*verbo de ligação*, *verbo auxiliar* e *sobreposição de funções*), nas revistas da *Turma da Mônica*, apresentam uma taxa de redução que varia entre 25% e 35%, aproximadamente. Já as *expressões cristalizadas* e os *marcadores discursivos*, funções mais gramaticalizadas nesse conjunto de dados, exibem taxa de redução na casa dos 65%.

Ao se comparar o efeito da variável independente *Função do item* na fala e na escrita por meio do Gráfico 1 que segue, visualizam-se dois padrões: 1) o *verbo principal* é, em ambas as modalidades, o maior desfavorecedor da expressão reduzida do referido item, com peso relativo de 0,397 para a fala e de 0,344 para a escrita; 2) as funções mais gramaticalizadas, a *expressão cristalizada* (com peso relativo de 0,634 para a fala e de 0,733 para a escrita) e o *marcador discursivo* (com peso relativo de [1,000] para a fala e de 0,721 para a escrita), são as mais favorecedoras para da expressão reduzida – a título de comparação, projetou-se o valor [1,000] para os *marcadores discursivos* na fala, uma vez que na variedade capixaba eles ocorrem unicamente na forma reduzida.

Gráfico 1: comparação do efeito da variável independente *Função do item* na seleção das formas reduzidas do item *estar* na fala de Vitória/ES e na escrita das revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010



Fonte: elaboração própria, com base nas Tabelas 9 e 11 desta tese.

Na fala (linha azul), observa-se uma tendência claramente ascendente e ordenada a partir do *verbo principal* (função fonte) até chegar ao *marcador discursivo* (função mais gramaticalizada), caminhando do desfavorecimento das reduções até chegar ao seu uso categórico. Para mais, percebe-se que além das *expressões cristalizadas* e dos *marcadores discursivos*, os *verbos auxiliares* também favorecem a redução, com peso relativo de 0,576, muito provavelmente porque os *marcadores discursivos* não são considerados para a elaboração dos resultados estatísticos, uma vez que são categoricamente reduzidos.

Na escrita (linha verde), por sua vez, essa mesma tendência ascendente também é notada, embora ela não seja tão acentuada quanto na fala. Nessa modalidade, os *verbos auxiliares* (0,461), assim como os *verbos de ligação* (0,492) e a *sobreposição de funções* (0,464), apresentam comportamento intermediário em relação ao fenômeno em tela. Vale destacar ainda que os *marcadores discursivos* exibem variedade, com peso relativo de 0,721, muito próximo ao peso relativo das *expressões cristalizadas*, de 0,733, a função mais favorecedora da redução nesse universo.

Em síntese, é interessante notar que, tanto na fala quanto na escrita, o *continuum* de

mudança do item *estar* (verbo principal > verbo de ligação > verbo auxiliar > expressão cristalizada > marcador discursivo) elaborado por Pinheiro (2019) com base nos parâmetros de gramaticalização de Heine e Kuteva (2007) é evidente. Ademais, mesmo que a redução do item *estar* se faça presente em todas as funções consideradas nesta tese, é relevante reconhecer que a proporção das formas erodidas aumenta conforme os usos se tornam mais gramaticalizados.

Para encerrar a discussão desse grupo de fatores, há um último ponto que merece ser ressaltado: em ambas as modalidades, os *verbos auxiliares* são os usos mais frequentes. Na fala e na escrita, essa função representa 44,2% e 37,1% do total de dados, respectivamente. Quando desempenha esse papel, o *estar* constitui um tempo composto que indica o presente progressivo, sinalizando que um determinado evento ocorre simultaneamente ao momento da fala (*A Lucinha já está fazendo o almoço*) ou que a ação é transitória, em contraste ao presente simples, que exprime, no mesmo contexto, situação permanente (*eu estou trabalhando nessa escola/eu trabalho nessa escola*) (PERINI, 2010, p. 223-224).

Projeta-se aqui a perspectiva de haver uma pressão paradigmática para que o item *estar* enquanto um auxiliador sofra redução e assim todos os *verbos auxiliares* que formam tempos compostos no português brasileiro seriam monossilábicos. Segundo Perini (2010, p. 238), o grupo dos tempos compostos é formado pelo verbo *ter* + particípio (*eu tinha comido*) para o pretérito, pelo verbo *ir* + infinitivo (*eu vou comer*) para o futuro e pelo verbo *estar* + gerúndio para o presente (*eu estou comendo*). Logo, nesse conjunto, apenas o *estar* não é monossílabo. Se esse item sofre redução, os exemplares (BYBEE, 2016 [2010]) dos tempos compostos seriam todos formados por um verbo monossilábico acompanhado por uma das formas nominais dos verbos.

4.3 O EFEITO DA VARIÁVEL INDEPENDENTE *PESSOA DO DISCURSO* NA VARIAÇÃO DO ITEM *ESTAR*

Nesta seção, discute-se o efeito da variável independente *Pessoa do discurso* na seleção das formas morfofonologicamente plenas e morfofonologicamente reduzidas do item *estar* na fala de Vitória, capital do Espírito Santo, e nas revistas de história em quadrinhos da

Turma da Mônica das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010. Esse grupo de fatores é o primeiro selecionado pelo *GoldVarb X* na modalidade falada e o terceiro selecionado na modalidade escrita.

No que concerne à comunidade de fala capixaba, Pinheiro (2019) verificou uma clara divisão em seus resultados: enquanto os usos no singular favorecem a redução do item *estar*, os usos flexionados no plural desfavorecem o fenômeno em tela, conforme é possível notar na Tabela 12 a seguir:

Tabela 12: efeito da variável independente *Pessoa do discurso* na seleção das formas reduzidas do item *estar* na fala de Vitória/ES

Fatores	Expressão da forma reduzida do item <i>estar</i>		Peso relativo
	Frequência/Total	Proporção	
1ª pessoa do singular	830/848	97,9%	0,589
2ª pessoa do singular (você)	282/290	97,2%	0,540
3ª pessoa do singular	1.874/1.923	97,7%	0,543
1ª pessoa do plural (nós)	45/51	88,2%	0,136
3ª pessoa do plural	326/364	89,6%	0,165
Total	3.362/3.476	96,7%	Range: 424

Significância: 0,000

Fonte: Pinheiro (2019, p. 112, adaptado).

As ocorrências na *primeira pessoa do singular* (0,589), na *segunda pessoa do singular (você)* (0,540) e na *terceira pessoa do singular* (0,543) apresentam um comportamento muito próximo na expressão do item *estar*, com todas favorecendo as formas reduzidas. De modo contrário, a *primeira pessoa do plural (nós)* (0,136) e a *terceira pessoa do plural* (0,165) desfavorecem as reduções.

A atuação desses fatores pode ser explicada pelo Princípio da Marcação linguística e Social, proposto por Givón (1995). Devido à sua menor complexidade estrutural, ao seu processamento cognitivo mais simples e à sua maior frequência de uso, o singular é menos marcado do que o plural e por isso apresentaria mais reduções. Além disso, como aponta

Bybee (2016 [2010]), a maior frequência de uso de itens e de construções é um potencial motivo que pode levar à redução de formas linguísticas.

Por fim, vale destacar que a *primeira pessoa do plural (a gente)* (95 ocorrências) e a *segunda pessoa do plural (vocês)* (11 ocorrências), ambas codificadas por pronomes gramaticalizados na fala de Vitória/ES, são categoricamente manifestadas por formas reduzidas e por isso não foram fatores considerados para gerar os pesos relativos.

Nas histórias em quadrinhos das revistas da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010, a variável independente *Pessoa do discurso* exhibe o mesmo desempenho que na fala dos capixabas: as formas no singular favorecem, enquanto as formas no plural desfavorecem a redução do item *estar*. Esse efeito pode ser observado na Tabela 13 a seguir.

Tabela 13: efeito da variável independente *Pessoa do discurso* na seleção das formas reduzidas do item *estar* nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010

Fatores	Expressão da forma reduzida do item <i>estar</i>		Peso relativo
	Frequência/Total	Proporção	
1ª pessoa do singular	831/2.007	41,4%	0,590
2ª pessoa do singular (você)	642/1.524	42,1%	0,594
3ª pessoa do singular	973/2.509	38,8%	0,597
1ª pessoa do plural (a gente)	17/33	51,5%	0,752
1ª pessoa do plural (nós)	16/282	5,7%	0,056
2ª pessoa do plural (vocês)	15/197	7,6%	0,099
3ª pessoa do plural	37/419	8,8%	0,068
Total	2.531/6.971	36,3%	Range: 696
Significância: 0,000			

Fonte: elaboração própria.

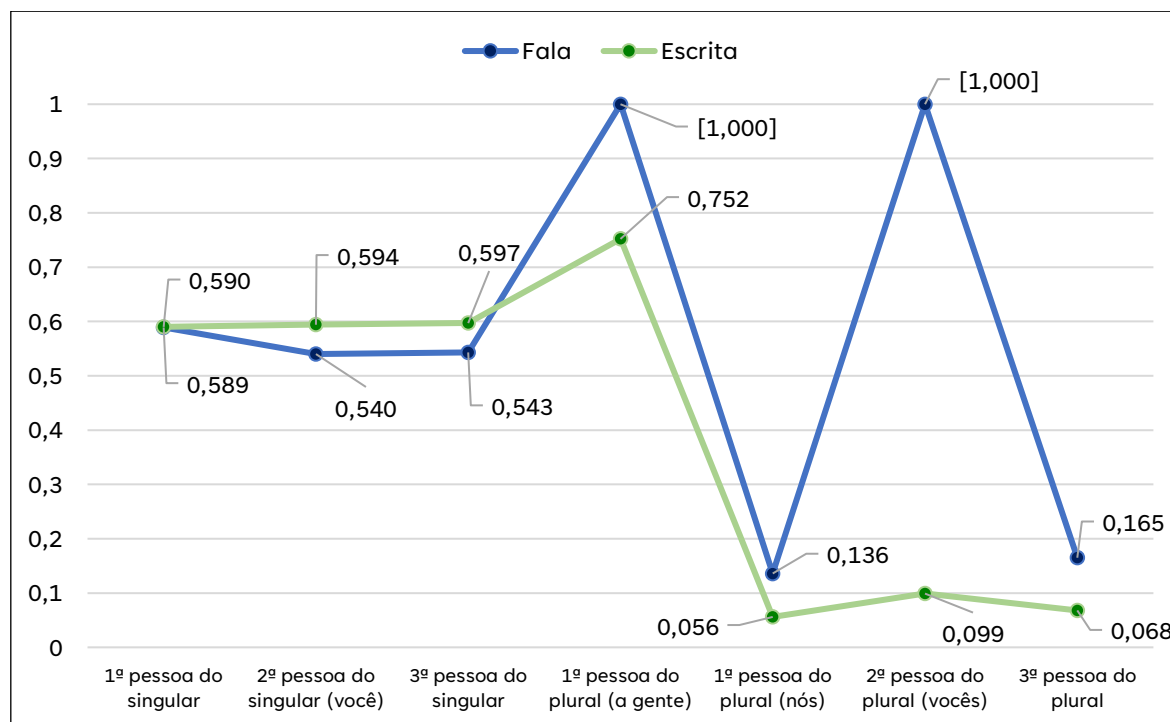
A *primeira pessoa do singular* (0,590), a *segunda pessoa do singular (você)* (0,594) e a *terceira pessoa do singular* (0,597), com pesos relativos aproximados, condicionam positivamente a expressão das formas reduzidas do item *estar*, ao passo que a *primeira do plural*

(*nós*) (0,056), a *segunda pessoa do plural (vocês)* (0,099) e a *terceira pessoa do plural* (0,068), também com pesos relativos muito próximos, inibem as reduções.

É interessante notar que a *primeira pessoa do plural (a gente)*, mesmo que codifique um contexto de pluralidade, faz concordância com a *terceira pessoa do singular*, o que justifica o seu peso relativo de 0,752 favorecendo as formas reduzidas. Sendo assim, a explicação de que o singular favorece as reduções do item *estar*, uma vez que é menos marcado, e de que o plural desfavorece o fenômeno, porque é mais marcado, ganha força.

O Gráfico 2 abaixo apresenta o efeito da variável independente *Pessoa do discurso* na fala e na escrita, de modo comparativo. Para confrontar os resultados em ambas as modalidades, projetou-se o valor de [1,000] para os fatores *primeira pessoa do plural (a gente)* e *segunda pessoa do plural (vocês)* na fala, pois eles são categoricamente reduzidos nos usos dos capixabas.

Gráfico 2: comparação do efeito da variável independente *Pessoa do discurso* na seleção das formas reduzidas do item *estar* na fala de Vitória/ES e na escrita das revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010



Fonte: elaboração própria, com base nas Tabelas 12 e 13 desta tesa.

A representação gráfica deixa evidente a divisão entre as formas singulares e plurais e

como elas afetam a expressão do item *estar*. O único comportamento contraditório observado é o do fator *segunda pessoa do plural (vocês)*, que é invariável na fala, apresentando somente formas reduzidas; mas desfavorecedor das formas reduzidas na escrita, como as demais pessoas do plural. A explicação dessa discrepância pode ser o próprio gênero textual entrevista sociolinguística. Para a elaboração do PortVix (TESCH; YACOVENCO, 2022), as sessões de gravação com os falantes da capital capixaba eram feitas sempre na presença de dois entrevistadores, mas apenas um deles liderava o inquérito, fazendo com que o entrevistado, na maior parte das vezes, se reportasse a uma única pessoa, utilizando recorrente a *segunda pessoa do singular (você)*. Logo, há poucas manifestações da *segunda pessoa do plural (vocês)* nesse corpus – onze dados. A coleta de mais dados provavelmente solucionaria essa questão.

Mais uma justificativa plausível é lembrar que a expressão do item *estar* na fala de Vitória/ES é um fenômeno semicategórico (LABOV, 2003), que caminha para o final do seu processo de mudança. Na comunidade capixaba, mais 95% das ocorrências do referido item se dão de forma reduzida. Portanto, não é estranha a presença de contextos invariáveis nesse cenário.

À vista de tais resultados, parecem ser as formas do singular, menos marcadas em relação às formas do plural, a porta de entrada das reduções do item *estar* no português brasileiro, tanto na fala quanto na escrita.

4.4 O EFEITO DA VARIÁVEL INDEPENDENTE *TEMPO E MODO VERBAL OU FORMA NOMINAL DO ITEM* NA VARIAÇÃO DO ITEM *ESTAR*

Na apuração feita por meio do *GoldVarb X*, a variável independente *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item* é a terceira selecionada como estatisticamente significante na fala de Vitória/ES e a quarta selecionada nas revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010.

Ao analisar a comunidade de fala capixaba, Pinheiro (2019) constatou que são os tempos verbais *presente do indicativo* e *futuro do subjuntivo* que mais favorecem a expressão reduzida do item *estar*, com pesos relativos de 0,539 e de 0,529, respectivamente. Os demais

níveis desse grupo de fatores desfavorecem, em maior ou menor grau, o fenômeno em tela, como é possível observar na Tabela 14 que segue:

Tabela 14: efeito da variável independente *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item* na seleção das formas reduzidas do item *estar* na fala de Vitória/ES

Fatores	Expressão da forma reduzida do item <i>estar</i>		Peso relativo
	Frequência/Total	Proporção	
Presente do indicativo	2.353/2.417	97,4%	0,539
Futuro do subjuntivo	41/42	97,6%	0,529
Pretérito imperfeito do indicativo	919/948	96,9%	0,463
Pretérito imperfeito do subjuntivo	33/35	94,3%	0,339
Infinitivo	109/117	93,2%	0,316
Futuro do presente do indicativo	14/16	87,5%	0,185
Gerúndio	5/7	71,4%	0,152
Pretérito perfeito do indicativo	8/9	88,9%	0,142
Presente do subjuntivo	2/7	42,9%	0,042
Futuro do pretérito do indicativo	10/16	62,5%	0,036
Total	3.494/3.613	96,7%	Range: 503
Significância: 0,000			

Fonte: Pinheiro (2019, p. 111, adaptado).

Assim como o singular favorece as reduções do item *estar* por ser menos marcado do que o plural, o *presente do indicativo* (0,539) também favorece as reduções por ser o tempo e o modo verbal menos marcado em relação ao futuro, ao pretérito e ao subjuntivo. Quando se apela ao Princípio da Marcação Linguística e Social (GIVÓN, 1995), averigua-se que esse fator é menos complexo estruturalmente, que o seu processamento cognitivo é mais simples e que a sua frequência de uso é muito superior aos outros níveis. Sendo assim, é compreensível o seu comportamento dentro desse grupo.

Tal explicação não é válida, entretanto, para o *futuro do subjuntivo*, que, seguindo essa linha de raciocínio, deveria desfavorecer a expressão reduzida do item *estar*, uma vez que é mais marcado em comparação ao *presente do indicativo*. Com peso relativo de 0,529,

esse fator é o segundo que mais favorece o fenômeno em questão. Pinheiro (2019) hipotetizou que tal resultado poderia ser consequência de as formas reduzidas do *estar* no *futuro do subjuntivo* não serem uma “novidade” para os falantes, uma vez que seriam foneticamente equivalentes à conjugação do verbo *ter* nesse mesmo tempo e modo verbal. A replicação do Quadro 6 a seguir ilustra esse cenário:

Quadro 6: comparação da conjugação no futuro do subjuntivo do verbo *estar* (na forma plena e na forma reduzida) com o verbo *ter*

Conjugação no futuro do subjuntivo		
<i>Estar</i> na forma plena	<i>Estar</i> na forma reduzida	<i>Ter</i>
Quando eu estiver	Quando eu tiver	Quando eu tiver
Quando você estiver	Quando você tiver	Quando você tiver
Quando ele/ela estiver	Quando ele/ela tiver	Quando ele/ela tiver
Quando a gente estiver	Quando a gente tiver	Quando a gente tiver
Quando nós estivermos	Quando nós tivermos	Quando nós tivermos
Quando vocês estiverem	Quando vocês tiverem	Quando vocês tiverem
Quando eles/elas estiverem	Quando eles/elas tiverem	Quando eles/elas tiverem

Fonte: elaboração própria.

Contudo, esse pensamento só seria validado caso o *pretérito perfeito do indicativo* (0,142) e o *pretérito imperfeito do subjuntivo* (0,339) igualmente favorecessem as reduções na fala, em virtude de também serem as conjugações do verbo *estar* na forma reduzida e as conjugações do verbo *ter* foneticamente equivalentes nesses dois casos, como é possível constatar no Quadro 7 replicado adiante:

Quadro 7: comparação das conjugações no pretérito perfeito do indicativo e no pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *estar* (na forma plena e na forma reduzida) com o verbo *ter*

Conjugação no pretérito perfeito do indicativo		
<i>Estar na forma plena</i>	<i>Estar na forma reduzida</i>	<i>Ter</i>
Eu estive	Eu tive	Eu tive
Você esteve	Você teve	Você teve
Ele/ela esteve	Ele/ela teve	Ele/ela teve
A gente esteve	A gente teve	A gente teve
Nós estivemos	Nós tivemos	Nós tivemos
Vocês estiveram	Vocês tiveram	Vocês tiveram
Eles/elas estiveram	Eles/elas tiveram	Eles/elas tiveram
Conjugação no pretérito imperfeito do subjuntivo		
<i>Estar na forma plena</i>	<i>Estar na forma reduzida</i>	<i>Ter</i>
Que eu estivesse	Que eu tivesse	Que eu tivesse
Que você estivesse	Que você tivesse	Que você tivesse
Que ele/ela estivesse	Que ele/ela tivesse	Que ele/ela tivesse
Que a gente estivesse	Que a gente tivesse	Que a gente tivesse
Que nós tivéssemos	Que nós tivéssemos	Que nós tivéssemos
Que vocês estivessem	Que vocês tivessem	Que vocês tivessem
Que eles/elas estivessem	Que eles/elas tivessem	Que eles/elas tivessem

Fonte: elaboração própria.

Nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, o *presente do indicativo* é o único fator que favorece a expressão reduzida do item *estar*, com peso relativo de 0,548. Já o *pretérito imperfeito do indicativo* desfavorece esse fenômeno relativamente, com peso de 0,412. Enquanto isso, o *presente do subjuntivo* (0,152), o *futuro do subjuntivo* (0,108), o *pretérito perfeito do indicativo* (0,101) e o *infinitivo* (0,036) desfavorecem mais fortemente as reduções. Esses resultados podem ser observados na Tabela 15 a seguir:

Tabela 15: efeito da variável independente *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item* na seleção das formas reduzidas do item *estar* nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010

Fatores	Expressão da forma reduzida do item <i>estar</i>		Peso relativo
	Frequência/Total	Proporção	
Presente do indicativo	2.407/6.407	37,6%	0,548
Pretérito imperfeito do indicativo	223/651	34,3%	0,412
Presente do subjuntivo	1/31	3,2%	0,152
Futuro do subjuntivo	4/37	10,8%	0,108
Pretérito perfeito do indicativo	1/21	4,8%	0,101
Infinitivo	17/252	6,7%	0,036
Total	2.653/7.399	35,9%	Range: 512

Significância: 0,000

Fonte: elaboração própria

Considerando comparativamente as modalidades falada e escrita da língua, há alguns apontamentos que podem ser feitos. Primeiro, destaca-se que a escrita apresenta menos contextos de variação, havendo apenas seis ambientes em que as formas plenas e reduzidas do item *estar* se alternam. A fala, por sua vez, apresenta dez contextos em que o fenômeno se comporta de maneira variável.

Percebe-se, em ambas as modalidades, a prevalência do *presente do indicativo* como o fator que mais favorece as reduções do item *estar*, com pesos relativos de 0,539 e de 0,548, na devida ordem. Sendo assim, formula-se a hipótese de que seja por meio desse tempo e modo verbal que as reduções passam a fazer parte do uso dos falantes brasileiros.

Os demais fatores desse grupo, com maior ou menor força, desfavorecem a perda de material linguístico do *estar*. A única exceção diz respeito ao *futuro do subjuntivo*, que favorece a redução na fala, com peso relativo de 0,529, mas desfavorece na escrita, com peso relativo de 0,108. O comportamento do *futuro do subjuntivo* merece mais atenção em pesquisas vindouras.

É igualmente interessante notar que o *presente do indicativo* apresenta uma frequência de ocorrência bastante alta, seja na fala ou na escrita. Na fala, há um universo de 3.494 ocorrências reduzidas do item *estar* na variável independente *Tempo e modo verbal ou forma*

nominal do item, sendo que 2.353 desses usos (67,3% do total) se dão no *presente do indicativo*. Na escrita, há um universo de 2.653 ocorrências reduzidas do item *estar* na variável independente *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item*, sendo que 2.407 desses usos (90,7% do total) se dão no *presente do indicativo*. Vale lembrar, como aponta Bybee (2016 [2010]), que frequências de ocorrência elevadas podem ser um dos fatores que levam à redução de itens e de construções.

4.5 OS FALANTES DE VITÓRIA/ES E AS PERSONAGENS DAS REVISTAS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA *TURMA DA MÔNICA*

Para além da *Faixa etária*, outras duas variáveis independentes referentes aos falantes da cidade de Vitória/ES são relevantes para a análise da expressão do item *estar*. Uma delas é o *Sexo* do informante, quarto grupo de fatores selecionado pelo programa *GoldVarb X* como estatisticamente significativo.

Labov (2001) salienta que, na maioria dos estudos quantitativos acerca de mudanças linguísticas em andamento, é o sexo feminino que costuma liderar esse processo. A partir da Tabela 16 exposta adiante, é possível observar que são as mulheres que favorecem a forma morfofonologicamente reduzida na comunidade de fala capixaba, com peso relativo de 0,598. Comportando-se de maneira contrária, os homens desfavorecem o fenômeno sob análise, com peso relativo de 0,386. Esse resultado, portanto, vai ao encontro do que aponta a literatura laboviana.

Tabela 16: efeito da variável independente *Sexo* na seleção das formas reduzidas do item *estar* na fala de Vitória/ES

Fatores	Expressão da forma reduzida do item <i>estar</i>		Peso relativo
	Frequência/Total	Proporção	
Masculino	1.610/1.690	95,3%	0,386
Feminino	1.936/1.975	98,0%	0,598
Total	3.546/3.665	96,8%	Range: 212
Significância: 0,000			

Fonte: Pinheiro (2019, p. 102, adaptado).

Apesar de condicionarem de modo oposto a expressão do item *estar*, vale destacar que ambos os sexos utilizam as formas reduzidas em uma proporção semicategórica. Os homens e as mulheres apresentam 95,3% e 98,0% de redução em sua fala respectivamente, mais um resultado que sinaliza um panorama de mudança.

O outro grupo de fatores de destaque é o *Grau de escolaridade*, segundo selecionado entre as variáveis independentes consideradas para a análise da fala de Vitória/ES. Originalmente, os informantes das 46 entrevistas do banco de dados do PortVix foram estratificados em três níveis de instrução: ensino fundamental (1 a 8 anos de escolarização), ensino médio (9 a 11 anos de escolarização) e ensino superior (mais de 11 anos de escolarização). Pinheiro (2019), entretanto, amalgamou os dois primeiros conjuntos por não apresentarem diferença significativamente estatística e mediu o resultado comparando falantes de nível universitário e falantes que cursaram apenas a escola básica (não universitários).

Tabela 17: efeito da variável independente *Grau de escolaridade* na seleção das formas reduzidas do item *estar* na fala de Vitória/ES

Fatores	Expressão da forma reduzida do item <i>estar</i>		Peso relativo
	Frequência/Total	Proporção	
Universitários (< 11 anos de escolarização)	962/1.018	94,5%	0,340
Não universitários (> 11 anos de escolarização)	2.584/2.647	97,6%	0,563
Total	3.584/3.665	96,8%	Range: 223
Significância: 0,000			

Fonte: Pinheiro (2019, p. 104).

Observando a Tabela 17, é possível notar que os universitários, que possuem mais de 11 anos de escolarização, desfavorecem as reduções do item *estar*, com peso relativo de 0,340, ao passo que os não universitários, com menos de 11 anos de escolarização, favorecem as formas reduzidas, com peso relativo de 0,563. Sendo assim, parece haver uma relação de que quanto mais contato com a educação formal, maiores as chances de as formas reduzidas serem inibidas.

Ainda acerca dos informantes capixabas, é interessante apurar, na Tabela 18, o comportamento individual de cada um em relação ao fenômeno em tela. Na relação que segue,

percebe-se que 13 falantes utilizam categoricamente as formas reduzidas, não havendo variação em seus usos. Outros 31 falantes empregam as reduções com uma proporção que varia aproximadamente entre 91% e 99%. Apenas dois indivíduos reduzem o item *estar* em uma dimensão que está abaixo dos 90%.

Tabela 18: frequência de redução do item *estar* de cada um dos 46 informantes capixabas que constituem a amostra do PortVix

Entrevista	Sexo	Faixa etária	Escolarização	Frequência	Redução
Célula 39	Masculino	26 a 49	Universitário	137	100,0%
Célula 22	Masculino	15 a 25	Médio	122	100,0%
Célula 14	Masculino	26 a 49	Fundamental	105	100,0%
Célula 43	Masculino	50 ou +	Universitário	89	100,0%
Célula 24	Feminino	15 a 25	Médio	79	100,0%
Célula 30	Feminino	26 a 49	Médio	72	100,0%
Célula 01	Masculino	07 a 14	Fundamental	71	100,0%
Célula 12	Feminino	15 a 25	Fundamental	69	100,0%
Célula 25	Feminino	15 a 25	Médio	68	100,0%
Célula 46	Feminino	50 ou +	Universitário	56	100,0%
Célula 32	Masculino	50 ou +	Médio	44	100,0%
Célula 02	Masculino	07 a 14	Fundamental	41	100,0%
Célula 06	Feminino	07 a 14	Fundamental	18	100,0%
Célula 29	Feminino	26 a 49	Médio	179	99,4%
Célula 11	Feminino	15 a 25	Fundamental	146	99,3%
Célula 34	Feminino	50 ou +	Médio	122	99,2%
Célula 19	Feminino	50 ou +	Fundamental	122	99,2%
Célula 15	Feminino	26 a 49	Fundamental	93	98,9%
Célula 37	Feminino	15 a 25	Universitário	85	98,8%
Célula 45	Feminino	50 ou +	Universitário	137	98,5%
Célula 27	Masculino	26 a 49	Médio	136	98,5%
Célula 04	Masculino	07 a 14	Fundamental	63	98,4%
Célula 07	Feminino	07 a 14	Fundamental	59	98,2%
Célula 17	Masculino	50 ou +	Fundamental	56	98,2%
Célula 26	Feminino	15 a 25	Médio	104	98,1%
Célula 31	Masculino	50 ou +	Médio	47	97,9%
Célula 03	Masculino	07 a 14	Fundamental	44	97,7%
Célula 38	Feminino	15 a 25	Universitário	115	97,4%
Célula 21	Masculino	15 a 25	Médio	39	97,4%
Célula 42	Feminino	26 a 49	Universitário	164	97,6%
Célula 13	Masculino	26 a 49	Fundamental	162	96,9%
Célula 33	Feminino	50 ou +	Médio	64	96,9%
Célula 08	Feminino	07 a 14	Fundamental	93	96,8%
Célula 36	Masculino	15 a 25	Universitário	59	96,6%
Célula 16	Feminino	26 a 49	Fundamental	56	96,4%
Célula 05	Feminino	07 a 14	Fundamental	81	96,3%
Célula 18	Masculino	50 ou +	Fundamental	88	96,2%
Célula 20	Feminino	50 ou +	Fundamental	125	96,0%
Célula 35	Masculino	15 a 25	Universitário	68	94,1%
Célula 23	Masculino	15 a 25	Médio	99	92,9%
Célula 41	Feminino	26 a 49	Universitário	95	92,2%
Célula 10	Masculino	15 a 25	Fundamental	176	92,0%
Célula 28	Masculino	26 a 49	Médio	62	91,9%
Célula 09	Masculino	15 a 25	Fundamental	49	91,8%
Célula 44	Masculino	50 ou +	Universitário	25	88,0%
Célula 40	Masculino	26 a 49	Universitário	96	68,6%

Fonte: Pinheiro (2019, p. 97, adaptado).

Os informantes⁴² são um aspecto particular da amostra PortVix. Aproveita-se esta seção, então, para falar também de uma particularidade das revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*: as suas personagens. Controlado como uma variável independente, o grupo de fatores *Personagens* é o primeiro selecionado pelo programa *GoldVarb X* como estatisticamente significativo para a análise da expressão do item *estar*.

Os resultados da Tabela 19 sinalizam uma clara trilha entre os eixos rural e urbano, na qual se caminha do favorecimento para a inibição das formas reduzidas. Por um lado, o *Chico Bento* e as *personagens secundárias e aleatórias da zona rural* (amalgamadas devido ao quantitativo de dados) são os fatores que mais favorecem as reduções, com pesos relativos de 0,999 e de 0,891, na devida ordem. Vale o destaque de que apenas um dado referente à personagem Chico Bento não é reduzido, reproduzido no exemplo (200) a seguir.

(200) “Num *istar* com quem ocê gosta dexa um vazio na gente”

(Chico Bento, nº 10, Panini Comics, década de 2000, p. 10)

Por outro, as figuras ligadas ao eixo urbano desfavorecem as formas reduzidas do item *estar*, com as *personagens secundárias* (0,322) e *aleatórias da zona urbana* (0,222) inibindo o uso das formas reduzidas.

No meio desse caminho, as personagens principais Cebolinha (0,552), Cascão (0,514), Magali (0,471) e Mônica (0,464), também ligadas ao eixo urbano e com pesos relativos aproximados, exibem comportamento intermediário em relação ao fenômeno, o que indica que, dentro das histórias de Mauricio de Sousa, as formas reduzidas do item *estar* já começam a se fazer presentes no contexto citadino, embora com força ainda comedida e de maneira associada às personagens principais.

⁴² O fato de haver informantes que categoricamente utilizam as formas reduzidas do item *estar* na comunidade de fala de Vitória/ES traz consigo duas implicações: ou 1) os falantes que se comportam de maneira invariável deveriam ser removidos da análise de pesos relativos, para não mascarar os efeitos desses grupos de fatores; ou 2) um programa de efeitos mistos (JOHNSON, 2009) deveria ser empregado no lugar do *GoldVarb X*, uma ferramenta que considera apenas efeitos fixos, a fim de corroborar ou de refutar o condicionamento das variáveis sociais *Sexo* e *Grau de escolaridade*. Vale ressaltar, contudo, que o pacote *Varbrul* sinaliza efeitos muito contundentes, tanto na fala quanto na escrita, para as variáveis linguísticas.

Tabela 19: efeito da variável independente *Personagens* na seleção das formas reduzidas do item *estar* nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010⁴³

Fatores	Expressão da forma reduzida do item <i>estar</i>		Peso relativo
	Frequência/Total	Proporção	
Chico Bento	391/392	99,7%	0,999
Personagens secundárias e aleatórias da zona rural	339/398	85,2%	0,891
Cebolinha	436/975	44,7%	0,552
Cascão	391/893	43,8%	0,514
Magali	224/447	50,1%	0,471
Mônica	333/896	37,2%	0,464
Personagens secundárias da zona urbana	516/1.583	32,6%	0,322
Personagens indígenas	37/123	30,1%	0,314
Animais falantes	146/693	21,1%	0,297
Personagens lúdicas	179/745	24,0%	0,269
Personagens aleatórias da zona urbana	141/825	17,1%	0,222
Total	3.133/7.970	39,3%	Range: 777
Significância: 0,000			

Fonte: elaboração própria.

Outros conjuntos que não estão ligados ao núcleo urbano igualmente desfavorecem as formas reduzidas, como as *personagens indígenas* (0,314), os *animais falantes* (0,297) e as *personagens lúdicas* (0,269). Os animais falantes e as figuras lúdicas, embora não estejam associadas aos hábitos urbanos dos seres humanos, comportam-se, ao menos em suas falas, como personagens urbanas. Do mesmo modo, as personagens indígenas também se comportam como as personagens urbanas não principais em suas falas, havendo apenas o uso de alguns lexemas específicos que remetem à sua cultura. Logo, torna-se compreensível o fato de o peso relativos desses níveis serem próximos aos pesos das *personagens secundárias e aleatórias da zona urbana*.

⁴³ Os dados referentes ao fator *narrador* foram desconsiderados para a análise de pesos relativos, pois o seu contexto de produção não é equivalente aos demais níveis da variável independente *Personagens*.

Embora o *Chico Bento* e as *personagens secundárias e aleatórias da zona rural* apresentem pesos relativos contrastantes em relação às *personagens secundárias da zona urbana*, às *personagens indígenas*, aos *animais falantes*, às *personagens lúdicas* e às *personagens aleatórias da zona urbana*, as personagens principais *Cebolinha*, *Cascão*, *Magali* e *Mônica*, ligadas à cidade, atuam com força intermediária, estabelecendo uma ponte entre as personagens com traços urbanos e as personagens com traços rurais. O que se observa na Tabela 19 é uma escala que gradualmente vai do desfavorecimento (*personagens aleatórias da zona urbana* – peso relativo: 0,222) até chegar a um altíssimo favorecimento das formas reduzidas do item *estar* (*Chico Bento* – peso relativo: 0,999)

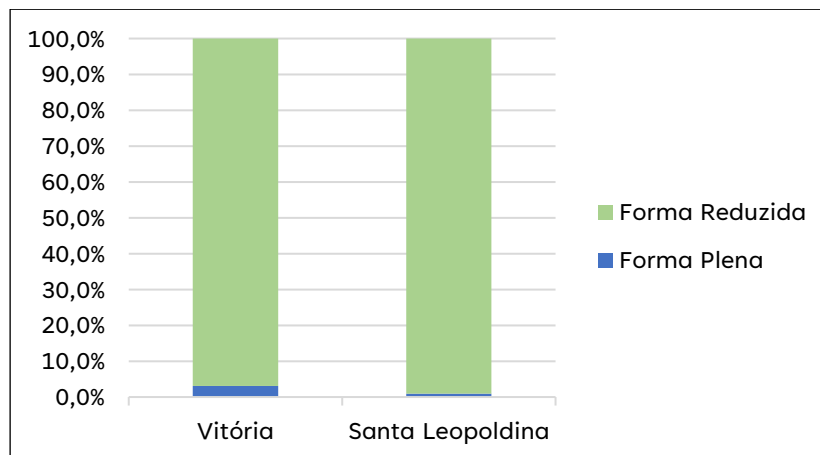
À vista desses resultados, a hipótese de que as reduções do item *estar* são mais um recurso utilizado nas histórias de Mauricio de Sousa para caracterizar as figuras do campo perde força. Contudo, chama a atenção o fato de que o *Chico Bento* e as *personagens secundárias e aleatórias da zona rural* respectivamente apresentam reduções na proporção de 99,7% e de 85,2%, enquanto as demais personagens e grupos de personagens ligados de alguma forma aos traços urbanos exibem redução em uma faixa bem menor, variando entre 17% e 45%, aproximadamente.

Como aponta Marcos Bagno (2013), os aspectos fonéticos e morfossintáticos ilustrados de modo peculiar na escrita dos quadrinhos de *Chico Bento e sua turma*, como o alçamento de vogais e a ausência de concordância verbal e nominal, não são nada mais do que artifícios para inserir o leitor em um contexto fantasioso e que está fora da cultura urbana letrada. Nos usos reais do cotidiano de brasileiros e de brasileiras, esses traços não padrões encontram-se de forma contínua em diferentes grupos sociais, sejam eles urbanos ou rurais (BORTONI-RICARDO, 2011), e por isso não há justificativa para uma maior frequência de usos reduzidos nas histórias do *Chico Bento*.

Ao tomar a fala de Vitória como referência, capital do Espírito Santo e uma zona urbanizada, constatou-se que o fenômeno da expressão do item *estar* é, nessa cidade, uma mudança quase concluída, com as formas reduzidas representando 96,9% dos usos dos capixabas. Considerando também um banco de dados de 44 entrevistas sociolinguísticas com informantes da zona rural de Santa Leopoldina (FOEGER, 2014; LOPES, 2014, 2020), cidade do interior do Espírito Santo, observa-se um panorama bastante similar, com 99,0% de um total de 1.983 ocorrências do item *estar* manifestando-se de forma reduzida.

O Gráfico 3 a seguir ilustra esse cenário:

Gráfico 3: comparação da distribuição das formas plenas e das formas reduzidas do item *estar* na fala de Vitória/ES (zona urbana) e na fala de Santa Leopoldina/ES (zona rural)



Fonte: elaboração própria.

Levando em conta o contexto espírito-santense, não haveria, então, diferença entre os usos das formas morfofonologicamente plenas e das formas morfofonologicamente reduzidas do item *estar* em núcleos urbanos e em núcleos rurais. Sendo assim, a prevalência das formas reduzidas nas histórias em quadrinhos do Chico Bento não passaria, com efeito, de mais um recurso artístico para diferenciá-lo das personagens urbanas.

4.6 TEMPO APARENTE E TEMPO REAL: A FAIXA ETÁRIA NAS ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS E AS DÉCADAS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA *TURMA DA MÔNICA*

Aqui será abordada a variação da expressão do item *estar* a partir dos construtos de tempo aparente e de tempo real de curta duração (LABOV, 1994). Para isso, levam-se em conta a variável independente *Faixa etária*, para a análise da fala de Vitória/ES, e a variável independente *Década da publicação*, para o exame das revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* dos anos de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010.

O programa *GoldVarb X* não selecionou a *Faixa etária* como um dos grupos de fatores estatisticamente significativo para a investigação do fenômeno em tela nas 46 entrevistas com informantes capixabas que compõem o PortVix. Todavia, a distribuição das variantes plenas e

reduzidas ao longo das quatro faixas etárias que constituem esse banco de dados traz uma configuração interessante e que merece destaque.

Na Tabela 20 a seguir, é possível observar que a proporção das formas reduzidas nos quatro grupos é muito próxima: 97,9% de redução para os informantes de 7 a 14 anos, 96,8% de redução para os informantes de 15 a 25 anos, 95,4% de redução para os informantes de 26 a 49 anos e 98,0% de redução para os informantes de 50 anos ou mais. A diferença entre os informantes mais jovens e os informantes mais velhos é de apenas 0,1%.

Tabela 20: distribuição das formas plenas e das formas reduzidas do item *estar* de acordo com a faixa etária dos informantes no banco de dados do PortVix

Função	Forma plena		Forma Reduzida		Total	
	Frequência	Proporção	Frequência	Proporção	Frequência	Proporção
7 a 14 anos	9	2,1%	422	97,9%	431	11,8%
15 a 25 anos	36	3,2%	1.096	96,8%	1.132	30,9%
26 a 49 anos	57	4,6%	1.183	95,4%	1.240	33,8%
50 anos ou mais	17	2,0%	845	98,0%	862	23,5%
Total	119	3,2%	3.546	96,8%	3.665	100%

Fonte: Pinheiro (2019, p. 106, adaptado).

Vale lembrar que a expressão do item *estar* na comunidade de fala de Vitória/ES é um fenômeno que está quase se consolidando como uma mudança e o arranjo das variantes nos quatro grupos etários confirma isso, uma vez que se constata que as formas reduzidas já estão difundidas entre os falantes novos, jovens, adultos e idosos, sendo utilizadas de forma semi-categórica. Projeta-se a hipótese de que esse cenário se reproduza em outras comunidades de fala brasileira, uma vez que o fenômeno em questão está abaixo do nível da consciência social (LABOV, 2001) e não costuma ser alvo de metacomentário. Esse prognóstico, é claro, precisa ser testado em estudos futuros.

Na modalidade escrita, a variável independente *Década da publicação* foi o segundo grupo de fatores selecionado pelo *GoldVarb X*. Na Tabela 21 adiante, é interessante notar como, em um período relativamente curto de tempo, as expressões reduzidas passaram a

representar mais da metade dos usos do item *estar* nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*.

Tabela 21: efeito da variável independente *Década da publicação* na seleção das formas reduzidas do item *estar* nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010

Fatores	Expressão da forma reduzida do item <i>estar</i>		Peso relativo
	Frequência/Total	Proporção	
Década de 1970	68/1.264	5,4%	0,087
Década de 1980	377/1.292	29,2%	0,383
Década de 1990	597/1.534	38,9%	0,521
Década de 2000	1.117/2.153	51,9%	0,678
Década de 2010	974/1.727	56,4%	0,745
Total	3.133/7.970	39,3%	Range: 658
Significância: 0,000			

Fonte: elaboração própria.

Na década de 1970, havia pouco mais do que 5% de reduções do item *estar* nas revistas da *Turma da Mônica*. Ao longo dos anos, essa proporção cresce gradativamente, até chegar ao montante de 56,4% de formas reduzidas na década de 2010. Os pesos relativos acompanham a ascensão da variante erodida, sinalizando o aumento do seu favorecimento: década de 1970 (0,087), década de 1980 (0,383), década de 1990 (0,521), década de 2000 (0,678) e década de 2010 (0,745).

Vale destacar que a expressão reduzida do item *estar*, inovadora em relação à sua manifestação plena, apresenta comportamento semelhante a outros fenômenos variáveis nas revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica*, como a expressão do objeto anafórico de terceira pessoa (ZANELATO, 2021) e a expressão do imperativo (ANDRADE; MELO; SCHERRE, 2007; FARIA; SCHERRE, 2022), nos quais as variantes inovadoras também tiveram um aumento de frequência com o decorrer do tempo.

Continuar acompanhando o fenômeno em tela nas revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* nos decênios que estão por vir é uma oportunidade para constatar se as

reduções do item *estar* também irão se consolidar como mudança nesse tipo de registro escrito, assim como está acontecendo na fala dos capixabas.

4.6.1 O comportamento das variáveis independentes *Função do item, Pessoa do discurso, Tempo e modo verbal ou forma nominal do verbo e Personagens década a década*⁴⁴

Como observado na Tabela 21, a expressão das formas reduzidas do item *estar* é um fenômeno que ganha força ao longo do período analisado, gradativamente ampliando a sua presença nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* entre as décadas de 1970 e de 2010, com as reduções já representando mais da metade dos usos do *estar* nas publicações atuais (56,4% nos anos 2010).

O objetivo desta subseção é examinar como as variáveis independentes *Função do item, Pessoa do discurso, Tempo e modo verbal ou forma nominal do item e Personagens* se comportam década a década, em termos de distribuição percentual, a fim de se constatar a progressão das formas reduzidas de modo pormenorizado.

Iniciando pela variável independente *Função do item*, a Tabela 22 ilustra que as funções de *verbo principal*, de *verbo de ligação* e de *verbo auxiliar* e as *expressões cristalizadas* e as *sobreposições de funções* têm um aumento significativo de formas reduzidas. O crescimento mais comedido entre esses fatores pertence ao *verbo principal*, única função que nos anos 2010 não apresenta mais do que 50% de formas reduzidas. Vale lembrar que o *verbo principal*, função fonte do percurso de gramaticalização do *estar*, é o fator que mais desfavorece as formas reduzidas globalmente, com peso relativo de 0,344 (Tabela 10, p. 188).

Por sua vez, os *marcadores discursivos* chamam a atenção por exibirem, desde a década de 1970, uma alta taxa de redução: 64,7%. Essa proporção cresce nas duas décadas subsequentes: 90% de redução em 1980 e 92% de redução em 1990. Nas décadas de 2000 e de 2010, há uma leve queda, embora os valores ainda permaneçam altos, com as variantes

⁴⁴ Essa subseção surge a partir de uma valiosa recomendação da Prof.^a Dr.^a Célia Regina dos Santos Lopes (UFRJ), uma das avaliadoras desta tese, para que os dados e os resultados referentes à investigação das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 fossem mais bem explorados. Há ainda uma série de outras sugestões da Prof.^a Dr.^a Célia Regina dos Santos Lopes (UFRJ) de como o material desta pesquisa pode ser aproveitado. O autor deseja usufruir desses significativos apontamentos para publicações futuras.

reduzidas do item *estar* exprimindo, respectivamente, 83,7% e 86,3% da referida função. O *marcador discursivo* é a função mais gramaticalizada do item *estar* e o segundo fator que mais favorece a expressão das formas erodidas de maneira geral, com peso relativo de 0,721 (Tabela 10, p. 188).

Tabela 22: comportamento da expressão do item *estar* de acordo com a variável independente *Função do item* década por década (1970-2010) nas revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica*

	1970		1980		1990		2000		2010		1970-2010	
	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator
Verbo principal	1,7% 5/299	22,3%	16,6% 37/223	16,8%	20,5% 61/298	18,9%	39,6% 162/409	18,4%	37,4% 113/302	17,1%	24,7% 378/1.531	18,6%
Verbo de ligação⁴⁵	2,8% 9/327	24,3%	27,9% 99/355	26,8%	36,7% 154/419	26,6%	46% 243/528	23,7%	54,5% 207/380	21,5%	35,6% 712/1.999	24,3%
Verbo auxiliar	0,4% 2/490	36,5%	19,7% 94/477	36%	32,2% 161/500	31,7%	47,9% 389/812	36,5%	56,5% 416/736	41,6%	35,2% 1.062/3.015	36,6%
Expressão cristalizada	27,2% 50/184	13,7%	57,4% 143/249	18,8%	65,8% 210/319	20,2%	76,4% 305/399	17,9%	75,2% 228/303	17,1%	64,4% 936/1.454	17,7%
Marcador discursivo⁴⁶	64,7% 11/17	1,3%	90% 9/10	0,7%	92% 23/25	1,6%	83,7% 41/49	2,2%	86,3% 19/22	1,2%	83,7% 103/123	1,5%
Sobreposição de funções	0% 0/26	1,9%	16,7% 2/12	0,9%	37,5% 6/16	1%	37,9% 11/29	1,3%	59,3% 16/27	1,5%	31,8% 35/110	1,3%
Total	5,7% 77/1.343	100%	28,9% 384/1.326	100%	39% 615/1.577	100%	51,7% 1.151/2.226	100%	56,4% 999/1.770	100%	39,2% 3.226/8.232	100%

Fonte: elaboração própria.

A passagem da década de 1970 para a década de 1980 registra os maiores aumentos de usos das formas reduzidas para a maioria das funções: *verbo de ligação* (+25,1%), *verbo auxiliar* (+19,3%), *expressão cristalizada* (+30,2%) e *marcador discursivo* (+25,3%). Outra observação relevante é que a tendência é quase sempre ascendente, com as reduções habitualmente adquirindo mais espaço. Leves retrações ocorrem entre as décadas de 1990 e 2000, para os *marcadores discursivos* (-8,3%), e entre as décadas de 2000 e 2010, para os *verbos principais* (-2,2%) e para as *expressões cristalizadas* (-1,2%).

⁴⁵ Na Tabela 22, estão amalgamados os *verbos de ligação menos subjetivos* e os *verbos de ligação mais subjetivos*.

⁴⁶ Na Tabela 22, estão amalgamados os *marcadores discursivos* que apresentam e que não apresentam variação em sua forma.

No que diz respeito à variável independente *Pessoa do discurso*, os fatores crescem com forças diferentes associadas ao singular e ao plural. Na década de 2010, os usos da *primeira pessoa do singular* (64,4%), da *segunda pessoa do singular (você)* (60,9%), da *terceira pessoa do singular* (58,1%) e da *primeira pessoa do plural (a gente)*, que faz concordância com a *terceira pessoa do singular* (78,6%), apresentam mais do que 50% de formas reduzidas. Por outro lado, os usos reduzidos da *primeira pessoa do plural* (9,2%), da *segunda pessoa do plural (vocês)* (3,7%) e da *terceira pessoa do plural* (12%) não ultrapassam os 12% no mesmo período. A Tabela 23 a seguir exhibe esses resultados:

Tabela 23: comportamento da expressão do item *estar* de acordo com a variável independente *Pessoa do discurso* década por década (1970-2010) nas revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica*

	1970		1980		1990		2000		2010		1970-2010	
	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator
Primeira pessoa do singular	0,9% 3/324	26,9%	21% 66/315	27%	40,4% 169/418	30,4%	54% 319/591	30,1%	64,4% 295/458	28,6%	40,5% 852/2.106	28,8%
Segunda pessoa do singular (você)	1,4% 3/216	17,9%	25,4% 70/276	23,6%	36,7% 101/275	20%	57,6% 255/443	22,6%	60,9% 220/361	22,5%	41,3% 649/1.571	21,5%
Terceira pessoa do singular	2,5% 12/480	39,8%	33,1% 140/423	36,2%	36,3% 177/487	35,5%	48,9% 340/695	35,5%	58,1% 320/551	34,4%	37,5% 989/2.636	36,1%
Primeira pessoa do plural (a gente)	0% 0/2	0,2%	14,3% 1/6	0,6%	27,3% 3/11	0,8%	80% 4/5	0,3%	78,6% 11/14	0,9%	48,7% 19/39	0,5%
Primeira pessoa do plural (nós)	0% 0/67	5,6%	0% 0/46	3,9%	4,6% 3/65	4,7%	15,3% 9/59	3%	9,2% 6/65	4%	6% 18/302	4,1%
Segunda pessoa do plural (vocês)	0% 0/22	1,8%	6,4% 3/47	4%	10,5% 4/38	2,8%	13,3% 6/45	2,3%	3,7% 2/54	3,4%	7,3% 15/206	2,8%
Terceira pessoa do plural	0% 0/95	7,8%	5,5% 3/55	4,7%	7,5% 6/80	5,8%	13,2% 16/121	6,2%	12% 12/100	6,2%	8,2% 37/451	6,2%
Total	1,5% 18/1.206	100%	24,3% 283/1.169	100%	33,8% 463/1.374	100%	48,5% 949/1.959	100%	54,1% 866/1.603	100%	35,4% 2.579/7.311	100%

Fonte: elaboração própria.

Entre as estruturas associadas ao singular, o maior aumento de usos de formas redu-

zidas do item *estar* nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* ocorre entre as décadas de 1970 e 1980: *primeira pessoa do singular* (+20,1%), *segunda pessoa do singular (vocês)* (+24%) e *terceira pessoa do singular* (+30,6%). A exceção desse grupo é a *primeira pessoa do plural (a gente)*, que apresenta maior crescimento entre as décadas de 1990 e 2000, com a proporção de formas reduzidas aumentando significativamente em 52,7% – esse é o maior crescimento para um fator da variável independente *Pessoa do discurso* em todo o período analisado.

Também é possível observar na Tabela 23 a mesma tendência de desenvolvimento que ocorre na variável independente *Função do item* (Tabela 22, p. 210), com as formas reduzidas ganhando gradativamente mais expressão ao decorrer do tempo. Contudo, são notáveis duas particularidades nesse caso: 1) as formas associadas ao singular crescem em proporções substancialmente maiores do que as formas associadas ao plural; 2) há, na década de 2010, um claro período de retração uniforme, com a *primeira pessoa do plural (a gente)* (–1,4%), a *primeira pessoa do plural (nós)* (–6,1%), a *segunda pessoa do plural (vocês)* (–9,6%) e *terceira pessoa do plural* (–1,2%) exibindo queda dos usos reduzidos. Pesquisas futuras podem constatar se as estruturas associadas ao plural estagnaram o seu crescimento e se o decréscimo da *primeira pessoa do plural (a gente)* é apenas uma exceção, uma vez que esse fator exhibe crescimento considerável entre os anos 1970 e 2000.

Já no caso da variável independente *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item*, o que se constata é que, independentemente da década, os usos do *estar*, nas revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica*, estão sobretudo concentrados no *presente do indicativo*, com mais de 80% das ocorrências. Na Tabela 24, percebe-se o crescimento de usos reduzidos nesse fator: +24,7% de redução entre as décadas de 1970 e 1980; +8,6% de redução entre as décadas de 1980 e 1990; +15,8% de redução entre as décadas de 1990 e 2000; e +4,9% de redução entre as décadas de 2000 e 2010. Logo, assim como ocorre com as variáveis independentes *Função do item* e *Pessoa do discurso*, o maior avanço das formas reduzidas em relação ao *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item* se dá entre as décadas de 1970 e de 1980.

Outros dois fatores que merecem destaque são o *pretérito imperfeito do indicativo* e a forma nominal de *infinitivo*, embora eles concentrem bem menos ocorrências do item *estar* do que o *presente do indicativo*. O pretérito imperfeito do indicativo também apresenta taxa de crescimento ascendente de formas reduzidas: +10,6% de redução entre as décadas de 1970 e 1980; +12,7% de redução entre as décadas de 1980 e 1990; +11,2% de redução entre as déca-

das 1990 e 2000; e +8,5% de redução entre as décadas de 2000 e 2010. Por sua vez, a forma nominal de *infinitivo* exhibe períodos de crescimento seguidos de leves retrações: +5,4 de redução entre as décadas de 1970 e 1980; -1% de redução entre as décadas de 1980 e 1990; +6,7% de redução entre as décadas de 1990 e 2000; e -0,2% de redução entre as décadas de 2000 e de 2010.

Tabela 24: comportamento da expressão do item *estar* de acordo com a variável independente *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item* década por década (1970-2010) nas revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica*

	1970		1980		1990		2000		2010		1970-2010	
	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de Redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator
Presente do indicativo	2% 21/1.073	83,3%	26,7% 287/1.075	85,8%	35,3% 439/1.243	85,3%	51,1% 908/1.777	85,8%	56% 795/1.419	84%	37,2% 2.450/6.587	84,8%
Pretérito perfeito do indicativo	0% 0/4	0,3%	0% 0/2	0,2%	0% 0/6	0,4%	25% 1/4	0,2%	0% 0/5	0,3%	4,8% 1/21	0,3%
Pretérito imperfeito do indicativo	0% 0/93	7,2%	10,6% 9/85	6,7%	32,3% 43/133	9,1%	43,5% 84/193	9,4%	52,1% 101/194	11,4%	34% 237/698	9%
Futuro do presente	0% 0/30	2,3%	0% 0/7	0,6%	0% 0/9	0,6%	0% 0/7	0,3%	0% 0/6	0,4%	0% 0/59	0,8%
Futuro do pretérito	0% 0/5	0,4%	0% 0/5%	0,4%	0% 0/7	0,5%	0% 0/7	0,3%	0% 0/6	0,4%	0% 0/30	0,4%
Presente do subjuntivo	0% 0/14	1,1%	14,3% 1/7	0,6%	0% 0/3	0,2%	0% 0/5	0,2%	0% 0/2	0,1%	3,2% 1/31	0,4%
Pretérito imperfeito do subjuntivo	0% 0/11	0,9%	0% 0/6%	0,5%	0% 0/3	0,2%	0% 0/8	0,4%	33,3% 2/6	0,4%	5,9% 2/34	0,4%
Futuro do subjuntivo	0% 0/6	0,5%	11,1% 1/9	0,7%	11,1% 1/9	0,6%	0,4% 0/9	0,4%	40% 2/5	0,3%	10,5% 4/38	0,5%
Infinitivo	0% 0/50	3,9%	5,4% 3/56	4,5%	4,4% 2/43	3,1%	11,1% 7/56	3%	10,9% 5/46	2,7%	6,5% 17/243	3,4%
Gerúndio	0% 0/1	0,1%	—	—	—	—	—	—	—	—	0% 0/1	0%
Total	1,6% 21/1.287	100%	24% 301/1.252	100%	33,3% 485/1.458	100%	48,2% 1.000/2.073	100%	53,3% 905/1.689	100%	35% 2.712/7.759	100%

Fonte: elaboração própria.

Os demais fatores da variável independente *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item* ou não apresentam ocorrências reduzidas do item *estar* (como é o caso do *futuro do*

presente, do futuro do pretérito e do gerúndio) ou apresentam ocorrências isoladas de redução, que não ultrapassam quatro usos no período analisado (como é o caso do pretérito perfeito do indicativo, do presente do subjuntivo, do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo e gerúndio).

Por fim, na Tabela 25, é possível perceber o comportamento da variável independente *Personagens*. Seguindo a mesma tendência dos demais grupos de fatores, o maior crescimento das formas reduzidas do item *estar* concentra-se entre as décadas de 1970 e de 1980. A única exceção é a personagem *Cebolinha*, que apresenta maior crescimento de reduções entre as décadas de 1980 e de 1990.

Tabela 25: comportamento da expressão do item *estar* de acordo com a variável independente *Personagens* década por década (1970-2010) nas revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica*

	1970		1980		1990		2000		2010		1970-2010	
	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator	% de Redução (n/N)	% do fator	% de redução (n/N)	% do fator
Mônica	6,5% 10/155	11,2%	25% 51/204	15%	41,7% 83/199	12,5%	56,5% 109/193	8,5%	52,2% 93/178	9,9%	37,2% 346/929	11,1%
Cebolinha	10,6% 22/207	15%	27% 55/204	15%	50% 79/158	9,9%	64,5% 127/197	8,7%	66% 163/247	13,6%	44% 446/1.013	12,1%
Cascão	11% 17/155	11,2%	31,2% 67/215	15,8%	41% 55/134	8,4%	59,7% 141/236	10,4%	61,9% 122/197	10,9%	42,9% 402/937	11,1%
Magali	0% 0/12	0,9%	29,4% 5/17	1,3%	40,4% 63/156	9,8%	56,2% 82/146	6,5%	65,9% 85/129	7,1%	51,1% 235/460	5,5%
Personagens secundárias da zona urbana	5,4% 13/242	17,5%	28,9% 50/173	12,7%	28% 68/234	15,2%	41,7% 263/630	27,9%	41,7% 153/367	20,3%	33,1% 547/1.655	19,7%
Personagens aleatórias da zona urbana	3,5% 5/144	10,4%	15,8% 36/228	16,8%	17,3% 31/179	11,2%	20,1% 31/154	6,8%	29% 45/155	8,6%	17,2% 148/860	10,2%
Animais falantes	3,5% 5/275	20%	18,2% 8/44	3,2%	23,8% 40/168	10,5%	35% 41/117	5,2%	42,2% 54/128	7,1%	20,2% 148/732	8,7%
Personagens lúdicas	1,3% 2/155	11,2%	17,5% 27/154	11,3%	27% 38/141	8,8%	32,7% 65/199	8,8%	37,9% 53/140	7,8%	23,4% 185/789	9,4%
Personagens indígenas	14,3% 1/7	0,5%	35,3% 6/17	1,3%	36% 18/50	3,1%	23,9% 11/46	2%	28,6% 2/7	0,4%	29,9% 38/127	1,5%
Chico Bento	—	—	100% 53/53	3,9%	100% 96/96	6%	99,3% 139/140	6,2%	100% 116/116	6,4%	99,8% 404/405	4,8%
Personagens secundárias e aleatórias da zona rural	—	—	78,4% 29/37	2,7%	68,8% 44/64	4%	84,5% 153/181	8%	94,7% 125/132	7,3%	84,8% 351/414	4,9%
Personagens que não podem ser classificadas	14,3% 2/14	1%	0% 0/2	0,1%	100% 1/1	0,1%	42,9% 3/7	0,3%	66,7% 2/3	0,2%	29,6% 8/27	0,3
Narrador	0% 0/14	1%	9,1% 1/11	0,8%	0% 0/8	0,5%	6,2% 1/16	0,7%	42,9% 3/7	0,4%	8,9% 5/56	0,7%
Total	5,6% 77/1.380	100%	28,6% 388/1.359	100%	38,6% 616/1.597	100%	51,5% 1.166/2.262	100%	56,3% 1.016/1.806	100%	38,8% 3.263/8.404	100%

Fonte: elaboração própria.

De igual maneira, a tendência ascendente de crescimento das formas reduzidas em cada fator também é observada aqui, com poucos períodos isolados de retração: -4,3% de redução para a personagem *Mônica* entre os anos 2000 e 2010; -0,9% de redução para as *personagens secundárias urbanas* entre os anos 1980 e 1990; -12,1% de redução para as *personagens indígenas* entre os anos 1990 e 2000; -0,7% de redução para a personagem *Chico Bento* entre os anos 1990 e 2000; e -9,6% de redução para as *personagens secundárias e aleatórias rurais*.

Chama a atenção o fato de, no *corpus* investigado, não haver dados referentes à década de 1970 para as personagens do núcleo rural das revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica*. Vale lembrar que o *Chico Bento* e as *personagens secundárias e aleatórias da zona rural* são os dois níveis que mais favorecem a redução morfofonológica do item *estar*, com pesos relativos de 0,999 e de 0,891 (Tabela 19, p. 204), respectivamente. A década de 1970, por outro lado, é o fator que mais fortemente inibe as reduções, com peso relativo de 0,087 (Tabela 21, p. 208). A ausência de personagens rurais nesse decênio é potencialmente uma das razões para esse comportamento.

Ainda acerca das personagens do núcleo rural, é interessante notar que elas exibem, nas décadas em que estão presentes, uma proporção de formas reduzidas que é consideravelmente superior às percentagens dos demais fatores. Entre os anos 1980 e 2010, as reduções são sempre mais da metade das manifestações do item *estar*, variando entre 68% e 100%. A personagem *Chico Bento* merece destaque, pois é quase categórica no que diz respeito ao fenômeno em tela – nos anos 2000, há um único uso pleno, fazendo com que a sua proporção diminua para 99,3%.

Em suma, considerando as quatro variáveis independentes (*Função do item, Pessoa do discurso, Tempo e modo verbal ou forma nominal do item e Personagens*), é viável fazer três apontamentos globais. O primeiro deles, como já observado, é que a passagem da década de 1970 para a década de 1980, de maneira geral, apresenta os maiores aumentos de usos reduzidos do item *estar*. O segundo, também já observado, é o comportamento ascendente das reduções, que igualmente de modo geral crescem no decorrer do período analisado. Essas duas tendências apresentam algumas poucas exceções, mas que não colocam em xeque a generalidade ora observada. Por último, é relevante sublinhar que o crescimento da expressão de formas reduzidas parece perder de forças dentro das histórias em quadrinhos das revistas da *Turma da Mônica* nas publicações mais atuais. Para os quatro grupos de fatores, quase sempre a passagem da década de 2000 para a década de 2010 ou demonstra as menores

proporções de crescimento das formas reduzidas ou até mesmo o decréscimo das reduções. Pesquisas futuras poderão responder se os usos reduzidos do item *estar* estão se estabilizando nesse contexto.

4.7 REFLEXÕES ACERCA DOS GÊNEROS TEXTUAIS ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA E HISTÓRIA EM QUADRINHOS E A REDUÇÃO DO ITEM *ESTAR*

Após a discussão das variáveis independentes que condicionam a expressão do item *estar* na fala de Vitória/ES e na escrita das revistas da *Turma da Mônica*, a seção final deste capítulo dedica-se ao debate de como as formas morfofonologicamente plenas e morfofonologicamente reduzidas do referido item se relacionam e podem ser influenciadas pelos gêneros textuais *entrevista sociolinguística e história em quadrinhos*.

Para iniciar essa conversa, é preciso retomar os conceitos de *meio de produção* e de *concepção discursiva* postulados por Marcuschi (2008a, 2008b). O primeiro diz respeito ao tipo de mídia em que o texto se materializa, que pode ser sonora ou gráfica. Já o segundo corresponde à condição de produção original do texto, que pode ser oral ou escrita.

Levando-se em consideração as ideias desse linguista, é possível classificar a entrevista sociolinguística como um gênero textual de meio sonoro e de concepção oral, que tem o objetivo de captar material falado não monitorado para a elaboração de bancos de dados para análises linguística (LABOV, 2008 [1972]; VALLE; GÖRSKI, 2014).

Sendo a entrevista um gênero primordialmente ligado à oralidade (HOFFNAGEL, 2010) e pensando-se o resultado de Pinheiro (2019) sobre os usos do item *estar* na amostra de 46 falantes do PortVix, projeta-se que as reduções tornaram-se uma variante típica da fala vernacular capixaba. Investigações em outras amostras sociolinguísticas vão averiguar que as formas reduzidas são uma característica da comunidade de fala brasileira como um todo.

As histórias em quadrinhos, por seu turno, são um gênero textual que se situa no meio do *continuum* fala/escrita (MARCUSCHI, 2008a, 2008b). Seu meio de produção é, sem sombra de dúvidas, gráfico, mas a sua concepção original é de difícil definição, pois esse texto é

pensado como a representação escrita de uma interação face a face. Ou seja, sabe-se que o produto final será escrito, assim como há a compreensão de que essa escrita irá espelhar aspectos da fala. Sua idealização seria, então, tanto ligada à oralidade quanto à escrita.

Uma vez que mimetiza traços da fala, não é uma surpresa encontrar formas reduzidas do item *estar* nas histórias em quadrinhos, já que, ao menos na fala de Vitória/ES, as reduções são o padrão de uso. Há de se destacar, entretanto, que a frequência das erosões é menor na escrita, possivelmente devido às pressões normativas que recaem sobre essa modalidade.

Mesmo diante de pressões normativas, vale salientar que a linguagem utilizada nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, voltada para o público infanto-juvenil, está longe do rigor dos textos acadêmicos, jurídicos e jornalístico, o que abre espaço para que inovações linguísticas e usos coloquiais circulem nas páginas das revistas.

Pode-se aventar a hipótese de que seria a formulação oral a característica que justificaria a presença das formas reduzidas na fala dos capixabas e na escrita das revistas de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*. O resultado obtido por Pinheiro (2016) em seu trabalho corrobora esse pensamento. Na sua investigação, a partir dos conceitos de *meio de produção* e de *concepção discursiva*, o autor selecionou quatro gêneros textuais para analisar a variação da expressão do item *estar*, conforme o Quadro 11 a seguir.

Quadro 11: Gêneros textuais selecionados por Pinheiro (2016) para a análise da variação entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*

Gênero Textual	Meio de produção		Concepção discursiva	
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrito
Entrevista Sociolinguística	X		X	
Mensagem instantânea		X	X	
Telejornal	X			X
E-mail		X		X

Fonte: Pinheiro (2016, p. 19).

O primeiro gênero escolhido foi a *entrevista sociolinguística*, que possui meio de produção sonoro e concepção discursiva oral, como já especificado. Utilizando a amostra do banco de dados do PortVix composta por 46 informantes capixabas, Pinheiro (2016) conside-

rou dois inquiridos de falantes de nível universitário, um do sexo masculino e um do sexo feminino.

A segunda escolha foi o gênero textual *mensagem instantânea*, que possui meio gráfico e concepção oral. Normalmente, essas mensagens são textos curtos trocados a partir de aplicativos como *WhatsApp*, *Messenger*, *Telegram*, entre outros que permitem a interação imediata entre os interlocutores e que *simule* uma conversa face a face. Esse caráter imediato das trocas faz com que seja bastante comum a presença de marcas de oralidade na escrita e, por isso, o referido gênero se caracteriza como gráfico/oral. Para a coleta dos dados, foram selecionadas mensagens instantâneas de cunho pessoal de dois informantes universitários (um homem e uma mulher) via *WhatsApp*⁴⁷ no ano de 2015.

Outro gênero selecionado é o *telejornal*, de meio sonoro e concepção escrita. Em formato de programa televisivo, esse gênero constitui-se na divulgação de notícias e de reportagens jornalísticas por um ou mais âncoras. Os apresentadores, para a chamada das notícias e reportagens, leem um roteiro previamente pronto por meio de aparelhos chamados de *prompters* ou *teleprômpteres*. A captação de dados toma como base justamente essas chamadas, sem considerar outras possíveis interações que ocorrem durante o telejornal. O noticiário selecionado foi o *Bom Dia ES*, exibido de segunda a sexta-feira pela emissora Rede Gazeta, filial da Rede Globo no Espírito Santo, entre às 6h e 7h30min. Foram coletados usos do item *estar* de dois apresentadores (um homem e uma mulher) no período entre 7 a 21 de junho de 2016.

Finalmente, o último gênero selecionado foi o *e-mail*, que possui meio gráfico e concepção escrita. Segundo Costa (2009), embora esse gênero exiba características enunciativas e pragmáticas próprias, seu formato pode se assemelhar ao de uma carta, bilhete ou recado. O seu teor varia entre o formal e o informal, a depender da finalidade da mensagem que é enviada e da proximidade entre os interlocutores. Os dados foram colhidos de uma troca de *e-mails* pessoais entre uma neta e o seu avô (uma mulher e um homem, portanto), somente ela com nível universitário, entre os anos de 2011 e 2014

Esses quatro gêneros textuais foram tratados como fatores de uma variável independente. O resultado da análise multivariada apontou que a *entrevista sociolinguística* é a maior favorecedora das formas reduzidas, com peso relativo de 0,971. A *mensagem instantânea*

⁴⁷ Suportes como o *WhatsApp* também permitem o envio de áudios e de conteúdo imagético. Pinheiro (2016) considerou apenas a troca de mensagens instantâneas escritas.

também favorece as reduções, mas de maneira mais branda, com peso relativo de 0,554. Atribui-se esse efeito moderado ao meio de produção gráfico do referido gênero.

O atributo comum às *entrevistas sociolinguísticas* e às *mensagens instantâneas* é a concepção discursiva oral, logo, pensa-se ser esse o elemento crucial para que as reduções se façam presentes. Reforça essa ideia o fato de o *telejornal* e o *e-mail*, ambos gêneros textuais que possuem concepção discursiva escrita, desfavorecerem as formas reduzidas do item *estar*, com pesos relativos de 0,087 e de 0,070, respectivamente.

Tabela 26: efeito da variável independente *Gênero textual* na seleção das formas reduzidas do item *estar*

Fatores	Expressão da forma reduzida do item <i>estar</i>		Peso relativo
	Frequência/Total	Proporção	
Entrevista sociolinguística	105/106	99,1%	0,971
Mensagem instantânea	90/113	79,6%	0,554
Telejornal	15/65	23,1%	0,087
E-mail	18/94	19,1%	0,070
Total	228/378	60,3%	Range: 901
Significância: 0,000			

Fonte: elaboração própria, com base em Pinheiro (2016).

À vista desse resultado e considerando que as histórias em quadrinhos são concebidas como um texto que é originalmente pensado para ser a representação escrita de uma interação oralizada, não é de se estranhar que as formas reduzidas do item *estar* ganharam espaço considerável nas páginas das revistas da *Turma da Mônica* ao longo das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2000, passando a representar mais da metade de suas ocorrências.

Finalmente, vale a ressalva de que esta tese não investigou outros tipos de escrita, em contextos mais formais do que os textos analisados aqui. Projeta-se que dissertações, teses, monografias, notícias e reportagens jornalísticas, documentos oficiais de órgão governamentais (como emendas, leis, medidas provisórias *etc.*), manuais de instruções e muitos outros gêneros que estão circunscritos ao meio de produção gráfico e à concepção discursiva escrita não exibam formas reduzidas do item *estar* ou ao menos inibam fortemente a sua mani-

festação, tal qual os gêneros *telejornal* e *e-mail* considerados por Pinheiro (2016). Pesquisas futuras podem averiguar como o fenômeno em tela se comporta na escrita de um único indivíduo que produza textos com fins variados, objetivando verificar, por meio de gêneros textuais, se há restrições estilísticas que condicionam a expressão do *estar*, tal qual fizeram Biazolli (2016) com a colocação pronominal e Tavares (2014) com os conectivos sequenciadores de informação.

5 ENCAMINHAMENTOS FINAIS: ESTÁ MUDANDO OU TÁ MUDADO?

A presente tese adotou como objeto de estudo a expressão do item *estar*, um fenômeno linguístico que está abaixo do nível da consciência social dos falantes (LABOV, 2001). No panorama do português brasileiro, o referido item manifesta-se por meio de formas morfofonologicamente plenas (*está, estou, estão, estava, estavam, estaria, estariam, estivesse, estivessem etc.*) e de formas morfofonologicamente reduzidas (*tá, tô, tão, tava, tavam, taria, tariam, tivesse, tivessem etc.*). Ademais, ele também é multifuncional, podendo desempenhar no discurso as funções de *verbo principal*, de *verbo de ligação*, de *verbo auxiliar* e de *marcador discursivo*, além de formar *expressões cristalizadas*, adquirindo novo conteúdo semântico.

Sem sofrer nenhum estigma por parte dos brasileiros e das brasileiras, é possível observar a variante reduzida em usos orais e escritos nacionalmente, fazendo-se presente em contextos jornalísticos e educacionais, nas redes sociais de usuários comuns da *internet* e nos perfis de grandes empresas, em legendas de filmes e de séries internacionais, em nomes de produtos e até compondo parte do repertório de falantes estrangeiros que fizeram a aquisição da variedade brasileira do português como segunda língua.

Diante desse cenário de variação, a pesquisa em tela formulou como meta investigar a expressão do item *estar* no *continuum* fala/escrita do português brasileiro, a partir dos gêneros textuais *entrevista sociolinguística* e *história em quadrinhos*, buscando compreender quais os fatores que condicionam esse fenômeno e se a sua multifuncionalidade possui alguma relação com os usos erodidos. Para atingir esse propósito, foram considerados uma amostra composta por 46 entrevistas sociolinguísticas com informantes de Vitória/ES (TESCH; YACOVENCO, 2022; YACOVENCO, 2002; YACOVENCO *et al.*, 2012) – já analisada por Pinheiro (2019) – e um conjunto de 188 revistas da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 (ZANELATO, 2021).

As análises tomaram como base os pressupostos do Sociofuncionalismo (CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016; GÖRSKI; TAVARES, 2013; TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKI, 2015), que conjuga o instrumental teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) e os princípios do Funcionalismo Linguístico (BYBEE, 2016 [2010]; GIVÓN, 1979, 1984, 1993, 1995), e da Teoria da Gramaticalização (BYBEE, 2016 [2010]; GONÇALVES;

LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HEINE; KUTEVA, 2007; HEINE; NARROG, 2011; HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993), fenômeno de mudança no qual itens ou construções lexicais passam a desempenhar função gramatical e, uma vez gramaticalizados, esses elementos podem sofrer novos processos de gramaticalização e adquirirem função ainda mais gramatical.

Outra interseção teórica é igualmente relevante para este trabalho: a interface entre variação linguística e gramaticalização (GÖRSKI; TAVARES, 2017; NARO; BRAGA, 2000; POPLACK, 2011). Segundo Görski e Tavares (2017), há duas maneiras para se realizar o recorte do objeto de estudo dentro dessa interface, a *perspectiva da variação estrita* e a *perspectiva do percurso de gramaticalização*. Esses dois modelos lidam com camadas (HOPPER, 1991) diferentes de um macrodomínio ou subdomínio funcional, mas, no caso da expressão do *estar*, lida-se apenas com uma camada, com o item sofrendo variação em sua forma morfofonológica. Foi necessário, então, fazer uma extensão da *perspectiva do percurso de gramaticalização*, chamada aqui de *perspectiva da intracamada*, para dar conta de um cenário em que um único item/camada sofre variação na sua forma fonológica, morfológica ou morfofonológica.

Feito o recorte da variável dependente, os dados foram examinados a partir do programa *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Constatou-se que, na fala de Vitória, capital do Espírito Santo, a expressão do item *estar* é um fenômeno que caminha para se concretizar como uma mudança, com as suas formas reduzidas sendo utilizadas em uma proporção semicategórica (96,9%). Já nas revistas da *Turma da Mônica* das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010, a distribuição das variantes é mais equilibrada, havendo 61,2% de formas plenas e 38,8% de formas reduzidas no geral.

Os resultados apontam que, tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita da língua, as funções mais gramaticalizadas do item *estar* favorecem a sua redução, ao passo que a função fonte e as funções menos gramaticalizadas inibem as erosões. Observa-se também que a proporção das formas reduzidas aumenta conforme o *continuum* de gramaticalização formulado por Pinheiro (2019) em sua dissertação (verbo principal > verbo de ligação > verbo auxiliar > expressão cristalizada > marcador discursivo).

Os grupos de fatores *Pessoa do discurso* e *Tempo e modo verbal ou forma nominal do item* também apresentam comportamento similar na fala e na escrita. Em ambos os contextos, são as estruturas singulares e o presente do indicativo, menos marcados, que favorecem as

reduções do item *estar*, ao passo que as estruturas plurais e os demais tempos e modos verbais e as formas nominais do verbo, mais marcados, inibem as reduções.

Sobre os informantes de Vitória/ES, além da distribuição das variantes de acordo com as faixas etárias, ainda vale destacar que são as mulheres e os não universitários que favorecem as formas reduzidas, grupos que a literatura sociolinguística aponta como líderes das mudanças linguísticas, como é o caso do item *estar* na capital capixaba.

Aspecto particular das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* é o seu conjunto personagens. Nas revistas editadas pelo grupo Mauricio de Sousa, em termos de peso relativo, há um efeito escalar, com as personagens que apresentam traços urbanos desfavorecendo as reduções do item *estar* e o Chico Bento e as demais personagens da zona rural favorecendo as erosões. Entre esses polos, as personagens principais urbanas Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali atuam com força intermediária, sinalizando que as formas reduzidas já se fazem presentes no contexto citadino, embora restritamente. Já em termos percentuais, de maneira geral, as personagens rurais se sobressaem nos usos reduzidos com uma taxa que varia entre aproximadamente 85% e 100%, enquanto as personagens urbanas variam entre aproximadamente 17% e 45%.

A fim de fazer um comparativo entre a fala e a escrita, foi considerada uma amostra de 44 entrevistas sociolinguísticas realizadas com falantes da zona rural de Santa Leopoldina (FOEGER, 2014; LOPES, 2014, 2020), cidade do interior do Espírito Santo, para confrontá-la com as 46 entrevistas sociolinguísticas realizadas com informantes da cidade de Vitória/ES, capital do estado e um centro urbano. As duas localidades apresentam comportamento semelhante: enquanto os vitorenses reduzem o item *estar* com uma proporção de 96,9%, os leopoldinenses apresentam 99% de redução. Sendo assim, chegou-se à conclusão de que as reduções do item *estar*, nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, são mais um recurso para caracterizar a fala de Chico Bento e de outras personagens do campo, embora essa diferença não encontre respaldo no uso cotidiano falado, independentemente de áreas urbanas ou rurais.

Em relação à análise empreendida a partir dos construtos de tempo aparente e de tempo real de curta duração (LABOV, 1994), notou-se que, na fala, os quatro grupos etários do PortVix (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais) utilizam as formas reduzidas em uma proporção bastante aproximada, variando entre 95% e 98%, o que dá mais uma evidência da mudança do item *estar* na comunidade de fala capixaba. Já na escrita das

revistas da *Turma da Mônica*, percebe-se que as reduções foram ganhando espaço ao longo do tempo. Havia pouco mais do que 5% de erosão na década de 1970; nos anos 2010, esses usos já são mais da metade das ocorrências do *estar* (56,4%).

O exame pormenorizado, feito década por década considerando as variáveis independentes *Função do item, Pessoa do discurso, Tempo e modo verbal ou forma nominal do item e Personagens*, traz três tendências importantes: 1) de maneira geral, o maior crescimento das formas reduzidas ocorre na passagem dos anos 1970 para os anos 1980; 2) salvas algumas poucas exceções, os fatores tendem a apresentar cada vez mais usos reduzidos no decorrer do período investigado; e 3) as publicações das revistas de história em quadrinhos da *Turma da Mônica* parecem sinalizar uma estabilização das reduções, uma vez que, na passagem dos anos 2000 para os anos 2010, o crescimento dos usos reduzidos é menor em relação aos períodos anteriores ou há até mesmo retração das reduções.

Por fim, no que diz respeito aos gêneros textuais entrevista sociolinguística e história em quadrinhos, evidenciam-se as suas concepções discursivas orais como o ponto que favorece a presença das formas reduzidas. Para mais, vale sublinhar que a linguagem utilizada nas revistas da *Turma da Mônica*, voltada para o público infanto-juvenil, está distante do rigor de textos mais formais, o que pode favorecer a manifestação de inovações linguísticas e usos coloquiais.

Diante dessas informações, cabe agora voltar à pergunta título desta tese: afinal, a expressão do item *estar* está mudando ou (es)tá mudada no contexto do português brasileiro? Se considerarmos o cenário de Vitória/ES e também de Santa Leopoldina/ES, o fenômeno já é quase uma mudança concretizada nessas comunidades de fala, com as formas reduzidas sendo utilizadas em uma proporção semicategórica (LABOV, 2003). Nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, por outro lado, as reduções ganharam considerável espaço ao longo de cinco décadas de publicação e hoje já representam mais da metade dos usos do item *estar*. Exames vindouros poderão indicar se a proporção das formas erodidas continuará a aumentar nas revistas a ponto de também evidenciar uma mudança.

Pensando no contexto brasileiro de modo geral, seja na modalidade falada ou na modalidade escrita da língua, não é possível afirmar com total certeza se o item *estar* sofreu mudança ou se vem ganhando espaço, pois a presente investigação empenhou esforços para dar apontamentos de como o *estar* se manifesta em conjunturas muito específicas, de modo não global. A análise aqui registrada merece ser refinada e ampliada, tanto teórica quanto

metodologicamente, levando em conta outras localidades e outros gêneros textuais para dar um amplo panorama de como o fenômeno se comporta nacionalmente.

Para pesquisas futuras, além de esquadrihar outras comunidades de fala brasileiras e outros gêneros textuais, também seria de grande relevância 1) comparar a expressão do item *estar* em demais variedades do português faladas pelo globo, a fim de constatar se a redução do referido item é uma particularidade brasileira; 2) investigar o espanhol falado em países vizinhos ao Brasil, com o intuito de descobrir se uma outra língua românica também apresenta formas reduzidas do item *estar*; 3) acompanhar um único indivíduo com o objetivo de verificar se restrições estilísticas em suas produções orais e escritas afetam a expressão do item *estar*; e 4) fazer uma análise que considere especificamente os anos de publicação das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* e não somente as décadas, pois, como constataram Andrade, Melo e Scherre (2007) ao investigarem o imperativo gramatical, há datas específicas em que esse fenômeno apresenta comportamento singular – o que também pode ocorrer com o item *estar*.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de Moura; SCHERRE, Maria Marta Pereira. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. **Jornal Finos Leitores**, v. 3, n. 1, p. 1-12, ago. 2007.
- BAGNO, Marcos. O jogo dos sete erros teóricos. *In*: BAGNO, Marcos (org.). **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 73-116.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BATISTOTI, Vitória. Mauricio de Sousa: conheça a trajetória do criador da Turma da Mônica. **Revista Galileu**, 11 maio 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/05/mauricio-de-sousa-conheca-trajetoria-do-criador-da-turma-da-monica.html>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1999].
- BENFICA, Samine de Almeida. **A concordância verbal na fala de Vitória**. 2016. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.
- BIAZOLLI, Caroline Carnielli. **Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma**. 2016. 381 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2016.
- BIBER, Douglas; CONRAD, Susan. **Register, genre and style**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- BOLINGER, Dwight. **The form of language**. London: Longmans, 1977.
- BORBA, Fransisco da Silva; IGNÁCIO, Sebastião Expedito. **Dicionário de usos do Português do Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BRASIL, Eduardo; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Norma e uso na variação do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica**. *In*: Reunião Anual da SBPC, Brasília, Universidade de Brasília, 14 jul. 2000.
- BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, Willian. **The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CALMON, Elba Nusa. **Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTILHO, Ataliba T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. *In*: CASTILHO, Ataliba T. de (org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. p. 249-280.

CEZARIO, Maria Maura. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. *In*: SOUZA, Edson Rosa (org.). **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-32.

CEZARIO, Maria Maura; MARQUES, Priscilla Mouta; ABRAÇADO, Jussara. Sociofuncionalismo. *In*: MOLLICA, Maria Cecillia; FERRAREZI JUNIOR, Celso (orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 45-61.

CONCEIÇÃO, Ednaildes Bispo da. **“Me ajuda aqui!” – A expressão do imperativo em revistas da Turma da Mônica na segunda década do século 21**. 2022. 124 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguístico) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

CONCEIÇÃO, Karina Corrêa. **Objeto direto anafórico: reflexões e perspectivas para o ensino da mudança linguística na escola regular**. 2016. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa) – Departamento de Línguas e Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017 [1984].

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 157-176.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da (orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013. p. 13-40.

DIAS, Kaio Rangel da Silva. **ESTV 1ª edição, é a gente com você**: análise sociolinguística da variação pronominal de primeira pessoa do plural em jornal televisionado. 2021. 88 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

DIEWALD, Gabriele. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. *In*: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (eds.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

DIEWALD, Gabriele. Context types in grammaticalization as constructions. **Constructions**, [S. l.] v. especial, p. 1-29, 2006.

DUTRA, Rosália. Discurso direto e a onomatopéia: a mímica verbal na fala cotidiana. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo v. 41, n. esp., p. 141-169, 1997.

ESTRADA, Megan Duque. Gramaticalização versus pragmaticalização. **Moara**, Belém, n. 11, p. 105-113, jan./jun.1999.

FARIA, Carolina Barroca; SCHERRE, Maria Marta. Variação do imperativo gramatical no português brasileiro: representações em quadrinhos da Turma da Mônica Jovem e do Chico Bento Moço. *Ciência Geográfica*, Bauru, v. 26, n. 3, p. 1526-1549, jan./dez. 2022.

FARACO, Carlos Alberto. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1-15, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FOEGER, Camila Candeias. **A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES**. 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. *In*: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de (orgs.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 123-139.

FREITAG, Raquel Meister Ko. O uso de Tá? e Certo? na fala de Santa Catarina. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 25-41, jan. 2001.

GIBBON, Adriana de Oliveira. **Trajatória de gramaticalização da perífrase ir (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro**: análise sincrônica e diacrônica em amostras de

fala e escrita gaúchas. 2014. 365 f. Tese (Doutorando em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. Orlando: On Understanding Grammar, 1979.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

GIVÓN, Talmy. **English grammar: a function-based introduction**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Bio-linguistics: the Santa Barbara Lectures**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2002.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Ainda em favor de uma interface entre sociolinguística e gramaticalização. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 22, n. n. esp., p. 111-136, set. 2021.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. O objeto de estudos na interface variação-gramaticalização. *In*: BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia Ferreira (orgs.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 35-63.

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, Natal, v. 15, n. especial, p. 79-101, 2013.

GRYNER, Helena. Graus de vinculação nas cláusulas condicionais. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 28, p. 69-83, 1995.

GUY, Gregory Riordan. Varbrul: Análise Avançada. Tradução de Ana Maria Stahl Zilles. *In*: GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Sthal (orgs.). **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 47-70.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Stahl. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HASPELMATH, Martin. On directionality in language change with particular reference to grammaticalization. *In*: FISHER, Olga; NORDE, Muriel; PERRIDON, Harry (eds.). **Up and down the cline: the nature of grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 17-45.

HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. *In*: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (eds.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 83-101.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. *In*: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (eds.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. **The genesis of Grammar: a reconstruction**. New York: Oxford University Press, 2007.

HEINE, Bernd; NARROG, Neiko. **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. United Kingdom: Oxford University Press, 2011.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. *In*: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 195-208.

HOPPER, Paul J. Emergent Grammar. 1987, Berkeley Linguistics Society, [*S. l.*], [*s.n.*], 1987. p. 139-157.

HOPPER, Paul J. Emergent Grammar. *In*: TOMASELLO, Michael (ed.). **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1998. p. 155-175.

HOPPER, Paul J. On Some Principles of Grammaticalization. *In*: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 59-90.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOHNSON, Daniel Erza. Getting off the GoldVarb Standard: Introducing Rbrul for Mixed-Effects Variable Rule Analysis. **Language and Linguistics Compass**, v. 3, n. 1, p. 359-383, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. **Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch**. Tübingen: Max Niemeyer, 1990.

KURYŁOWICZ, Jerzy. The evolution of grammatical categories. **Esquisses linguistiques**, v. 2, p. 38-54, 1965.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. *In*: PAULISTON, Christian Bratt; TUCKER, G. Richard (eds.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 234–250.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. **Principles of linguistic change: Cognitive and cultural factors**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LAUAR, Aline Berbert Tomaz Fonseca. **Não o vejo mais em Vitória: a substituição do clítico acusativo de terceira pessoa na fala capixaba**. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

LAUAR, Aline Berbert Tomaz Fonseca; YACOVENCO, Lilian Coutinho; ZANELATO, Carolina Amorim. A variação da expressão do objeto direto anafórico na comunidade de fala e na escrita estudantil de Vitória – ES. *In*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; ROCHA, Jéssica Araújo Moraes da; SILVA, Lívia Ferreira Alves da; LIMA, Luiza de Carvalho de; LIMA, Monique Débora Alves de Oliveira (orgs.). **Variação linguística, ensino e interfaces: resultados e propostas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. p. 250-275.

LEHMANN, Christian. **Thoughts on grammaticalization**. Munich: Lincom Europa, 1982.

LIMA, Jares Gomes. **O jogo na comunidade de Caravelas-BA: variação da fricativa coronal pós-vocálica**. 2017. 164 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

LINS, Maria da Penha Pereira. **O tópico discursivo em textos de quadrinhos**. Vitória: Edufes, 2008.

LOPES, Lays de Oliveira Joel. **A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina**. 2014. 199 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

LOPES, Lays de Oliveira Joel. **“As história são boa. As pessoas, maravilhosa”**: Análise da variação da concordância verbal e nominal na zona rural de Santa Leopoldina/ES. 2020. 356 f. Tese (doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

LOPES, Norma da Silva. O PEPP e os estudos sobre o português de Salvador. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 19, n. esp., p. 23-39, mar. 2018.

LOPES, Norma da Silva; SOUZA, Constância Maria Borges de; SOUZA, Emília Helena Portella Monteiro de. **Um estudo da fala popular de Salvador**: PEPP. Salvador: Quarteto, 2009.

MACEDO, Alzira Tavares; SILVA, Gisele Machline de Oliveira e. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. *In*: MACEDO, Alzira Tavares; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília (orgs.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-50.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Confluência, 1952.

MARCUSCHI, Antônio Luiz. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. *In*: CASTILHO, Ataliba T. de (org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. p. 281-318.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008a.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. *In*: VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004. p. 82-136.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Usos do marcador discursivo TÁ? **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 89-106, jul./dez. 1997.

MARTINS, Danyla. Turma da Mônica – Origem, Maurício de Sousa e personagens. **Segredos do Mundo**, 25 jul. 2020. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/turma-da-monica-origem/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

MASSARIOL, Carolyn Batista. **expressão do sujeito pronominal em cartas e postais capixabas do século XX**. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

MAY, Guilherme Henrique. Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 69-79, jul./dez. 2009.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Librairie Honoré Champion, 1912.

MENDES, Ronald Beline. **A gramaticalização de “estar” + gerúndio no português falado**. 1999. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 194-207.

MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

NARAJÓ, Marcelo. Revista Mônica comemora marca de 600 edições. **UniversoHQ**, 8 out. 2019. Disponível em: <https://universohq.com/noticias/revista-da-monica-comemora-marca-de-600-edicoes/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

NARO, Anthony Julius. Variação e funcionalidade. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-120, jul./dez. 1998.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015a. p. 15–25.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015b. p. 43–50.

NARO, Anthony Julius; BRAGA, Maria Luiza. A interface sociolinguística/gramaticalização. **Gragoatá**, Niterói, v. 5, n. 9, p. 125-134, 2000.

NARROG, Heiko; HEINE, Bernd. Introduction. *In*: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (eds.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 1-16.

NEVES, Maria Helena de Moura. Estudos funcionalistas no Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. esp., p. 71-104, 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. O texto na teoria funcionalista da linguagem. *In*: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 93-102.

NICHOLS, Johanna. Functional theories of grammar. **Annual review of Anthropology**, v. 13, n. 1, p. 97-117, 1984.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Construcionalização e construcionalidade: mudanças construcionais e contextos de mudança linguística. *In*: ROSÁRIO, Ivo da Costa do (org.). **Introdução à linguística funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação**. Niterói: Eduff, 2022. p. 232-265.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROCHA, Rossana Alves. Hierarquia contextual e construcional – correspondências e implicações. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. especial, p. 68-82, dez. 2016.

OMENA, Nelize; BRAGA, Maria Luiza. A gente está se gramaticalizando?. *In*: MACEDO, Alzira T. de; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecilia (orgs.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 75-83.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. 372 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. Mudança em tempo real e em tempo aparente. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JUNIOR, Celso (orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 23–32.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. **Ordenação das cláusulas causais**: forma e função. 1991. 232 f. Tese (doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Mudança linguística: observações no tempo real. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 179–190.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. **Cartas cariocas**: a variação do sujeito na escrita informal. 1988. 330 f. Tese (doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

PERINI, Mario Alberto. **Estudos de gramática descritiva**: as valências verbais. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PINHEIRO, Frederico Pitanga. **A influência dos gêneros textuais na variação do verbo estar**. 2016. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa) – Departamento de Línguas e Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

PINHEIRO, Frederico Pitanga. **Tá mudando? – Uma análise sociofuncionalista da redução fonética do item estar na fala de Vitória/ES**. 2019. 156 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

PINHEIRO, Frederico Pitanga. Variação e gramaticalização: um estudo sobre a redução fonética do item estar. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 1131-1159, jul./set. 2020.

POPLACK, Shana. Grammaticalization and linguistic Variation. *In*: BERND, Heine; NARROG, Heiko (eds.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. United Kingdom: Oxford University Press, 2011. p. 209-224.

QUELLA-GUYOT, Didier. **A história em quadrinhos**. São Paulo: Unimarco/Loyola, 1994.

R CORE TEAM. **R: a language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2013. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 23 abr. 2024.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, Paulo. Gênero do humor nos quadrinhos. *In*: LINS, Maria da Penha Pereira; CAPISTRANO JR., Rivaldo (orgs.). **Quadrinhos sob diferentes olhares teóricos**. Vitória: PPGEL-UFES, 2014. p. 65-86.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. *In*: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português falado: desenvolvimentos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 21-94.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique de. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 53. ed. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017 [1958].

ROMAINE, Suzanne. **Socio-Historical Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

RONCARATI, Cláudia. A negação no português falado. *In*: MACEDO, Alzira T. de; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecilia (orgs.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 97-112.

RONCARATI, Cláudia. Ciclos aquisitivos da negação. *In*: RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecillia (orgs.). **Variação e aquisição**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 65-102.

ROSCH, Eleanor. Cognitive representation of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology**, n. n. 104, p. 573-605, 1975.

ROSCH, Eleanor. Natural Categories. **Cognitive Psychology**, n. 4, p. 328-350, 1973.

SANKOFF, David. Variable Rules. *In*: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J. (eds.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. New York/Berlin: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SANKOFF, Gillian; BROWN, Penelope. The origins of syntax in discourse: A case study of Tok Pisin Relatives. **Language**, v. 52, n. 3, p. 631-666, 1976.

SANKOFF, Gillian. Variability and explanation in language and culture: cliticization in New Guinea Tok Pisin. *In*: SANKOFF, Gillian (ed.). **The social life of language**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980. p. 257-270.

SANTOS, André Poltronieri. **As construções relativas na fala de Vitória/ES: uma perspectiva sociolinguística**. 2020. 156 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

SCARDUA, Juliana Rangel. **Análise da concordância nominal na fala de Vitória/ES: o linguístico, o social e o estilístico**. 2018. 218 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro das Letras**, Salvador, n. 4, *n.p.*, jun. 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. eletrônico, n. esp., p. 121-146, 2011.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCARDUA, Juliana Rangel. A alternância tu e você: cartas capixabas. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 9-25, 2018.

SCHIFFRIN, Deborah. Discourse Markers: Language, Meaning, and Context. *In*: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (eds.). **The Handbook of Discourse Analysis**. Malden: Blackwell Publishers, 2001. p. 54-75.

SCHWENTER, Scott A.; TORRES CACOULOS, Rena. Grammaticalization paths as variable contexts in weak complementarity in Spanish. *In*: WALKER, James Anthony (ed.). **Aspect in Grammatical Variation**. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 13-26.

SILVA, Jessyca Christyna Soares da. **A variação de primeira pessoa do plural nas revistas em quadrinhos do Chico Bento**. 2020. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

SILVA, Viviane Marcelina da. **Usos de está/tá na fala soteropolitana: variação e gramaticalização**. 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2021.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. 286 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-

Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, Maria Alice. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. *In*: SOUZA, Edson Rosa de (Org.). **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 33-51.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e mudança linguística. **Interdisciplinar**, v. 17, ano VIII, p. 27-48, jan./jun. 2013.

TAVARES, Maria Alice. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. *In*: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl Coelho; SOUZA, Christiane Maria Nunes de (orgs.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 203-223.

TAVARES, Maria Alice; DUARTE, Ana Clarissa Viana. Gramaticalização, variação, multifuncionalidade e tudo: circunscrição da variável discursivo-pragmática e tal. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 22, n. esp., p. 66-85, set. 2021.

TAVARES, Maria Alice; GÖRSKI, Edair Maria. Variação e sociofuncionalismo. *In*: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.

TESCH, Leila Maria. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização**. 2011. 191 f. Tese (doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

TESCH, Leila Maria; YACOVENCO, Lilian Coutinho. PortVix: estratégias de bancos de dados para a continuidade da documentação em pesquisas sociolinguísticas. *In*: FREITAG, Raquel Meister Ko.; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; DIAS, Valter de Carvalho (orgs.). **Desafios para a pesquisa em sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 2022. p. 51-69.

TESCH, Leila Maria; YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança na fala e na escrita: caminhos e fronteiras. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 10.1, p. 87-106, out. 2014.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. **ReVEL**, v. 12, n. 22, p. 98-108, mar. 2014.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Stanford: Stanford University, 1995.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

VALLE, Carla Regina Martins; GÖRSKI, Edair Maria. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. *In*: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO,

Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christine Maria Nunes (orgs.). **Varição estilística**: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014. p. 93-121.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

YACOVENCO, Lilian Coutinho. O projeto “O português falado na cidade de Vitória”: coleta de dados. *In*: LINS, Maria da Penha Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho (orgs.). **Caminhos em linguística**. Vitória: Nuples, 2002. p. 102-111.

YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; TESCH, Leila Maria; BRAGANÇA, Marcela Langa; EVANGELISTA, Elaine Meireles; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de; CALMON, Elba Nusa; CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid Franco; BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SILVA, Janaína Biancardi da; BERBERT, Aline Tomaz Fonseca; BENFICA, Samine de Almeida. Projeto Portvix: a fala de Vitória/ES em cena. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 771-806, dez. 2012.

ZANELLATO, Carolina Amorim. **Já vejo ele nos quadrinhos**: uma análise em tempo real da variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em revistas da Turma da Mônica. 2021. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.